



*Jogo de
espelhos*

CARA DELEVINGNE

E
ROWAN COLEMAN

intrinseca



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



**CARA DELEVINGNE
E ROWAN COLEMAN**

Jogo de espelhos

Tradução de Alice Mello



TÍTULO ORIGINAL

Mirror, Mirror

REVISÃO

Giu Alonso

Cristiane Pacanowski

ARTE DE CAPA

Loulou Clark and LJS / Orion Books

IMAGENS DE MIOLO E DE CAPA

© Shutterstock

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Storm Athill

ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING

Antonio Rhoden | ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK

André Marinho

Roberta Clapp

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0110-3

Edição digital: 2017

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-3940

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Oito semanas atrás...](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[Um ano atrás...](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[Nove horas atrás...](#)

[12](#)

[Doze semanas atrás...](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[Oito meses atrás...](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[Dez meses atrás...](#)

[24](#)

[25](#)

26
27
A noite anterior à fuga da Naomi...
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
Seis meses depois...

[Agradecimentos](#)

[Sobre as autoras](#)

[Leia também](#)

A minha família e meus amigos, que me ajudaram a enfrentar a adolescência.

E a todos que se sentem perdidos.

Espero que este livro ajude vocês a seguirem seus sonhos e a nunca desistirem.

Tudo é possível.

Introdução

A TRANSIÇÃO DA infância para a vida adulta — em outras palavras, crescer — é uma das fases mais interessantes que vivemos: o caos, a loucura, os hormônios, as mudanças constantes e extremas. É um período crucial, cheio de drama e emoção, e que molda nossa personalidade.

A maioria das pessoas fala da adolescência como os melhores anos da vida, e é mesmo uma época despreocupada, repleta de aventuras e alegria. Mas também pode ser bastante turbulenta e difícil, ainda mais para aqueles que não se adaptam às situações com facilidade.

Hoje em dia, as redes sociais ocupam grande espaço da nossa rotina, e nunca foi tão difícil ser jovem, principalmente com a pressão cada vez maior de parecer perfeito. Vivemos em um mundo em que as pessoas julgam antes de tentar entender ou ao menos considerar o que o outro está passando.

Quando resolvi escrever *Jogo de espelhos*, queria contar uma história que oferecesse ao leitor uma imagem realista da fase conflituosa que é a adolescência e também criar personagens com que todos pudessem se identificar. Queria escrever um livro sobre o poder da amizade, sobre como somos mais fortes cercados de pessoas que amamos e em quem confiamos.

Acima de tudo, queria dizer aos meus leitores que não tem problema se você ainda não sabe quem é. Tudo bem ser diferente e peculiar, porque você já é perfeito. Se descobrir o que faz você feliz e seguir seu coração, tudo vai ficar bem. Seja você mesmo, sempre. Identifique seus pontos fortes e perceba que lá no fundo você tem a capacidade de mudar o mundo.

Com amor,
Cara

Oito semanas atrás...

O SOL NASCIA no horizonte enquanto íamos para casa, de braços dados, arrastando os pés ao caminhar, o calor do verão pesando no ar. Rose estava com a cabeça apoiada no meu ombro, o braço envolvendo minha cintura. Eu me lembro perfeitamente da sensação, o ritmo descompassado do quadril dela roçando no meu, sua pele tocando a minha, quente e macia.

Eram quase cinco da manhã. A luz do amanhecer, poderosa e dourada, fazia todas as ruas imundas brilharem como novas. A gente já tinha visto o amanhecer muitas vezes ao voltar para casa depois de uma longa noite fora, prolongando os momentos até não conseguirmos mais manter os olhos abertos. Até aquela noite, a vida finalmente parecia incrível, como se ela pertencesse a nós, e nós, a ela, cada segundo preenchido com algo novo, algo importante.

Mas aquela noite foi diferente.

Meus olhos ardiam, minha boca estava seca, meu coração batia acelerado. Não queríamos ir para casa, mas o que poderíamos fazer? Não havia para onde ir.

— Por que agora? — perguntou Rose. — Estava tudo bem, cara. Ela estava bem, feliz. Tipo, por que agora?

— Não é a primeira vez, né? — observou Leo. — É por isso que aqueles babacas não estão nem aí. Ela já fez isso antes, cara. Pega dinheiro, assalta a geladeira para abastecer a mochila, leva o violão. Desaparece por umas duas semanas. É o *modus operandi* dela.

— Mas não desde que a gente começou a Mirror, Mirror — argumentou Rose. — Não desde que estamos juntos, né? Antes, ela gostava dessas merdas, tipo se cortar, fugir. Mas isso foi quando a gente não tinha a banda. Depois da banda ela ficou... Todo mundo ficou bem. Mais do que bem.

Ela olhou para mim em busca de apoio, e eu precisei concordar: tudo tinha mudado no último ano. Antes da banda, todos nós estávamos perdidos de algum jeito e, de repente, por algum motivo, nossa vida deslanchou. Juntos, éramos fortes, populares e rock'n'roll pra cacete. Para nós, a Naomi também se sentia assim. Achávamos que ela não precisava mais fugir. Até a noite passada.

Naquela noite, a gente ficou na rua até de madrugada, rodou a cidade inteira.

Fomos a todos os lugares a que já tínhamos ido com ela, mas voltamos sem ela.

Aos locais que nossos pais sabiam que frequentávamos e àqueles que íamos sem eles saberem.

Às boates em que teoricamente éramos jovens demais para entrar, quentes e fedendo a suor e hormônios. Lutando com a multidão na pista de dança, em busca de um sinal dela.

Perambulamos sorrateiramente nas sombras, pelos becos nos fundos dos pubs onde as pessoas pedem drogas aos sussurros para garotos agitados com olheiras profundas que oferecem saquinhos de skunk. Naquela noite, dissemos não.

Visitamos lugares escondidos por portas discretas onde é preciso ter contatos para entrar. Porões escuros e sem ventilação nos quais as pessoas ainda fumam até o ar ficar turvo de tanta fumaça e onde a música é tão alta que deixa um zumbido no ouvido, o peito vibrando e o chão tremendo com a batida.

Fomos a esses lugares e a todos os outros. Ao parque do conjunto habitacional onde a gente costuma ficar de boeira. À margem do rio, vazia e ignorada pelos prédios dos milionários. À ponte Vauxhall, a nossa ponte, onde o barulho do trânsito nos obriga a gritar, a ponte que, de tanto que a atravessamos, parece fazer parte do grupo, como uma espécie de testemunha.

Finalmente, fomos à casa de apostas com a porta dos fundos quebrada e um colchão, onde a galera vai quando quer ficar sozinha. A galera, mas não eu, porque se tem uma coisa que eu odeio é a solidão.

As horas foram passando, e o tempo todo a gente tinha certeza de que ia encontrar a Naomi, de que ela só estava fazendo uma de suas cenas, o tipo de coisa que aprontava quando ficava chateada e queria atenção. A gente tinha certeza de que a nossa amiga, baixista da banda, estaria em algum lugar que só a gente conhecia. Ela estaria esperando por nós.

Porque não é possível existir num dia e desaparecer no outro. Não faz sentido algum. Ninguém simplesmente vira fumaça, some sem deixar rastro.

Era o que repetíamos para nós mesmos na primeira noite em que procuramos por ela, e na noite seguinte, e em todas as outras, até os pais dela falarem que precisávamos parar, que ela voltaria para casa quando estivesse pronta. E então a polícia interrompeu a busca, porque Naomi já tinha fugido outras vezes.

Mas, para a gente, não parecia a mesma coisa, não era como das outras vezes, porque ela não era a mesma pessoa de antes. Não que eles tenham nos escutado, entediados com seus caderninhos em branco. Mas o que poderiam saber?

Por isso, a gente continuou procurando pela Naomi sem parar, mesmo depois de todo mundo desistir. Procuramos por toda parte.

Mas Naomi não estava em lugar nenhum.

Só o que conseguíamos encontrar eram os espaços deixados por ela.

1

HOJE: A VIDA continua, é o que todos dizem.

A gente continua tendo que levantar de manhã, ir para a escola, voltar para casa, pensar em merdas tipo as próximas provas e torcer. Rezar, ter fé, confiar e um monte de outras idiotices que todo mundo repete o tempo todo.

A vida continua, mas é mentira, porque, na noite em que Naomi desapareceu, ela fez a porra do tempo parar. Os dias passam, as semanas correm, as estações e todas essas bostas, mas nada além disso. No fundo, não. Parece que estamos prendendo a respiração há oito semanas.

Porque vou contar o que eles não dizem mais: não dizem que ela vai voltar para casa quando estiver pronta. Pararam de repetir isso. E eu vejo a irmã mais velha dela, Ashira, de cabeça baixa na escola, isolada, como se não quisesse que ninguém se aproximasse. E os pais dela vagando pelo supermercado, olhando por um tempão para as coisas sem realmente prestar atenção em nada. Embora tenha sido a Nai que desapareceu, são eles que parecem perdidos.

E, sim, em outra época ela teria fugido para fazer todo mundo procurá-la. Teria mesmo, porque ela valorizava esse tipo de drama psicológico. Mas ela não foge há muito tempo, e nunca foi como dessa vez. Ela nunca ia querer que os pais ficassem tão enlouquecidos de preocupação, não ia querer ver Ash tão ansiosa, como se esperasse más notícias. Nai é complicada, mas ama a família, e eles a amam. São uma espécie de farol que nos atrai, feito mariposas sedentas por amor em volta de uma chama. Uma família que de fato se ama.

A questão é: Naomi não faria isso com eles, nem com a gente. Mas ninguém quer ouvir isso, nem a polícia, nem a mãe dela. Porque pensar que Naomi é complicada pra cacete é melhor do que pensar que ela simplesmente desapareceu.

E é por isso que às vezes torço para que encontrem um corpo logo.

Eu chego a esse nível de babaquice. Às vezes, queria que ela estivesse morta só para saber o que aconteceu.

Mas eles não encontraram. Não encontraram nada. E a vida continua.

O que significa que hoje é dia de fazer testes para o novo baixista, que vai substituir Naomi.

Por um instante, achamos que a banda talvez fosse terminar sem ela. O restante da Mirror, Mirror — eu, Leo e Rose — marcou um ensaio para conversar sobre essa possibilidade, e até chegamos a pensar que fosse o melhor. Mas então ficamos os três ali, sem querer ir embora, sem arrumar nada, e soubemos, sem que nada precisasse ser dito, que não dava para abrir mão da banda. Isso significaria desistir da melhor coisa que tinha acontecido na nossa vida, e sobretudo abrir mão dela de uma vez por todas.

Naomi fundou a banda, ou pelo menos foi quem a transformou em algo além de um projeto idiota do colégio, em algo real, algo que importava. Nai é o motivo pelo qual cada um de nós descobriu que era bom em alguma coisa, porque ela era muito talentosa. Quer dizer, ela é uma baixista excelente, surreal, do tipo que todos ficavam impressionados ao ouvir. Só que, muito mais que isso, a Naomi sabe compor, tipo, músicas muito boas. Eu não sou tão ruim, e a gente era incrível, mas Nai tem alguma coisa especial que transforma algo pesado e cinzento em brilhante e fora do comum. Antes da Mirror, Mirror, ela não sabia que esse era o seu superpoder, mas agora sabe, porque dissemos a ela. E, quanto mais a gente dizia, melhor ela ficava. E, quando se tem um superpoder como esse, não há motivo para fugir.

No dia em que a gente quase acabou com a banda, o sr. Smith, nosso professor de música, apareceu na sala de ensaio. Estávamos de férias, e não havia praticamente ninguém na escola além de nós, e só podíamos entrar porque ele tinha conseguido uma autorização e passado as férias sentado ali, lendo jornal, enquanto nós brigávamos e tocávamos. Mas, naquele dia, ele chegou e se sentou, esperando até a gente parar de falar e olhar para ele, e foi quando eu me toquei de como ele parecia diferente. O sr. Smith é uma dessas pessoas que têm presença, não apenas por ser alto e meio atlético, como se malhasse e tal, mas por causa do jeito mesmo. Ele gosta da vida, gosta de *nós*, dos alunos, e isso é raro. Ele deixa a gente com vontade de fazer coisas, de aprender, e tudo isso por causa dessa energia, que não se vê toda hora nos adultos. Parece que ele realmente se envolve.

No entanto, naquele dia parecia que alguém havia tirado seu ar, como se toda a energia e a positividade que ele emanava tivessem desaparecido. Foi assustador vê-lo daquele jeito, porque o sr. Smith é sempre tão forte. Aquilo mexeu comigo de um jeito que eu não consigo explicar direito; fez com que eu gostasse ainda mais dele. Significou muito para mim ver quanto o desaparecimento da Nai o abalara. Tirando a família e a gente, ele foi uma das poucas pessoas que se preocuparam.

Não tenho como saber o que os outros sentiram, mas, no momento em que eu o vi naquele dia, quis ajudá-lo tanto quanto ele queria nos ajudar.

— Vocês estão realmente pensando em acabar com a banda? — perguntou ele.

Nós nos entreolhamos e, por um segundo, foi como se todos estivéssemos de volta à época em que não éramos amigos, quando tudo era solitário e esquisito, e a ideia de voltar para esses dias era apavorante.

— Não faz sentido sem ela — falei.

— Entendo — disse ele, passando os dedos pelo cabelo louro e deixando-o todo arrepiado. — Mas prestem atenção: se vocês se separarem agora, vão se arrepender. Os quatro... três... Eu sinto tanto orgulho de vocês e de tudo que fazem juntos. Não quero que percam isso, nem por vocês, nem pela Nai. Sei que não há muito o que fazer por ela, mas vocês podem ajudar a lembrar dela, até que seja encontrada. Para que nunca parem de procurá-la. Andei pensando e tive uma ideia: vamos produzir um show na escola. Juntar dinheiro para a família continuar a busca e manter o nome dela na imprensa. Vamos fazer o mundo inteiro olhar para nós, pessoal. Mas não posso fazer isso sem vocês. Topam?

E, sim, é claro que topamos.

Foi a única coisa que conseguimos pensar em fazer.

Continuamos ensaiando com três integrantes durante o verão, mas já está perto da data marcada para o show, e nos tocamos de que precisávamos de um novo baixista. Puta merda.

Naomi era... é... a melhor baixista com quem eu já toquei, o que é estranho, porque normalmente garotas não se dedicam a essas coisas. Não estou sendo machista, é só um fato. É preciso muita determinação para ficar invisível e tocar baixo bem de verdade, e as garotas... Bem, normalmente garotas gostam de ser notadas.

Mas a vida continua. Preciso botar a cabeça no lugar. Então me arrasto para fora da cama e olho a pilha de roupas amarrotadas no chão.

O Leo não tem esses problemas, o cara já acorda perfeito.

Ele pega a guitarra e parece um deus, ou pelo menos as garotas o idolatram como se fosse um. Não me parece justo, de verdade, que com dezesseis anos um cara seja tão bem resolvido, como se da noite para o dia tivesse amadurecido por completo, engrossado a voz e virado um homem alto e musculoso.

Eu, por outro lado, ainda estou naquela fase estranha. Eu vivo na fase estranha, eu *sou* a fase estranha. Se existisse um emoji para fases estranhas, ele teria a minha cara. Acredito totalmente que ainda estarei

na fase estranha aos quarenta e cinco anos, já no leito de morte.

Eu *quero* parecer legal, mas o estilo do Leo — camiseta branca básica, calça jeans, moletom de capuz e tênis de cano alto perfeitamente branco — não combina comigo. Na verdade, a única coisa que me deixa mais atraente é andar com o Leo.

Para Rose também é muito fácil ficar gata, mas ela é bonita de verdade, então nem precisa se esforçar tanto. Ela tem cabelo castanho-escuro meio descolorido, com as raízes escuras, e não é magrela como as outras garotas. Os peitos e a bunda da Rose deixam os garotos da Thames Comprehensive doidinhos por ela.

Mas não é só isso. Ela usa maquiagem pra cacete, embora fique mais bonita sem — talvez seja por isso mesmo que ela usa. Penteia o cabelo para trás e rasga a calça de propósito. Rose sabe compor um look, deixa o ar carregado de estática e detona milhões de pequenas explosões por onde passa.

As outras garotas tentam imitá-la, mas não existe ninguém como a Rose, porque, juro por Deus, ela é a única pessoa que eu conheço que realmente pouco se importa com a opinião dos outros.

E quando ela canta... As paredes vibram. Os olhos se arregalam. Os caras ficam excitados.

Dos quatro integrantes da nossa magnífica família de desajustados, a Naomi era... é a que mais se parece comigo. Se Leo e Rose são tipo os reis do foda-se na escola, eu e a Nai somos líderes da nerdice.

Quando penso na Naomi, com aqueles óculos de armação grossa que engolem seu rosto em formato de coração e escondem as delicadas sobranceiras castanhas, sinto orgulho. Ela abotoa as camisas até o alto, e as saias xadrez são absolutamente únicas. Os sapatos discretos e polidos são amarrados em laços perfeitos. Por trás de tudo isso, das roupas descombinadas de propósito e das escolhas duvidosas, ela é uma pessoa original que não leva desaforo para casa.

Às vezes, eu e Naomi ficávamos lendo na biblioteca na hora do almoço. Em silêncio, sem nos mexermos. Era calmo. Ela fazia contato visual por cima do livro e erguia a sobranceira para mim quando um calouro esforçado demais passava, e a gente abria um sorriso sarcástico, nerds sem jeito que, sabe-se lá como, haviam tirado a sorte grande e ido parar no topo da cadeia.

E quando ela tocava... era tão boa. Não, na verdade era a melhor baixista do mundo. Ela no baixo e eu na bateria: nós somos o coração da banda, marcando o ritmo com uma precisão única.

Não estou com saco de me preocupar com o que vou vestir para tocar, então que se dane: calça jeans, camisa xadrez, camiseta branca por baixo; o meu uniforme de sempre. Caipira profissional, como diz Rose.

Pelo menos não preciso mais me preocupar com o cabelo, porque raspei quase tudo.

Cabeça de cenoura.

Pimentão.

Cabeça de pinto.

Apelidos que já recebi só por ter cabelo ruivo, e não só ruivo, mas ruivo e cacheado. Meu Deus, eu cresci parecendo um alvo para porrada. Até poderia fazer algo a respeito, Rose vive dizendo. Ela morre de vontade de alisar o meu cabelo, e eu sempre digo, hum, não, valeu. Mais ou menos a cada três dias ela pergunta se pode pintá-lo de preto, mas também não deixo: meu cabelo é ruivo, ok? Aceitem.

Além do mais, se meu cabelo fosse preto, não iam mais poder me chamar de Red, e meu apelido é o que tenho de mais legal.

O que eu fiz foi cortar bem curto, no dia anterior ao desaparecimento da Nai. Não comentei com ninguém, simplesmente fui ao barbeiro e pedi que ele raspasse as laterais e deixasse um moicano, comprido o bastante para cair nos olhos e balançar loucamente quando eu estivesse na bateria. Minha mãe gritou comigo por uma hora quando viu. Não estou brincando, ela disse que parecia que eu tinha acabado de sair de uma prisão de segurança máxima.

Quando meu pai chegou de uma de suas “reuniões noturnas da junta administrativa”, ela berrou com ele por ele não ter gritado comigo.

Foi pior do que quando fiz quatro furos na orelha, momento em que decidi não me dar mais ao trabalho de contar a eles nada que eu faço para me sentir mais à vontade com minha aparência. Não vale o drama.

E, muito antes disso, percebi que não seriam meus pais que me salvariam, que dariam um jeito em mim ou me ajudariam. Eles estão tão ocupados se autodestruindo que eu e a minha irmã mais nova, Gracie, não passamos de dano colateral. Depois que concluí isso, a vida ficou mais fácil, acredite se quiser.

Claro, é difícil ignorar que minha mãe me odeia e que meu pai é um ser humano nojento. Mas eu me esforço bastante.



Música de Mirror, Mirror

Onde ela está?

Seus olhos eram sempre brilhantes,
Seu sorriso, arrebatador.
Nunca se arrependeu de nada antes,
Mas sumiu para sempre, o meu amor.

Onde ela está, a garota que eu quero?
Onde ela está, a garota que espero?
Onde ela está, não consigo encontrar.
Mas não vou parar, vou continuar...

Até achar.

2

A ROSE DOMINA o ambiente e, com um simples olhar fatal, acaba com os idiotas que acharam que podiam aprender a tocar baixo em uma semana.

— Nossa senhora, Toby, você mutilou esse baixo. Brochei pelo resto da vida, cara — diz para sua mais nova vítima. — Você deda a sua namorada desse jeito?

— Foi mal, cara. — Leo tenta amenizar. — Quem sabe não é melhor você se dedicar a... não tocar instrumentos?

Enquanto Toby vai embora, o rosto todo vermelho, espio o corredor e vejo a fila. Tem uma fila. Outro dia eu era um cocô esquecido num canto, e agora as pessoas fazem fila para entrar na minha banda. É uma sensação boa e ruim ao mesmo tempo. A Nai nos ajudou a construir isso, é a melhor letrista de nós, o coração da banda. Foram as músicas e as palavras dela que fizeram todo mundo parar e prestar atenção. E, agora, essas pessoas estão fazendo fila para ficar no seu lugar.

Eu quero essa banda, preciso dela. Acho que é isso que faz de mim uma pessoa de merda.

Eles são abatidos um por um. Observo tudo em segurança no meu esconderijo atrás da bateria, e os candidatos vão embora até que restam apenas dois.

Uma garota chamada Emily, que é bonita e descolada. Sexy, mas não daquele jeito que parece que vai devorar você de uma vez só. É mais do tipo que não dá vontade de parar de olhar, e quando você percebe está escrevendo poemas sobre o cabelo dela e essas porcarias todas.

Emily passa pela porta e eu já sei que Rose não vai ter o menor saco para aquilo. Ela não precisa dizer nada, dá para ver a fúria em seus olhos. Ela é a gostosa da banda, não tem espaço para mais ninguém.

O que é uma pena, porque assim que a garota começa a tocar vejo que ela é boa, sinto seu ritmo alcançando o meu, se encaixando entre cada batida das minhas baquetas. É bom, muito bom, quase íntimo. Eu me pego encarando aqueles olhos azuis e sorrindo — porque só quando estou tocando bateria consigo demonstrar que gosto de uma garota sem ter vontade de me matar. Ela sorri para mim, e, antes que eu perceba, uma das baquetas escapa da minha mão e cai no chão.

— Foi mal, querida — diz Rose, sem nem olhar para Emily. — Não está funcionando muito bem, não é mesmo? Mas valeu pela tentativa.

Emily não demonstra nenhuma reação, apenas dá de ombros com indiferença e sorri para mim de novo antes de ir embora.

— Eu gostei — falo. — Posso ficar com ela para mim?

Rose me dá um soco no bíceps com força, e meu ombro começa a doer. Ela é boa de porrada.

— Caramba, Rose! Dá um tempo nesse boxe!

— Não é boxe, está mais para soco de criança. — Ela balança a cabeça. — Porra, Red, vê se não baba. Isso aqui não é para você pegar a primeira piranha que aparece.

— A Emily não é piranha — retruca Leo. — Gostei dela.

— Nossa, como vocês são otários. É só aparecer qualquer uma com peitos e vocês viram acéfalos. Olho para o Leo, ele olha para mim, tentamos não rir.

— Não é assim que você basicamente manda na escola toda? — resmunga Leo, e Rose dá um tapa na parte de trás da cabeça dele.

O próximo é o Leckraj, um garoto desconhecido do oitavo ano. Olho para ele e fico me lembrando de quando eu tinha treze anos, sem fazer nenhuma ideia de como lidar com a selva que é a Thames Comprehensive. O baixo é quase maior do que ele, mas o menino pelo menos consegue tocar a escala pentatônica. Não tão bem quanto a Emily, longe de chegar aos pés da Naomi, mas serve. E parece que vai ter que servir, porque só restou ele.

— Ok, então, Leckraj, vou passar com você o primeiro verso de “Fodido da cabeça”, pode ser? E depois...

— Pessoal, podem parar por um minuto?

De repente, o sr. Smith está no meio da sala e parece paralisado por uma corrente elétrica. Nunca vi ninguém com a cara que ele está fazendo agora, como se tivesse ouvido que o fim do mundo está se aproximando. A expressão dele é assustadora. Sinto um nó na barriga. É algo horrível, ele vai dizer algo horrível.

Ninguém fala nada.

Ninguém precisa falar nada.

Parece que o ar à nossa volta fica pesado e o tempo desacelera até parar completamente, pesando nos meus pulmões. Não consigo respirar.

Todos nós sabemos o que ele veio contar.

— Acharam ela? — Um sussurro me escapa, mas a voz parece vinda de anos-luz de distância.

Ele assente, sem conseguir fitar nossos olhos.

— Ela está... — pergunta Leo, esperando a pior notícia possível.

— Ela está... — O sr. Smith parece ficar engasgado por um segundo, balançando a cabeça.

Finalmente, ele nos encara, os olhos cheios de lágrimas, a boca contorcida, e demoro um instante para perceber que...

... ele está sorrindo.

— Ela está viva — anuncia ele.

3

FICO SEM CHÃO. Por um instante, consigo ver o rosto dela, do jeito que estava da última vez, e o brilho nos olhos ao sorrir, e tudo que eu quero é estar com ela.

— Tá, e cadê ela? — As palavras se atropelam ao sair da boca de Rose. — A gente tem que ir agora, agora *mesmo*. Cadê ela? Está em casa? Aqui? Ela está aqui?

— No St. Thomas — responde o sr. Smith.

— Merda. — Rose balança a cabeça.

— No hospital? O que aconteceu? — grito.

— Alguém machucou a Naomi? — pergunta Leo, com o maxilar trincado. — Quem foi o filho da puta que machucou ela?

— Olha... — O sr. Smith levanta a mão como se tentasse acalmar uma sala lotada de alunos agitados.

— Sei que é muita coisa para assimilar, e é por isso que achei melhor vocês ficarem sabendo por mim. Já falei com seus pais, e eles me deixaram levá-los até lá para entendermos melhor o que aconteceu. Mas tem uma coisa que vocês precisam saber.

— Onde ela estava? — pergunta Rose, antes que ele consiga continuar. — A gente precisa saber.

— Ela explicou o motivo? — A voz de Leo está baixa, tomada pela raiva. — Ela disse por que fugiu?

— Mas o que houve com ela? — pergunto de novo. — Ela explicou o que aconteceu?

O sr. Smith suspira e se senta no canto do palco, encarando o chão. Percebo que está tentando pensar no melhor jeito de dizer o que precisa ser dito, se esforçando para achar um sentido naquilo tudo, escolhendo as palavras certas. Ele está tentando nos proteger. O que é um péssimo sinal.

— Aconteceu... aconteceu uma coisa com ela nas últimas horas. Alguns trabalhadores do cais a encontraram presa nas cordas dos barcos de turismo perto da ponte Westminster. Na água. Ela estava inconsciente, com a respiração muito fraca. A corda manteve a cabeça dela acima do nível da água... mas ela está ferida, muito ferida. Uma lesão na cabeça e... Ninguém sabe ainda a gravidade do quadro.

— O que isso quer dizer?

Rose avança na direção do sr. Smith tão depressa que por um instante acho que vai bater nele.

Lentamente, ele ergue os olhos para ela.

— Quer dizer que existe uma grande chance de que ela não sobreviva — responde ele.

Da alegria ao desespero em um segundo. Visualizo o rosto de Naomi mais uma vez. Como é possível encontrar e perder alguém no mesmo instante?

Quando eu tinha dez anos, fui parar tantas vezes no hospital que o serviço social foi à nossa casa. Da primeira vez, quebrei o pulso brincando com o filhote de cachorro do vizinho. Ele pulou, eu tropecei e bati com a mão em um vaso de pedra. *Crec*. O som me fez vomitar. Depois, quebrei o tornozelo jogando futebol, quando Kevin Monk me deu um carrinho. Doeou pra cacete. E, por último, fracturei duas costelas caindo da árvore depois de uma aposta para ver quem subia mais alto e mais rápido. Pelo menos eu ganhei.

O engraçado é que eu gostava daquelas visitas ao pronto-socorro. Gostava das horas de espera, porque tinha minha mãe ou meu pai sentados ao meu lado e só para mim pelo tempo que fosse até a gente ser atendido. Mesmo que meu pai estivesse sempre perdendo algum compromisso importante e minha mãe, grávida de Gracie, ficasse desconfortável e cansada. Não importava por quanto tempo ficássemos lá, eles eram só meus. Eles me escutavam de verdade, e a gente conversava, ria. Eu podia jogar no celular deles. Quando caí da árvore, passei a noite no hospital, porque estavam com medo de eu ter sofrido alguma lesão no crânio. Minha mãe alugou uma TV e passou a noite toda ao meu lado, equilibrando um saco gigante de Doritos na barriga de grávida, segurando a minha mão.

Quando a assistente social apareceu lá em casa, conversou comigo na mesa da cozinha enquanto minha mãe ficou sentada na beirada da cadeira, roendo as unhas. Eu não entendia por que ela parecia tão preocupada, mas não queria vê-la daquele jeito, não gostava da expressão no seu rosto e queria acabar logo com aquilo. Então contei sobre cada acidente para a mulher, um após o outro, com detalhes: cachorro, futebol, árvore. Tive que contar tudo de novo depois, e mais uma vez enquanto a minha mãe esperava do lado de fora, até que, enfim, a mulher pegou suas coisas e foi embora.

— Como você está? — perguntou minha mãe quando voltou para a cozinha, botando a mão na minha cabeça e acariciando meu cabelo. — Que pimentinha.

Ela preparou chocolate quente com marshmallow para mim, e me lembro de ficar ali na mesa, me perguntando o que eu tinha feito de bom.

A última vez que estive no hospital foi quando Gracie nasceu. Meu pai guiou a gente por um labirinto de corredores até um quarto cheio de cortinas, onde encontrei minha mãe sentada na beira da cama de rodinhas com a minha irmãzinha minúscula e vermelha botando os bofes para fora. Quando me sinto muito para baixo, penso naquele dia, em nós quatro em volta da cama, unidos. Uma família, o cheiro do cabelo de Gracie, o sorriso no rosto do meu pai. A expressão da minha mãe, tão cansada e tão feliz. Sempre penso naquele dia, porque foi a última vez que me senti parte de uma família.

É, aquela foi a última vez.

Seguimos o sr. Smith pelo hospital, e tudo ao redor passa por mim como uma imagem em baixa resolução: o piso brilhante, os corredores longos. Algum cheiro forte enche o ar e fica preso na garganta. O silêncio no elevador, o guincho das nossas solas de borracha no chão, as luzes piscando no teto.

Então paramos em frente a um quarto e sabemos que nossa melhor amiga está lá dentro. Talvez morrendo.

Do lado de fora, vejo os pais da Nai abraçados, a cabeça dela aninhada no pescoço dele. Vejo a mulher agarrando-se à camiseta do marido, como se tivesse medo de se afogar caso o soltasse.

— Sra. Demir — chama Rose, se aproximando deles, deixando o sr. Smith parado ao lado do elevador.

Normalmente, nós os chamamos de Max e Jackie, mas, por algum motivo, essa forma de tratamento não parece certa no momento.

Assim que a mãe da Nai vê Rose, ela estende a mão, puxando-a para um abraço. Eu e Leo fazemos o mesmo, um de cada vez, envolvendo as pessoas que sempre nos receberam em casa a qualquer hora do dia, sem nunca deixar que nos sentíssemos intrusos ou inconvenientes.

Por um instante, eu me perco naquele abraço quente e escuro, fechando bem os olhos para conter as lágrimas, mantendo a determinação de não deixar ninguém ver a profundidade do meu medo. Então o momento se desintegra quando nos soltamos, e me vejo mais uma vez piscando sob as luzes fluorescentes.

— Como ela está? — O sr. Smith se manteve parado a alguns passos de nós cinco, observando.

Jackie balança a cabeça, e Max se vira para a janela do quarto, olhando pela persiana para a pessoa deitada na cama, completamente imóvel. Eu me acostumei com ele dando risadas, os olhos brilhando, a barriga balançando, prestes a fazer mais uma piada ruim. É difícil vê-lo daquele jeito, com olheiras escuras no rosto encovado, magro e abatido.

Sinto que eu deveria ir até lá e ficar ao lado dele, mas não consigo, estou com medo. Com medo do que vou testemunhar.

Uma lesão na cabeça, o que isso pode significar? Será que dá para ver algo diferente, será que vai ter sangue? Quando estávamos a sós, eu e Nai escolhíamos o pior filme de terror possível na Netflix, filmes grotescos com serras elétricas e demônios vingativos; quanto mais sangrento, melhor. Mas isso aqui é real. Isso *aqui* é terror de verdade. E é assustador pra cacete.

Mantenho os olhos fixos em Jackie, com seu cabelo pintado de amarelo-ovo, as enormes raízes pretas, os braços finos e compridos e as pernas magras na calça skinny, vestida como uma garota vinte anos mais nova, o que sempre deixa Nai enlouquecida. Minha mãe acha que Jackie não presta, mas, pensando bem, ela também acha isso de mim.

— Ela já falou com vocês? — Rose está segurando a mão de Jackie. — Ela já acordou?

— Max — sussurra Jackie para o marido, que balança a cabeça, chamando uma médica de passagem.

— Doutora?

Uma mulher de jaleco branco para, franzindo a testa.

— Esses são os amigos da minha filha, são praticamente da família. Você pode explicar para eles o que houve, por favor? Nem eu tenho certeza se entendi direito.

A médica contrai um pouco a boca, mostrando apenas um leve sinal de impaciência, mas, em seguida, entrelaça os dedos e começa a falar.

— Naomi foi encontrada pela tripulação de um barco rebocador no Tâmbisa, presa em umas cordas de amarração...

— A apenas alguns minutos de casa. — Rose olha para Leo. — Ela estava muito perto de casa. Ela caiu?

— Não temos certeza de como ela foi parar na água, só sabemos que as cordas nas quais ela ficou presa provavelmente a impediram de se afogar. A lesão na cabeça com certeza a deixou inconsciente. Isso e o frio por ter passado a noite inteira na água são fatores que devem ter contribuído para a sobrevivência dela até o momento. Desse modo, estamos aquecendo seu corpo bem devagar e a mantendo em coma induzido enquanto monitoramos a atividade cerebral em busca de sinais de inchaço ou sangramento. Vamos saber mais amanhã.

Fico esperando algum estalo em minha mente, a compreensão de que aquilo está realmente acontecendo, mas a ficha não cai, e tudo parece um faz de conta.

— Então é grave, mas vai ficar tudo bem, não vai? Tipo, ela *vai* ficar bem? — pergunta Leo com uma pontada de raiva.

A médica hesita, talvez com receio de responder honestamente e acabar aborrecendo aquele garoto forte de um metro e oitenta. Leo pode ser assustador às vezes.

— Nós não sabemos... — responde ela lentamente. — É um milagre que tenha sobrevivido por tanto tempo na água. E que o golpe na cabeça não a tenha matado na hora. Ela é forte, não há dúvidas, por isso está aqui agora. Está recebendo o melhor tratamento possível.

— A gente pode vê-la? — pergunta Rose. — Por favor, eu quero vê-la.

A médica olha para Max, e ele faz que sim, autorizando.

Ela olha para cada um de nós, deliberando, e torço para que diga não. Mas a resposta é sim.

— Está bem, um por vez, três minutos cada um. Não mais do que isso.

— É bom a gente falar com ela, né? — pergunta Rose enquanto Max abre a porta. — Talvez a ajude a acordar. Na TV, dizem que as pessoas em coma escutam tudo.

— Bem... Ela está em coma induzido.

— Como assim? — Rose franze a testa.

— Naomi está sedada e entubada para que seu corpo possa se recuperar de tudo que enfrentou.

Conversar com ela não vai fazer com que acorde, mas não vejo que mal faria. — A médica abre um leve sorriso.

Respirando fundo, Rose entra no quarto e fecha a porta com cuidado.

— A gente precisa fazer algumas ligações, vocês vão ficar bem, pessoal? — pergunta Jackie gentilmente.

O rímel dela escorreu para as rugas em torno dos olhos, desenhando uma trilha no rosto. Faço que sim.

— E você, vai ficar bem? — pergunto a ela.

— Para ser sincera, Red, não sei. — Seus olhos ficam cheios de lágrimas, mas ela tenta sorrir para me tranquilizar.

Enquanto esperamos no corredor, o sr. Smith finalmente sai de perto do elevador e vai até a janela do quarto da Nai. Passando pelas frestas da persiana, o sol da tarde cria linhas de sombra no rosto dele. Ainda não consigo olhar para Nai, então olho para ele. Seu rosto é familiar, um refúgio.

— Ela parece muito mal? — pergunto.

— Você sabe que eu nunca minto para os meus alunos, não sabe, Red?

Faço que sim.

— Acho que ela está bem mal. — Ele se vira para Naomi. — Acho... acho que Rose precisa de você.

Quando finalmente crio coragem para espiar pela janela, vejo Rose com os punhos fechados pressionando o rosto, os olhos arregalados. Seu corpo treme e ela olha para a cama. Antes que eu me dê conta, estou no quarto, agarro o pulso dela e a puxo na direção da porta.

— Não, não, não. — Ela luta comigo, soltando a mão. — Não. A gente não pode deixar ela aqui sozinha. Não vou deixar a Naomi sozinha. Olhe para ela, Red. Ela não pode ficar sozinha.

— Rose, por favor. Surtar agora não vai ajudar em nada.

— Olhe para ela! — repete Rose.

Eu olho. Seu rosto está inchado, roxo e pálido. E agora não consigo parar de olhar, porque está muito diferente daquele que conheço tão bem. É difícil acreditar que seja a mesma pessoa. Uma atadura envolve a cabeça da Naomi, e não dá para ver qualquer vestígio do cabelo preto e longo. Outra bandagem cruza seu rosto na diagonal, e manchas vermelhas marcam o tecido. Nas partes à mostra, hematomas deixam a pele escurecida e pálida, um dos olhos está fechado de tão inchado, o outro escondido pelo curativo, aqueles olhos escuros e brilhantes aparentemente apagados para sempre. Noto os aparelhos, o tubo grosso que parece tão desconfortável enfiado em sua boca, transformando em um grito paralisado o doce sorriso de que me lembro. Os fios parecem sair do seu corpo, como se ela fosse um ciborgue, e eu entendo. Entendo por que Rose quer ficar ali e gritar o mais alto possível. É apavorante.

— Vamos — digo, puxando-a para fora do quarto. — A gente não pode surtar. A gente tem que ser forte.

Arrasto Rose para o corredor, fecho a porta e dou um abraço apertado nela.

— Como ela está? — pergunta Leo, mas a gente não precisa responder. — Quando eu descobrir quem fez isso com ela...

Leo cerra os punhos.

— E se foi ela mesma que fez? — Ashira parece ter surgido do nada.

— Ash!

Rose me solta e abraça a meia-irmã mais velha da Nai, que permanece imóvel, deixando Rose chorar descontroladamente em seu moletom por alguns segundos. Fico olhando para Ash, e ela está tão calma, tão controlada. Pelo menos é o que aparenta.

— Você não acha... Quer dizer, ela não tentaria se machucar — argumento. — Nai estava feliz, muito feliz, tipo pulando de felicidade, antes de desaparecer. Não é como das outras vezes, que ela sumiu para fugir do bullying. Isso mudou quando a gente começou a banda, quando ela passou a contar com a gente. Todo mundo parou de pegar no pé dela. Não faz nenhum sentido.

— Não.

Ash vira o rosto, e me surpreendo por nunca ter percebido antes quanto ela e a irmã são parecidas, o mesmo nariz comprido e reto, as maçãs do rosto, o cabelo bem preto com uma mecha vermelha, que brilha como um espelho. Ao contrário da Nai, Ash não usa maquiagem nem alisa o cabelo, ela é do jeito que é. Enquanto Naomi procurava roupas cada vez mais loucas, Ash sempre usava mais ou menos a mesma coisa: coturno, camiseta e boné de beisebol. Sempre gostei disso nela, de como não dá a mínima para o mundo do lado de fora da sua cabeça. Mas agora a irmã dela está na UTI, e Ash está sendo forçada a viver do lado de fora, no mundo com o restante de nós. Isso parece doloroso para ela.

— Não, acho que não faz sentido. Nada faz sentido. Preciso encontrar meu pai e Jackie, vocês sabem aonde eles foram?

— Foram fazer umas ligações — respondo, dando um passo na direção dela. — Ash, você está bem? Ela se afasta.

— Eu... — Ash dá de ombros. — Vejo você mais tarde.

— Que grande merda — diz Leo, baixinho. — O que houve com ela foi uma grande merda. Isso nunca deveria ter acontecido, cara. Se fosse só uma das cenas da Nai, isso nunca teria terminado assim. Algo aconteceu, pode apostar. Ela não tentaria se matar.

— É isso que as pessoas andam dizendo? — Olho para o sr. Smith em busca de explicação, tentando separar as verdades das mentiras. Mas ele parece tão perdido quanto nós. — Estão dizendo que ela queria se matar?

— Não sei. — Ele dá de ombros. — Queria saber responder. Não falei com a polícia, só com os pais da Nai, mas acho que precisamos levar em conta a possibilidade...

— Não. — Balanço a cabeça. — Nem vem.

— Nai tinha medo de água — completa Rose. — Dizia que estava menstruada em todas as aulas de natação só para se livrar. Se estivesse mal a esse ponto, a gente saberia. A gente teria salvado ela.

Sua voz falha, e ela se aninha nos braços de Leo.

— Achei que, quando ela fosse encontrada, tudo ficaria melhor — digo. — Mas... não sei o que fazer. O sr. Smith apoia a mão no meu ombro e me inclino na direção dele.

— Não sei o que fazer — repito, buscando seu olhar e mantendo contato visual.

Quero que ele me assegure de que tudo vai ficar bem. Só assim vou conseguir acreditar.

— Olha, isso está sendo muito difícil para vocês, muito mesmo. Acho que talvez eu devesse levá-los para casa. Precisamos dar um tempo para a família da Naomi assimilar tudo que aconteceu, dar espaço para eles e deixar seus pais cuidarem de vocês.

— Eu vou indo — diz Leo subitamente.

— Eu também.

Olho para a Rose, que inclina a cabeça ao se virar para o sr. Smith.

— O *senhor* vai ficar bem?

— Eu? Sim, é claro que vou. — Seu sorriso cansado é tranquilizador. — Olha, como a médica disse, a Naomi é forte, tudo vai ficar bem, vocês vão ver.

Quando a gente vai embora, ele continua ali no corredor, olhando pelas persianas do quarto dela.

A questão é que o sr. Smith é mais do que um bom professor. Ele é o único adulto na minha vida que nunca me decepcionou. E sei que um monte de alunos da Thames Comprehensive sente o mesmo. Ele nunca mente para nós, nunca nos enrola, nos trata como gente, não gado. Ele é o tipo de professor com quem se pode conversar sobre tudo e que realmente escuta e tenta ajudar. Ele me ajudou quando a situação começou a piorar lá em casa. Ele me fez ver que não há nada de errado em ser quem eu sou, em ser diferente dos meus pais. É bom, gentil.

— Os pais dela não voltaram — comento. — A gente não pode ir embora antes de eles voltarem.

— Podem ir — diz ele. — Eu fico um pouco mais até eles voltarem.

Rose assente e me estende a mão. Dá o outro braço para Leo e nos conduz em direção ao elevador.

— Isso tudo é muito doido — comenta ela quando as portas do elevador se fecham. — Então é melhor a gente ficar muito doido também.

Um ano atrás...

— ATENÇÃO!

O sr. Smith precisou gritar para ser ouvido pela turma. Era o primeiro dia de aula depois das férias de verão, e a maioria dos alunos tinha muito o que contar. Quem estava saindo com quem, quem tinha feito o que com quem, quem estava transando com quem.

No canto, Rose — uma desconhecida para mim naquela época, o tipo de garota mítica e lindíssima que eu só podia admirar a distância —, sentada em cima da mesa, roubava a atenção dos alunos. Pelo menos metade da turma estava virada na direção dela, e não do sr. Smith, todos encantados pelas suas histórias, ilustradas com gestos exagerados.

As únicas pessoas que não olhavam para ela eram eu, de braços cruzados, com o corpo largado numa cadeira ao fundo; Naomi Demir, vestida feito uma personagem de anime, com maquiagem completa inclusive cílios postiços, tamborilando a caneta impacientemente na mesa; e Leo, que estava ao celular.

— ATENÇÃO! — gritou o sr. Smith, e a sala se aquietou um pouco. — Não quero mandar todo mundo para a coordenação, mas é o que vou fazer se não se sentarem imediatamente. Entenderam?

As pessoas resmungaram, reviraram os olhos, suspiraram. Rose apenas riu e continuou sentada na mesa, de pernas cruzadas, balançando os pés, as botas batendo na perna de metal da carteira, *pá, pá, pá*.

Mas o sr. Smith foi esperto. Ele não tentou controlá-la como outro professor faria. Ele simplesmente a ignorou, e isso fez com que Rose ficasse desanimada o suficiente para que o restante do pessoal em volta dela se acalmasse. Lembro que gostei daquilo e pensei: “Viu só? É só ignorar a pessoa pelo tempo certo que em algum momento ela vai se apaixonar por você.”

Como eu era idiota naquela época.

O sr. Smith nos explicou que ia dividir a turma em grupos e que cada grupo teria que formar uma banda, compor três músicas e apresentá-las. E começou a chamar nomes, enquanto fiquei nos fundos da sala querendo morrer de angústia existencial. A questão é: naquela época, ninguém falava comigo, e eu gostava disso.

Ninguém implicava comigo. Um ano atrás, eu não tinha a altura, o estilo e o cabelo ruivo de quem toca bateria em uma banda, era só tampinha e magricela. Ninguém sabia que eu existia. Eu não me importava, queria me esconder, mesmo que fosse dentro do meu próprio corpo, queria chamar menos atenção. Era mais seguro assim. Eu não queria fazer parte de grupo nenhum. Não tinha vontade de participar de nada. Eu odiava participar. E sabia que estaria no final da lista de preferência de qualquer um com quem precisasse interagir. Era um pesadelo assistir à turma sendo dividida aos poucos em grupos de três ou quatro, que então eram orientados a ir para outro lugar, onde discutiriam o tipo de música que queriam compor e começariam a tocar juntos.

— Red, Naomi, Leo e... Rose.

O sr. Smith acenou com a cabeça para cada um de nós, e me lembro de fechar os olhos por muito tempo, desejando que aquilo fosse um sonho, um sonho longo e complexo que acabaria alguns segundos antes de eu começar a desabotoar a camisa da Rose, acabando antes que qualquer coisa divertida acontecesse, como sempre.

— Hum, nem ferrando — disparou Leo, praticamente gritando.

O tom da voz dele fez com que meus olhos se abrissem de repente.

— Qual é o problema, Leo? — O sr. Smith não estava irritado, nem sendo sarcástico.

Leo estava perto da janela, com o celular na mão.

— Não vou fazer porra nenhuma. Que palhaçada.

— Por que palhaçada? — perguntou o sr. Smith.

— Eu nem queria estar aqui.

Leo foi andando até o sr. Smith de um jeito agressivo. Eles tinham a mesma altura, e Leo ficou cara a cara com ele, desafiando-o. Se os dois brigassem, não sei quem venceria.

— Não estou nem aí pra essa escola.

— Então vá embora — respondeu o sr. Smith, estufando o peito. — Saia. Mate aula. A sua mãe vai receber uma visita da polícia *de novo* e você será expulso dessa vez. Vão tentar mandar você para o reformatório, como uma última tentativa de colocá-lo na linha, mas aí você também vai abandonar aquela palhaçada e vai acabar junto com o seu irmão na cadeia. Faça isso. Parece mesmo um plano de vida excelente.

A sala enfim se silenciou, todos os olhos colados na raiva que fluía pelo corpo de Leo como uma correnteza, tão forte que quase dava para ver uma aura ao redor dele, ameaçando explodir a qualquer momento. Todos nós já havíamos visto a raiva dele em ação, já tínhamos visto o Leo sendo levado pela polícia por bater em um professor. Mas o sr. Smith não se deixou abalar, não hesitou.

— Se acha que eu odeio você, saiba que não é verdade. Já ouvi você tocando, Leo, e é melhor do qualquer aluno que já tive. É um talento nato, um dom. Não jogue isso fora, porque você vale mais do que imagina. Vale mais do que essa sua atitude.

— Não preciso que você me diga isso — vociferou Leo. — Eu sei quem eu sou.

— Que bom. — O sr. Smith assentiu. — Então, vai embora ou não?

Leo não se mexeu por um segundo, então avançou em direção à porta e a abriu. Ele se virou e olhou para Rose, Nai e eu.

— E aí, vocês vêm ou não? — perguntou ele.

Sinceramente? Eu não tinha como não ir, porque estava me cagando de medo.

Nós o seguimos pelo corredor até uma das salas de ensaio, e Naomi, que nunca tinha falado comigo em três anos estudando no mesmo colégio, se aproximou e disse:

— Caramba, quando ele começar um tiroteio em massa, o que inevitavelmente vai acontecer, vamos ser os primeiros a morrer.

E foi nesse momento que eu soube que gostava dela.

No primeiro ensaio, tocamos AC/DC.

— O que a gente vai fazer? — perguntou Leo, olhando para nós. — O que vocês sabem tocar?

Ele olhou diretamente para mim, e quase me caguei.

— O que *você* sabe tocar?

Era como se ele achasse que eu não sabia tocar nada. Por um momento, eu também achei isso.

— Um pouco de AC/DC — sugeri, porque eu não sabia o que eles tocavam, mas todo mundo conhecia AC/DC. — “You Shook Me All Night Long”?

Ele franziu a testa para Nai, que simplesmente começou a tirar a música no baixo como resposta.

Rose deu de ombros.

— Não é muito a minha praia, mas posso tentar.

— Ok, que tal isso aqui? — Leo entrou com o riff, distorcido e alto, cheio de atitude, e eu adorei.

— Boa — disse Rose, assentindo.

Percebi que ela estava se esforçando para não parecer muito impressionada. Olhei para Nai, feliz por ela não ser do tipo falante, e marquei a batida junto com o baixo, assentindo para que ela fizesse a contagem.

— Três, quatro...

E, nossa, a primeira vez foi boa. Como o primeiro passeio de montanha-russa ou o primeiro beijo. Foi perfeito, digno de frio na barriga, como eu sempre quis que fosse quando ensaiava em casa. Eu e Nai nunca tínhamos trocado uma palavra, e agora ali estávamos nós, dando a base para a guitarra do Leo até que a música comesse a se tornar aquela que conhecíamos, mesmo que não soubéssemos que conhecíamos.

De cabeça baixa, o cabelo no rosto, Rose se juntou a nós no refrão, e todos olhamos para ela, chocados pelo som da sua voz grave e rouca, rascante como se ela fumasse vinte cigarros por dia, o que bem podia ser o caso. Aquilo me pegou de surpresa, como um soco forte no coração. Eu não sabia que era possível ter um crush ainda maior por ela, mas foi o que aconteceu.

Ela não sabia a letra, então começou a inventar, rindo e cantando ao mesmo tempo. Tirou o microfone do pedestal e sorriu para Naomi:

“Ela era uma garota de anime

Andava sempre com um penteado,

Não tinha saco para macho mimado.”

Nai sorriu para ela, que se virou para Leo.

“Ele era alto e gato

Sabia muito bem usar seu taco,

Podia ter sido um rockstar, se não fumasse tanto mato.”

Ai, meu Deus, eu queria muito que ela cantasse sobre mim e, ao mesmo tempo, não queria. Quando ela me olhou, precisei de todas as forças para continuar tocando.

“Uma salva de palmas para Red, não esqueça

Não bate muito bem da cabeça,

Anda por aí igual a um zumbi, esperando que algo aconteça...”

Ok, ela não elogiou minha altura ou beleza, mas também não falou mal de nada disso nem do meu cabelo ruivo, então, para mim, foi praticamente uma carta de amor.

Comandados por Leo, nós mandamos ver, toda a fúria dele concentrada na guitarra, tomando o ar ao redor com ondas rítmicas, e eu me entreguei, me jogando até aterrissar no coração da música, levando Nai comigo. Rose cantava tão alto, tão bem, que, quando a música chegou ao fim, sem que precisássemos trocar uma palavra, começamos tudo de novo, dessa vez ainda melhor, e quando terminamos, suados e exaustos, ergui o olhar e vi que a porta da sala de ensaio estava aberta. Do lado de fora, havia umas vinte pessoas olhando para nós. Elas gritaram e aplaudiram.

— Cai fora, porra! — gritou Leo, depois se virou para mim. — Cara, isso vai ser bom.

Pela primeira vez na vida, eu me senti alguém.

4

O HOSPITAL FICA para trás e o início da tarde estende os braços sobre a cidade. Caminhamos até o parque, o mesmo em que brincávamos quando éramos pequenos, embora não juntos, claro. As crianças a caminho de casa já passaram por aqui e já foram embora, então agora o local está vazio. Nós nos sentamos embaixo do escorrega e não falamos nada. É bom aquele silêncio, é bom poder ficar aqui sem precisar conversar, sabendo que queremos apenas estar na companhia uns dos outros. Foi isso que conseguimos no último ano, um motivo para viver, coisa que antes basicamente não tínhamos. Nós somos o motivo de cada um.

Separados, éramos caóticos, estávamos sem rumo e perdidos, esperando essa fase da vida acabar para que pudéssemos viver de verdade, ser livres de verdade. E, então, surgiu a Mirror, Mirror. Quem teve a ideia do nome foi a Rose, porque disse que juntos éramos os mais belos da porra toda.

E com o nascimento da Mirror, Mirror, nós também nascemos: unidos e mais fortes. Ou, pelo menos, era o que achávamos, mas pelo visto havia um elo mais fraco, que permitiu que a Naomi se afastasse. Quase a perdemos sem nem perceber. Mas se tem um assunto sobre o qual não podemos conversar, no qual nunca vamos tocar, é o que pode ter acontecido, o que pode ter causado aquilo.

Naomi é nossa melhor amiga e nenhum de nós nem imagina por que ela fugiu, ou por que ela teria... Não consigo pensar em um possível motivo para que ela pulasse da ponte na água escura; ela morria de medo de água.

Então, ficamos sentados ali sem falar nada, evitando ir para casa. Cada um tem o próprio motivo. O meu é que minha mãe deve estar no terceiro copo de vodca com Coca a essa altura e o meu pai deve ter caído de boca na amante da vez.

Leo quebra o silêncio:

— Foda-se, vamos fazer alguma coisa.

— A gente *está* fazendo. — Rose recosta a cabeça no metal pintado, com nomes e palavrões riscados, bocejando de um jeito que dá para ver sua garganta. — Estamos desperdiçando nossa juventude em um parque. Como verdadeiros adolescentes.

— Não estou falando disso — retrucou Leo. — Sabe o que seria bom? Umas drogas e uma festa. Tínhamos que ficar doidões, que nem a Rose falou.

— Estou sem um centavo — disse Rose, bocejando. — Tem alguma aí? Vamos ficar doidões aqui mesmo.

— Em plena segunda-feira?

Eu falei isso em voz alta mesmo? Pelo menos ela riu.

— Porra, Red, deixa de ser nerd — resmungou Rose, sorrindo um pouco mais a cada palavra. — O que a Naomi ia querer que a gente fizesse? Ela está naquele lugar lutando para sobreviver e nós estamos aqui, que nem um bando de... otários. O que ela diria para a gente fazer?

— A Nai ia querer ver um filme, ou ir ao clube do livro, ou alguma porcaria dessas — diz Leo, franzindo o nariz. — Ou ver um anime bem obscuro, ela ama essas paradas.

— Vamos fazer isso — sugiro, sem querer perder a oportunidade de fazer algo que não envolva drogas ou ressaca, e levo todo mundo para a minha casa para uma maratona de *Black Butler*.

Não é como se eu nunca sequer chegasse perto dessas coisas, mas já vi o que drogas e álcool fazem

com as pessoas. Não queria que o mesmo acontecesse comigo.

Além do mais, *Black Butler* é um dos meus favoritos, e da Nai também, um gótico da era vitoriana, cheio de referências japonesas obscuras e cross dressing. A gente estava planejando em segredo fazer cosplay dos personagens na próxima Comic Con, mas não contou nada para o Leo e para a Rose. Tudo bem que eles não iam gostar menos da gente por isso, mas nunca, jamais parariam de zoar com a nossa cara. Tínhamos desenhando as roupas, eu até comprei uma peruca em Camden, e então... Bem, meu mundo inteiro virou de cabeça para baixo.

Minha cama. Meu quarto.

Pintei as paredes de preto no verão, quando a Nai desapareceu. Quando descobriu, minha mãe revirou os olhos e disse: “Desisto.”

E eu respondi: “Você já fez isso há muito tempo.”

Eu gosto dele preto, me traz segurança e conforto. Mas a melhor coisa do quarto é a minha bateria, que ocupa metade do cômodo e é a única coisa com que eu realmente me importo. Tive que economizar por dois anos para conseguir comprá-la, e minha mãe só concordou com esse plano porque achou que eu mudaria de ideia quando tivesse reunido todo o dinheiro. Mas não mudei. Levei cachorros para passear, lavei carros e trabalhei repondo estoque de mercado até juntar o suficiente, e então eles não tiveram como dizer não. Agora eu amo saber que ela está sempre ali no canto. Pronta, à minha espera, para fazer um barulho capaz de acordar a vizinhança inteira. Bom, pelo menos quando tiro os abafadores.

Leo e Rose estão sentados na minha cama. Os olhos de Leo estão quase fechando de tanto sono. A mente dele parece estar em outro lugar, e Rose passa o braço em volta do meu pescoço, a bochecha apoiada no meu ombro, a respiração quente no meu pescoço. Ela tem cheiro de limão e cigarro, o que é estranho, porque, ao contrário do que eu pensei na primeira vez que a ouvi cantando, a Rose não fuma. Por incrível que pareça, ela é muito cuidadosa com a própria voz.

Quando os chamei para a minha casa, por um instante esqueci que a minha mãe tem agido de um jeito ainda mais louco que o normal nos últimos meses. Não posso julgá-la por estar sofrendo; meu pai nem tenta mais esconder as merdas que faz. Mas posso julgá-la por botar a culpa em mim. No momento, ando evitando tanto a minha mãe que praticamente ignoro que ela também mora aqui. Mas, assim que viu Leo e Rose, ela fez aquela encenação ridícula de sempre, criando uma fachada, sorrindo como uma psicopata e oferecendo bebidas e lanches, perguntando se deve botar uma pizza no forno ou fazer pipoca. PQP. Ela usa o cabelo preso em coque e um avental como os dos chefs da TV, com a diferença de que tropeça, gesticula demais e ri muito alto. Sem contar que Gracie está bem ali, comendo nuggets e assistindo ao *Scooby-Doo* sem parar. Sei que, assim que eles forem embora, minha mãe vai desabar em uma cadeira, virar mais uma dose, Velma vai desmascarar mais um vilão e Gracie vai continuar mastigando.

Rose, com suas unhas roídas e seus dedos gorduchos cobertos de anéis prateados, entrelaça a mão na minha. Está tão quentinho que começo a ficar com sono, o corpo imprensado por dois dos meus melhores amigos, e percebo que Leo repara na mão da Rose na minha e faz um sutil gesto de reprovação, um muxoxo silencioso.

Uma batida à porta. Meu pai aparece ou, pelo menos, dá uma espiada no quarto, o que significa que quer alguma coisa, porque normalmente ele nem entra aqui.

— Está tudo bem, crianças? Fiquei sabendo da Naomi. Como ela está?

— Eles ainda não sabem muita coisa — respondo. — Mas já é incrível que ela esteja viva.

— Sim, claro... — Ele continua na porta. — O que eles disseram que aconteceu com ela?

— Não quero falar sobre isso agora — digo a ele. — Deve estar no noticiário.

— Certo... Bem, não façam nada que eu não faria!

Meu Deus, pai, cala a boca.

— Eu sou areia demais para esses caminhõezinhos, sr. Saunders. — Rose sorri para o meu pai, que fica corado, e quando dou por mim já soltei a mão dela. — Preciso de um homem de verdade.

— Bem, encerrem a noite depois desse desenho, está bem?

Ele entra um pouco mais no quarto. Olha para as pernas da Rose.

— Temos mais um para ver — digo, levanto da cama e vou até a porta, meio que o empurrando de volta para o corredor.

— Certo. Bem, estou de saída, a gente se vê de manhã.

— De saída? — Eu o encaro. — Você acabou de chegar, e já passou das dez horas.

— Virou minha mãe agora? — Ele ri para Rose, atrás de mim. — Você sabe que metade do meu trabalho é socializar. Não tenho escolha.

— Eu não fazia ideia de que ser conselheiro era tão empolgante.

— É trabalho — repete ele, e ficamos nos encarando.

Nós dois sabemos que ele está mentindo. Sinto que eu deveria me preocupar com as amantes do meu pai e com a bebedeira da minha mãe. Minha família, um dia tão normal e respeitável, agora está se deteriorando e fingindo que está tudo bem. Mas não me preocupo, caguei para todos eles, com exceção de Gracie.

Alguns instantes depois, Rose está com a cabeça apoiada no meu ombro. No minuto seguinte, ela ronca, e Leo e eu caímos na gargalhada.

— Cala a boca, porra — resmunga ela, e volta a dormir.

Rose e Red, 108 dias

Rose



Valeu por hoje, parça. Foi divertido, depois de tudo que aconteceu.

Red



Tão divertido que você dormiu! 

Rose



Eiii, podia parecer que eu estava dormindo, mas por dentro estava 100% ligada com minhas habilidades ninja.

Red



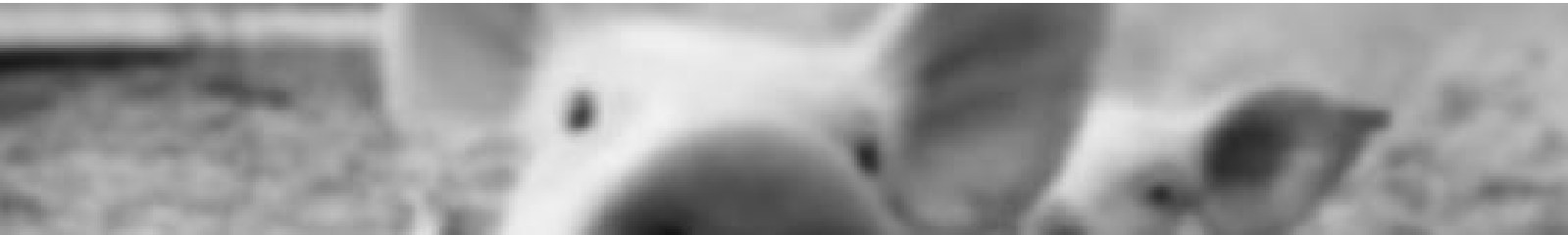
O que você tá fazendo agora?

Rose



Ouvindo o meu pai e a vaca treparem. É nojento.

Link de vídeo. Clique [aqui](#) para visualizar: dois porcos transando.



Red



O lado bom do meu pai nunca estar aqui: não ouço ninguém transando. Mas ouço minha mãe botando as tripas pra fora várias vezes.

Rose



eeeeeeecaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa 

Red



Tá tudo bem? Hoje foi foda ver a Nai daquele jeito. Ainda não consigo acreditar.

Rose



Vamo d novo amanhã, depois da escola?

Red



aham, mas vc tá bem?

Rose



tô doidona com o uísque do meu pai, então sim

Red



não brinca

Rose



não tô brincando, é sério.

Red



bem, vê se não engasga com o próprio vômito, tá?

Rose



blz

Red



Rose, sobre amanhã...

Rose



...

Rose



...

Rose



...

CORAÇÃO ACELERADO, GOSTO de bile na garganta, suor frio escorrendo pela nuca. Três horas da manhã.

Sento na cama, a pele pinicando, e sei que tive um pesadelo, embora não lembre como foi. Sinto gosto de água suja de rio. Eu me arrasto para fora das cobertas e coloco a camiseta e uma samba-canção meio sem jeito. Abro a porta e tento ouvir se tem alguém acordado. Minha mãe quase sempre está acordada a essa hora, ou pelo menos já se levantou. Às vezes eu a encontro apagada na mesa da cozinha ou deitada de cara no sofá numa poça de baba, que pinga da boca aberta. A última coisa de que preciso no momento é esbarrar com ela, meio sóbria e procurando alguém em quem descontar a raiva.

Mas a casa está silenciosa e preciso de água, então resolvo arriscar.

Meu pai está na cozinha. Ele andou fumando e o ar fede a álcool. Ele não bebe como a minha mãe. Para ela, beber é como respirar; leva a vida à base de vodca. Seu corpo, que um dia foi gracioso, agora é esquelético, o rosto vermelho e cheio de olheiras. Meu pai não anda tão mal assim, mas também gosta de beber, para relaxar, como diz. Onde será que ele estava até as três da manhã, bebendo e fumando?

— Tudo bem? — pergunta ele, com cara de quem foi pego no flagra.

— Preciso beber água.

Meus pés descalços me levam em silêncio pelo piso de madeira até a torneira, e deixo a água escorrer pelos meus dedos até ficar bem gelada.

Mesmo de costas dá para perceber que ele está desconfortável. Tosse e pigarreia. Fumar não fez bem para ele.

— Então, e a Naomi? Estão achando que ela tentou se matar?

— Ninguém sabe. — Esfrego os olhos. — Pai, são três da manhã, você quer mesmo falar sobre isso agora?

— Eu sei, é que não consigo dormir. Acho que vou ligar para o Max e a Jackie de manhã. Ficamos um pouco mais próximos quando a ajudei com as coisas sobre a bolsa Duke of Edinburgh. Sinto que deveria dizer alguma coisa, ver se tem algo que eu possa fazer.

— O que você poderia fazer, pai? Você trabalha para o conselho administrativo local, não para o primeiro-ministro.

— Mas é bom demonstrar para as pessoas que a gente se importa.

— Nesse caso, você poderia demonstrar que se importa com a mamãe. Quem sabe assim ela pega mais leve na vodca.

— Não fale desse jeito comigo — ordena ele, mas sem demonstrar qualquer entusiasmo.

Ele sabe que eu tenho razão. A cena é meio patética, para falar a verdade.

Não sei que reação ele espera de mim, mas, quando o ignoro, ele suspira e se senta de volta na cadeira. Houve uma época em que eu queria ser igual a ele, quando achava que era o pai mais forte e legal do mundo. Hoje em dia, ele só me dá ânsia de vômito. A alguns quilômetros daqui, minha amiga está em coma, com buracos na cabeça, e, pelo cheiro, minha mãe vomitou no corredor, e meu pai... Bem, acho que sua nova amante gosta de fumar de vez em quando. Já eu, só quero voltar para o quarto. Só quero me esconder e dormir e esquecer de tudo por mais algumas horas.

Mas não posso. Porque não sou só eu. Tem a Gracie também. Então, respiro fundo e tento me lembrar da época em que eu acreditava que minha mãe era a pessoa mais gentil do mundo, e o meu pai, a mais

corajosa. Tento mais uma vez.

— Pai... a mamãe está bebendo. Tem piorado muito. — Ele vira um pouco para o lado na cadeira, evitando olhar para mim. — Você não fica muito em casa, então não precisa lidar...

— Quem você acha que vai limpar aquela bagunça ali? — grita ele, como se eu devesse agradecer.

— E daí? — Me dói ter que encontrar as palavras para dizer aquilo, tipo, é uma dor física, como se houvesse uma ferida no meu peito, um hematoma. — Não acha que é grave, que nem da outra vez...

Houve uma época, logo depois que a Gracie nasceu, em que minha mãe bebia muito. Que eu me lembre foi a primeira vez, mas, pensando bem, deve ter acontecido antes também. Na época, meu pai passava muito tempo em casa. Tentando cuidar da Gracie, tentando fazer a mamãe melhorar. Ele vivia me dizendo que eu era uma pessoa boa, corajosa e forte, e que era grato por eu não dar nenhum trabalho, por ser sempre obediente. Foi naquela época que comecei a engordar, não porque sentisse fome, mas porque precisava preencher os vazios deixados pela minha mãe. Comecei a esconder comida embaixo da cama e, enquanto meu pai estava ocupado com minha mãe ou com a Gracie, eu anestesiava a dor com comida. Comia tanto que não conseguia conter o sono. Aos dez anos, foi a melhor maneira que encontrei para escapar da realidade. Mais tarde, quando fiz treze, foi o contrário. Parei de comer porque foi a forma que encontrei para controlar minha vida. Mas, aos dez, eu sentia fome o tempo todo, procurando sempre preencher um vazio, sem nunca conseguir.

— Ela está sob muita pressão, você sabe como sua mãe é — diz ele.

Era o mesmo que não dizer nada.

— Talvez, se você ficasse mais em casa e passasse mais tempo com ela... — insisto. — Quem sabe ela não ficaria tão triste. Talvez não se sentisse tão sozinha.

Ele muda de posição na cadeira, desconfortável, quase de costas para mim, e não consigo mais vê-lo da mesma forma. Não é mais um gigante, nem um deus, nem o homem a quem admirei mais que todos pela maior parte da minha vida, o mais forte e inteligente que conheço. Ele é uma criança mimada que cansou dos brinquedos velhos e quer sempre coisas novas. E, naquele instante, eu começo a odiá-lo.

— Então vai morar com a piranha do momento.

Pego o copo e saio da cozinha, tomando cuidado para desviar dos pontos nojentos no piso do corredor.

— Volte aqui agora — ordena meu pai, e dessa vez parece realmente irritado, mas continuo andando.

Não dou a mínima para o que ele pensa de mim. Não consigo me lembrar da última vez que ele não foi um babaca.

De volta ao meu quarto, fecho a porta com cuidado e olho pela janela, esperando o sol nascer. Tem alguma coisa nessa hora do dia que me acalma. Tudo escuro, tudo em silêncio. As fileiras de casas com janelas escuras me fazem pensar em todos os sonhos espalhados por aí, preenchendo as últimas horas da noite. Pessoas diferentes, em casas diferentes, onde nada disso está acontecendo com elas. Não sei por quê, mas de algum jeito eu me sinto melhor, acho que sinto que, se tudo isso que está acontecendo aqui for tão pouco que não machuque mais ninguém além de mim, talvez não seja tão ruim assim.

Às vezes, minha cabeça fica tão confusa que parece tomada por uma névoa, algo que me impede de ver ou sentir coisas boas. Tudo que vem de fora me machuca, mas apenas a mim e em determinado momento. E, quem sabe, um dia será com outra pessoa. Alguém que eu não conheça ou com quem não me importe; outra pessoa que olhe pela janela à espera do amanhecer, enquanto eu preencho o céu com meus sonhos.

Preciso dormir. Se eu não dormir, amanhã minha cabeça vai estar explodindo e meus olhos ficarão embaçados com luz e cores. Preciso dormir.

Vou me deitar, fechar os olhos e pensar em coisas boas. Gracie fingindo tocar guitarra enquanto eu ensaio na bateria. Rose gargalhando tanto que cai em cima de mim tendo espasmos. Leo com sua pose de gladiador tocando guitarra. Naomi erguendo a sobancelha e dizendo algo idiota como se fosse muito

sério e fazendo a gente rir até sentir dor na barriga. Quero me lembrar dela desse jeito, não com a cabeça machucada.

Algumas horas mais tarde, acordo sem ar e, dessa vez, eu me lembro. A água escura, turva e congelante entrando pelo nariz e pela boca, invadindo meus pulmões, e algo gelado e cruel me puxando para baixo, bem para o fundo da água, até me convencer de que nunca mais conseguirei voltar à superfície.

Mirror, Mirror — Notícias da banda!

Bom dia, galera, espero que vocês apareçam no nosso show beneficente. Ensaíamos muito e estamos superprontos, com quatro músicas novas para vocês. O show vai arrecadar dinheiro para a nossa baixista Naomi Demir, então abram as carteiras!

Vamos contar com a ilustre presença do baixista Leckraj Chamane! Perguntamos ao Leckraj o que o fez querer tocar com a Mirror, Mirror e ele respondeu: “Os milhares de fãs gritando meu nome!” (SQN)

Clique [aqui](#) para ver o vídeo que a gente fez para “Você está comigo”.

Clique [aqui](#) para ver Rose Carter mostrando como ela faz para aquecer a voz.

Clique [aqui](#) para o vídeo do último ensaio.

Clique [aqui](#) para ver a galeria de fotos da Mirror, Mirror.

6

NÃO ADIANTA MAIS tentar dormir, então fiquei viajando no meu notebook até a hora de me arrumar.

Nosso Tumblr teve 874 visualizações este mês, o que é coisa pra cacete. Provavelmente uns quatrocentos desses acessos devem ser da Rose conferindo os comentários no vídeo dela, mas mesmo assim. Para quatro adolescentes de dezesseis anos é um número muito bom. Temos 1.385 seguidores no Twitter, e até já fiz uma solicitação para recebermos o selo azul de conta verificada. Quero muito um selo azul. Isso vai significar que a gente é de verdade.

O último vídeo que colocamos no YouTube foi feito no parque e ficou incrível. Era um clipe para a música “Reviravoltas”. Eu e Nai escrevemos a letra, que é sobre dois jovens que gostam um do outro, mas não podem ficar juntos. Pois é, mas então... o parque. Levei uma caixa de som para ligar no meu celular, e a gente dublou a música, cantando e tocando. Parecíamos um bando de idiotas, tinha um monte de gente da nossa idade assistindo e pelo menos metade achou ridículo. Mas eu sabia que, no final, ficaria bom. Foi mais difícil para o Leo. Ele odeia essas merdas, só quer saber de tocar, mas Rose o convenceu, o deixou um pouco bêbado, um pouco chapado, e uma hora ele parou de se preocupar tanto em parecer fodão, foi para o alto do escorrega com a guitarra e arrasou. Rose deitou na gangorra, dublando a música como se fosse a Madonna dos anos 1980, de um jeito tão sexy que não parecia real. E Naomi ficou dando voltas lentas no gira-gira e não abriu um sorriso sequer. Gravei quase tudo com o celular da Nai com capinha de *Legend of Zelda*, filmando a faixa inteira com um integrante da banda de cada vez para editar depois, então chegou a minha vez de tocar bateria no banco. Rose assumiu a filmagem. Eu estava de óculos escuros e luvas de couro com as pontas dos dedos vazadas. O vídeo teve 924 visualizações. Acho bem bom. Nossa página no Facebook tem 2.300 curtidas. Nosso Instagram, 760 seguidores. E um dia desses vou botar a gente no Spotify.

Porque, sabe, eu gosto da minha versão naquele mundo, a pessoa que todos veem nas redes sociais. Pareço alguém que sabe o que está fazendo, o que quer, aonde está indo. Aquela versão é o máximo. Está sempre com a cara boa, de bem com a vida e, quando estou com as baquetas nas mãos, cada pedacinho de mim funciona como deveria, cada músculo, cada reflexo, cada batida do coração, cada neurônio. A versão de mim que vive atrás da tela é quem recebe as curtidas, os corações e as mensagens. O sorrisinho de garotas que pensam que, talvez, lá no fundo, mesmo que elas nunca tenham pensado nisso antes, podem *sim* gostar de mim daquele jeito, porque, embora eu seja tampinha e puro osso, cara, eu arraso na bateria. Fico bem sexy.

Mas demorei muito tempo para me sentir assim em relação à minha outra versão. A da vida real, sem filtros.

Essa versão feita de sangue, ossos, nervos e sinapses é o “eu” que nunca me agradou. Na época em que eu me escondia embaixo de camadas de gordura, meu corpo parecia uma prisão de segurança máxima, porque era naquela versão que meu coração batia. Uma droga de prisão gorda que eu odiava na mesma proporção em que precisava dela.

E, então, algo me fez parar de comer.

Um dia, eu me vi no espelho do vestiário do colégio. Foi como se uma espécie de anjo esquisito tivesse mostrado meu reflexo de um jeito irreconhecível, e eu enxerguei alguém que nunca tinha visto. Uma pessoa que me despertava ódio, desprezo e pena.

Ao longo do ano seguinte, eu me esforcei muito para me tornar invisível, talhando aquela pessoa a quase nada. Não vomitava, mas basicamente deixava de comer. Compulsão era coisa de bebê, de criança sem controle. Não comer era a onda da minha nova versão, a que tinha controle absoluto, e eu sabia que os outros notariam, e notaram, mas apenas para me dizer como eu estava muito melhor daquele jeito. Mesmo quando os ossos pareciam prestes a atravessar minha pele de tão pontudos, mesmo quando eu sentia frio em um dia escaldante. Eu me inflei como um balão por causa deles, eu me transformei em esqueleto por causa deles, e nada mudou. A não ser eu.

Foi a banda — Leo, Nai e Rose — que me salvou, porque eles me enxergaram não como eu era, mas como eu poderia ser. E, quando eles enxergaram essa minha versão, eu enxerguei também. Percebi que, se eu não vivesse a minha vida por mim, muito em breve chegaria a um ponto sem volta. Eu não queria ser o próximo da minha família a estragar tudo, de jeito nenhum.

Então, muito, muito devagar, o ano foi passando e, enquanto eu tocava bateria e andava com as pessoas que, percebi, haviam se tornado minhas amigas, eu me preocupei tanto em abrir mão do controle que naturalmente parei de me preocupar com o que comia. Era apavorante, dava medo, mas também me animava, porque eu tinha amigos, música, dança, risadas e noitadas, indo de balada em balada, de bar em bar, saudando a noite.

Não parece muito uma rotina de exercícios, eu sei, mas era. Quanto mais eu tocava, mais forte e em forma eu ficava. Parei de pensar tanto em comida, então comia só quando sentia vontade, e parecia ser suficiente. Quanto mais eu me permitia ser quem eu era por dentro, mais isso se refletia na minha aparência.

Não foi uma dose de saúde, mas sim uma dose de felicidade que me fez perceber que, não importava quanto eu *quisesse*, eu já não *precisava* dos cuidados da minha mãe e do meu pai. Eu podia tomar conta de mim e da Gracie. Sou muito melhor nessa merda do que eles jamais foram.

Meu Deus, quanto egocentrismo! Chega a ser chato.

Eu era um monte de banha, depois fiquei só pele e osso. Agora estou super em forma. Supera isso, Red, existem coisas mais importantes no momento.

Eu só quero ver a Nai de novo.

Leo está esperando por mim na esquina.

Ele e alguns amigos de antes da banda, com quem ainda sai às vezes, mas tudo bem, porque eles não ligam para mim e eu não ligo para eles.

Só dá problema mesmo quando tem alguma garota junto, porque eu fico meio imbecil. Como é mesmo que se anda? O que posso dizer que não seja uma babaquice completa? Alguém acha graça das minhas palhaçadas? Sou uma bosta? Todos esses pensamentos giram em velocidade máxima dentro da minha cabeça. Preciso até me lembrar de caminhar quando estou perto de alguma garota de quem eu gosto. Tenho que me obrigar a pensar: “Esses pés são seus, idiota. Tem que colocar um na frente do outro.”

Então me veio à cabeça: porra, eu me lembro de quando Leo e esses caras me davam um puta medo, principalmente quando Aaron, irmão do Leo, ainda estava na escola. Eu me lembro de me perguntar se ele e os amigos carregavam armas na mochila. Eles estavam sempre mascando chiclete, como todo cara bom de briga, e provavelmente já tinham assassinado alguns zés-ninguém e desovado os corpos no rio. E para piorar, pouco antes de fazer dezenove anos, Aaron foi preso porque quase matou um cara a facadas numa lanchonete.

Mas o Leo não é o Aaron. Agora eu vou com eles para a escola, e sabe de uma coisa? Eles são bem parecidos comigo. Só que mais altos. Mas, pô, qualquer pessoa é mais alta do que eu.

— Fala aí — diz Leo quando me aproximo.

— Fala aí.

Eles me cumprimentam com a cabeça enquanto eu entro no ritmo deles. Sou tampinha e magricela, mas pareço, como eu gosto de pensar, o David Bowie com uma porrada de seguranças. O sol esquentando minha nuca, e até o cheiro da fumaça dos carros parece agradável hoje, o som constante dos veículos, os freios guinchando, os motores roncando, os ciclistas xingando, os rádios no volume máximo, meu som ambiente favorito na cidade.

— Qual é o seu top três de guitarristas? — pergunta Leo, olhando para mim.

— Bem, Hendrix, é claro, depois May, depois Slash.

— Nossa, que bosta. — Leo balança a cabeça. — Hendrix é óbvio, mas o May? E o lixo do Slash?

— Sim, o May e o lixo do Slash. Porra, Brian May é o melhor guitarrista que já existiu — rebato.

— Você não bate bem da cabeça. Daqui a pouco vai dizer que o Phill Collins é o melhor baterista...

— Ah, deixa pra lá... Onde você estava ontem? — pergunto.

— Com você, cabeça.

— Não, mais tarde, quando ficou on-line. Eu e a Rose ficamos batendo papo por um tempo.

— Ah. Tive que conversar com a minha mãe.

— Merda.

— É. — Leo hesita. Ele é o tipo de cara que deixa transparecer tudo que pensa, e pela sua expressão agora não parece coisa boa. — Quando a gente acha que não podia dar mais merda...

— O que foi?

— O Aaron vai ser solto.

Ele não diz nada além disso, mas nem precisa.

— Putz.

Caminhamos em silêncio, deixando o som da cidade falar por nós. Antes de Aaron ser preso, Leo andava muito com o irmão. Ele admirava e seguia o cara para todos os cantos, às vezes para lugares assustadores. A questão é que Aaron não se importava com as merdas que fazia, por isso era tão assustador. Acho que um dia, muito tempo atrás, ele deve ter sido um garoto comum, mas começou a andar com uma galera mais velha do conjunto habitacional, a fumar skunk com eles quando ainda era muito novo, e ficou fodido da cabeça. Algumas pessoas fumam e nada de mais acontece, mas outras, tipo Aaron, ficam com a cabeça ferrada. Essas pessoas se afundam tanto que nunca mais conseguem ver o mundo do mesmo jeito. Ficam destruídas. Ele se deixou levar para o fundo do poço e, por um tempo, arrastou Leo junto.

Essa versão do Leo, que começou a tocar comigo um ano atrás, era raivosa e sombria. Ele era assustador, ou pelo menos era o que eu achava. Sempre cercado de coisas perigosas; das gangues do Aaron, das drogas que ele negociava, dos favores que fazia para ganhar uma graninha de vez em quando. As coisas das quais o Leo ficava sabendo eram capazes de deixar alguém na merda em tão pouco tempo que a pessoa só se daria conta quando já fosse tarde demais. Para o Leo, a prisão do Aaron foi a melhor coisa que aconteceu. Pela primeira vez na vida, ele conseguiu descobrir quem era de verdade, sem o irmão mais velho fazendo a cabeça dele. Se Aaron estivesse solto por aí, Leo nunca teria continuado na Mirror, Mirror, nunca teria fingido tocar guitarra em cima de um escorrega. Nunca.

A liberdade do Aaron significa que ele vai dar as ordens de novo. Ou pelo menos vai tentar.

— E aí... O que a sua mãe falou? — foi tudo o que consegui dizer.

— Ela falou que não quer o Aaron de volta em casa, mas que ele ainda é filho dela. Falou que não posso mais andar com o meu irmão, nem deixar as minhas notas caírem de novo. E que eu não posso deixar ele me meter em confusão, como se ele fosse do mal e eu fosse a porra do filho perfeito.

— E como você está com toda essa história?

Tomo cuidado para não encarar-lo.

— Cara, ele é meu irmão, claro que eu estou feliz — responde Leo, mas sua resposta vem após um longo segundo de hesitação, o que me deixa na dúvida.

— Oi! — Rose chega correndo atrás de nós, de óculos escuros e cabelo bagunçado.

— De ressaca do uísque do seu pai? — pergunto.

— Não posso fazer nada se tenho um gosto sofisticado. — Ela dá um sorrisinho. — Eu precisava de alguma coisa. Ainda não consigo acreditar, sabe? Quando a Nai estava desaparecida, ainda dava para fingir que estava tudo bem. Mas agora...

— Passei a noite pensando nela — diz Leo. — Não faz sentido ela ter feito aquilo, faz? Lembram como a Nai estava ultimamente? Ela mudou, parou de usar aquelas roupas e maquiagens de anime e aquelas merdas todas. Estava... radiante. Um dia antes de sumir, ela estava radiante, não lembram? Não estou viajando, né?

— Não, você tem razão — concordo. — No final do ano ela parecia estar sempre numa onda boa, escrevendo músicas incríveis o tempo todo, bem mais do que a gente conseguia gravar. Não tinha nada, nada mesmo que faria Naomi querer... vocês sabem.

— Então a única explicação é que algo ruim aconteceu — conclui Rose. — Alguma coisa ruim pra cacete aconteceu enquanto ela estava desaparecida. É a única explicação, né? Uma coisa tão horrível que ela não conseguiu suportar.

A gente nem percebe que parou completamente de andar enquanto tentava imaginar o que pode ter acontecido.

— Oi?

A voz é tão parecida com a da Naomi que levamos um susto. É Ashira. Os amigos do Leo seguem em frente.

Nós nos entreolhamos. Será que ela ouviu nossa conversa?

— Oi, Ash.

Rose dá um sorriso constrangido, sem saber muito bem o que dizer.

— Olha, eu sei que é meio estranho, mas a Jackie acha que talvez vocês pudessem passar lá em casa hoje à noite depois de visitarem a Nai. Quem sabe um jantar? Não tem nada que ela possa fazer no hospital, e ela precisa de alguma coisa para distrair a cabeça. — De algum jeito, Ash consegue abrir um leve sorriso no final da frase. Parece um esforço. — Eu acho idiota, mas a Jackie é assim, ela acha que tudo pode ser resolvido com uma refeição caprichada. E... eu acho que talvez vocês consigam animá-la um pouco. Como se tudo fosse ficar bem, sabe?

— Claro — digo, sem muita certeza. Leo e Rose assentem.

— Eu sei que vai ser estranho... e uma merda. — Ela suspira, baixando a cabeça. — Jackie andou dizendo que a casa está silenciosa demais. E eu não levo amigos. Na verdade, nem tenho amigos para levar... Ninguém sabe o que falar para mim.

— Que merda, Ash, sinto muito.

Rose faz menção de tocá-la, mas baixa a mão antes de alcançá-la. Ash passa a impressão de que não gosta de contato físico.

— Não é culpa sua. — Ash dá de ombros, me encarando, e, por um instante, acho que talvez ela queira dizer algo mais, porém só para mim. — Nunca fui muito chegada a pessoas mesmo.

— A gente tem pisado na bola. — Leo balança a cabeça. — Devíamos ter apoiado você. Não sei, acho que surtamos um pouco.

— Bem, o show que vocês estão organizando é uma boa ideia. Vai ser uma distração para Jackie. — Ash abre um sorriso forçado. — E eu tenho os meus métodos para lidar com tudo. Enfim, ela adoraria receber vocês e encher todos de comida. Se acharem que aguentam.

— Claro — digo. — Estou com saudade da comida da Jackie.

— E você? — Rose finalmente atravessa o bloqueio invisível ao redor de Ash e então pega sua mão,

daquele jeito dela, que sempre consegue derrubar qualquer fronteira, sem jamais temer o que pode estar do outro lado.

— Estou bem. — Ash tira a mão com delicadeza. — Meu pai passou a noite com ela, chegou agora de manhã e disse que o quadro é estável, então... Vejo vocês no hospital, provavelmente.

Nós três ficamos olhando enquanto Ash vai embora, de cabeça baixa mais uma vez, o cabelo esvoaçando às costas, tamanha sua urgência de chegar a algum lugar em que ninguém a visse chorando.

— Nem pensei em passar lá — diz Rose enquanto o sinal da escola toca, e percebemos que somos os últimos do lado de fora. — Nem em perguntar como Ash estava.

— Nenhum de nós pensou nisso.

Leo passa o braço em volta do ombro de Rose, que se vira para ele, repousando a testa no seu peito por um segundo. Então ele dá um beijo na cabeça dela e a solta como se nada tivesse acontecido e, de certa forma, nada aconteceu, mas se eu quisesse beijar a cabeça da Rose, precisaria crescer trinta centímetros, e o modo como ela se apoiou nele meio que fez meu coração afundar no peito. Tirando isso, nada aconteceu.

— Pessoal! Preciso falar com vocês.

O sr. Smith vem correndo pela calçada na nossa direção.

— Vão passar no hospital mais tarde?

— Aham — diz Rose. — É claro. O senhor também vai?

— Não, acho que não. Mas me dê notícias, Rose.

— Claro. — Ela sorri.

— O negócio é o seguinte: esqueci que, antes de tudo isso acontecer, eu tinha combinado com os caras da rádio daqui de virem gravar o ensaio de vocês para a divulgação do show. E agora... Preciso falar com os pais da Naomi, talvez seja melhor adiar.

— Não. — Rose apoia a mão no braço dele, como se o confortasse. — Não, a gente acabou de falar com a Ash, e ela disse que eles tinham gostado da ideia. É melhor não adiar.

— Então vocês topam fazer as entrevistas? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondo.

Leo assente.

— Muito bem, então já para a aula. Podem me culpar se chegarem atrasados, ok?

— Ok, sr. Smith. — Rose sorri, inclinando a cabeça para o lado. — E você também pode me culpar se chegar atrasado, beleza?

— Ah, Rose, e não se esqueça de me procurar mais tarde para conversarmos sobre o coral — grita ele, já do outro lado do pátio.

Os flertes da Rose não fazem nem cosquinha nele, mas ela não se abala.

— Por que você faz isso? — pergunta Leo enquanto a gente entra no prédio. — E como assim, coral?

— Eles precisam de uma solista foda para alguma competição, pelo jeito. — A risada de Rose ecoa, e ela se aproxima de Leo, piscando. — Não posso fazer nada se os homens me acham irresistível.

— Como se você resistisse muito aos homens — responde Leo com impaciência, desviando dela e indo para a primeira aula.

— Qual o problema dele?

Rose olha para mim enquanto paramos no corredor. O barulho da conversa e dos passos dos alunos entrando nas salas aos poucos se transforma em portas se fechando ao longe e silêncio, um sinal definitivo de que não chegaremos na hora.

“Você é o problema dele”, penso, mas não digo.

— Aaron vai ser solto.

— Puta merda. — Rose franze a testa, deixando a alça da mochila escorregar do ombro e cair no chão de linóleo com um barulho que ecoa pelas paredes. — Aaron é um imbecil, e Leo acha que ele caga ouro.

— Eu sei. — Passo a mão pelo cabelo raspado na parte de trás da cabeça. — Também fiquei mal, mas o que a gente pode dizer? O que a gente pode fazer? Ele idolatra aquele cara.

— Vai dar tudo certo. — Rose pega a mochila do chão. — A gente não vai perder mais ninguém, porra. Não enquanto eu estiver de olho.

Sorrio para ela e, na minha cabeça, pareço um personagem de desenho animado com dois corações saltando dos olhos.

— O que foi? — Rose olha para mim, inclinando a cabeça, e enfim seguimos para a aula. — O quê?

— Nada.

Eu amo como ela vive cada momento com tanta intensidade, quanto ela se joga e desafia tudo, arranjando uma briga a cada cinco minutos.

— Bem, não posso ficar aqui parada esperando você decidir o que quer. Até mais tarde, nerd.

Ela mostra o dedo do meio para mim enquanto desfila pelo corredor. Então, quando está quase no final, se vira e grita o mais alto possível:

— Te amo, Red!

— Eu sei — respondo.

Quando finalmente chego à primeira aula, estou sorrindo de orelha a orelha.

Histórico de conversas

Rose 1 min atrás 109 dias seguidos

Leo 1 h atrás 43 dias seguidos

Kasha 6 h atrás 6 dias seguidos

Parminder 3 dias seguidos

Luca 4 dias atrás

Sam 5 dias atrás

Naomi 27 de julho (Naomi está off-line)

QUE MERDA.

Achei que eu fosse sentir alguma coisa quando ela voltasse. Felicidade, tristeza, ou *qualquer* outra coisa. Mas não, nós três só ficamos sentados ao lado da cama sem dizer nada e sentindo... Bem, nada também. Estamos sem chão.

— Chegaram. — Jackie sorri quando nos vê, então já é alguma coisa saber que a animamos um pouco. — Nai precisa ficar com gente da idade dela, e não com a mãe velha e chata que só tem assuntos entediante. — Ela fala como se a Naomi estivesse sentada na cama, revirando os olhos e fazendo os comentários sarcásticos de sempre. — Está tudo bem, Nai, querida, seus amigos chegaram, viu?

Ela encosta a palma da mão no meu rosto e sorri.

— Fiquem aqui com ela enquanto vou para casa fazer uma comidinha para vocês. Estou animada, vai me distrair um pouco. O Max vai ficar com ela enquanto comemos, e depois trocamos de novo. Não quero mais que ela fique sozinha, sabe? Ela ficou sozinha na água e... — A voz dela falha.

— Está tudo bem, sra. Demir — diz Leo, sério e solene, passando o braço em volta do ombro dela, acolhendo-a com todo o seu tamanho. — A gente vai cuidar da Nai agora, está bem? Vai lá, pode cozinhar. A senhora é a melhor cozinheira que existe, mas não conta pra minha mãe que eu disse isso.

Jackie assente e dá um beijo no rosto dele, depois respira fundo e dá um beijo em Nai também, no único pedaço exposto de sua pele macia e morena.

— Volto mais tarde, querida, não converse muito para não se cansar — sussurra ela.

— Ela me parece melhor — comenta Rose, assim que Jackie sai. — Vocês não acham? Menos... gelada.

O tom da sua pele estava melhor, verdade, se a gente levasse em conta aquela única parte intacta, que incluía o olho fechado. Quase parecia que ela estava apenas em um sono profundo. Mas só naquela parte.

— O que a gente pode fazer? Será que a gente conta o que anda acontecendo? — pergunta Leo com as mãos enfiadas nos bolsos. — Será que a gente conversa com ela ou algo assim? É estranho.

Ele caminha até a porta e se apoia nela, como se na verdade quisesse estar do outro lado.

— O que tem para contar? — reclama Rose. — Que a Parminder continua uma vaca e a escola, uma merda?

Por um instante, ficamos só ouvindo o som dos aparelhos e da nossa própria respiração.

— Música — digo, indicando o celular da Rose. — Abre o Toonify. As playlists dela são públicas, dá para achar.

— É, música pode ser uma boa. — Rose começa a mexer no aparelho, abrindo o aplicativo que usamos para ouvir nossas músicas favoritas. — Vou procurar as playlists... Ela sempre dava uns nomes tão idiotas, vocês se lembram de alguma?

— “No Apologies”, do Sum 41 — digo. — Ela estava ouvindo sem parar antes do verão. O nome da playlist era “VSF BBK”.

Rose procura e fico esperando a música começar, mas isso não acontece e ela franze a testa, olhando para o celular.

— Que estranho...

— O que foi?

— Procurem a playlist. O username dela é NaySay01.

Quando abro o aplicativo, vejo o que ela está falando. Existem duas playlists com o mesmo nome e as mesmas músicas. Uma delas foi criada pela Nai em julho. E a outra foi criada em agosto, mas por um usuário diferente. Passo o aparelho para o Leo, que dá de ombros e me devolve.

— Então, que porra é essa de DarkM00n? — pergunta Rose. — Olha só, quando busco pelo nome de usuário da Nai, essa porra de DarkM00n copiou todas as playlists dela. Todas. O que isso significa?

Ficamos olhando para a tela como se de algum jeito fôssemos descobrir o que está acontecendo.

— Nada, não significa nada. — Leo balança a cabeça. — Deve ser algum imbecil do colégio que fez isso depois que ela desapareceu. Provavelmente queria parecer mais interessante ou alguma merda do tipo. Vocês sabem que são todos babacas.

— Se eu descobrir quem é, juro por Deus... — Rose grunhiu para o celular.

— Coloca a música, vai — diz Leo, e logo o quarto pequeno e silencioso é tomado por guitarras furiosas, que soam melhor do que o ruído dos aparelhos ou da nossa falta de assunto.

Por curiosidade, olho as playlists do tal DarkM00n. Existem outras que não foram roubadas da Nai, e só então eu entendo. São playlists de músicas nossas, o tipo de coisa que só entra na lista de umas onze pessoas no mundo todo. É, o Leo tem razão, deve ser alguém da escola. Com certeza um fã da banda. Stalker de merda.

Tiro os olhos da tela e vejo que Rose e Leo estão grudados nos próprios celulares. Rose de pé, de frente para a janela. Leo sentado na poltrona com as pernas dobradas em ângulos esquisitos.

Guardo o celular no bolso e me obrigo a olhar para Nai.

Estamos muito acostumados a ter amizades virtuais boa parte do tempo. É tão natural para nós que às vezes esquecemos que existe um coração por trás de cada avatar.

Presto atenção em Nai e reparo que, em meio aos curativos, partes do seu longo cabelo liso e preto foram raspadas. Além disso, o hematoma começou a se espalhar e ganhou um tom amarelado. Chega a ser doloroso olhar para o rosto dela. É difícil ver a garota que sempre andava comigo assim, tão desfigurada. Não tanto quanto estar no lugar dela, imagino. O que será que ela sabe sobre o quarto em que está agora, com o que será que sonha por trás dos olhos fechados?

Fico prestando atenção no olho à mostra, tentando imaginar o que pode ter acontecido desde a última vez que a vi, dois meses atrás, quando ela parou de usar toda aquela maquiagem maluca e começou a andar por aí de vestido de alcinha amarelo, com as pernas morenas de fora. E agora... Tento muito, mas não consigo encontrar nada que ligue aquela garota, rindo e dançando descalça no parque, com esta aqui, com o rosto ferido e ensanguentado.

Alguém acomodou seus braços perfeitamente de cada lado do corpo sob os lençóis. Eles estão machucados também, mas acho que não tão gravemente quanto o rosto e a cabeça. Vou seguindo o padrão dos hematomas no braço até o pulso e quando dou por mim estou olhando mais de perto. Será que alguém notou que os hematomas parecem marcas de dedos, roxas e ovais? Como se alguém tivesse agarrado seu pulso com uma força capaz de quebrar os ossos?

Só de pensar em alguém sendo tão agressivo com ela sinto calafrios. Estou tremendo.

Olho de relance para o corredor e vejo a dra. Jaleco falando com as enfermeiras lá fora, toda séria e objetiva. Ela não me parece do tipo que não notaria algo tão importante.

Sabe, eles têm que verificar isso, certo? Não deixariam algo tão óbvio passar despercebido, e não iam querer que uma pessoa aleatória feito eu perguntasse a respeito, não é mesmo? Vai parecer que estou querendo ensinar os caras a trabalhar. Mas... por outro lado, Nai estava inconsciente quando foi encontrada, e até agora não acordou. Ela não tinha como dizer que o pulso estava doendo. Sem perceber, estendo a mão em direção à dela, mas me contenho.

Minha questão com a Nai é a seguinte: a gente *nunca* se separava.

Quando ela desapareceu, a polícia pediu para examinar nossos celulares e laptops, à procura de

alguma pista do paradeiro dela. Eu disse que, se desconfiasse de qualquer coisa, teria dito, mas eles preferiram olhar por conta própria, então nós deixamos. Não havia nenhum indício de que sabíamos aonde a Nai tinha ido, porque não sabíamos mesmo.

A polícia achou que eu saberia tudo sobre ela, porque foi o que todo mundo disse, família, amigos. Até minha mãe. Segundo eles, se alguém poderia dizer onde a Nai estava, esse alguém era eu. Porque gostávamos das mesmas coisas, ríamos das mesmas piadas. Estávamos sempre em sintonia. Eles achavam que tinha algo rolando entre a gente, porque a maioria das músicas da Mirror, Mirror foi escrita por nós, em parceria, e muitas eram românticas.

Mas elas nunca eram sobre nós.

Nai nunca me perguntou em quem eu estava pensando quando escrevia minhas letras, e nunca perguntei a ela. Ficava subentendido que gostávamos de pessoas que estavam comprometidas de alguma forma. Uma das coisas mais legais na nossa amizade era que não precisávamos saber de todos os segredos. A gente só precisava se entender bem. Se bobear, a Nai foi a única garota que não me imaginei beijando. A gente não era assim.

Agora, estou aqui, sem me permitir segurar sua mão. Antes, eu teria feito isso sem dar a mínima para o que os outros diriam, porque eu e Nai entendíamos como eram as coisas entre nós. Mas agora não sei quem mais a tocou ou a machucou. Ela se tornou uma desconhecida. E só agora que ela está de volta percebo que eu estava com muita, muita saudade.

Com todo o cuidado para não machucá-la, entrelaço nossos dedos. Sua pele está quentinha, sinto a batida estável do seu coração. Olho de relance para Leo e Rose, que continuam imersos nos celulares, então muito, muito lentamente, levanto a mão dela até a minha boca e sussurro junto à sua pele:

— Volta logo, Nai, tá bom? Volta, porque eu preciso de você.

E então eu vejo. Primeiro, apenas de relance, como uma lua crescente. Não era visível antes, mas de repente estava ali, novinha em folha. Simples e ousada.

— Merda — digo, e Rose e Leo olham para mim.

— O que foi? — Rose se aproxima.

— Uma tatuagem — digo a eles. — Enquanto estava desaparecida, a Naomi fez uma tatuagem.

EIS A QUESTÃO com tatuagens. Eu tenho três e ninguém sabe. Nem mesmo Rose ou Leo. Muito menos a Nai. Acho que em algum momento isso vai vir à tona, e o fato será recebido por mais gritos e decepção, mas esse momento ainda não chegou, o que é uma vantagem de ter pais ausentes como os meus.

Não tenho idade para fazer uma tatuagem legalmente, mas a primeira fiz em casa com uma agulha e um potinho de tinta. Assisti a um tutorial no YouTube e fiz por contra própria, na sola do pé, bem embaixo da curvinha. Doe pra cacete e é bem tosca.

Era para ser o símbolo do infinito, mas está mais para um oito cagado. Nem sei por que fiz, devia estar à toa e gostava da dor. No dia, eu já estava agonizando, como se meu corpo inteiro fosse uma ferida aberta. Eu queria sentir algo que não fosse aquela dor terrível no peito.

Fiz a segunda tatuagem no mesmo dia em que raspei metade da cabeça. Não esperava fazer nada daquilo, mas eu tinha uma imagem mental da minha aparência ideal, e, embora meu físico estivesse ficando do jeito que eu queria, meu visual ainda estava longe disso.

Então, acordei um dia e pensei: isso não é justo. Meu corpo passou por tanta coisa e ninguém, ninguém se importa. Mas se eu colocar um piercing ou cortar o cabelo, vai ser uma guerra mundial. Então pensei: que se foda! Se tem uma coisa que eu deveria poder controlar na vida é a minha aparência.

Quando o corte de cabelo terminou, olhei para o espelho e me senti... Bem, eu me senti como se tivesse acabado de me conhecer. Ainda não queria ir para casa. Queria um tempinho para simplesmente ser quem sou, adiar o esporro que eu sabia que estava por vir, por não ser um exemplo da juventude classe média modelo que meus pais queriam que eu fosse. Então, parei em frente a um estúdio de tatuagem e fiquei olhando os desenhos. Eu tinha um dinheiro guardado da época em que trabalhei aos sábados no supermercado, o suficiente para pagar uma bela tatuagem. E pensei: que se dane, pareço ter onze anos, há grandes chances de me chutarem para fora de qualquer maneira.

Talvez tenha sido o novo corte de cabelo, mas não me pediram identidade, nem me colocaram para fora dali. Um sujeito imenso, com uma enorme barba grisalha que batia na cintura, me entregou um monte de cadernos com desenhos e esperou. Vi o de um tubarão-martelo formado por traços tribais e perguntei ao cara o que significava.

— É um símbolo de força. O protetor, o guerreiro. O tipo de pessoa que faria de tudo por quem ama.

— Quero essa — falei, as bochechas corando ao perceber que só havia mesmo um lugar onde ninguém poderia vê-la. — Na bunda.

Ele me olhou por um tempo, e tenho certeza de que estava se perguntando como aquele ser humano magrelo e ruivo tinha minimamente a ver com um guerreiro protetor, mas deu de ombros e disse:

— Vai doer.

— Eu aguento — falei.

— A pele é sua.

Ele não estava mentindo. Doe muito. Senti a máquina vibrando como se estivesse dentro dos meus ossos, minha pele gritando, os nervos se contorcendo a cada agulhada. Parece que aquilo tudo durou horas, até que, em algum momento, eu meio que entrei na dor e ela se tornou parte da minha respiração. Quando o cara finalmente parou e colocou a agulha de lado, eu me desgrudei da mesa e fui até o espelho. As cores do tubarão ganharam vida diante dos meus olhos, azuis e verdes inundando pele e músculo, e

uma sensação de acolhimento e paz tomou conta de mim. Eu me senti bem. A pessoa que eu havia me tornado, com a pele desenhada e colorida, me trazia tranquilidade e conforto. E ali eu soube que tinha feito a coisa certa, porque mostrar quem realmente somos é sempre a coisa certa a se fazer. Tem que ser.

Claro, o local ficou dolorido por muito tempo, vários dias, mas eu não me importava. Gostava da dor e do meu tubarão, mesmo quando eu não podia vê-lo, porque sabia que ele estava ali, me lembrando que ninguém me conhecia de verdade, nem mesmo quem era mais próximo de mim, e eu gostava daquilo.

A última fiz na costela, perto do coração. Logo depois do desaparecimento da Nai, a dor era tanta que eu precisava de alguma coisa que me anestesiasse. O incômodo da tatuagem antiga já estava passando, e percebi que sentia falta daquela distração. Então voltei ao estúdio, e o cara me tatuou de novo. Fiz uma onda quebrando nas pedras, água em movimento, se renovando, mudando, reunindo forças. Sou uma onda, pensei. Mesmo desmoronando, continuo forte.

Lembro que tive vontade de contar para a Nai, porque achei que isso daria uma boa letra, mas ela não estava lá para ouvir. Ela estava naquele lugar onde isso tudo aconteceu.

A tatuagem.

E é isso que me assusta.

A Naomi nunca teria feito isso. Ela odiava tatuagens.

A gente sempre assistia a *Tattoo Fixers* e ela passava o tempo todo reclamando que as pessoas tinham que ser muito idiotas para ficarem doidonas e fazerem uma tatuagem com outro imbecil. Dizia que aquilo era pura vaidade e falta de personalidade, e que dava para imaginar como seria nojento quando ficassem velhos, com a pele toda flácida.

A garota que estava comigo um dia antes de desaparecer, descalça e de vestidinho amarelo-claro, jamais teria feito uma tatuagem. Sem chance.

— Porra.

Rose se ajoelha ao meu lado e observa o estranho padrão, no traço azul-escuro.

— Merda — diz Leo, ainda atrás da gente.

É um semicírculo bem pequeno, não muito maior do que uma moeda de cinquenta centavos, preenchido com um padrão abstrato de linhas finas que parece não fazer sentido. Curvas, ângulos retos, pontos e traços, camadas e camadas de detalhes confusos que parecem se transformar quando se olha de perto e, então, a imagem ganha forma, com rostos, animais, profundidades e sombras. Em um piscar de olhos, tudo desaparece novamente.

— Quem fez isso tinha muita habilidade, para tatuar todos esses detalhes em uma área tão pequena. Os traços são muito firmes, sem borrões. Ela não fez isso sozinha, nem em uma espelunca qualquer. Isso é bem profissional. A gente precisa contar para a polícia — digo.

— Que porra é essa? Agora você sabe tudo de tatuagem? — questiona Leo. — Nem fodendo a gente vai falar isso para aqueles filhos da puta! Que diferença vai fazer?

— A gente tem que contar, porque ela não tinha tatuagem antes. Aconteceu enquanto estava desaparecida. Talvez eles possam rastrear o lugar onde foi feita. Quem sabe descubrem com quem Nai estava, como pagou... — Olho para Rose. — A gente precisa contar, né?

Ela assente, e Leo balança a cabeça.

— Por que você ficou tão revoltado? — pergunta ela, e Leo olha para baixo.

— Não estou revoltado, é só que... foi muito ruim para mim quando ela fugiu, vocês esqueceram? Não quero aqueles homens na minha cola de novo, muito menos agora.

Não é exagero. A polícia depara com alguém que mora em um conjunto habitacional e basicamente deduz logo de cara que a pessoa é culpada. Tem um monte de gente decente que mora lá, o Leo e a mãe, por exemplo, mas ninguém ouve falar deles, só dos criminosos, dos traficantes e das gangues. Assim que descobriram que Naomi era amiga de um garoto de lá, um garoto cujo irmão mais velho estava preso por lesão corporal, a polícia partiu com tudo para cima do Leo, revirando a vida dele. Passaram muito mais

tempo o investigando. Mesmo confiscando laptops e celulares de todo mundo, foram os dele que mantiveram apreendidos por mais tempo. Questionaram tudo, desde a pornografia que encontraram no computador às acusações de agressão contra o irmão. Aquilo o abalou muito, o deixou com muita raiva, e acabou com o pouco de confiança que ele ainda tinha na polícia.

Não dá para culpá-lo por querer ficar o mais longe possível de qualquer pessoa usando farda.

— Acho que a gente pode deixar a polícia de fora — digo, cedendo.

— Não temos escolha — interfere Rose, dando de ombros para Leo. — Isso é uma prova, não é?

— Essa não é a questão — retruca Leo. — Adolescentes fogem e fazem tatuagens, e daí? Não quer dizer nada, Rose. — Ela olha para mim e dou de ombros. Ele tem razão. — A questão é que nós podemos saber que isso é estranho pra cacete, mas eles não vão achar nada de mais. Não vão dar a mínima. Precisamos saber onde ela fez isso, porque a polícia não vai se esforçar para descobrir.

— Bem, vamos pelo menos contar para a Jackie e o Max, porque eles conhecem a Nai, sabem que ela jamais faria isso — sugere Rose, na defensiva.

Ela odeia estar errada.

Todos concordamos com essa sugestão.

— Preciso sair um pouco daqui — diz Leo, balançando a cabeça. — Esse lugar...

Quando ele vai embora, está de cabeça baixa e as mãos nos bolsos.

— Como que a gente não viu isso?

Jackie segura o pulso da filha, olhando a tatuagem. Max está atrás dela, as sobrancelhas arqueadas formando rugas na testa. Ash fica perto da janela, o sol da tarde iluminando o vermelho-rubi do seu cabelo, a expressão totalmente impassível, e eu a observo, me perguntando o que se passa por trás daqueles olhos escuros.

— Dá para ver que é nova, a pele ainda está inchada. Está até um pouco avermelhada. Como você não viu isso? — Jackie olhou para a médica.

— Quando Naomi chegou, estávamos mais preocupados em salvar a vida dela — diz a dra. Jaleco, ou dra. Patterson, segundo seu crachá. — Acredito que a tatuagem não era prioridade. Além do mais, não fazíamos ideia de quais tatuagens ela já tinha ou não, não há menção a nada disso no prontuário dela...

A médica revira as folhas na prancheta, então Jackie se vira para olhar a filha novamente.

— Eu achei que não podia tocá-la — diz Jackie, olhando para mim. — Achei que poderia machucá-la se mexesse nela. Nem segurei sua mão, e se você não tivesse feito isso, Red, talvez a gente nunca tivesse notado...

Parece algo estranho a se dizer, mas acho que no momento tudo é estranho para ela, ainda mais porque a filha voltou como uma desconhecida, com uma aparência jamais vista.

— Max, acha que devemos contar para a polícia? Porque a Naomi odiava tatuagens, sempre dizia que era coisa de piranha. Nossa filha não faria isso...

— Não sei. — Max aperta os ombros de Jackie. — A Nai que a gente achava que conhecia não faria isso, mas... adolescentes fazem coisas estranhas o tempo todo, meu amor. Vou ligar para eles e contar, está bem?

— Tem alguma coisa aí — murmura Jackie para si mesma, e vejo a expressão no rosto de Ash mudar levemente.

Ela concorda, sei que concorda.

Max tem razão. Meus pais não sabem nada sobre mim, ou pelo menos nada de importante. Talvez Nai estivesse drogada e acabou fazendo merda. Quem sabe ficou bêbada e chapada e fez uma tatuagem, ou

talvez se odiasse tanto que achou uma boa ideia se jogar da ponte, ou pode ser que tenha apenas caído.

Só que...

— E os hematomas? — Olho para a médica. — No pulso?

— Ela deve ter se machucado na água. — A dra. Patterson olha de relance para a porta, desejando estar em outro lugar. — Inconsciente, açoitada pela água...

— Aqui não... — Pego o braço da Naomi e levanto com cuidado. — Isso aqui parece marca de dedo, como se alguém tivesse apertado o braço dela com muita força.

Jackie tapa a boca, abafando o choro.

— Acho que você não está ajudando a mãe da sua amiga — retruca a médica, afastando com cuidado minhas mãos. — É impossível dizer o que causou essas marcas. Naomi tem hematomas pelo corpo todo. — Ela endireita a postura, assumindo o controle do quarto. — O estado dela é muito delicado. Ainda não sabemos a causa dos ferimentos. Vai levar um tempo, e ela precisa de tranquilidade, silêncio e descanso. Sugiro que todos vocês vão para casa agora. Voltem amanhã, quem sabe teremos mais informações até lá.

Olho para Ash e vejo que ela está me encarando, seus olhos brilham com todo o ódio guardado. Sei como ela se sente. Essas pessoas que não conhecem a Nai estão prontas para deduzir o pior sobre ela. Como se a Nai fosse um zero à esquerda, um lixo de ser humano que entrou naquela situação porque quis. Elas não conhecem a garota doce, engraçada e talentosa que é nossa amiga. Não estão enxergando a verdadeira Nai.

— Quero ficar com ela — diz Jackie para a médica, baixando o tom de voz. Um aviso.

— Pode ficar, claro — responde a dra. Patterson. — Mas... ela não sabe que você está aqui. Está sob uma forte sedação. E todos vocês precisam descansar. Quando voltarem, estarão mais relaxados.

— Relaxados? — Rose ri, balançando a cabeça para mim.

— É melhor a gente ir. — Max passa o braço em volta da esposa. — Vamos, crianças. Nosso jantar ainda está de pé?

Leo está esperando do lado de fora.

— E aí? — pergunta ele. — O que disseram?

— Acham que não significa nada — conta Rose. — Acreditam que ela é só uma adolescente louca e confusa que fugiu de casa, fez uma tatuagem e provavelmente tentou se matar. Parece que eles nem querem investigar, como se fosse desnecessário. Não muda em nada o que aconteceu.

— Mas eles estão errados — digo, para ninguém em especial. — Eu sei que estão.

IR À CASA da Naomi dava aquela sensação de estar de volta ao lar, mesmo que fosse um lar incompleto, porque ela não estaria lá. Na verdade, nós todos nos sentíamos mais em casa ali do que com nossas próprias famílias. Jackie e Max sempre ficavam felizes com nossa presença, gostavam de nos oferecer comida, deixavam que a gente ficasse quanto quisesse. A casa da Nai era um lugar seguro, mas não o suficiente para protegê-la das pessoas que infernizavam a vida dela na escola. Antes de nos aproximarmos, antes da banda, ela fugia de casa o tempo todo. Jackie e Max tentaram ajudar, a coordenação da escola tentou ajudar, mas não é fácil impedir o bullying. Alguns dias, Nai me contava, ela não conseguia suportar a ideia de ir para o colégio e precisava sumir por um tempo, só para recuperar as forças, mas sempre voltava alguma hora. Perguntei por que ela nunca tinha mudado de colégio, e ela respondeu que, se fizesse isso, deixaria que os agressores a vencessem.

“Por mais que eu tivesse medo, não ia deixar eles saírem ganhando”, dizia, e sorria. “E olha pra mim agora. Eu mando nessa escola, cara.”

A mãe da Nai é a melhor cozinheira entre nossas mães, embora ninguém fosse dizer isso para a do Leo se quisesse chegar aos dezessete anos. As três, Ash, Naomi e Jackie, sempre cozinham juntas, como um ritual de mãe e filhas. Não sei explicar muito bem, mas aquela cozinha minúscula era tão cheia de amor. Repleta de vapor e cheiros, gostos e carinho. Jackie repetia sem parar sua história de vida, cada vez um pouco diferente, mas nunca ficava entediante. Max era turco, tinha ficado viúvo havia pouco mais de um ano, e estava se virando para criar sozinho Ashira, ainda bebê, quando conheceu Jackie no ônibus a caminho do Soho, onde ele trabalhava em uma alfaiataria. Jackie era espalhafatosa e alta, mais alta do que ele, magra e loira, e falava sem parar. Todos os dias eles se sentavam juntos no ônibus, todos os dias Jackie falava pelos cotovelos e Max escutava, sorrindo e dando risada. Todos os dias por uma semana, durante a qual Max deixava Ashira na casa da tia a caminho do trabalho. Na sexta-feira, Max convidou Jackie para sair. Eles se casaram três meses depois.

“Não tinha por que esperar, sabe?”, sempre dizia Jackie. “Porque quando a gente sabe, a gente sabe.”

Eu ficava tentando lembrar se meus pais já tinham me contado a história de como haviam se conhecido com o mesmo amor e a mesma felicidade, e percebi que não. Na minha casa, tudo era adequado e respeitável, tradicional, frio e infeliz. Na casa da Nai, o amor era tão constante quanto a água na torneira. Na minha... era preciso procurar com vontade, e era preciso ser criança para sentir, ou pelo menos imaginar que sentia.

Antes de tudo acontecer, eu ficava ali em volta da mesa com Leo e Rose, fazendo alguma palhaçada enquanto observava Nai com a mãe. Eu sempre notava o jeito como os olhos de Nai encontravam os de Jackie quando elas conversavam, ou passavam um prato, ou em qualquer outra situação. Eu notava compreensão e *carinho* entre elas, e me sentia um pouco como aquelas crianças de filme, com o nariz colado na vitrine de uma loja de doces, os olhos brilhando de desejo. É vergonhoso estar na minha idade e ainda ter essa coisa de desejar um abraço da mãe mais do que tudo. Mas eu jamais contaria isso para alguém.

Enfim, havia uma enorme parte de mim que ansiava por estar ali novamente, naquela minicozinha cheia de amor. Achei que seria bom, até o momento em que chegamos aos degraus de entrada da casa moderna da Nai, localizada no meio do caminho entre a minha casa e o conjunto habitacional do Leo. Era

uma casinha fofa, respeitável, mas nada comparado ao glamour e à riqueza da casa da Rose, ou até mesmo ao canteiro de rosas cercado a porta da merda da minha casa geminada de classe média. Foi quando chegamos ali e paramos em frente à casa, quando olhei para a janela do quarto dela e vi que a luz não estava acesa, que senti tudo de uma vez.

Aquela garota destruída e machucada no hospital e a minha amiga eram a mesma pessoa. Não havia mais como fugir daquela realidade.

Saímos do carro do sr. Demir em silêncio.

Jackie e Max caminham na frente, abraçados, a cabeça dela apoiada no ombro dele, os dedos desesperados quase cavando um buraco nas costas do marido. Ash vem logo atrás, com passos curtos e lentos. Procuro a mão de Rose, subitamente precisando me amparar em alguém que me ama. Mas ela não percebe e continua andando, então fecho os dedos vazios, um por um.

— Não sei se vou conseguir — Leo é o primeiro a dizer, baixinho. — Estou surtando.

— Não podemos desistir de entrar — digo. — Eles nos convidaram, querem nossa companhia. Estão precisando de nós.

— Eu entendo — diz Rose para Leo, e a voz dela é doce e gentil. — Mas Red tem razão, a gente precisa entrar. Pela Nai.

Rose apoia a mão no braço do Leo e ele se inclina na direção dela, só um pouquinho, como se uma força gravitacional invisível os atraísse. Só um centímetro, mas é o suficiente para fazer meu estômago se revirar.

Quando abrimos a porta da frente, Ash está sentada na base da escada. Sua feição está carregada, como se a gravidade da sua dor pesasse sobre ela.

— Tudo indo? — pergunto para ela enquanto Rose e Leo seguem o cheiro dos temperos turcos vindos da cozinha.

— Não — diz ela, olhando para mim. — Estou muito puta. E você?

— Também. — Faço que sim com a cabeça, lançando um olhar rápido para a cozinha. Não quero que mais ninguém ouça o que vou dizer. — Estou começando a achar que algo ruim aconteceu com a Nai, muito ruim. Alguma coisa que a pegou de surpresa.

Ash se levanta e fica a apenas alguns milímetros de distância, com a boca colada ao meu ouvido.

— Acho que você tem razão — sussurra ela, antes de dar meia-volta e seguir para a cozinha.

— Ai, meninos, que dia.

Jackie abre os braços assim que entramos na cozinha pequena e quadrada, com armários de madeira escura em todas as paredes e uma mesinha redonda ao centro. Seus olhos se enchem de lágrimas enquanto nos revezamos para receber um abraço dela, envolvidos pelo seu perfume doce preferido, o gosto salgado das lágrimas ainda no rosto quando a beijo. Eu a abraço de volta, o mais apertado que consigo, envolvendo-a por completo. Faz muito tempo desde que alguém me abraçou pela última vez. Eu me sinto meio idiota em admitir, mas às vezes a gente precisa de um abraço, e gosto do jeito como ela segura meu rosto entre as mãos e beija minha testa.

— Ah, que bom ver vocês. Sinto saudade de tê-los por aqui, do barulho e das conversas, e de mandar Naomi abaixar a música!

Jackie parece se esforçar para manter o sorriso enquanto manda a gente se sentar, serve Coca-Cola,

oferece um prato atrás do outro de comida caseira: kebab de cordeiro no espeto, frango marinado, pão árabe quentinho, arroz de jasmim. Quando vejo aquilo tudo, sinto uma fome inesperada. Não somente das comidas boas, mas também das memórias que as acompanham, todas positivas. Enquanto comemos, Jackie fica dando voltas na mesa, tocando nossos ombros ou nossas bochechas. Max não fala muito, mas sorri, com os olhos cheios de água ao fitar cada um de nós. Ash se senta à mesa, mas não come nem diz nada. Mantém a cabeça baixa, usando o cabelo como uma cortina escura, como se o momento que tivemos no corredor nunca houvesse acontecido. Quero falar mais sobre o assunto com ela, mas nem imagino como. Parece impossível iniciar uma conversa com Ash, é sempre ela quem toma a iniciativa.

Finalmente a comida já está quase acabando e, aos poucos, paramos de comer e de conversar. Ficamos em silêncio, e todas as coisas das quais não falamos desde que voltamos do hospital pairam ao nosso redor como fantasmas.

Leo tosse e empurra a cadeira para trás, mas antes que se levante Jackie volta a falar.

— O que Max disse mais cedo, sobre a gente não conhecer a Nai de verdade... Parece impossível para mim que eu não saiba cada detalhe sobre ela, mas... ela realmente estava diferente naquelas últimas semanas. Tinha parado de usar toda aquela maquiagem e as perucas... Estava começando a parecer... normal. E feliz, muito feliz, tão amável... Mas vocês a conheciam, provavelmente melhor do que eu. Por que vocês acham que ela fugiu? Vocês acham que ela estava infeliz o suficiente para... para...

Fecho os olhos por um instante, procurando algo útil para dizer.

— Se soubéssemos de alguma coisa, teríamos falado — responde Rose, antes que eu sequer consiga pensar em algo. — Se Nai planejou isso, não contou para ninguém. Nem mesmo para Red.

Eu me forço a encarar Jackie.

— Nai odiava tatuagens — digo. — Ela amava fazer parte da banda e se dedicava muito ao colégio. Não fugiu por estar infeliz, porque não estava. Alguma coisa aconteceu. Não sei o que foi, mas sei que é verdade. E, quando ela acordar, vai contar para a gente.

— Só tem um detalhe... — A voz de Ash soa rouca e seca. — A gente não sabe se ela vai acordar e, caso acorde, se vai sofrer danos cerebrais... Então talvez a gente nunca descubra. Talvez a cabeça dela guarde esse segredo para sempre.

— A gente precisa continuar torcendo para que o melhor aconteça, Ash — diz Jackie. — A gente tem que pensar positivo, meu amor, e...

— Ah, claro, como se pensamento positivo fosse consertar o buraco enorme na cabeça dela. — Ela praticamente grita, empurrando a cadeira com força para trás, que tomba e cai com um estrondo nos azulejos.

Ouvimos os passos de Ash na escada.

Max busca a mão de Jackie e a leva ao rosto. Ela desvia o olhar da gente, e, de uma hora para outra, eu me sinto invadindo aquele espaço, assistindo à dor deles como se tudo aquilo fosse um espetáculo.

— É melhor a gente ir — diz Leo, talvez pensando o mesmo que eu. — Preciso voltar para casa, resolver uns assuntos de família, sabe...

— Mas a gente vai para o hospital amanhã, logo depois da escola — afirmo.

— É, bem, assim que puder — acrescenta Rose, e lanço um olhar para ela, que ignora.

— E o show vai rolar, como a gente tinha planejado — continuo. — Muitas pessoas querem mandar apoio para Naomi e para vocês.

— Obrigada, Red. — Jackie sorri para mim. — Vocês podem fazer uma coisa para mim, meninos?

— Aham, claro — respondo.

— Subam lá no quarto dela, vejam se encontram algumas fotos, talvez pôsteres. Algo que achem que ela vá gostar, para animar um pouco o quarto do hospital. Eu sei que a médica disse que ela não percebe o que está acontecendo ao redor, e talvez seja verdade, mas uma hora ela vai acordar e, quando isso acontecer, quero que veja as coisas dela, assim vai se sentir segura. Por favor, façam isso, escolham

algumas coisas. Talvez possam levá-las amanhã para o hospital, não é?

— Claro — responde Leo.

Todos nós assentimos, embora eu tenha certeza de que preferiríamos ser engolidos por um buraco no chão e ir parar em qualquer lugar do mundo que não seja o quarto dela com a tarefa de escolher pertences que nossa amiga em coma não pode ver nem tocar.

O quarto da Naomi sempre foi organizado. Pequeno, quase sem espaço para nada além da cama de solteiro e um armário, pôsteres de anime na parede e uma coleção de perucas coloridas penduradas em um gancho instalado pelo pai em cima da cama. Na mesa de cabeceira tem uma porrada de maquiagem, nunca vi tanta junta, de cores tão vibrantes e tão a cara da Nai que parece que ela está ali, em algum lugar no meio daquela zona de produtos e cílios postiços e que, se a gente soubesse como, poderia montá-la de volta.

Nós três nos sentamos na cama, Rose no meio, nossas pernas encostadas. Ela abre a mochila do colégio e tira uma garrafa de vinho, desenroscando a tampa e dando um longo gole direto do gargalo.

— Onde você arranjou essa porra? — pergunto.

— Tenho meus contatos — desdenha ela, me entregando a garrafa.

Passo para o Leo.

— Que merda, Red, você é tão mala às vezes — reclama ela, a voz aguda, com uma pontada de raiva.

Mas esta é Rose: a garota que esconde tudo o que sente atrás de espinhos e patadas. Tão dura quanto sua armadura à prova de balas.

— Não gosto de bebida alcoólica — digo, com firmeza. — Deixa as pessoas imbecis.

— Que peninha de você, Red. Por um segundo esqueci que sua mãe adora entornar um gim. — Rose arranca a garrafa das mãos de Leo, e ele nem tinha bebido ainda. — Um gole não vai fazer mal, sabe, só um, pela Naomi.

— Rose. — Leo pega a garrafa de volta. — A gente entende que você está chateada, mas não precisa ser babaca, ok? Red não bebe. Deixa pra lá.

Ele dá um gole mais demorado do que de costume no vinho, e eu sei por quê. Quanto mais ele beber, menos vai sobrar para Rose. Tipo quando eu despejo metade da garrafa de vodca da minha mãe na pia e encho com água. É o jeito dele de protegê-la, mesmo que seja estúpido.

Rose observa Leo quase matar a garrafa. Por um instante, acho que ela vai surtar, mas não. A tristeza e a raiva meio que desaparecem do seu rosto, e ela fica diferente. Quase feia, quase bonita. Não sei muito bem qual dos dois, e não importa, porque não consigo parar de olhar para ela. Continuo olhando até doer.

— Ah, vamos acabar logo com isso, então. — Rose limpa a boca com as mãos. — Que tal esses pôsteres de anime?

Faço que sim, olhando pelo quarto enquanto ela começa a descolar os pôsteres da parede.

— E a edição especial da miniatura de Lego do Link, de Zelda.

— É. — Leo pega o boneco e o examina antes de guardá-lo no bolso.

Todos nós zoávamos a nerdice da Nai, mas ela estava pouco se fodendo para o que a gente pensava.

— A caixa de som do celular dela — digo, pegando a caixa que também serve como carregador. — Cadê o celular dela? Tem todas as playlists baixadas nele, a gente pode programar para ela ouvir sempre.

— A gente não achou, lembra? — Ash aparece no corredor. Na mesma hora, paramos de mexer em tudo, como se tivéssemos sido pegos invadindo a casa de alguém. — A gente procurou por aqui, a polícia procurou por toda parte. Mas estava desligado na noite em que ela desapareceu, e ninguém sabe onde foi parar.

— Ah, é, tinha me esquecido por um segundo — digo.

Pensando melhor agora, lembro que na época achei estranho a Nai ter ido embora sem o celular. Minha amiga teria preferido fugir sem o braço direito do que sem o telefone.

— Tem um iPod Nano velho em algum lugar que deve encaixar na caixa de som. Dá uma olhada nas gavetas da mesa de cabeceira.

Eu me ajoelho no carpete, abrindo as gavetas. Mesmo sabendo que a polícia já revirou isso aqui, tirou tudo de dentro e botou de volta no lugar, ainda me parece errado. Invasivo. Se alguém, até mesmo meus amigos, mexesse nas minhas coisas, eu ia querer morrer. Iria me sentir como se alguém tivesse aberto uma tampa no meu cérebro e conseguisse espiar todos os meus pensamentos secretos. Será que ainda gostariam de mim se soubessem tudo a meu respeito, tudo o que penso, tudo o que desejo? Não tenho tanta certeza.

— Achei.

Pego o pequeno iPod preto, cujo logo da Apple foi transformado em uma caveira com canetinha, e o entrego a Leo. Então vejo o caderno. Lotado de pedaços de papel soltos com textos escritos que parecem letras de música. Tiro da gaveta e o abro, sentindo com o dedo os padrões formados pela letra dela. Ali tem tudo o que ela escreveu desde que a gente começou a compor músicas por conta própria. Algumas escalas também, como se estivesse criando as melodias.

— São músicas — digo, mostrando o caderno para Ash. — Você deu uma olhada nisso aqui?

Ela balança a cabeça.

— Pode ficar, se quiser. Quem sabe consegue fazer alguma coisa com isso. Terminar alguma. Talvez seja algo realmente importante para ela, se é que ainda restou cérebro o suficiente para se importar com qualquer merda.

— Ela tem muita tralha — comenta Leo.

Ele levanta um pote cheio de palhetas de todas as cores, um arco-íris de plástico. Naomi as pegava nos shows: ia até o palco no fim da última música, ficava lá até todo mundo ir embora e recolhia setlists, palhetas, garrafas de água... Uma vez, perguntei a ela por que sempre fazia isso. Afinal, ela nunca queria autografar aquelas coisas nem nada, ou sequer vendê-las no eBay. Os objetos viravam lixo no segundo em que ela os tirava do show.

“É aqui que a vida acontece”, respondeu ela. “Nas coisas que são deixadas para trás.”

“Nai, isso não quer dizer nada”, retruquei na época.

“Mas daria uma ótima letra de música, não acha?”

Ela sorriu para mim, e consigo vê-la agora. O jeito como a luz fervilhava nos olhos dela, que também sorriam, mesmo quando ela falava sério. E o jeito como ela reluzia quando tinha ideias, quando estávamos compondo em parceria, como se sua maneira de pensar soltasse faíscas.

Naquela tarde, sentamos nessa cama de solteiro, ela com seu violão, e escrevemos uma de nossas melhores músicas.

Naomi era a única pessoa que eu conhecia que ainda usava papel e caneta. Estava sempre fazendo anotações, rascunhando ideias em qualquer superfície que estivesse na frente, e guardava tudo em uma caixa, para olhar depois.

“Cara, por que você é tão analógica?”, perguntei certa vez.

“Porque ninguém nunca vai conseguir hackear meus pedaços de papel. Por isso guardo todos os meus segredos aqui”, disse ela, batendo com o dedo na cabeça, “escritos à moda antiga”.

E agora aquelas palavras faziam mais sentido do que nunca. Em algum lugar deste quarto havia pedacinhos dela, pequenos trechos e partes da garota que ela tinha sido, suas digitais e seu DNA, presos nos contornos delicados de sua escrita.

Aquela garota não pode ter deixado de existir, ela deve estar em algum lugar dentro da cabeça ferida e lesionada.

10

ROSE E LEO já estão lá fora, mas eu ainda não. Vou ao banheiro e deixo a água gelada da torneira correr por alguns instantes, enquanto encho as mãos e molho as laterais raspadas da minha cabeça e sinto a água escorrer pelas clavículas.

Quando saio, vejo Ash em seu quarto, sentada na escrivaninha, onde três monitores estão posicionados à sua volta como uma cerca e um laptop aberto. Ela curte essas coisas de tecnologia. É o tipo de garota que cria códigos por hobby. O tipo de garota que me dá um puta medo. Essa pode ser minha chance de retomar a conversa, tentar descobrir o que ela acha sobre o caso da Nai, se pensa o mesmo que eu. Mas como puxar papo com alguém tão difícil?

Resolvo fazer o melhor possível. Dou de ombros e entro.

— O que você está fazendo? — pergunto, e ela leva um susto, soltando um palavrão baixinho.

Posso apostar que ela disse “merda”.

— Porra, Red.

— Foi mal, eu só queria saber o que você estava fazendo.

— Entra e fecha a porta — dispara ela, e obedeço, porque parece que não tenho alternativa. Assim que fecho a porta, ela aponta com a cabeça para a tela do meio. — É o sistema de câmeras de trânsito da cidade de Westminster — diz, virando o laptop para mim.

— Tipo um YouTube? — pergunto.

Ash é bem estranha. Vai ver ela relaxa assistindo à transmissão das câmeras de trânsito.

— Da noite anterior até o momento em que o rebocador encontrou a Nai. Eles jogam todos os dados na nuvem, o que todo mundo já deveria saber que é uma ideia de merda.

— Espera... Como assim? — Chego mais perto, espiando a imagem por trás de Ash.

— Bem, segundo a teoria da polícia, ela fugiu, se envolveu com *alguma coisa* e por algum motivo pulou, certo? — Ash acha que estou perguntando sobre provas e não sobre a atividade altamente ilegal que ela está praticando dentro do próprio quarto. — Bem, se ela pulou, só pode ter sido bem perto de onde foi encontrada, porque se fosse em outro lugar teria se afogado, e também não muito antes, senão teria morrido congelada. Levando isso em consideração, pensei em procurá-la. Acho que eles nem tentaram checar as câmeras.

— Ash... — começo, quase não querendo saber. — Você hackeou o município de Westminster?

— Só os arquivos das câmeras de trânsito. — Ela sorri. — E só esse pedacinho. Mas se você quiser zerar o valor do empréstimo habitacional dos seus pais, é só avisar.

— Nossa casa é própria.

— Chique — comenta Ash, sem perceber que está me zoando.

— Merda — digo, vendo o trabalho dela.

— Eu sei. — Ela volta a atenção para a tela.

Percebo algo diferente em Ash enquanto ela vai trocando de transmissão. Não é necessariamente felicidade, mas parece confortável, calma. Talvez seja a primeira vez que eu a vejo assim. Com cara de “Olha só como eu mando bem nisso aqui”.

— A questão é que estou olhando essas gravações há horas, já revi tudo mil vezes, e Naomi não aparece. Pelo menos não nas seis horas antes do momento em que foi encontrada. E não há sinal dela em

nenhum outro lugar em um raio de distância em que fosse possível sobreviver à queda. Ela não está ali. O que significa...

— Que a teoria está errada. — Eu me sento ao lado dela, na beira da cama.

— Sim. — Os olhos escuros de Ash procuram os meus. — Posso confiar em você?

— Sim. Acho que sim...

— Também olhei as gravações da última vez que ela foi vista, indo em direção ao túnel da ponte Vauxhall às três da manhã. Ela atravessa por baixo da ponte da linha do trem e só aparece de novo oito semanas depois, entre a vida e a morte.

— É insano. Mas a gente já sabia disso tudo.

— A única explicação seria ela ter entrado em um carro — diz Ash. — É a única coisa que faria sentido.

— Mas a polícia investigou todos os carros que entraram e saíram do túnel nos dois sentidos. Foram apenas dez, e um deles era um carro de polícia. Todos os que passaram ali, daquela hora da manhã até a hora do rush, foram liberados — lembro a ela.

— Tem alguma coisa errada. — Ash olha de novo para a imagem congelada da irmã em uma das telas. Nai de vestido e tênis, sem nada mais, caminhando completamente calma, sozinha, na direção de um túnel escuro sob o trilho do trem. — Tem alguma coisa errada, não existe outra explicação. Um desses motoristas está mentindo.

— Ou ela entrou em um dos túneis de acesso. Uma das portas embaixo da ponte foi arrombada, lembra? Ou ela estava do lado oposto da câmera de trânsito, em um ponto cego, ou no escuro. Há mil possibilidades que explicariam o fato de Nai não ter sido vista depois daquela imagem. É a polícia, Ash. Tipo, eles são babacas, mas devem saber investigar direito, né?

— Ah, devem? — Ash olha para mim. — Mas eles não viram a tatuagem, não é mesmo? Nem os hematomas que parecem marcas de dedo.

— Eu devo estar viajando. Devo estar imaginando coisas.

— Mas e se não estiver? — Ash chega tão perto que posso sentir o cheiro de seu hálito, apimentado e doce. — E se você não estiver, Red? E se a gente tiver razão e ninguém estiver dando ouvidos?

— Não sei o que podemos fazer. Somos um bando de adolescentes!

— Podemos fazer um monte de coisa. Eu só precisava encontrar um lugar para começar a busca e você encontrou. A tatuagem. Se a gente conseguir encontrar quem fez, e quando, já é um começo e tanto. Você tirou uma foto?

— Não. — Dou de ombros, me sentindo totalmente idiota por não ter pensado nisso. — Não me pareceu um bom momento.

— Merda. — Ash dá um soco na mesa, e eu me levanto.

— Vou tirar amanhã quando for ao hospital.

— Não, vamos perder muito tempo. — Ash está muito irritada comigo por não ter tirado uma foto. Vou tirar agora.

— Não vão deixar você entrar. Eles disseram que só amanhã.

— Dou um jeito — diz ela. — Sou boa nisso.

— Vai arranjar problema, sua hacker. Isso é um crime grave...

— Fiz meu dever de casa — diz ela, vestindo um moletom de capuz e fechando o zíper. — Não sou hacker. Hackers roubam, mentem ou aplicam golpes. Eu só fui ver se tinha uma entrada, e tinha. E eu olhei. Só isso.

— E se você for pega? E quanto a seu pai e Jackie? Eles ficariam totalmente arrasados.

— Acha que não sei disso? — comenta Ash, sem paciência. — Claro que sei. Mas também preciso saber o que aconteceu com a minha irmã. Preciso descobrir, caso...

— Caso o quê?

— Caso ela não sobreviva, o culpado não pode sair impune.

Ashira: Red, estou falando sério. Não comenta com ninguém sobre isso.

Ashira: Preciso saber. É a única coisa que posso fazer. Preciso descobrir.

Ashira: E não vai contar pra ninguém?

Ashira: Tá bom. Vou confiar em você. Se você me ferrar, entro em todas as suas contas em menos de cinco minutos, entendeu?

Ashira: Espera o meu sinal. E só manda mensagens por aqui, é criptografado.

Red: Claro q não. Mas, Ash, vale a pena? Se você for pega, vai se ferrar. Seria muito ruim, cara. Seus pais...

Red: Ok. Ajudo no que puder.

Red: Não acabei de falar isso?

Red: Ameaça desnecessária, mas ok!

Red: Entendido. Câmbio e desligo.

11

— FINALMENTE — DIZ ROSE quando saio da casa. — O que você estava aprontando, hein?

— Ash queria falar comigo — respondo, esfregando a nuca.

Parece errado esconder alguma coisa deles dois, mas também parece errado contar sobre Ash.

— Como ela está? — pergunta Leo.

Dou de ombros. Fico feliz por nenhum dos dois me perguntar mais nada.

Conforme caminhamos até a margem do rio, o calor do fim da tarde aquece minha pele e a luz do sol reflete na água, reluzindo. Observo a cidade que se estende ao longo do rio, como se cada arranha-céu e torre de concreto estivesse ali há mil anos, e sorrio. Eu amo esse lugar. É difícil ficar feliz quando se vê toda a vida, todas as possibilidades que existem ali, vibrando com tantas inspirações. Afasto da cabeça tudo o que Ash me disse mais cedo e saio correndo, me debruçando na mureta de metal que me separa da margem lamacenta abaixo, meus pés balançando no ar, a brisa vinda do mar batendo no meu rosto. Leo e Rose chegam logo depois. Leo escala a mureta e se senta nela, e por um tempo ficamos ali, observando o lugar onde moramos. Nunca viajei muito, mas não preciso conhecer outras cidades para saber que Londres é a melhor do mundo, e ao vê-la assim me sinto parte do seu exército, invencível.

Mais cedo, as ideias e teorias de Ash pareciam tão reais. Mas agora, sentindo a luz do sol no rosto e com meus amigos ao meu lado... Será mesmo? Ash é uma pessoa bem intensa; e se tudo isso for apenas coisa da nossa cabeça? Seria mais fácil deixar que os adultos resolvessem o assunto, confiar neles. Muito mais fácil. Afinal, é para isso que eles servem, não é?

O único problema é que adultos gostam de motivos, de respostinhas bonitas que se encaixem no molde rotulado. O que aconteceu com a Nai não foi nada legal, não tem um motivo que faça sentido e não se encaixa em rótulos, mas eles não querem admitir isso. Talvez tenham medo.

— Não quero ir para casa ainda — digo.

— A gente não precisa ir — responde Rose. — As únicas coisas que me esperam em casa são o meu pai e a minha madrastra sem sal, e eles vão querer que eu faça um programa qualquer com eles. Tipo assistir a um filme ou jogar aquelas Palavras Cruzadas idiotas. Como se interagir com ela fosse me dar menos nojo do que saber que a mulher do meu pai tem idade para ser minha irmã mais velha.

Já que concordávamos em relação a isso, nos afastamos da margem do rio e caminhamos em direção à loja de conveniência no final da rua.

— Tenho certeza de que minha mãe vai estar surtando com essa história do Aaron quando eu chegar. Assim que eu pisar em casa, ela vai me encher de sermão até aqui — diz Leo, gesticulando para o topo da cabeça.

— Mas também... — Eu olho para Rose, que ergue as sobrancelhas. Sei que ela está se perguntando o que vou dizer e, na verdade, também estou. Mas resolvo só continuar. — Cara, eu meio que entendo por que sua mãe está preocupada. Você se meteu em muita confusão por causa do Aaron. E, depois que ele foi preso, isso parou de acontecer... Então...

— Não fode, Red — retruca Leo, sem raiva, mas de forma seca, encerrando o assunto. — Não sou criança. Sou dono do meu nariz. Sei fazer minhas próprias escolhas. Aaron é meu irmão, e não a porra do Al Capone. Por que vocês não dão um tempo? Vou comprar mais bebida.

— Deixa pra lá — diz Rose para mim enquanto a gente espera do lado de fora da loja de

conveniência. — Não vale a pena.

— Mas... você quer que ele volte a ser como antes? Aaron esfaqueou uma pessoa, que foi parar no hospital. E se ele arrastar o Leo para alguma merda desse tipo?

— Leo está certo, ele é dono do próprio nariz. E não é mais o mesmo garoto de um ano atrás. A gente precisa confiar nele.

— Eu confiava na Nai — digo, baixinho.

— É, mas a Nai não é o Leo. Ele teve uma vida difícil, Red. Eu dou uma de pobre menina rica, mas a gente sabe que minha vida é bem boa, mesmo que meu pai seja um babaca. E você tem casa e comida na geladeira, mesmo que sua mãe seja uma bêbada. Mas o Leo nunca teve isso, e ele sabe exatamente o que está acontecendo e, quando chegar o momento, vai decidir o que fazer a respeito, e eu e você, com nossas casas bonitas, barrigas cheias e contas pagas, não temos muito o direito de dizer a ele como agir.

Examino o rosto dela como se nunca a tivesse visto antes, mesmo conhecendo cada traço de suas feições. Rose sempre me surpreende, sempre me impressiona, é sensível quando acham que será fútil, gentil quando acham que será cruel. E, mais do que tudo, é corajosa. Uma das pessoas mais corajosas que conheço.

— Coisas ruins aconteceram com você — digo, bem baixinho. — Não conheço ninguém no mundo que saiba mais sobre coragem do que você.

Rose vira o rosto.

— É, mas está tudo certo comigo, então...

— E a minha vida... — tenho dificuldade para encontrar as palavras certas — não é exatamente um exemplo a seguir.

— Mas poderia ser. — Rose continua sem olhar para mim. — Cara, o que você acha do Maz Harrison? Ele é bonitinho, né?

— O irmão mais velho da Tina Harrison? — Olho para ela. — Ele tem, tipo, vinte e cinco anos.

— E daí? — Rose me encara, como se não fosse nada de mais.

— Bem, você fica com nojinho da sua madrastra porque ela é nova demais, sua hipócrita.

— Isso é totalmente diferente. Enfim, ele gosta de mim.

— Como você sabe?

— Porque ele me mandou uma mensagem no Facebook.

— No Facebook! Só por aí já dá para ver como ele é velho, se ainda usa Facebook.

Rose dá uma risadinha.

— Verdade. Eu não olhava a minha página desde, sei lá, os treze anos. É cruel.

— Então ele é um idiota.

— Mas é bem fofo — argumenta Rose. — E, se rola uma conexão espiritual e romântica, tipo um encontro de mentes ideal, por que a idade deveria importar?

— Porque é nojento.

Leo sai da loja e passa direto por nós, com as garrafas tilintando dentro da sacola plástica, e paramos de falar.

— Vamos logo — diz ele, e nós o seguimos, deixando o assunto do Maz Harrison para trás. Ou pelo menos é o que espero.

Leo e Rose revezam a garrafa de vodca enquanto observamos o rio mudar de cinza para rosa e depois para um tom de roxo até o sol finalmente ser engolido pelo horizonte fragmentado.

Não conversamos. Leo olha para a água enquanto bebe, mecanicamente, sem prazer algum, como se

aquilo fosse uma tarefa a ser cumprida. E Rose troca mensagens com alguém, não sei quem, mas noto que ela dá um sorrisinho sempre que uma notificação aparece na tela, suavizando a expressão do seu rosto. Tem um garoto do outro lado, o que não é nenhuma novidade, apenas mais um da lista de infelizes que vai levar um pé na bunda antes do final da semana. Imagino se poderia ser o Maz, e torço para que não seja. Ele só pensa naquele carro chamativo e nada mais.

— Parque? — sugere Leo, abrindo a segunda garrafa.

— E a Seren? — pergunta Rose, do nada, enquanto percorremos o curto caminho até o parque. Seren é uma garota de olhos azuis, pernas compridas e uma voz muito aguda, como se tivesse inalado gás hélio. — Ela é super a fim de você.

— E daí? — pergunta Leo, olhando para Rose de relance.

— Ela daria uma boa namorada, Leo — continua Rose como se fosse óbvio, como se estivéssemos falando sobre aquilo há séculos. — Ah, vai, você é o cara mais gato da escola e não tem namorada. Por quê? Vai me dizer que esses músculos todos não são para nós, garotas?

Não sei por que ela decidiu falar disso agora, mas sei que, se houvesse uma lista de garotas com quem Leo gostaria de conversar sobre relacionamento, a Rose estaria em último lugar. Mas ele entra no jogo, e os olhos dela chegam a brilhar.

— Por que ter uma, se eu posso ter várias? — comenta Leo, dando de ombros e estufando o peito. — Namoradas só servem para dar trabalho, Rose, para botar a gente para baixo. Ficam dando ordens, dizendo como temos que agir. Não preciso disso, posso só pegar quem eu quiser e dar o fora.

Rose ri na cara dele enquanto entramos no parque, vazio e escuro.

— É verdade, você é o cara, não é mesmo? — provoca, saltando no gira-gira e dando uma volta completa. — Então tá, qual foi a última pessoa com quem você trepou? De todas as garotas que deram mole para você, quem foi a última?

— Não vou responder.

— Porque não tem resposta. — Rose dá um sorriso sarcástico enquanto passa por ele, completando outra volta. — Porque você nunca comeu ninguém.

Dou um suspiro. É difícil entender essa garota. Por que implicar e torturar uma pessoa tão querida? Uma pessoa de quem estava falando alguns minutos antes com tanto carinho e amor?

— Vai se foder, claro que já — responde Leo, e Rose dá mais uma volta no brinquedo.

— Leo, Leo, está tudo bem. Não precisa sentir vergonha de ser virgem, não é mesmo, Red? Red também é. Vocês dois podiam fundar um clube, ou quem sabe deveriam ficar. Vocês formariam um casal fofo, o casal mais estranho e bizarro que já existiu, mas, sei lá, vocês meio que combinam.

Dou de ombros. Nada do que ela está dizendo me afeta, e, de qualquer jeito, é verdade. Não tem por que negar. Não pareço o tipo de pessoa que já teve qualquer tipo de contato sexual significativo, e nunca tive mesmo.

— Por que você está tão interessada, Rose? — pergunta Leo. — Qual é o seu problema?

Rose para o gira-gira e encara Leo por um bom tempo, e ele sustenta seu olhar, cara a cara, como se fosse beijá-la ou algo assim. E eu sei que a qualquer instante a amizade deles pode se transformar em outra coisa, algo do qual não faço parte. Sinto uma pontada dolorida no estômago e preciso tomar uma atitude.

— Annabelle Clements — digo.

Leo fica boquiaberto e me lança um olhar puto da vida.

— Porra, Red.

— Annabelle Clements, ele transou com a Annabelle. Só estou dizendo. Não precisa ter vergonha, ela é gata.

Dou de ombros. Não me sinto bem em falar da garota desse jeito, mas pelo menos vai fazer os dois calarem a boca.

Rose se encolhe como se tivesse levado um tapa, e me arrependo imediatamente de ter falado qualquer coisa.

— Que seja. Não tô nem aí. — Virando-se de costas, Rose arranca a garrafinha quase vazia das mãos dele e mata o resto da bebida. — Tem alguma coisa aí?

Ela olha para Leo, querendo um comprimido, um baseado, ou os dois.

Ele faz que não.

— Nem tenho, tô quebrado.

— Aff. — Rose joga a cabeça para trás, frustrada. — Que coisa mais tosca, ficar doidão na porra do parque, e a gente nem pode fazer isso direito. Quero ficar destruída, cara, me sentir fora de mim.

Ela gira na minha direção e engancha o braço em volta do meu pescoço, me puxando para algo entre um abraço e uma gravata.

— Vai comprar mais, Red.

— Não posso — respondo, sem saber para onde olhar enquanto ela puxa meu rosto para perto do dela. — Eles me conhecem. Sabem que sou menor de idade.

Ela me empurra, enojada.

— Então vai pra casa e pega alguma coisa da bebum da sua mãe.

Provavelmente mereci essa depois de ter trazido o assunto da Annabelle à tona, mas ainda assim dói.

— Não.

Balanço a cabeça e ela se afasta, carregando a garrafa vazia. Rose joga a cabeça para trás, olha para o céu e meio que... ruge.

Cacete, ela solta uma merda de um rugido.

Um berro demoníaco de fúria e tristeza e todas as coisas que eu sei que ela nunca vai poder dizer em voz alta, as coisas que eu sei que ninguém mais no mundo conhece, tudo contido ali, naquele berro de fúria, tristeza e perda.

Rose fica ali, olhando para o céu e *rugindo*.

E, um segundo depois, eu me levanto, vou até ela e começo a rugir também, só que o meu rugido parece mais um uivo, então Leo se junta a nós com seu grito rouco e longo, e ficamos ali, berrando, enquanto o último raio de luz do dia é devorado pela noite.

Por isso, nenhum de nós nota a viatura até que os dois policiais estejam fora do carro, um cara e uma mulher.

— Não está na hora de irem para casa, garotos? — pergunta o cara.

— Que merda você tem a ver com isso? — responde Rose.

— Olha como fala, mocinha — alerta o sujeito.

— Foda-se o patriarcado! — exclama ela.

— É isso, chega. Você vem comigo — afirma ele.

E Rose sai correndo, *ela sai correndo*.

É a coisa mais engraçada que já vi na vida: Rose correndo, gargalhando feito louca, enquanto o policial a persegue e ela desvia, dribla, correndo em círculos, e ele tropeça e corre sem fôlego atrás dela. Eu, Leo e a policial ficamos paralisados, ela de boca aberta, nós dois tentando, sem muito sucesso, segurar a risada.

— Ninguém nunca vai esquecer esse momento — diz a mulher, sorrindo para nós. — Vou me certificar disso.

Então Rose escorrega, cai de bunda e fica assim, rindo, enquanto ele a ajuda a se levantar e a escolta até o carro, dando um soco de vitória no ar.

— Seu guarda. — Leo se esforça para mostrar um sorriso educado quando o policial abre a porta do passageiro. — Olha, ela é uma idiota, mas está passando por um momento difícil. A garota que estava desaparecida, que foi achada no rio, é nossa amiga.

— Engraçado — diz ele, botando a mão na cabeça da Rose e a guiando para dentro do carro. — Tenho ouvido muito isso ultimamente.

— Não pode levá-la embora desse jeito, ela é menor de idade — argumento, sem a menor noção do que estou falando, mas penso que não custa nada tentar.

— Não sou, não! Sou maior! — grita Rose, do banco traseiro. — Entra, galera, vocês não vêm? O táxi chegou!

A gente tenta entrar, mas eles não deixam.

— Vão para casa — diz a policial. — Ela vai ficar bem, não se preocupem. Vou ficar de olho e, assim que ela se acalmar, ele vai mandá-la para casa com o pai. Conheço vocês. São daquela banda, não são? Meu filho é um grande fã. Ele adora vocês.

— Mas... — Leo apoia a mão na porta.

— Rapaz. — A mulher era simpática, gentil. — Conheço você também, assim como o seu irmão. Então pode acreditar em mim quando digo que o melhor a fazer é ir para casa. Vou cuidar dela.

Ela mexe no bolso e me entrega um cartão: Policial Sandra Wiggins.

— O que sua amiga precisa fazer agora é se acalmar, assim todos poderemos ir para casa logo.

Enfio o cartão no bolso, balançando a cabeça para Rose. Ela bate na janela da viatura, gesticulando para que eu tire uma foto.

Não penso duas vezes, só pego o celular e faço o que ela pede.

Tipo, por que não?

Nove horas atrás...

ESTÁVAMOS SENTADOS EM fila na beira do palco, no salão principal, nos sentindo um bando de imbecis. Bem, talvez não o Leckraj, porque ele não fala muito. Estava sentado na ponta e pegou o almoço que trouxe de casa, arrumando-o organizadamente no palco empoeirado.

O sr. Smith estava lá com a srta. Greenstreet, nossa professora de teatro, tão colados que os cotovelos se encostavam, um inclinando a cabeça na direção do outro em uma conversa particular. Fiquei observando em busca de sinais de alguma tensão sexual mal resolvida, ou melhor, alguma tensão sexual *bem* resolvida.

Que o sr. Smith é solteiro nós sabemos, porque sempre que perguntamos sobre isso ele diz que vai nos convidar para o casamento quando conhecer a mulher certa. Já a srta. Greenstreet não é tão clara, nem o tipo de professora que se deixa envolver em fofoca como o sr. Smith. Gosto muito dela, de seu cabelo louro mais comprido na frente do que atrás e do furo no nariz, que dá para ver bem de perto. Gosto de imaginar que ela coloca o piercing de volta nos finais de semana. Será que ela e o sr. Smith estão transando?

— Não, mas imagino que ela aprovaria a ideia — sussurrou Rose. — Só que não faz o tipo dele. Não é mulherzinha o suficiente.

Eu me virei para ela, sem acreditar. Ela agora podia ler mentes por acaso?

— Fala sério, estava na sua cara. — Rose sorriu. — Mas não precisa se preocupar, o seu crush na srta. G está garantido, por enquanto.

— Não tenho crush nenhum nela! — retruquei.

— Sosseguem, pessoal — disse o sr. Smith.

Rose encostou o dorso da mão no meu rosto e a afastou rapidamente, fingindo que tinha se queimado com o calor da minha vergonha.

— É, não, com certeza não tem. De jeito nenhum. Nem pensar.

— Não tem o quê? — Leo sorriu.

— Um crush na srta. Greenstreet — respondeu Rose, alto o suficiente para que todo mundo ouvisse.

— Nossa, você é muito a fim da srta. G. — Leo riu, balançando a cabeça.

— Alguém me mata — falei, tapando o rosto com as mãos e tentando não reparar que a srta. G fingia não estar ouvindo.

— Relaxa — disse Leckraj, me oferecendo um gomo de tangerina. — Eu também sou a fim dela.

— Ok, então. — Lily, da emissora de rádio, bateu palmas para chamar nossa atenção. — Estou pronta, já equalizamos o som. Vamos gravar como se fosse ao vivo, então ajam com naturalidade, sejam engraçados, mas não falem palavrão, tá?

Nós murmuramos que sim, e Lily fez a contagem regressiva.

— Estou aqui com a Mirror, Mirror, uma banda incrível da Thames Comprehensive que está conquistando uma legião de fãs cada vez maior. Oi, pessoal!

Ela acenou para nós, erguendo as sobrancelhas com urgência para que falássemos alguma coisa.

— Oi... — respondemos em coro.

— Então, Red.

Por algum motivo, Lily me escolheu primeiro, enfiando o microfone no meu rosto. Fiquei olhando para

ele, e todas aquelas fantasias de rockstar, nas quais dou entrevistas infinitas e pareço tão fascinante, inteligente e arrasadoramente atraente, voltaram para me assombrar.

— Conta pra gente por que vocês estão fazendo um show beneficente para sua colega de banda e de turma, Naomi Demir.

Olhei para o microfone, depois para Lily, que assentiu, me encorajando.

— Hum...

Nada. Segundos se passaram, e não consegui dizer uma palavra.

— Isso é superimportante pra gente. — Rose agarrou o microfone, puxando-o e lançando um olhar mortal na minha direção. — Quando planejamos o show, a Naomi ainda estava desaparecida. A gente queria gritar o nome dela o mais alto possível, torcendo para que ela ouvisse e voltasse para casa, porque Naomi não é só nossa amiga, ela é nossa irmã, e quando ela foi embora ficamos arrasados. E, agora que está de volta, não importa o que tenha acontecido, ainda vai precisar de muito apoio para melhorar. Esse show é para adolescentes como ela, como nós, que às vezes sentem que não têm ninguém com quem conversar. Esse show é para dizer que, se ninguém está escutando, gritem até que escutem. Todo mundo merece ter voz.

— Ótimo, obrigada, Rose. — Lily sorriu, claramente impressionada. — E você, Leo? Concorde com a Rose?

— Porra, claro — disse ele.

Lily desligou o gravador com pressa.

— Merda, foi mal — completou ele enquanto Rose caía na gargalhada.

— Sem palavrão — lembrou Leckraj, muito prestativo, antes de dar outra mordida no sanduíche.

— Pessoal. — O sr. Smith se esforçava muito para não rir. — Segurem a onda. Isso é importante. Para o show e para vocês. E nada de palavrão na rádio.

— Cacete, foi mal — disse Leo, e Rose passou mal de rir outra vez.

— Desculpa — disse ela, recuperando o fôlego.

— Tudo bem. — Lily respirou fundo e ergueu o microfone. — A gente pode cortar o palavrão. Leo, então finge que acabei de fazer a pergunta e responde de novo.

Ele assentiu enquanto ela apertava o botão.

— Claro — retomou. — Muita gente se importa com a Naomi. Acho que bem mais gente do que ela mesma imaginava. Agora ela está de volta e vai precisar disso mais do que nunca, e acho que a gente queria fazer algo grande para ela, e para qualquer outro adolescente por aí... Talvez, não sei.

Ele baixou a cabeça, constrangido, e Rose massageou seus ombros.

— E você, Leckraj? — Lily levou o microfone ao rosto dele, que hesitou, com o sanduíche a caminho da boca. — Como é substituir um membro tão querido da banda?

Leckraj guardou o sanduíche no pote e fechou a tampa.

— Não estou substituindo a Naomi — respondeu Leckraj, pensativo. — Estou honrando a Naomi. Ela é a melhor baixista que eu conheço e, quando acordar do coma, vou chamá-la para sair. Ela provavelmente vai me rejeitar, porque é boa demais para mim, mas por que viver com essa dúvida, não é mesmo?

Eu, Leo e Rose nos viramos para Leckraj, e eu, finalmente, soube o que dizer.

— Cara, você é *totalmente* parte da banda.

Leo



Essa garota é louca

Red



O que a gente faz? Vai lá?

Leo



Não... Ela tá bem, o pai dela é advogado, Red

Red



A gente não devia ter deixado levarem ela

Leo



De jeito nenhum eu ia deixar me levarem junto, eu não teria saído. A Rose tá bem, ela sabia o que estava fazendo, mesmo doidona

Red



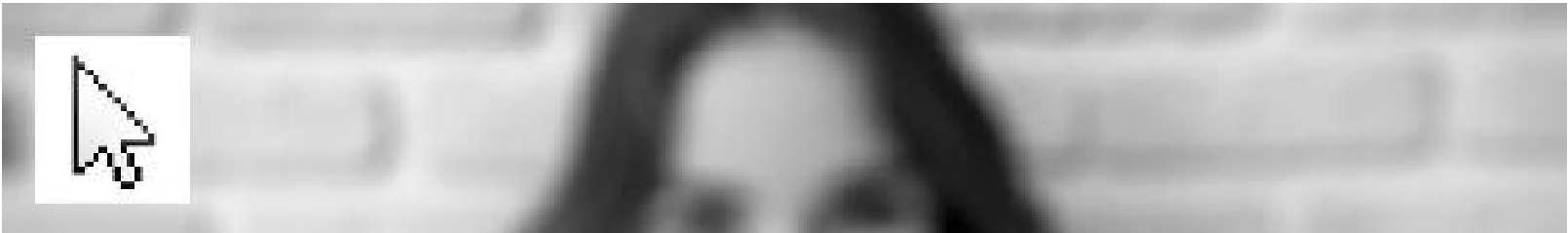
O que ela estava fazendo?

Leo



Pensando que teria uma boa história pra contar amanhã na escola. Olha o Insta dela

[Clique](#) para ver



“Tudo é lindo, até mesmo a cadeia, quando se está apaixonado!”

87 curtidas 19 comentários

Red



Como ela tirou essa porra dessa selfie na delegacia?

Leo



Sei lá, mas ela tá amando. Relaxa. A Rose sabe se cuidar

Red



Ela diz o mesmo sobre vc

Leo



Com razão. Mas eu tô bem louco, com a cabeça girando. Preciso fechar os olhos. Não surta, tá?

Red



Tááá.

Red



Apaixonada por quem?

Leo



Leo está off-line

POR QUEM A Rose está apaixonada?

Sento na cama e escondo o celular embaixo do travesseiro. Meu corpo está esgotado, mesmo que agora esteja forte e saudável. Os anos de obesidade e depois de desnutrição ainda me assombram, como se eu tivesse eliminado dez por cento de mim para sempre, enquanto tentava moldar meu corpo para mascarar meu sofrimento — ou para exibi-lo, não sei ao certo. Mas, às vezes, por mais que eu esteja em forma, meu corpo fica exausto, e hoje é um desses dias.

Meu cérebro não para de soltar faíscas; a tatuagem, Ash e sua missão, na qual acabei me envolvendo... e mais outra coisa. Tem alguma outra coisa que, quanto mais tento me lembrar, mais me escapa. Sinto como se tivesse esquecido algo importante, mas o que quer que seja, não consigo decifrar.

No quarto ao lado, minha mãe está apagada na cama, mas completamente vestida, um copo de vodca tônica quase caindo da mão. Pensei em tirá-lo dali, mas desisti. Quero que ela acorde no meio da noite, assustada com o líquido gelado nas coxas, ou então com o som de vidro se quebrando. Talvez assim ela se dê conta do seu estado.

Meu pai deve ter saído de novo, se é que sequer passou em casa.

Do outro lado do corredor, Gracie dorme sob as luzinhas pisca-pisca. Espero que ela tenha comido um bom lanche e passado uma tarde agradável com a mamãe depois da escola. Normalmente acontece, em geral ela recebe a atenção da mãe, só um pouco alta e alegre, carinhosa e divertida. A raiva só chega mais tarde, quando Gracie já foi dormir. Atravesso o corredor em silêncio para ver se minha irmã está bem, seu rosto tão doce quanto sua alma. Olhar para ela me faz lembrar de como é ter sete anos, em um período da vida em que não se faz ideia de que, às vezes, o mundo nos odeia sem motivo algum.

Agora, por mais que meu corpo esteja exausto, o sono não vem.

Tento mandar outra mensagem para o Leo, mas ele está off.

Fico pensando em como ele olhava para Rose antes de a polícia chegar. E em como ela olhava para ele e na dor que aquilo me causou. Se os dois ficarem juntos, tudo vai ser diferente. Primeiro éramos quatro amigos, depois viramos três. Agora, se eles ficarem juntos, será os dois e eu de vela. E talvez eu seja idiota, mas não quero isso. Nós quatro foi a melhor coisa que já aconteceu na minha vida. Não quero voltar a ser aquele zero à esquerda de cabelo ruivo e magricela que nunca fez diferença na vida de ninguém. Não quero voltar a ser invisível. Nossa, às vezes eu sinto nojo de mim.

Mexo na minha mochila e pego o caderno da Naomi. Está lotado de pedaços de papel, ideias que teve e rabiscou na primeira coisa que viu pela frente: embalagem rasgada de sanduíche, lenço de papel, o canto de uma folha de exercícios. Qualquer outra pessoa teria anotado no celular, mas não a Nai. Acho que faz sentido, quando sua irmã mais velha pode espiar tudo o que você tem na internet sempre que quiser.

Dou uma sacudida no caderno e separo os pedaços de papel. Vejo as letras completas escritas nas páginas do caderno e, quanto mais leio, mais sinto como se estivesse espiando algo que não é da minha conta. Todas são repletas de paixão e luxúria, o que não tem nada a ver com o estilo da Nai. As letras que escrevíamos em parceria eram sobre liberdade, sobre ser você mesmo; sobre não se encaixar em lugar nenhum, e não dar a mínima para isso. Às vezes, escrevíamos sobre desejar pessoas que jamais nos desejariam, mas nunca escrevemos nada como o que há nessas páginas. Essas músicas são para alguém,

essas músicas não são sobre desejo e vontade. São sobre fatos.

Macio
Desejo
Beijo
Afago
Toque
Boca
Duro
Ponta
Aberta

As palavras saltam das páginas, palavras que me dizem algo que todos nós deveríamos ter visto tão claramente, mas nos escapou.

Naomi estava saindo com alguém antes de desaparecer.

Estava apaixonada, porém, mais do que isso, estava tendo um caso explícito, proibido para menores, um relacionamento envolvendo sexo. É sobre isso que essas músicas falam. Ela estava apaixonada, obcecada. Sento na cama e releio as letras sem parar, procurando alguma pista. Sobre quem poderiam ser?

Quando penso nos últimos dias de aula, sim, tudo faz sentido.

Doze semanas atrás...

FAZIA CALOR E a gente não aguentava mais o colégio.

As provas já tinham acabado, e aquelas últimas semanas pareciam inúteis, todo mundo cansado e lento, se arrastando à espera do último sinal que nos libertaria para o verão.

Estávamos ensaiando algumas canções novas na sala de música, que basicamente tinha se tornado nossa, então ninguém nunca tentava usá-la. Pelo menos era esse o plano. Rose, Leo e eu já estávamos lá, mas Nai estava atrasada, então comecei a passar as letras com Rose, enquanto Leo tirava os acordes que eu havia escrito em uma pauta.

Quando chegou, Nai tirou a peruca de mangá vermelho-fogo e balançou o cabelo comprido, que caiu em mechas cor de mel.

— Quente demais para ficar montada? — perguntou Rose, e Nai deu de ombros, sentando-se no chão.

Naomi estava sorrindo. Mas eu lembro que aquele sorriso não era para nenhum de nós; ela sorria para si mesma. Nai agia como se não estivesse ali naquela sala, e sim em algum outro lugar, em outro momento que só importava para ela. “Mais tarde eu pergunto o que aconteceu”, pensei. Mas nunca perguntei.

Enquanto conversávamos sobre o setlist do show seguinte, que seria na formatura do último ano, ela sacou um pacote gigante de lenços umedecidos e começou a tirar a maquiagem. Olhei para Rose, que ergueu a sobrancelha, e para Leo, que estava tão concentrado na música que demorou um tempo até perceber.

A questão era que eu me acostumei com aquilo, a base branca que eliminava qualquer traço de suas feições, transformando o rosto dela em uma tela. Os grandes olhos de anime, desenhados a lápis, acentuados por cílios postiços enormes. As sobrancelhas delineadas que não tinham nada a ver com as verdadeiras. A boquinha, pintada como um botão de rosa, por cima dos lábios de verdade. Aquilo tudo era parte tão grande da Naomi que eu parara de procurar pelo seu verdadeiro rosto ali embaixo. Acho que ela havia se tornado invisível.

A gente continuou falando do setlist, de quais músicas deveriam entrar, em qual ordem, e ela continuou limpando o rosto, usando o pacote inteiro de lenços umedecidos. Quando finalmente ficamos prontos para ensaiar, o rosto dela estava limpo e natural, sua pele cor de café brilhante e renovada, as bochechas levemente rosadas, a boca de um tom mais escuro. E, sim, ela estava muito bonita. Por um instante, até fiquei com um pouco de vergonha.

— Porra — disse Leo, entusiasmado. — Tá gata, hein!

— Verdade! — concordou Rose. — Deixa eu maquiar você!

— Não fode! — Nai riu. — Acabei de tirar tudo. Cansei dessas coisas, sabe. Gosto mais do meu rosto ao natural, acho.

— Desde quando? — perguntou Rose.

— Desde agora. — Nai sorriu.

Ela pegou uma tesoura do estojo e cortou os laços que seguravam o espartilho que sempre usava, abriu o zíper da saia engraçada cheia de babados e ficou apenas com o colete preto e a legging, e dava para ver sua silhueta, suave e curvilínea, delicada e vulnerável.

— Está bem — falei.

Levei um instante para lembrar que aquela garota era minha melhor amiga, com quem eu tinha saído

um milhão de vezes sem jamais ter segundas intenções. E, nossa, como eu estava sendo fútil. Tirei aquilo da cabeça. A Nai era a Nai, era mais do que uma garota, ela era minha parceira.

Quando começamos a tocar, estávamos mandando bem, mas a Nai estava melhor do que nunca. Em vez de ficar no fundo, de cabeça baixa, ela fez contato visual com todo mundo, rindo e dançando. Parecia ter luz própria.

— Então, vou faltar à aula de tarde — disse ela depois, enquanto a gente arrumava as coisas.

— Como assim? Vai matar? — Rose arfou. — Você nunca faz isso! Por quê?

— Porque é uma puta perda de tempo — retrucou Naomi. — Estou com dinheiro, então vou procurar algumas coisas para o meu novo look.

— Espera, eu vou com..

Mas Naomi já tinha ido embora antes que a Rose conseguisse dizer que ia junto.

— Ela fica tão bonita assim — disse Leo. — Vai chamar atenção.

— Mais bonita do que eu?

Às vezes a Rose se comporta assim, pergunta coisas que ninguém com mais de cinco anos deveria perguntar.

Mas ela não deveria ter perguntado aquilo, daquele jeito, ao Leo, dando corda, jogando a isca e o lançando de volta ao mar. Ele cai todas as vezes, e meio que não posso culpá-lo, porque eu também caio.

— Você não é bonita — disse Leo, fazendo Rose abrir a boca e arregalar os olhos. — Você é linda.

Ela ficou toda boba por um instante, enquanto Leo botava a guitarra nos ombros e acrescentava:

— Para uma louca.

— Babaca! — gritou Rose, enquanto ele ia embora.

— Ele é babaca pra cacete, né? — Ela inclinou a cabeça para me olhar. — Quer matar aula e deitar no sol comigo?

Só de pensar em um gramado e em Rose com o cabelo cheio de margaridas e seus olhos alegres, antes mesmo de concordar eu havia esquecido completamente tudo o que a Nai tinha dito ou feito.



Aqui é onde quero viver

Por Naomi e Red

Andando feito um zumbi,
Agindo como um animal,
Desejo de um garoto perdido,
Querendo ser legal.

É no seu sorriso que quero viver.
É no seu toque que quero...
É no seu beijo que quero...
Com você estou aqui de verdade.
Com você tenho a certeza
De que aqui é onde quero viver.

Me alimento como um robô,
Durmo como um leão,
Salivando como um cão,
Desejando você.

É no seu sorriso que quero viver.
É no seu toque que quero...
É no seu beijo que quero...
Com você estou aqui de verdade.
Com você tenho a certeza
De que aqui é onde quero viver.

Aqui é onde quero viver.

Clique [aqui](#) para assistir ao vídeo

13

ESTAMOS ESPERANDO POR Rose no portão da escola quando ela aparece, saltando do Audi da Amanda como se fosse uma estrela do cinema. Casaco de pele falsa de leopardo até o chão, penteado bizarro, óculos escuros, batom rosa-shocking.

Leo e eu ficamos paralisados, olhando, e sei que minha expressão é a mesma que a dele, boquiaberta, olhos arregalados, a cabeça balançando de um lado para outro em uma mistura perfeita de que-merda-é-essa e nossa-eu-amor-essa-garota. O pai não sai do carro, nem sequer dá tchau, simplesmente vai embora assim que Rose bate porta. Ela nem se dá ao trabalho de olhar para trás enquanto marcha na nossa direção de braços abertos.

— Meu povo, meu povo! — grita ela, nos envolvendo em um abraço e beijando um de cada vez, começando por Leo.

Sinto a marca úmida e quente do seu batom rosa na minha bochecha.

— Que porra é essa? — pergunta Leo, rindo e fazendo uma careta ao mesmo tempo.

— Você é presa e volta para a escola no dia seguinte como se nada tivesse acontecido? — pergunto enquanto ela nos dá o braço e segue pela entrada do segundo ano de cabeça erguida, como se tivesse se divertido horrores.

— Quem ficou sabendo? — pergunta ela, abrindo um sorriso radiante para todo mundo que passa. — Todo mundo?

— A gente não contou para ninguém — respondo. — Nem precisou, você postou tudo.

— Legal, né? — Rose dá uma risadinha. — Não acha, Redster? Foi incrível! A coisa mais rock’n’roll que a gente já fez. Agora precisamos escrever uma música sobre a prisão.

— Cara, passar uma hora na delegacia não é ficar preso de verdade.

Leo cruza os braços, determinado a não parecer impressionado. Afinal, ele já esteve em uma cela uma ou duas vezes.

— Não importa o *tempo*, importa o que *parece*, certo? — diz Rose, dando de ombros. — Foi ridículo, na verdade. Eu chorei, e a moça simpática acalmou o gordinho.

— Seu pai ficou puto? — pergunto a ela, que ri.

— Meu pai nem sabe que isso aconteceu.

— Como assim? Um adulto precisa liberar você. Foi a Amanda?

Rose só continua rindo.

— Tenho meus métodos.

— Puta que pariu, Rose, que métodos? — pergunta Leo, balançando a cabeça.

— Não vou contar. — Ela sorri, e sinto vontade de matá-la. — Digamos apenas que caras mais velhos prestam para alguma coisa.

Leo desvia o olhar, escondendo qualquer sentimento que ela tenha provocado nele.

— Porra, Rose, você podia ter mandando uma mensagem! — digo.

Depois de ler as músicas da Nai, eu realmente precisava conversar com ela, mesmo sem ter certeza de que deveria comentar aquilo com alguém. Mas a primeira coisa que ela fez foi postar uma porrada de selfie no Instagram e ligar para quem, Maz Harrison?

— E qual seria a graça? — Rose esboça um sorriso.

— Seu pai vai descobrir que um tarado qualquer tirou você da cadeia — aviso a ela.

— Vai nada. E, de qualquer maneira, ele nem se importa tanto assim. — Por um instante, Rose parece decepcionada. — Falei hoje de manhã que estava de ressaca, para ver a reação, e ele só disse que as provas finais estão chegando e que sou uma garota esperta e, se parar de fazer merda, terei um futuro brilhante. Mas que, se quero mesmo destruir a minha vida, não há muito que ele possa fazer, porque precisa se concentrar na Amanda. Na verdade, ele só se importa com ela, como se seu trabalho fosse fazê-la feliz. Eu sou apenas uma inconveniência, uma vela na lua de mel eterna dos dois.

— Bem, pelo menos ele estava em casa — digo. — Meu pai não estava lá quando acordei hoje de manhã. Nem sei se ele chegou a ir para casa.

— Aff, quem precisa de pai, né? É até melhor assim — diz Rose, limpando a marca de batom do meu rosto com o polegar. — A vida seria bem mais chata se ele se importasse. E, de qualquer jeito, não preciso que ele dê a mínima, tenho outro papai para fazer isso!

— Que nojo — resmunga Leo.

— Como assim? O que isso quer dizer? — pergunto a ela na hora em que toca o sinal.

— O que você acha?

Meu Deus, como a Rose é irritante.

— Ensaio no intervalo — grita Leo para nós e sai correndo para a sala, claramente doido para se livrar da Rose e de seus dramas e provocações envolvendo caras mais velhos.

— Sim, chefe! — Rose presta continência antes de se virar para mim. — Ele me acha babaca, né?

— Você é babaca — respondo. — Mas, enfim, desde quando se importa com o que pensam de você? E explica que porra é essa de papai novo, porque isso tá bizarro pra cacete.

— Estou só de sacanagem. Eu me importo, sim, com o que vocês dois pensam de mim, e com o que a Nai pensa também. Talvez até o Leckraj, um pouquinho.

Com o corredor vazio, ela tira os óculos, e por trás deles não há a maquiagem preta carregada de sempre, apenas seus olhos azul-claros, contornados por pálpebras vermelhas e inchadas de choro.

— Só estou pouco me fodendo para o resto desses imbecis.

Eu a abraço e me perco no cheiro doce do seu cabelo.

— Leo não acha você babaca — digo para confortá-la. — Mas eu acho.

Ela me dá um soco bem forte nas costelas, mas pelo menos está sorrindo quando vai para a sala, os óculos escuros de volta no rosto.

Rose senta na mesa da professora, bem na frente da srta. Hardyman, e espera até que a turma inteira esteja olhando para ela.

— Vocês *nunca* vão adivinhar o que aconteceu comigo ontem...

— Red? — O sr. Smith bota a cabeça para fora da sala dele e acena para mim, sem saber o que fazer no meio do corredor vazio.

— Vou me atrasar para a primeira aula, sr. Smith — digo, me forçando a desviar a atenção da Rose quando a sra. Hardyman fecha a porta com uma força notável.

— Eu escrevo um bilhete me responsabilizando, só queria ter uma conversa rápida sobre o estado da Naomi. É difícil para todos vê-la daquele jeito, mas imagino que seja pior para você. Eram quase como uma família, não é? Quer dizer, ainda são, claro...

— É — respondo ao entrar na sala, e o sr. Smith fecha a porta. — Era o que eu achava, mas não sei o que aconteceu, e nada faz sentido na minha cabeça. Ela nunca mencionou nada para mim ou para os outros que fizesse a gente pensar que algo assim poderia acontecer. Sinto como se, de alguma maneira, eu tivesse decepcionado a Naomi.

— Não se culpe tanto assim. Todo mundo tem algum assunto sobre o qual não fala com ninguém — diz ele num tom baixo e gentil. — Eu sei que tenho, e aposto que você também. Isso não quer dizer que você não era, *não é*, importante para ela.

— Sei lá — digo, sabendo que o assunto está encerrado, mas não querendo ir embora. Gosto dali, é silencioso e calmo. — Qual é o segredo?

Ele ri e balança a cabeça.

— Acho que armei essa cilada para mim mesmo. Gosto de exploração urbana, é isso. O meu segredo. Gosto de entrar e invadir prédios antigos e abandonados e dar uma olhada dentro deles. Nem sempre é totalmente legal, mas é bastante divertido.

— Se você diz.

Ele ri de novo.

— Não conte para ninguém, ok? Não quero ter problemas.

Não entendo como alguém teria problemas por causa daquilo, mas faço que sim de qualquer maneira.

— Como vai a família da Naomi? Pensei em dar uma passada lá, mas não quero ser invasivo.

— Acho que eles não se importariam. Acho que a sra. Demir gosta de ter gente por perto, se sentir querida, essas coisas. É uma distração. Acho que ela ficaria grata.

Eu observo enquanto ele arruma os papéis na mesa cuidadosamente.

— Gostaria de falar sobre mais alguma coisa?

Balanço a cabeça, prestes a contar a ele tudo que anda se passando na minha mente. Mas não falo nada. Não sei nem dizer o motivo, só sei que se eu expressar em voz alta todas as coisas em que venho pensando, ele vai achar que estou surtando e vai me obrigar a frequentar o programa de alunos com necessidades especiais da escola e a consultar um terapeuta e outras merdas. Uma garota se matou uns anos atrás e, desde então, se alguém aparenta estar minimamente triste, eles mandam a pessoa para a terapia, e terapia nunca ajudou minha mãe. Mas, se eu fosse pedir ajuda para alguém, seria para ele.

— Red. — Ele hesita por um instante. — Suas provas estão chegando e... Olha, não quero colocar você em uma situação constrangedora, mas acho que está lidando com coisas demais. Vi sua mãe no supermercado outro dia e...

Ai, meu Deus, por favor, diga que isso não é verdade. Quero virar do avesso de tanta vergonha.

— Ela estava bêbada — completo, como se cada palavra pesasse uma tonelada.

— Era o que parecia. Você não me disse que ela estava bebendo desse jeito de novo. As coisas andam mal em casa?

E se eu disser que sim? O serviço social vai voltar, e, dessa vez, qualquer coisa que eu falar só vai piorar tudo. É difícil, tenho vontade de botar tudo para fora, cada pedacinho do mosaico que representa minha vida em casa. Se tem alguém que pode me entender, esse alguém é o sr. Smith. Mas não posso. Até tenho como sair bem disso tudo, mas e a Gracie? E se eles a levarem embora ou algo do tipo? Não posso correr o risco de que isso aconteça.

— Não, não está tão mal quanto parece. Quer dizer, minha mãe não anda muito bem, mas meu pai está cuidando de tudo, procurando ajuda. Ela quer parar, sabe, então as coisas estão sob controle. Por favor, não comente com ninguém sobre isso. O senhor sabe que meu pai faz parte do conselho da escola, ele ficaria arrasado se a notícia se espalhasse.

A ideia me parece atraente por um segundo, mas a verdade é que eu quero tanto quanto ele evitar que meu desastre familiar se espalhe por aí.

— Quero que saiba que pode contar comigo se precisar de ajuda — diz ele. — Você tem muito talento e um futuro brilhante pela frente. Às vezes, a gente só precisa de alguém do nosso lado, sabe? E, bem, eu estou do seu lado.

Faço que sim com a cabeça.

— Valeu, sr. Smith.

— Aqui.

Ele escreve um bilhete para mim, eu pego e saio da sala.

— Red? — Eu me viro. — Lembre-se, a minha porta está sempre aberta.

E, por incrível que pareça, a caminho da primeira aula percebo que já estou me sentindo bem melhor.

Nem Leo nem Rose estão no hospital quando eu chego.

Recebo uma mensagem do Leo.

Foi mal aí, tem umas merdas rolando aki em casa.

Mas nada da Rose. Então, por conta própria, sigo o labirinto já familiar de corredores até o quarto da Naomi. Não tem ninguém com ela, nenhuma enfermeira por perto e nem sinal da família. Não vejo muito sentido em ficar ali do lado de fora, então, depois de um instante, abro a porta e entro.

— Oi. — Eu me sento ao lado dela. — E aí, como vai? Comigo, tudo igual. Como vai sua cabeça? Ainda esmagada? Ah, o sr. Smith perguntou de você hoje. Acho que a escola toda está fazendo um cartão de melhoras, e o coral vai gravar uma música, o que deve ser o suficiente para você querer continuar em coma.

Naomi não responde, claro. Não sei por quê, mas sempre espero que ela diga alguma coisa.

Faz três dias que ela está internada, e os hematomas melhoraram, o rosto se parece um pouco mais com o que eu conhecia antes de ela sumir.

— E flagraram minha mãe bêbada, dirigindo um carrinho de supermercado. Acorda, Nai — sussurro no ouvido dela, com certo desespero, querendo ouvir sua voz, aquele resmungo grave e sarcástico de quando me manda parar de fazer drama. — Acorda e conta pra gente que porra é essa que está acontecendo.

— Ela não poderia fazer isso hoje nem se quisesse — diz a dra. Patterson, entrando no quarto. — Você não deveria estar aqui, sabe. Só permitimos membros da família.

— Mas a sra. Demir disse que a gente podia visitar sempre que quisesse.

— A sra. Demir não entende muito bem o conceito de UTI. Não é como se ela tivesse quebrado uma perna. Ela precisa de silêncio.

— Ela está melhorando?

— Não posso dizer — responde a dra. Patterson. — Só permitimos membros da família, lembra?

Pego a mochila, e ela suspira.

— Pode ficar mais um minuto. Vou dar notícias para a família quando eles chegarem. Você pode ouvir com eles.

— Valeu — respondo.

Quando ela sai, desbloqueio a tela do celular, procurando minhas gravações.

— Escuta só — digo, olhando para Nai. — Espero que não se importe, mas peguei seu caderno, aquele com as letras que você escreveu depois que, bem, depois que começou a compor sozinha, e criei uma melodia para uma delas ontem. Não conseguia dormir, então gravei. O que acha?

Aperto o play e seguro o telefone próximo ao ouvido dela.

Enquanto a música toca, penso na letra.

O jeito que você me toca me faz delirar.

O jeito que você me quer

Me faz berrar e gritar.

Não quero viver mais um segundo sem você aqui comigo.

Não quero forjar mais uma morte sem estar contigo...

Forjar mais uma morte. Será que isso é uma pista? Será que Naomi estava planejando sumir desde o início? Balanço a cabeça quando a música acaba; essa porra dessa letra pode significar qualquer coisa. Seria insano tentar encontrar um sentido, a não ser pelo fato óbvio de que foram escritas por alguém que estava transando loucamente.

Suspirando, entro no nosso Tumblr e vejo que alguém comentou e mencionou um link para uma fanpage. Um fã-clube da Mirror, Mirror!

— Porra, Nai, a gente tem um fã-clube.

Não consigo conter o sorriso ao clicar no link e ver um monte das nossas letras dispostas sobre uns desenhos elaborados e bonitos nos quais as palavras se mesclam com as imagens e vice-versa.

— É incrível, Nai. Alguém ouviu mesmo as nossas coisas e entendeu.

Dou uma olhada em todo o conteúdo e sigo o blog. Faz alguns dias que não postam nada, mas antes era atualizado diariamente. Então vejo o nome de usuário do criador da página, Eclipse, e clico no link para o Instagram.

Sua foto é a ilustração de uma garota de perfil com um cabelo longo e os cachos enrolados em uma lua cheia. Apenas algumas postagens, nenhuma selfie, umas merdas motivacionais, fotos sem graça da mesma vista e só.

Óbvio, nossa primeira megafã é uma loser.

Nesse momento, noto que o link no perfil do Instagram dela é do Toonify e clico nele. Mas ali o usuário é outro. DarkM00n. A pessoa que copiou todas as playlists da Nai. Uau, ela é megafã mesmo. Ou alguém com uma curiosidade mórbida. Tragédias trazem à tona esse sentimento de morbidez nas pessoas. Na semana seguinte ao desaparecimento da Nai, nosso número de seguidores nas redes sociais dobrou, e depois dobrou de novo quando a Nai foi encontrada e a imprensa divulgou que ela estava em coma. As pessoas gostam de tragédia. As pessoas são estranhas.

DarkM00n quer mesmo chamar nossa atenção.

Será que ela é gata?

Talvez seja nossa primeira groupie.

Ou stalker.

Quer dizer, estou deduzindo que seja uma garota, mas não tenho como saber. Pode ser um caminhoneiro de quarenta e cinco anos chamado Ken.

— Quem você acha que é essa pessoa? — pergunto a Nai. — Provavelmente algum aluno pela-saco de arte do sétimo ano. Mas, ainda assim, vale como megafã, e a gente sempre quis ter um, né?

O som mecânico da respiração dela e os apitos dos aparelhos continuam, e sinto como se minhas entranhas estivessem se corroendo.

— Estou com tanta saudade de você, Nai — sussurro.

Sinto um nó na garganta, meus olhos ardem, mas não vou chorar. Nai nunca me deixaria em paz se me pegasse chorando por causa dela.

De repente, meu celular começa a apitar com um monte de notificações. Twitter? Não uso aquilo há meses. Mas as notificações não param, uma após a outra.

@Keris retuitou você

@BeeCee retuitou você

@HunNun94 retuitou você

Que porra de tuíte é esse que está todo mundo retuitando?

Depressa, faça o login em @mirrormirrorband e vejo que temos 29 RTs, que não param de aumentar. Aparentemente, eu tuitei uma foto da tatuagem da Nai.

Vocês sabem quem fez isso ou quem tem uma igual? Por favor, ajudem a gente a descobrir o que aconteceu com a Naomi.

— Que merda, Ash — digo.

— Que grosseria — diz Ashira, parada na porta.

Ela gesticula para que eu a siga, e obedeço, indo para o corredor.

— Você hackeou a minha conta no Twitter! — acuso, baixinho, enfiando o celular na cara dela.

— Não, eu peguei emprestada para postar a foto da tatuagem. Concluí que o Twitter era a melhor plataforma para espalhar a notícia, com maior chance de retuítes, maior alcance, maior chance de acerto. Eu sabia que você ia concordar, então achei melhor postar logo. Quatro da tarde é o momento de pico no Twitter, sabe...

— Você hackeou a merda do meu Twitter — repito, recebendo uma olhada bem feia de uma enfermeira que passava por perto.

— O Twitter é da banda, então pelo menos vinte e cinco por cento pertence à Nai e, mesmo assim, que tipo de idiota não pede uma verificação em duas etapas? Só você. Agora aprendeu a lição, de nada.

— Olá, querida. Olá, Red, meu bem. — Jackie e Max saem do elevador, exaustos e amarrotados. — Os outros ainda não chegaram?

— Ainda não — respondo. — Leo está resolvendo um problema em casa, mas Rose disse que o pai dela vai deixá-la aqui mais tarde.

— Está bem. — Jackie dá um tapinha carinhoso no meu braço e segue para ver a Nai.

— Preciso contar uma coisa — sussurro para Ash, puxando-a para longe da porta aberta do quarto da Nai. — Eu estava lendo o caderno de letras da Nai ontem e...

— Sr. Demir?

Uma voz atrás de nós me interrompe, e Ash bota o dedo sobre a minha boca para me silenciar, me pegando totalmente de surpresa. Ela assente para o pai, segurando minha mão e me levando na direção de onde ele está com a médica.

— Dra. Patterson? — Max sorri para a médica, mas ela não retribui.

— Quer buscar sua esposa? — pergunta ela. — Para que eu passe as informações atualizadas a vocês dois ao mesmo tempo?

Jackie surge na porta, com os olhos já cheios de lágrimas.

Max segura a mão dela, apertando com força enquanto a dra. Patterson fala, olhando para qualquer direção, menos para a nossa.

— Então, a última ressonância da Naomi mostra que a hemorragia cerebral foi contida, o que é uma boa notícia. No entanto, o cérebro ainda está bastante inchado. Decidimos que vamos mantê-la sedada por mais vinte e quatro horas até reavaliarmos o quadro.

— Mas ela piorou? — Jackie mantém o rosto profundamente tenso.

— Está um pouco melhor — diz a dra. Patterson. — Temos um longo caminho pela frente, Jackie, e você não pode esperar por milagres. Ou melhor, não deve.

— Mas ela não piorou. — Jackie assente, como se fosse tudo o que precisava ouvir.

— Ela não piorou — repete a dra. Patterson, séria.

Jackie e Max entram para ver Nai, e Ash olha para mim.

— Quer saber, deixa pra lá — digo.

— Me conta — insiste ela, dando um passo à frente.

Eu me lembro do dedo dela na minha boca e dou um passo para trás.

— É só um chute — digo, balançando a cabeça. — Eu não tenho literalmente prova nenhuma.

— Fala logo, porra.

— Eu acho... — Hesito e suspiro. — Acho que a Nai estava saindo com alguém. Logo antes de desaparecer, e era um lance sério. Acho que talvez ela não estivesse fugindo da gente, mas sim indo atrás de alguém. Alguém que ela achava mais importante do que tudo. Alguém que ela escondeu de todos nós.

— Também acho — diz Ash, me surpreendendo pela segunda vez.

— Sério? — Olho para ela, que assente.

— É a única coisa que faz sentido para mim, que algo ou alguém surgiu na vida da Nai e fez com que ela mudasse tão radicalmente.

— E o que a gente faz? — pergunto quando ela se aproxima mais uma vez.

Dessa vez, não recuo.

— A gente tem que descobrir quem é essa pessoa — diz ela.

DEIXEI AS MEIAS e os sapatos na varanda do pequeno jardim e caminho de um lado para outro pelo piso da cozinha da casa de Rose, com os pés descalços, feliz por não estar no hospital, por estar longe de Ash e de sua intensidade confusa. Por um lado, é legal ficar perto dela, aquela energia me faz pensar que talvez eu possa fazer algo para ajudar a Nai. Por outro lado, não sei. Tem alguma coisa nela que deixa meu corpo tenso.

Aqui, na casa da Rose, é calmo, ensolarado e tranquilo.

Ela mora a apenas algumas ruas de distância da minha casa, mas Londres é assim. Arranha-céus e conjuntos habitacionais, casas de estilo arquitetônico clássico, como a minha, e casas tipo a da Rose — mansões chiques com garagem, porões e anexos de vidro —, tudo agrupado no mesmo bairro. Pobres e ricos moram lado a lado, mansões luxuosas como essa, e o apartamento de dois quartos do Leo logo virando a esquina. Sempre foi assim por aqui: pobres e ricos não precisam procurar muito para verem como o outro vive.

Quando Rose mandou mensagem dizendo que precisava conversar comigo, saí correndo do hospital e vi que Ash ficou irritada porque a larguei lá. Na cabeça dela, algo ruim aconteceu com a Nai, e essa é a única explicação possível. Ela não consegue cogitar que a irmã possa ter fugido em busca de uma nova vida, que talvez possa ter planejado aquilo. E acho que até entendo, mas qualquer coisa que a tenha arrastado para aquele rio seria melhor do que ter sido abduzida por um psicopata, certo?

Não que a gente saiba algo de concreto.

Dou um suspiro e refresco os dedos dos pés nos azulejos de mármore da cozinha de Rose, que é tão diferente da minha, velha e escura, com uma geladeira imensa e barulhenta e uma máquina de lavar que nem parece uma máquina de lavar. O pai da Rose é rico, e dá para ver pela casa. Não tem geladeira, nem máquina de lavar roupa ou louça na cozinha. A TV da sala é do tamanho da parede. O piso está gelado sob meus pés quentes, então continuo andando, de um lado para outro, entrando e saindo pela porta do jardim, onde Rose está sentada sob o gazebo, ensaiando o que vai dizer na frente das câmeras, depois vou até o meio da sala e olho meu reflexo na TV gigante. Sem parar.

— Olá, meu bem! — Amanda me vê ao descer a escada, óculos escuros presos no alto da cabeça, em meio ao cabelo louro esvoaçante.

Ela poderia estampar uma revista de estilo de vida, roupa impecável e toda combinando, pouca maquiagem e muito laquê. Na verdade, eu até gosto da Amanda, ela é gentil, mas não posso dizer isso para Rose. Talvez seja natural para quem perdeu a mãe tão cedo. Para ela, ninguém vai ser tão boa quanto a mãe. Para mim, qualquer uma parece melhor que a minha.

Os olhos da Amanda se voltam automaticamente para meus pés, e eu encolho os dedos suados.

— Como a Naomi está?

— Nada de novo, Amanda. Mas valeu por perguntar.

Abro um sorrisinho sem graça, com cuidado para não dar muito papo. Rose odeia quando ela tenta se aproximar da gente, quando diz que podemos chamá-la de Amanda, mas, sinceramente, fico feliz por não ter que chamá-la de sra. Carter. Seria esquisito demais, ela é só dez anos mais velha do que eu.

— Quer comer alguma coisa, Rose? — grita Amanda para a enteada.

Rose não responde.

— Estou de saída. Quer alguma coisa?

Rose não responde, mais uma vez.

— Ok! Divirtam-se!

Amanda nunca deixa claro que odeia Rose, mas dá para notar.

Ela deixa isso no ar quando vai embora. Junto com seu perfume caro.

Assim que a porta pesada se fecha, Rose grita do jardim:

— Red, vem cá!

Está calor demais para o final do verão, e Rose improvisou um camarim com espelho, maquiagem e cadeira na mesa mais iluminada.

— Então — digo —, quem é o trouxa que você vai encontrar?

— O quê? — Rose torce o nariz. — Ninguém. Cala a boca.

— Bem, então o que era tão urgente? Eu estava com a Naomi.

— Ela nem percebeu.

— Rose, a Nai é sua amiga!

— Eu sei disso, cabeça. Ela é minha amiga para sempre, e vou lá mais tarde, não vou? Só acho muito difícil olhar para ela naquele estado. Você não acha? Não tem vontade de gritar vendo o rosto dela todo...

— Ela gesticula, mas não consegue encontrar as palavras. — Enfim, o que precisamos mesmo é de um vídeo novo no site antes do show, vamos fazer isso agora. Passa um lápis na minha boca, vai.

— Rose! — Olho para ela segurando um lápis na minha direção. — Eu não sei passar batom, pelo amor de Deus.

— Não precisa saber, é só traçar o contorno dos lábios e depois preencher. Pode fazer isso, não pode? É o básico.

A ideia de ficar tão perto de Rose dá um nó no meu cérebro. É idiota, a gente passa muito tempo lado a lado, os corpos grudados, mas não entendo por que essa situação me faz ter espasmos de ansiedade. Mas também sei que ela não vai desistir até conseguir o que quer de mim, e não tenho energia para debater.

— Tá bom.

Puxo uma cadeira e pego o lápis. Não é uma das cores que ela costuma usar, e sim um rosa-claro cintilante, parecido com a cor natural de seus lábios. Eu me aproximo, e nossos rostos ficam pertinho enquanto faço o contorno dos lábios, a subida e a descida do arco do cupido, o brilho do lábio inferior carnudo, que ondula sob a pressão da ponta do lápis. Enquanto desenho, sem tirar os olhos de sua boca, sinto um aperto no peito, e uma sensação que cresce dentro de mim como bolhas se formando, subindo desde a ponta dos meus pés, e meu corpo inteiro começa a borbulhar, eu só consigo pensar em como seria beijá-la e sentir aqueles lábios nos meus. Sinto um desejo tão intenso que não aguento ficar perto dela nem por mais um segundo sem dar bandeira.

— Pronto!

Levanto correndo e me afasto. O lápis escorrega dos meus dedos, que de repente parecem grandes demais, cai na mesa e rola para o chão.

— O que foi, estou com bafo, por acaso? — Rose franze a testa, e eu dou de ombros.

Ela pega o celular, digita o código e bota a câmera no modo vídeo.

— Posso? — Ainda não consigo olhar para ela, não quero que olhe para mim, preciso que esse sentimento diminua para um nível controlável. — Vamos fazer isso ou não? Falei para a Gracie que ela podia me ajudar a ensaiar antes de dormir.

— Sério, cara, o que aconteceu aqui? — Rose vira a cabeça para mim. — Por que ficou sem paciência do nada?

— Está tudo bem — minto. — Só tenho coisas mais importantes para fazer do que ficar maquiando você.

— Não tem nada. — Rose franze o rosto. — Red...?

Conheço bem aquele tom, geralmente significa o começo de uma conversa constrangedora.

— Rose, por favor, deixa pra lá. Nem tudo é sobre você.

Em condições normais isso seria mentira, porque a cada dia tudo gira mais ao redor dela, mas hoje não. Bem, não agora, pelo menos.

— Eu sei disso. Olha, estou preocupada com você. A gente nunca fala sobre sua vida, e você claramente tem vários problemas. Mas nunca divide nada. Por quê?

Rose fecha o espelho de maquiagem e vem até mim.

— A gente fala de mim o tempo todo, sobre como ninguém me entende, como minha família não liga pra mim... — Ela está sorrindo, mas por trás daquele sorriso tem algo sério, uma promessa de confiança.

— Sei que posso me abrir com você, Red.

Ela pega minha mão e a leva ao rosto e, naquele momento, quero entrar em combustão, explodir e virar cinzas. Seria ótimo. Mas só fico ali, um corpo com terminações nervosas.

— Sabe que pode se abrir comigo?

— Claro que sim...

Afasto a mão do rosto dela e me pergunto se aquilo de fato é verdade. Posso mesmo me abrir com ela? Com a garota que debochou de basicamente todas as declarações sinceras de amor que já recebeu? Não que eu a culpe por desconfiar do mundo; o mundo não nos deu um bom motivo para confiar nele.

— Você gosta de alguém? — pergunta, e eu suspiro, enfiando as mãos nos bolsos, junto com o celular dela. — Porque, se for isso, você deveria correr atrás da garota e dizer o que sente, seja lá quem for. Você também merece ser feliz.

— Também?

— Sei lá, também, como as outras pessoas felizes. Eu sou feliz, e o Leckraj, ele parece bem de boa.

Não consigo conter um sorriso.

— Bem, é porque o amor da vida dele é o baixo. Rose, quando vamos fazer essa bosta de vídeo? Por mais incrível que pareça, eu realmente tenho outras coisas para fazer além de te servir.

— Tá bom, tá bom! Estou apenas dizendo que você é um partidaço e que outras garotas também acham isso. Sei que a Milly Harker, do nono ano, vive de olho em você e...

— Rose, para, tá bom? — Acaba soando mais grosseiro do que eu gostaria. — Olha, não quero arrumar uma namorada, ok? Ainda não estou pensando nisso, estou pensando na banda e no Leo e... em vo... você... — Gaguejo na última palavra. — Talvez você consiga dar uns amassos em um estranho enquanto a Naomi está em coma, mas eu não sou assim.

Rose me observa por um instante e, então, dá de ombros e se vira para arrumar a maquiagem na mesa.

— Então, você está basicamente me acusando de ser uma vaca egoísta e sem coração — retruca ela, e sei que a magoei, o que me magoa também.

— Não, estou apenas dizendo que não quero nada disso no momento. Não estou com cabeça.

— Bem, deve ser a única pessoa de dezesseis anos no mundo que não está com cabeça pra isso. Então, vamos fazer logo esse vídeo. Estou pronta para entrar em cena.

Antes que eu consiga começar a gravação, o celular da Rose vibra nas minhas mãos. É uma mensagem de um número desconhecido. Sem querer, visualizo a mensagem.

Não paro de pensar no que fizemos hoje. Quando vamos repetir a dose?

— Ei! — Rose arranca o aparelho da minha mão.

— Quem é, Rose? Com quem você está saindo? É o Maz?

— Nossa, Red, se acalma! Saí com um carinha da St. Pauls, a gente só ficou de bobeira, não foi nada sério. Claro que ele se apaixonou por mim.

A hesitação na resposta foi minúscula, mas estava lá. Rose estava mentindo para mim sobre um

garoto? Por que ela faria isso? Por que mentiria para a pessoa com quem ela pode se abrir? Ela dá um leve sorriso ao responder a mensagem, o rosto corado. Rose gostou do cara.

Meu peito é tomado pela raiva e saio para calçar a meia e o tênis, querendo mais é arrancar os cadarços.

— O que você está fazendo?

— Estou indo embora. Já falei, tenho que ensaiar com a Gracie.

— Red, por favor! — Ela me encara. — Vai levar três minutos, por favor. Desculpa, tá bom? Não sei por que isso incomodou tanto você. Ele é só um cara que conheci no acampamento de teatro que meu pai me obrigou a ir. Claro que ele está apaixonado por mim, e claro que já perdi o interesse. Por favor, não fica com raiva! Não tenho culpa de ser um ímã sexual.

Ela está brincando, mas não acho graça. Se fosse um cara do acampamento de teatro, não me importaria. Se fosse só mais um “carinha”, ela estaria lendo as mensagens em voz alta e estaríamos rindo do Snapchat dele.

— Não estou com raiva. Mas eu me preocupo.

— Se preocupa? — retruca ela, indignada. — Porra, Red, você virou meu pai? Podemos fazer logo o vídeo, por favor?

— Tá bom — digo, pegando o celular dela mais uma vez. — Tenho cinco minutos, vê se faz direito.

Por trás da câmera do celular, observo Rose se concentrar, falando como se fosse uma patricinha fofocando com sua melhor amiga, só que, claro, isso não faz o estilo dela. Fico olhando seu sorriso, os olhos brilhando, os lábios se abrindo enquanto ela faz seu tutorial irônico de maquiagem. Ela é engraçada e inteligente e parece destinada ao sucesso. Penso nela chegando na escola hoje cedo, como se mandasse em tudo. Dando cada passo como se estivesse conquistando o mundo. E embora passe a imagem de uma pessoa que não se deixa atingir por nada nem ninguém, sei que é o ser mais assustado e solitário que eu conheço.

Penso que, se eu deixasse alguma coisa machucá-la, sabendo o que eu sabia, não poderia viver com esse peso na minha consciência.

23 de junho

Rose



cara, às vezes eu não consigo tirar certas coisas da cabeça, sabe?

Red



O que foi? Já é tarde, tá tudo bem?

Rose



Os flashes aparecem quando eu menos espero. Do nada. Acho que estou tendo um pesadelo, mas não estou. Porque aquilo aconteceu mesmo

Red



Tá tudo bem. Quer ver um vídeo de gatinhos?

Clique [aqui](#) para assistir



Rose



Você me entende

Red



Porque alguém no mundo precisa entender você, né.
Quer vir pra cá?

Rose



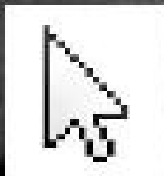
Não, já vai passar.
Só fica aí, tá? Não dorme, nem larga o celular, manda
mais vídeos

Red



Cachorro preso no sofá

Clique [aqui](#) para assistir



Red



Lontras de mãos dadas

Clique [aqui](#) para assistir



Red



mais?

Rose



Mais. Te amo

Red



Eu sei.

CHEGO EM CASA e a Gracie está sentada na sala de estar assistindo a *The One Show*.

— Red! — Ela pula nos meus braços, está com cheiro de ketchup e de escola. — Bateria?

— Com certeza — digo, apoiando seu quadril na minha cintura. — Cadê a mamãe?

— Na banheira — diz Gracie, enquanto subimos. — O papai veio para casa! Ele trouxe pizza!

— É mesmo? — Sorrio para ela. — Cadê ele?

— Não sei. Acho que saiu de novo. — Ela não parece se importar com isso, contanto que ele tenha deixado a pizza.

Engraçado como as crianças pequenas amam os pais mesmo que eles sejam uns merdas, porque não sabem a diferença. E, então, um dia, tudo muda. Isso me deixa triste. Não quero que chegue o dia em que a Gracie não ficará animada de passar vinte minutos com o pai e uma pizza.

— Bem, vai lá no quarto e prepara tudo, ok? — digo a ela e depois a coloco no chão. Depois paro na porta do banheiro e grito: — Você vai tocar bateria e depois vou botá-la na cama!

Ela não responde, mas ouço a água correndo e, depois, a torneira fechando. Então deixo pra lá e me junto à Gracie. Só tem um jeito de ensaiar em casa: tenho que ligar os fones de ouvido no som e botar abafadores na bateria. Coloco Gracie sentada no banco e ligo o som, escolhendo um hard rock pesado, o estilo favorito dela. Aperto play e lá vai ela, espancando a bateria. Eu a observo por um tempo, olhos fechados, um sorriso bobo no rosto. Sério, eu preciso passar mais tempo com minha irmã, preciso fazer de tudo para ela ficar bem; tipo, Gracie parece bem, mas como ela saberia se não estivesse? Como eu saberia?

Ela bate com tudo, e nesse instante minha mente se volta para a Rose com um desejo repentino, e sinto culpa. Por saber de tudo pelo que ela já passou, tudo que guardou em segredo e quanto minha amizade significa para ela e, ainda assim, desejá-la. Desejá-la tanto que chega a doer, no fundo do peito.

— Cadê a Gracie? — grita minha mãe da porta.

— Aqui — digo. — Falei que vou botá-la para dormir.

— Vamos. — Ela arranca os fones da cabeça da minha irmã e a arrasta para fora, reclamando.

— Quero tocar com Red — resmunga Gracie.

— Eu falei que vou botá-la para dormir! — repito, mas minha mãe não responde.

Às vezes, realmente acho que sou invisível para ela, mas aí lembro que não, porque se fosse mesmo ela não faria um esforço absurdo para não olhar para mim. Na verdade, só saio perdendo nesse jogo, porque, ao mesmo tempo que me ignora, ela dispara toda a raiva contra mim como um raio laser.

— Tá bom — digo, batendo a porta com muita força para irritá-la.

Eu me sento na cama e pego o celular.

Não tem ninguém on-line.

Sinto uma inquietude e uma inutilidade, idiota e refém do meu próprio corpo. Meio como uma pintura que vi certa vez em uma excursão do colégio a uma galeria de arte, de um jovem magro e pálido com o cabelo ruivo, jogado na cama, talvez morto, e me sinto um pouco do mesmo jeito. Como se eu fosse poeta ou artista, que são sempre destinados a uma maldição no amor. O que senti perto da Rose mais cedo me tirou do sério. Foi assustador e excitante. Mas existem dois motivos muito importantes para eu esquecer isso.

Não sou nem um pouco o tipo dela e não tenho como mudar isso.

E, mesmo se fosse, eu conheço a Rose. Conheço de um jeito que ninguém mais conhece, e isso é mais importante do que tudo. O que parece insano, mas é verdade porque eu sei a verdade sobre a Rose.

Além dela, e de quem fez aquilo, sou a única pessoa que sabe que aos quatorze anos algo terrível aconteceu com ela. E depois disso Rose nunca mais foi a mesma.

Oito meses atrás...

ELA FICOU QUIETA de repente. Como se a luz tivesse se apagado em seus olhos, e ela se desligou por um instante, perdida em algum outro momento distante. A gente estava rindo, conversando e vendo filmes idiotas no quarto dela. Nossa amizade era recente, ainda estávamos nos conhecendo, tentando nos desvendar, descobrindo qual era o nível de afeição e intimidade.

Nem lembro qual era o filme que estava passando, algum clichê adolescente, aquela baboseira da garota nerd que passa por uma transformação a tempo de ganhar o primeiro beijo.

— O que foi? — perguntei e, quando ela não respondeu, toquei seu pulso com a ponta dos dedos. — Terra chamando Rose.

Rose piscou, balançando a cabeça, e me sentei com as pernas dobradas quando reparei que uma lágrima escorria pelo seu rosto.

— Merda, o que aconteceu?

Eu me vi em um impasse entre querer confortá-la, abraçá-la, e também sair correndo dali. Mas tinha me prometido que nunca seria o tipo de pessoa que se afasta quando alguém está sofrendo, que nunca fingiria que tudo estava bem quando na verdade não estava. Então, me forcei a ficar.

— Rose, você pode se abrir comigo, pode falar qualquer coisa.

Ela olhou para mim pelo que pareceu muito tempo, tanto que eu quis desviar o olhar, mas aguentei firme. Esperei.

— Se eu contar uma coisa, algo que nunca contei para ninguém, você promete, *promete* que vai guardar segredo?

— Sim — respondi na mesma hora, e guardaria mesmo.

Foi assim tão fácil que jurei lealdade a ela, e independentemente do que ela dissesse, o mais importante naquele momento foi demonstrar que ela tinha a minha amizade.

— Aquela garota, com o vestido de formatura e olhos brilhantes, e o primeiro beijo... — Ela balançou a cabeça em direção à TV, onde a imagem da atriz estava pausada em um momento super-romântico. — Aquilo não é real, sabe? A gente cresce rodeada de princesas, coisas rosa, finais felizes e românticos, mas nada disso é real. O mundo é cruel e frio. Era isso que deveriam ensinar para as meninas, não essas merdas.

— É, eu sei. — Um mal-estar tomou meu corpo.

Aquilo não era sobre uma discussão com o pai, era diferente, eu sabia.

— Quando eu tinha quatorze anos, estava ficando com o Martin Heaver. Eu gostava dele, porque era um desses garotos que todo mundo conhece. Exibido, popular. Andava todo cheio de marra e as garotas gostavam dele, mas estava na cara que era um babaca.

Ela falava com os olhos fixos na TV, naquela garota com a boca aberta, pronta para o beijo perfeito.

— A gente saiu algumas vezes e foi legal. Fomos ao cinema, fizemos caminhadas românticas, ele me levou para comer pizza. Ele era fofo e engraçado e eu estava... sinceramente, muito feliz. Acho que mais feliz do que nunca, o que piora tudo. Achei que estivéssemos apaixonados, tudo parecia especial. Brilhante e dourado, como se estivesse coberto de glitter. Ele foi o primeiro garoto que eu beijei. Foi perfeito, pelo menos foi o que pensei. Que babaca. Agora não consigo recordar aquele momento sem ter vontade de vomitar.

— Rose... — Cheguei para a frente, me sentando entre ela e a tela da TV, forçando um contato visual.

— Me conta.

Ela fitou meus olhos por um instante e, então, virou para o lado novamente. Naquele momento, percebi que Rose não queria que eu olhasse para ela; na verdade, não queria nem que eu a visse. Então, desliguei a TV, fui até a janela e fiquei olhando para a rua, calma e silenciosa.

— A gente estava junto havia umas duas semanas — começou ela, mais uma vez, com um tom monótono e pesado. — Ele não parava de dizer quanto estava envolvido e que aquilo era muito sério para ele. Queria me mostrar que realmente gostava de mim. Achei que ele estava falando em me dar um presente ou alguma merda dessas. Meu Deus.

Do outro lado da rua, alguém acendeu uma luz, e fiquei olhando duas crianças correndo em volta da mesa de centro em uma sala. Eu podia vê-la, sentada atrás de mim, refletida como um fantasma na janela, translúcida. Como se ela não estivesse realmente ali e, naquele momento, não estava. Estava em algum lugar muito pior.

— Ele me levou a uma festa. Era na casa de um garoto mais velho, que estava de férias da faculdade. Tinha um monte de bebida e maconha. Bebi um pouco, fumei um pouco, era a primeira vez que eu fazia aquilo, mas eu queria impressioná-lo. Achei que ele tomaria conta de mim. Fomos escondidos para um dos quartos e ficamos nos beijando, e ele quis transar. Eu disse que não, que não estava pronta. Como todo mundo diz, não podemos transar só por pressão, não é mesmo? Não é o que dizem, Red?

— Sim — respondi.

Mas eu sabia o que ela estava prestes a dizer, sabia o que Rose me contaria, mas ainda assim precisava deixar que ela dissesse as palavras em voz alta, porque ela havia escolhido contar aquilo para mim.

— Eu disse que queria que fosse com ele. — Ela estava olhando para mim agora, eu podia sentir seu olhar nas minhas costas, então tirei os olhos da família feliz do outro lado da rua e me virei. Ela sustentou meu olhar. — Mas não naquele momento, foi o que eu falei. Não no quarto de um cara qualquer, sobre uma pilha de casacos, correndo o risco de alguém entrar a qualquer momento. Eu imaginava uma cena com pétalas de rosa e velas. Voltamos para a festa, bebemos e fumamos um pouco mais, e ele tomou um comprimido, e me deu outro, dizendo: “Isso vai fazer você relaxar.”

Rose hesitou, baixando o olhar por um instante, e fui até ela, sem pensar. Eu queria ter ficado onde estava, com medo de sufocá-la, mas quando a vi sentada ali, ela parecia tão jovem, uma criancinha. Como todos somos quando ninguém está olhando. E eu soube que ela precisava de alguém que segurasse sua mão.

— Eu confiei nele — sussurrou ela, apertando minha mão com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos e rígidos. — Depois disso, não me lembro de muita coisa, só alguns flashes, talvez. Rostos perto de mim, luzes apagadas. Dor. Risadas.

— Ai, Rose, não sei o que dizer...

Se ela me ouviu, não reagiu, só continuou falando.

— Acordei com frio. E dolorida. Eu estava com frio porque estava nua e estava dolorida porque... porque tinha sido estuprada. Não sei por quem nem por quantas pessoas. Não sei quem estava lá, quem assistiu, nem se tiraram fotos. E eu não sabia o que fazer, então me levantei, encontrei minhas roupas e me vesti. Fui para casa. Meu pai tinha passado a noite fora. Nem notou que eu não dormi em casa. Tomei um banho. Pensei, bem, aconteceu, agora preciso deixar pra lá e seguir em frente. Achei que podia fazer isso. Afinal, eu nem lembrava o que tinha acontecido. Achei que ficaria bem. Achei que seria como terminar um namoro, ou quando a gente faz algo constrangedor ou idiota. Achei mesmo que seria assim.

— Você não contou para ninguém?

Ela balançou a cabeça.

— Não tinha ninguém para quem contar, ou pelo menos era o que eu sentia. Isso foi antes da banda,

antes de você, do Leo e da Nai, e não tinha ninguém com quem conversar sobre isso. Não podia falar com meu pai. Muito menos com a idiota da Amanda. Não tinha minha mãe. Tudo ficou diferente, e para onde quer que olhasse eu sentia medo. As pessoas pareciam diferentes, mais malvadas, mais barulhentas. Cada barulho, tipo gritos no corredor ou uma chaleira fervendo, me dava um susto. De repente, eu passava o tempo todo amedrontada, esperando algo terrível acontecer. E o Martin, quando o encontrei na escola, passou direto por mim, como se a gente não se conhecesse. Nos intervalos, quando ele estava conversando com os amigos, às vezes eles me olhavam, eu achava que estavam falando de mim, e percebi... percebi que não sabia quais deles tinham...

Rose parou de falar e teve ânsia de vômito; seu corpo tremia. Ela se curvou para a frente e colocou a cabeça entre os joelhos. Acariciando suas costas, esperei até que ela pudesse respirar e falar de novo.

— Não contei nada para ninguém, não conseguia. Pensei: se eu não contar, vai ser como se nada tivesse acontecido. O Martin se formou no colégio no final do ano, os amigos dele também. Então, todos os dias, eu criava uma barreira um pouco mais forte, sabe? Camada em cima de camada, até que eu me sentisse segura de novo. Foi o que decidi fazer, decidi ser essa pessoa, quem sou agora. Mas a questão é... Às vezes eu sinto muito medo. Às vezes tudo parece bem, ou até ótimo, como hoje com você e, de repente, sinto isso... esse pânico. Vontade de gritar, sair correndo e me esconder, mas não há do que me esconder, não há nenhum lugar seguro. Porque todas essas merdas assustadoras estão dentro da minha cabeça. Eu só quero que isso pare. Por que não para, Red?

— Não sei, não sei.

Ficamos ali, no quarto dela, sem falar nada, quase sem nos mexer até que as luzes da casa da frente se apagaram de novo, e o pai da Rose bateu na porta, dizendo:

— Hora de ir para casa, Red!

— Posso ficar — sugeri, na hora. — Posso dormir no chão.

— Não, pode ir. — Rose finalmente soltou minha mão. — Fico feliz que tenha sido você a pessoa para quem contei, Red. É minha primeira amizade verdadeira desde que minha mãe morreu.

Depois daquela noite, se antes eu havia questionado qualquer coisa que Rose fazia ou dizia, nunca mais questionei. Porque sei que todas as suas palavras e atitudes fazem sentido para mim de um jeito que talvez não façam para mais ninguém. As pessoas acham que ela é confiante, cheia de si, que gosta de chamar atenção e de estar sob os holofotes, que deseja todos os olhares voltados para ela.

Mas a verdade é que Rose quer ficar sob os holofotes porque tem medo do escuro.

Ela quer todas as atenções, porque tem medo de ficar sozinha.

Ela quer ser querida por todos porque, às vezes, lá no fundo, ela se odeia.

E é por isso que nunca posso me apaixonar pela Rose.

E é por isso que a expressão no seu rosto, quando ela mentiu para mim hoje a respeito daquela mensagem de texto, me deixou com muito medo por ela. Rose não aguentaria ser ferida de novo.

Ashira: Vou procurar
você hoje

Red: Ok, pq?

Ashira: Falo
pessoalmente

Red: Tá tudo bem?

Ashira: Deve ser na hora
do almoço. Fica num
lugar óbvio

Red: Não consegue con-
trolar um satélite espacial
e me rastrear?

Ashira: Ah, não tinha
pensado nisso. Boa

Red: Você está brincan-
do, né?

Red: Né?

16

LEO PARECE IRRITADO. Está do outro lado do pátio, encostado na parede, de braços cruzados, emburrado e sozinho, o que é raro: geralmente, nos intervalos ou na hora do almoço, ele fica cercado de gente querendo socializar, porque a companhia do Leo confere certo status. Se conseguiu afastar todo mundo, é porque os assustou com algo que disse ou fez, como na época em que era intimidador pra cacete.

O ensaio deveria ter começado cinco minutos atrás, e faltam apenas alguns dias para o show da Naomi, mas eu e o Leckraj somos os únicos presentes. O sr. Smith chega logo depois da gente, com uma caixa de donuts e latas de Coca-Cola.

— Ei, cadê todo mundo? — pergunta ele. — Eu tinha pensado em só passar aqui e deixar isso de presente para vocês. Falta pouco para o show, afinal.

— Não sei...

Olho para Leckraj, que dá de ombros.

— Vou procurar — concludo. — Dizer que o senhor está esperando.

— Não, não. — O sr. Smith parece aborrecido. — Tenho uma reunião na hora do almoço, não posso esperar, mas, Red, me diz que você tem a situação sob controle. Me esforcei muito para fazer esse evento dar certo. Deixo vocês cuidarem da parte musical porque confio em vocês. Não vão me decepcionar, não é?

— Não, sr. Smith. Claro que não.

Ele me entrega a caixa de donuts e completa:

— É bom mesmo. Estou contando com vocês.

— Porra, qual é o problema deles? — reclamo assim que o sr. Smith sai da sala. — Não conseguem ver que, sempre que a gente se afasta, tudo começa a dar errado?

— Eu tô aqui — diz Leckraj, levantando a mão como se estivesse em uma aula.

— É — respondo. — Tá, não sai daqui, vou ver se consigo encontrar os dois.

— Red! — chama ele assim que chego à porta.

— O quê?

— Posso comer um donut?

— E aí? — digo ao me aproximar de Leo.

Ele me vê e baixa a cabeça, como uma criança pega no flagra.

— Leo, a gente tem trinta minutos para ensaiar na hora do almoço e já perdemos quase todo esse tempo. Falta pouco para o show, Smith está surtando e o Leckraj não está pronto! O que houve com você?

— Nada.

Leo dá de ombros, e sua resposta curta e grossa me lembra de uma época que parece ter acontecido há uma eternidade, quando ele era um garoto enorme e assustador com quem eu nem sonhava em falar, muito menos com tanta sinceridade.

— Não vem com essa — digo. — Sou eu, Leo. Você é meu amigo, cara. Me diz o que está acontecendo. Por que você não apareceu no hospital ontem?

— Eu fui, mas já estava tarde. Não me deixaram entrar. Então fiquei do lado de fora por um tempo. Melhor do que ir para casa.

— Calma aí, como assim? — Ele não está com raiva, está triste. Leo está se escondendo de algum problema. — Cara, o que aconteceu?

— Aaron voltou para casa ontem à noite, antes do que a gente esperava. Foi um festival de merda. Minha mãe ficou chateada, ele ficou puto. — Leo está muito carrancudo. — Foi ruim, mas, como eu disse, quando cheguei ao hospital, não pude entrar. Não queria ir para casa. Foi uma merda.

— Entendi.

Penso em algo para dizer, algo que demonstre que entendo, mas não consigo, porque essa parte, do irmão violento que sai da prisão, é a parte em que nossas experiências de vida destoam completamente. Nós dois temos dezesseis anos, gostamos das mesmas músicas, dos mesmos filmes, podemos conversar o dia todo e parar de falar ao mesmo tempo quando uma garota de quem a gente gosta passa, mas jamais passei pelo que ele passa com Aaron.

— Aí...

— Aí minha mãe surtou, como eu sabia que ia acontecer. Ficou gritando, dizendo que, enquanto ele morasse ali, teria que lhe obedecer e essas merdas. — Leo balança a cabeça. — Tentei falar pra ela deixar pra lá. Deixá-lo em paz. Mas ela ficou toda: “Ele não vai voltar aqui e arrastar você para o mau caminho.”

Ele baixou a cabeça, passando a mão no rosto.

— Aaron ficou louco. Quebrou a casa toda. Destruiu as coisas dela, disse que era melhor ela ficar quieta se não quisesse...

— Cacete!

Isso meio que faz o ensaio da banda não ter a menor importância.

— Minha mãe começou a encher o saco na hora em que ele pisou em casa.

— Então a culpa é da sua mãe? — pergunto, me lembrando da mãe do Leo, que finge ser durona, mas está sempre sorrindo quando vê o filho tocando guitarra e sempre faz o chá favorito dele quando quer animá-lo.

— Não! — Os olhos de Leo brilham de raiva. — Só estou dizendo que ela precisa entender que as coisas vão mudar agora que ele voltou. Ela precisa enfiar isso na cabeça, ou vai ser uma merda para todo mundo.

— Acho que ela está só tentando proteger você...

— Eu sei o que ela está fazendo! — Leo se afasta bruscamente da parede. — Mas ela não deveria, eu sei cuidar de mim mesmo. Olha, foi mal, Red, não estou com cabeça para ensaiar hoje.

— Leo, espera.

Seguro seu braço, mas ele se solta com força, e o celular sai voando do bolso aberto e cai no asfalto. Leo não repara, apenas continua caminhando de volta para o colégio.

— Que porra é essa?

Pego o aparelho do chão. É um Nokia ferrado, com a tela rachada, mas que ainda funciona. Conheço o Leo, sei que ele ama seu iPhone e todo tipo de tecnologia, então o que está fazendo com uma merda dessas? As pessoas só usam esse tipo de aparelho quando o celular quebra e estão sem dinheiro para comprar um novo ou quando estão planejando alguma merda.

É um pré-pago, daqueles que as pessoas usam nos programas de TV quando estão fazendo negócios

suspeitos ou tendo um caso e não querem ser pegos. O único motivo em que eu consigo pensar para Leo ter um celular desses é Aaron, mas faz cinco minutos que ele saiu da prisão, e o celular parece bem gasto. Destravo a tela e aperto o menu: nenhuma mensagem ou registro de ligações. Entro na agenda, que tem apenas dez números gravados, mas um deles se destaca porque termina em 887.

Pego o meu celular, procuro um contato e comparo os dois números. É o mesmo.

Por que Leo tem o número da Naomi em um celular pré-pago?

Faço questão de ser a primeira pessoa a sair da sala, saltando da cadeira assim que soa o sinal, assumindo minha posição perto do portão por onde eu sei que ela passa todos os dias.

Por um instante, tudo fica calmo e silencioso.

Então, o prédio entra em erupção, tomado pelas vidas desesperadas para sair dali. Os alunos passam correndo, gritando, conversando, cantando, brigando. Conheço alguns deles, outros não, e nenhum é a Rose.

Ashira passa por mim de cabeça baixa e com fones nos ouvidos, a expressão cuidadosamente neutra. E, no último instante, me lança um olhar rápido, apontando com a cabeça para um galpão velho no jardim, onde o jardineiro guarda as ferramentas.

— E aí, o que foi? — pergunto enquanto ela tira os fones de ouvido.

— Não conseguimos nada no Twitter. Foram 238 RTs, e nada. Ninguém nunca viu nada parecido por aí.

— Merda, e agora?

— Bem, você tem tatuagens, não tem?

— Porra, como você sabe...

Merda, eu me lembro de ter tirado uma foto de cada uma delas logo depois de fazê-las. Ash também invadiu meus arquivos na nuvem.

— Depois que ela sumiu, precisei conferir se vocês realmente não sabiam de nada — explica ela casualmente, como se tivesse olhado meu Instagram.

— Ash, essa porra é muito errada. Você sabe disso, né? Só porque consegue, não quer dizer que deva fazer essas merdas. Pode machucar alguém, de verdade. Pode arrumar problemas sérios. Você sabe disso, não é?

Ash apenas olha para mim, e percebo que ela realmente não entende. Ou então na verdade não se importa.

— Gosto das suas tatuagens — diz ela, desviando o olhar. — Ficam boas em você.

— Eu... Hum... valeu, acho.

Essa garota vive confundindo minha cabeça.

— Enfim, o Twitter é muito aleatório, e foi aí que me toquei: a gente precisa concentrar nossa energia em especialistas. Podemos ir ao lugar onde você fez as suas, já é um começo. Talvez eles reconheçam o estilo, talvez tenham uma pista. O que você acha?

Ela sorri, e seu sorriso é quase fofo e esperançoso, mas, ao mesmo tempo, meio estranho, duro e robótico.

— Tudo bem — digo. — Claro, o que você achar melhor. Já deve até ter o endereço aí, né...

— Mas preciso que você vá comigo — pede Ash.

— Por quê?

— Porque não gosto de gente.

— Não brinca — respondo.

— Quer dizer, você é ok.

Ela dá de ombros.

— Digo o mesmo.

Dou de ombros.

— Ash... — hesito. — Você já pensou melhor na possibilidade de Naomi ter fugido com um garoto?

— Sim — responde ela.

— E?

— E se ela estava tão apaixonada por alguém que supostamente correspondia o sentimento a ponto de escrever músicas sobre o cara, onde ele está agora? Ela está num coma ferrado, e cadê o Romeu? Se fosse só um garoto, um cara legal e bonzinho que a amasse, teria levado Naomi de volta para casa. Mas ele não fez isso. Seja quem for essa pessoa, fez com que Naomi se afastasse da família. E agora? Cadê ele agora?

Penso no número da Naomi no celular pré-pago do Leo. Existe alguma possibilidade de ele ser o amor secreto dela? Nada nessa teoria faz sentido. Mas, por outro lado, nada mais parece impossível. Deixo o celular bem guardado no bolso e não comento nada com Ash. Preciso perguntar ao Leo por conta própria.

— Você tem razão — digo.

— Então você vai comigo ao estúdio de tatuagem. Podemos ir agora?

— Até poderíamos, mas é que...

Olho para trás, analisando a multidão.

— Achei que você estivesse nessa comigo — insiste ela, um pouco perto demais para o meu gosto. — Preciso de você.

Acho meio assustador o olhar que ela lança para mim, como se achasse que eu pudesse resolver o enigma em seu lugar, porque sou a última pessoa capaz disso. Ainda assim, quero ajudar.

— A gente mata aula depois do almoço amanhã e vai lá, pode ser?

Ash assente, relutante.

— Vai passar no hospital hoje?

— Provavelmente mais tarde, tenho um negócio...

Ash não se dá ao trabalho de ouvir o resto da frase, apenas sai depressa, colocando os fones de volta nos ouvidos antes que eu sequer termine de falar.

O que não posso dizer a ela é que estou ali com cara de idiota esperando pela Rose, porque não a vi o dia inteiro. E estou com saudades.

Quando me dou conta, Rose já quase passou por mim, disfarçada no meio da multidão.

— Ei, nerd! — grito, e ela para, suspirando.

Será que estava tentando passar sem que eu visse?

— Ah, oi. — Rose meio que acena, com a mão na cintura.

— Vamos voltar a pé?

Eu não costumo perguntar isso. No geral, a gente simplesmente sai andando.

— Ah, pode ser.

— Onde você se meteu na hora do almoço? Faltam só alguns dias para o show, sabe, e de repente metade da banda resolve desaparecer. Isso é importante. É pela Nai, e o sr. Smith está contando com a gente. Não quero decepcioná-lo.

— Eu sei. — Rose para por um instante. — Eu sei que é pela Nai. Não é como se eu não me importasse, Red.

— Foi mal. — Do nada, sinto um cansaço terrível, devastador. — Só quero que seja bom. Para todo mundo.

— Eu sei, foi mal. — Rose não parece, nem soa arrependida. É como se quisesse ficar sozinha, o que não é nem um pouco a cara dela, e é assustador. — Mas, sério, eu sei o que estou fazendo, não preciso ensaiar tanto quanto vocês. Você e o Leo que precisam atualizar o fulano lá.

— Leckraj — digo, achando que o mínimo que o garoto merece é ser chamado pelo nome.

— É, isso. — Rose está inquieta, como se estivesse atrasada para algum compromisso.

— Então, onde você estava?

— Por aí.

O clima esquentou, e seu casaco de pele está pendurado em um dos ombros, os óculos escuros na ponta do nariz. Sinto uma pontada de raiva no peito e me esforço para ignorá-la. Mantenha a calma, não a assuste.

— Com aquele cara, o que mandou mensagem para você? Era o Maz?

— Meu Deus, Red, dá um tempo. Tipo, sou sua amiga e tal, mas não preciso compartilhar cada detalhe da minha vida com você. Às vezes você me sufoca, sabe?

Suas palavras me pegam tão de surpresa que fico sem reação. Ela nunca falou comigo desse jeito antes, e dói, dói muito. Sinto lágrimas arderem nos olhos e não quero que ela veja, então não respondo, apenas ando mais devagar e fico um pouco para trás, piscando para fazer aquilo passar logo, com uma sensação de que minhas entranhas foram arrancadas. As pessoas ao meu redor fingem que não notam, olhando para o chão e trocando cutucões ao passarem. Eu paro logo antes da ponte, olhando para a água escura lá embaixo e me lembrando do sonho.

— Porra, foi mal.

Rose volta sorrindo, com cara de quem estava só brincando.

— Tudo bem — respondo, sem muita certeza, com um pé atrás.

— Bem, vamos lá, então.

Ela dá alguns passos e se vira para mim. Não sei por que continuo no mesmo lugar, não fui atrás dela como sempre faço, até que solto, mesmo sem querer:

— O que você quis dizer?

— Como assim o que eu quis dizer?

Rose suspira, sabe do que estou falando.

— Que às vezes eu sufoco você...

Ela joga a cabeça para trás, dando de ombros, irritada.

— Não quis dizer nada, eu só... Eu só quero um pouco de privacidade, ok? Não preciso compartilhar tudo com você ou com o Leo.

— Tá bom. Só que...

— O quê? — Ela dá um passo na minha direção.

— Bem, só me conta alguma coisa sobre esse cara, não precisa falar tudo. Só alguma coisa.

— Por quê? Que coisa pervertida.

Rose volta a andar, e tento com todas as minhas forças ficar onde estou e deixá-la ir embora, desaparecendo em meio aos ônibus e carros, mas não consigo. Chego até a correr um pouco para alcançá-la.

Às vezes, eu me odeio.

— Porque não quero que você se meta em alguma coisa que saia do controle. Uma coisa é encher a cara no parque, outra é acabar dentro de uma viatura. Ou desaparecer da escola com sabe-se lá quem.

— Aff, Red, isso se chama juventude — diz ela, suspirando.

— Só que não, né? — retruco. — Quem mais foi parar na cadeia esta semana? Ou fumou baseado no armário da escola ou sei lá mais onde? Olha, Rose, eu sei que você passou por umas coisas pesadas e...

Ela me lança um olhar mortal que me faz calar a boca imediatamente.

— Nossa, coitadinha de mim, tão fodida, não consigo lidar com a minha vida e agora estou saindo da linha, se ao menos eu tivesse um herói num cavalo branco para me salvar! É isso que você está pensando? — Ela balança a cabeça. — Só que essa pessoa não é você, Red, você não vai me salvar de nada, você é só uma criança idiota pegando carona na minha vida e na do Leo. Acha que me conhece, mas você não me conhece nem um pouco e, sinceramente, estou ficando de saco cheio dessa palhaçada. Que direito você acha que tem de me dizer o que fazer com a minha vida, quando não tem a menor ideia do que fazer com a sua?

Parece que estou olhando para uma estranha, não reconheço nada na expressão dela, e tem algo novo, algo que nunca vi antes, nem mesmo naquele primeiro dia quando fomos jogados na mesma sala e nos obrigaram a montar uma banda contra nossa vontade.

Desprezo.

Pela primeira vez na vida, Rose está se achando melhor do que eu. O que aconteceu com ela? Por que agora?

— Rose. — Chego mais perto. — Não quero brigar com você por causa disso, só quero que entenda que eu me preocupo com você, só isso. Eu me importo com você.

— Eu sei. — Ela relaxa, mas não muito. — Só acho que, antes de se preocupar comigo, Red, talvez você devesse se olhar no espelho, sabe? Você também tem algumas questões para resolver, meu bem.

Voltamos a caminhar, mas algo mudou, como se toda a intimidade e o conforto entre nós tivesse se transformado em atrito e distanciamento. Não entramos em sincronia, como sempre. Conforme atravessamos a ponte, fico com medo de olhar para a água, com medo de o rio me chamar, como no pesadelo.

A Waterloo Road se transforma em ruas urbanas transversais e, enfim, em avenidas do subúrbio, até chegar à esquina da Albion Street, mais conhecida como minha rua. Paro na esquina para nosso ritual de despedida prolongada de sempre, mas Rose simplesmente me dá um sorriso forçado.

— A gente se vê amanhã! — Ela dá de ombros.

— Tem ensaio na hora do almoço, tá? — grito para ela, me sentindo meio idiota quando ela não responde.

Enquanto vou para casa, fico repetindo que aquilo não significa nada, que é apenas uma besteira, um ruído na nossa amizade. Ou talvez seja mais do que isso, talvez sejam os efeitos do que aconteceu com a Naomi se espalhando em ondas lentas, mas fortes o bastante para abalar e destruir tudo que forma a essência de nós quatro... ou formava. Digo para mim que amanhã tudo terá voltado ao normal, mas, quando abro a porta verde descascada, de algum jeito sei que isso não é verdade.

Ali, segurando a chave em frente à fechadura, só sei de uma coisa: não quero entrar em casa. O carro do meu pai não está estacionado, para variar. O rádio está alto demais na sala de estar e, em algum lugar lá dentro, Gracie está criando o próprio universo para se proteger disso tudo. Sei o que preciso fazer: entrar, ver minha irmãzinha, brincar com ela e levar alguma normalidade para sua vida. Mas e se eu não souber o que é isso? E se eu não for normal?

Se eu entrar agora, minha mãe ainda vai estar sóbria, talvez consiga olhar para mim, quem sabe até me olhe como fazia quando eu tinha a idade da Gracie, com um sorriso amável e olhos gentis, como se tudo o que eu fizesse e dissesse fosse incrível. Ou, quem sabe, assim que ela me olhar sua expressão ficará amargurada, seus olhos ficarão pesados e o que quer que torne o mundo um lugar difícil demais para encarar sóbria passará a ser culpa minha. E a verdade é que dói demais. Dói quando ela me olha desse jeito, porque sinto falta dela. Muita.

Então, não abro a porta. Escondo a mochila na cerca viva que separa nossa casa da vizinha, pego a nota de dez que deveria durar a semana inteira, enfio no bolso com o vale-transporte e saio correndo.



Foto da Camden High Street

0 curtidas

Postada há alguns segundos

NÃO FAÇO IDEIA do que estou fazendo ou para onde estou indo, só sei que quero estar em algum lugar onde eu não seja eu, então corro o mais rápido que consigo, pelo máximo de tempo possível, até meus pulmões arderem e o suor escorrer para os olhos. Quando me dou conta, estou na frente da estação de metrô de Vauxhall e sei exatamente o que fazer.

Pego o metrô para Euston, e uma escada rolante me joga em uma estação lotada de pessoas meio zumbis, encarando, inexpressivas, as mesmas telas de aviso, esperando um sinal para se mexerem. Abro caminho por entre elas, desviando da multidão imóvel até sair na Eversholt Street.

E sigo na direção de Camden Town.

No último ano, fui muitas vezes a Camden com o pessoal. Houve uma época, uns dois anos atrás, em que aquilo me parecia importante e exótico, onde a liberdade e a música estariam bem ao meu alcance, e chegar lá significaria finalmente chegar a algum lugar.

No entanto, na primeira vez que fui com Leo, Rose e Nai, eu me lembro de sentir muito medo, como se algo terrível fosse acontecer conosco. Tive medo de que nos perdêssemos, fôssemos sequestrados ou ficássemos drogados, e então acordaríamos sem nada, ferrados em um barco no meio do canal... Mas então chegamos lá e não era *nada* do que eu imaginava.

Era uma armadilha para turistas, cheia de barracas vendendo tralhas em tie-dye e chapéus engraçados, pubs temáticos e pessoas vagando pelas ruas à procura de qualquer coisa típica produzida em massa para levar de lembrança para suas vidas sem graça. Pessoas iguaizinhas a mim.

E, quando percebi isso, senti um tipo de poder, como se fosse uma pessoa adulta e vivida, e por isso nada em Camden, das ruas imundas aos pubs lotados, me assustava mais, e ir por conta própria era melhor ainda.

Porque, aqui, ninguém olha duas vezes para um ser baixinho e ruivo com metade da cabeça raspada, piercing no nariz e quatro furos na orelha. Aqui, isso nem chega perto de ser estranho. Aqui posso respirar tranquilamente e ser quem eu sou, e ninguém dá a mínima.

Percorro a multidão de desconhecidos e amo que ninguém ali saiba quem eu sou e que ninguém no mundo saiba onde estou. O ar cheira a cerveja e cigarro, com o barulho do trânsito e gargalhadas altas tomando conta do ambiente. Vou andando até chegar a um bar subterrâneo chamado Gin Bath, que se esforça bastante para manter uma aparência tosca e nojenta. Quando eu estava do lado de fora da estação Vauxhall, me dei conta de que era noite de karaokê no bar e, de repente, tudo fez sentido. Nesse momento, aquela pessoa sem habilidades sociais, que se destaca na multidão como um fósforo, nem hesita ao entrar, porque ali não sou ninguém, sou invisível e posso ser qualquer um.

Quase parece que inalei uma espécie de embriaguez no caminho e vesti uma capa que dá a ilusão de que sou cool. O cara na porta não me barra e, quando peço uma Coca, o barman mal olha para mim.

Ainda é cedo, nem seis da tarde, e quando verifico a hora no celular percebo que ele está sem sinal. Ninguém pode me achar ali.

Aos poucos, o bar começa a encher, alguns músicos e todos os seus amigos, até que a massa de pessoas me empurra, junto com a Coca quente e sem gás, para longe do bar, em direção ao canto perto do palco. Encosto em uma parede cinza e suja, cruzo os braços e espero pela primeira apresentação. É de uma garota com um violão, porque quase sempre é uma garota com um violão, e sem dúvida a seguinte vai ser outra garota com um violão. Elas são talentosas, sabem cantar e tocar, e o som da voz em sintonia com o instrumento me traz certa paz, mas não provoca nada dentro de mim, não tem uma fração da força e do poder da Rose cantando nossas músicas. Mas, no fundo, não ligo, o que importa é estar ali, assistindo à plateia composta por namorados e amigos que aplaudem e batem os pés no ritmo.

Ao acender das luzes, uma música começa a tocar nas caixas de som, mas não tenho vontade de me mexer, só quero que o restinho de Coca no copo dure para sempre e que o resto da vida me esperando ao final daquele gole desapareça.

— Eu estava observando você.

Pulo de susto quando, do nada, uma das cantoras fala comigo. Eu estava tão à vontade na minha invisibilidade imaginária que quase esqueci que as pessoas podiam me ver. Danni Heaven, cabelo preto e liso batendo na cintura, pele muito clara, uma coroa de flores tatuada nos quadris. Mais velha do que eu alguns anos, acho, e mais alta também.

Às vezes, me pergunto quando vou espichar.

— Meio assustador — digo, com um sorrisinho.

Afinal, aqui eu não sou Red, coadjuvante, sou uma pessoa inteligente e ousada, do tipo que manda na própria vida.

— É, foi mal, saiu meio errado, né?

Ela ri do que eu falei. Toca o cabelo, depois o pescoço, e sigo o rastro da ponta dos seus dedos com os olhos. É sério que essa garota assim tão gata está flertando *comigo*? Não pode ser.

— Só reparei que você passou a noite inteira na sua — diz, sorrindo. — E eu estava ali com os meus amigos, olhando para você e meio com inveja. Precisa de coragem para não precisar de ninguém por perto.

— Vai ver eu não tenho amigos.

Sorrio e, porra, *eu* estou flertando com essa garota. De repente, me sinto invencível. Se ela der meia-volta e for embora, tudo bem, e é isso que me empolga: a emoção de testar até onde vai minha sorte.

— Aposto que você tem um monte de amigos. Aposto que é superpopular. Eu amei o seu look. — Ela encosta de leve a mão na minha, dá um passo para a frente e sinto seu perfume doce, tipo baunilha. — Olha, a gente está indo para uma festa. Quer vir junto?

— Não posso — respondo, e então, por algum motivo, saboto todas as minhas chances com a frase seguinte. — Tenho colégio amanhã.

Que covarde da porra, Red.

— Cacete, você ainda está no colégio? — Ela arregala os olhos, boquiaberta. — Meu Deus, quantos anos você tem?

— Dezesseis. — Dou de ombros. — Foi mal.

— Porra, e você é uma gracinha.

Ela balança a cabeça, mas continua sorrindo, e em seguida pega o celular da minha mão.

— Vem, vamos tirar uma selfie.

Olho, meio sem acreditar, para minha imagem na tela, com a garota agarrada ao meu pescoço, e o flash dispara, registrando a cena no fundo da minha retina.

— Bem, melhor eu deixar você ir dormir, já que amanhã você tem aula, mas toma aqui uma coisinha para se lembrar de mim.

Quando me dou conta, sua boca está encostada na minha, por um segundo, talvez três, e sinto a textura grudenta do gloss e o cheiro doce de vinho no seu hálito assim que ela se afasta, virando-se para trás

para me dar mais uma olhada.

— Me procura daqui a dois anos — diz ela.

Mas, quando afasta a mão, vejo a tatuagem na parte interna do pulso. Quase idêntica à da Naomi, só que triangular.

— Espera. — Seguro a mão dela, que sorri para mim.

— Mudou de ideia, encrenca?

— Na verdade, eu só estava me perguntando onde você fez essa tatuagem maneira.

Usando a outra mão, ela cobre o pulso com pressa e franze a testa, se afastando.

— Não é maneira. Foi um erro, e bem grande.

— Mas onde você fez? É que a minha amiga tem uma muito parecida e eu...

A garota arregala os olhos e observa ao redor antes de aproximar muito o rosto do meu.

Dessa vez, ela não parece nem um pouco sexy, e sim subitamente irritada... e assustada.

— Diz pra sua amiga fugir — avisa ela. — Diz para ela ir para bem longe, o mais rápido possível, e torcer para eles se cansarem de procurar. Manda ela correr.

A garota se perde na multidão às pressas antes que eu consiga perguntar o que significa aquilo tudo. Sobre o que ela está falando?

Correr do quê?

Quando chego em casa, está tudo apagado. Entro silenciosamente, com um esforço redobrado para conter a energia que percorre todos os meus músculos, fazendo-os latejar.

Metade de mim está elétrica e agitada, se sentindo forte e invencível, e consigo ver um momento, daqui a alguns anos, quando tudo ficará bem e eu estarei no lugar certo, onde quero estar e sendo quem quero ser. Como um sonho ou um lampejo do futuro que dura apenas um segundo, mas não importa, porque um segundo é o suficiente para me fazer ter... esperança mais uma vez. Eu nem sequer tinha reparado que não me sentia mais assim até o instante em que o sentimento voltou. E a outra metade diz: sério, que porra foi aquela?

Quais são as chances de encontrar alguém com uma tatuagem igual à da Nai? O que ela quis dizer com “correr”? Minha cabeça estava repleta de perguntas, todas clamando por uma resposta, me enlouquecendo. Tento clarear os pensamentos. Aquilo foi só minha cabeça, imaginando ligações com a tatuagem da Naomi. Só eu, inventando história com base em nada. E devo ter assustado a garota também, com toda aquela intensidade. Afinal, eu faço isso. Pelo menos, é o que Rose diz.

Preciso me controlar, segurar a onda, senão vou enlouquecer de vez.

Vejo que a porta do quarto da Gracie está aberta e ela está toda encolhida, dormindo por cima das cobertas, ainda com o uniforme da escola. O quarto dos meus pais está vazio, o que significa que minha mãe está apagada em algum lugar lá embaixo e meu pai não apareceu de novo. Deixei minha irmã completamente sozinha enquanto me desconectava dessa vida para criar um espaço só meu no mundo. Deixei que ela se virasse por conta própria e não sei nem se ela jantou.

Falta pouco para eu sair daqui, mais dois anos e acabou. Mas a Gracie não está nem perto, e é só comigo que ela pode contar. Como vou ajudá-la?

Abro meu laptop e procuro Danni Heaven no Google, mas todas as suas redes sociais são privadas, o que me parece bem incomum para uma cantora em busca de público.

Tem uma coisa que eu não inventei — ela ficou muito, muito aborrecida quando reparei na tatuagem.

Isso tudo tem que estar conectado de alguma forma. Deve haver algo que ligue Danni a Naomi, e a única coisa na qual consigo pensar é música. E se Danni tiver um fã maluco que a atacou e... fez uma

tatuação nela? Tipo, isso parece insano, mas, no momento, nada faz sentido. Talvez o mesmo tenha acontecido com Naomi, só que não temos fãs malucos, e a maior parte dos que curtem a gente é do nosso ano do colégio, e eu tenho o telefone de todos. Menos de DarkM00n.

Volto ao perfil de DarkM00n no Toonify, me perguntando se talvez ali eu encontre alguma conexão, quem sabe ele/ela tenha músicas da Danni na sua playlist. Pulo a lista copiada da Naomi e procuro músicas novas. Não encontro nada da Danni Heaven, mas, ao contrário da Mirror, Mirror, a Danni é uma artista registrada no Toonify. Então, vejo uma coisa que faz meu sangue gelar.

Tem uma música da Mirror, Mirror ali: “Me encontre antes que eu me perca.”

Como em todas as faixas no Toonify, a letra aparece logo embaixo, mas o que me incomoda mais é que esse babaca tenha resolvido piratear logo a que eu musiquei e cantei para Naomi no hospital...

Só que é impossível. Porque eu tirei aquela música, aquela letra, do caderno no quarto da Naomi. As duas únicas pessoas que sabem da existência dela são Nai e eu.

DarkM00n deve ser o namorado dela, então. É isso. Faz sentido. Essa deve ser a pessoa com quem ela fugiu. Talvez, se eu conseguir saber quem é, eu possa descobrir o que aconteceu com ela e por onde ela esteve, por que não entrou em contato.

Clico na música, levo o fone ao ouvido e ouço um violão. Uma melodia incrivelmente parecida com aquela que eu criei começa a tocar. O violão parece meio fraco, mesmo com o volume no máximo, e a gravação é de qualidade duvidosa, meio amadora, provavelmente feita com um celular. Então os vocais começam, e meu coração acelera. É a voz doce, suave e triste de uma garota, oscilando, desejando e sonhando, misturando-se ao violão, criando um poema sonoro.

Conheço aquela voz, é a voz de alguém que amo. Conheço cada nota e cada entonação.

É Naomi. Tenho certeza.

A playlist foi criada no dia 22 de agosto. Enquanto Naomi estava desaparecida. E então, finalmente, entendo.

DarkM00n não é o namorado da Naomi. É *ela*.

Por que o nome falso?

Por que não entrar em contato com a gente? Por que não dizer ao menos onde estava?

A não ser que... Releio o nome da música.

“Me encontre antes que eu me perca.”

O nome fake da Naomi na internet não faz sentido.

A não ser que ela estivesse presa e soubesse que estava sendo vigiada o tempo todo.

A não ser que estivesse fazendo de tudo para chamar nossa atenção, sem que ninguém mais percebesse.

A não ser que estivesse assustada.

Pego o celular e ligo para Ash.

— O que foi? — Ela atende no primeiro toque.

— Você vai surtar com o que eu tenho para contar.



Instagram – Rose Carter
Postado às 23h03



“Às vezes precisamos abrir mão do que o mundo espera de nós e ser quem queremos, fazer o que queremos, porque o amor verdadeiro é grande demais para ser ignorado.” 64 curtidas

Kasha: Bêbada?

Sarah: KKKK. Quero nomes!

Leo: Você já disse alguma coisa que fazia sentido?

Ben: Piranha

Ava: É aquele cara grandão pra KCT da St Paul’s? Shippei!

Holly: Tá gata, amiga. Quem é o namô novo?

Jade: Amei o look!

Ben: Já comi

Leo: Cala a porra da boca, Ben, ou vou te encher de porrada

Celeste: Cara, que cabelo incrível. O que você tá usando?

Beth: Rose, você se acha o máximo, mas, sério, menos, ok?

Ben: Tá ficando gorda

Leo: @BenAkerman, é bom não cruzar o meu caminho amanhã

Ben: Qual foi, o post é sobre você, seu bosta? Acho que não, né. Vai arranjar um pouco de dignidade, imbecil

Leo: Até amanhã.

Red: @Rose, mandei uma DM, você viu?

NÃO DORMI. NÃO consegui. Tudo o que estava acontecendo agitava minha mente feito uma rave lotada.

Passei a noite discutindo com Ash.

— A gente precisa contar para a polícia — falei.

— Por quê? Eles só vão achar que ela era uma adolescente fugitiva que botou algumas músicas num site. Vai dar no mesmo. Não, a gente não vai fazer isso. Não até eu descobrir mais sobre DarkM00n. Se fosse a Naomi, se quisesse ajuda, ela saberia que eu procuraria, deixaria outras pistas.

— Se fosse a Naomi querendo ajuda, por que não teria mandado um e-mail ou uma mensagem? Ou pegado um ônibus? Por que simplesmente não voltou para casa?

— É por isso que a gente não vai falar com a polícia — explicou Ash. — Porque eles são tão burros quanto você. A gente se vê na escola.

E desligou.

Parece sem sentido ir para a escola considerando tudo o que está acontecendo. Quero ir até Nai e perguntar o que houve, é isso o que quero fazer. Mas não posso.

Essa foi a outra coisa que Ash me disse, que Nai vai ficar apagada por pelo menos mais quarenta e oito horas, e que os médicos chamaram Max e Jackie para conversar e disseram: “Normalmente, esperamos uma recuperação mais rápida e tentamos não manter um paciente em coma induzido por mais do que alguns dias. Quanto mais tempo ela passar adormecida, maior será a chance de ter alguma sequela permanente no cérebro ou até de não se recuperar. Achamos que devem se preparar para o pior.”

Ela me contou assim, do nada, de um jeito monótono e sem emoção. Como se não fosse real, e era dessa maneira que eu estava encarando as coisas também.

Então, é melhor me levantar e ir para a escola, porque... sinceramente? Não sei mais o que fazer.

— Você trocou de roupa? — pergunto a Gracie ao entrar na cozinha e encontrá-la sentada comendo cereal.

Ela olha para o uniforme amarrotado e dá de ombros.

— Vamos, sapeca — digo, segurando a mão dela e a guiando escada acima. — Vamos pelo menos vestir um moletom limpo.

Por sorte havia um, assim como uma camisa polo, então eu a ajudo a desabotoar o uniforme do dia anterior e aviso que vou esperar do lado de fora enquanto ela troca de calcinha. Ela sai do quarto rápido demais, e não tenho certeza de que se deu ao trabalho de fazer o que pedi, mas acho que isso não importa tanto quando se tem sete anos.

— Onde você estava ontem à noite? — pergunta Gracie enquanto caminhamos até o banheiro para que ela lave o rosto e escove os dentes.

— Como assim, onde eu estava? — pergunto.

Acho que acabei deduzindo que ninguém tinha notado minha ausência. Vejo um pente velho do meu pai no fundo da prateleira do banheiro, atrás de vários potes de hidratante pela metade que minha mãe compra e desiste de usar depois de uma semana. É estranho ver aquilo ali, empoeirado e ainda com alguns fios de cabelo, tipo uma relíquia. É como se eu realmente tivesse me esquecido de que ele mora ali.

— Fui procurar você — explica Gracie. — A mamãe estava tirando um cochilo, então eu comi cereal

e fui procurar você pra gente tocar bateria, mas não achei você no seu quarto. Nem em lugar nenhum. E eu procurei à beça.

— Merda — digo, enquanto penso em como dar algum jeito naquele cabelo grosso e cacheado de um tom de ruivo quase louro, mais claro que o meu.

— Merda — repete Gracie, e preciso segurar a risada.

— Desculpa, Gracie, eu tive um dia ruim e dei uma saída. Não devia ter deixado você sozinha.

— Bem, a mamãe estava em casa.

Gracie aponta para um prendedor do My Little Pony, embolado com vários fios de cabelo.

— Usa esse — pede ela.

— Vou tentar. Mas você sabe que penteados não são minha especialidade.

— Você tá bem, Red?

Prendo metade do cabelo em um coque retorcido, então passo o elástico em volta para fixá-lo no lugar.

— Claro que estou. Por quê?

— Porque você tá com uma cara triste e cansada.

Paro por um instante e olho para minha irmã, com metade do cabelo rebelde preso na lateral da cabeça e a outra metade explodindo como uma bola de fogo.

— Claro que sim, Gracie, estou na adolescência, é assim mesmo. Quando eu voltar da escola, vou ensinar você a ter uma crise existencial.

— Maneiro! — Gracie arregala os olhos.

— Pronto — digo, admirando meu trabalho. — Está parecendo uma princesa Leia psicopata.

Ela fica na ponta dos pés para se olhar no espelho.

— Gostei, mas quero o cabelo igual ao seu.

Gracie se vira e toca na parte raspada.

— A mamãe ficaria maluca — digo, fazendo careta.

Ela ri.

— Red, posso tocar bateria quando chegar da escola?

A porta do quarto da minha mãe se abre, e vejo, pela fresta, que a cama continua feita, como se ela tivesse dormido por cima das cobertas. Nenhum sinal do meu pai.

— Está pronta, meu amor? — Minha mãe sorri para Gracie com um olhar carinhoso, a voz doce, e sei que ela está se sentindo uma merda porque não lembra o que aconteceu ontem à noite. — Muito bem.

— Red me ajudou. — Gracie sorri com orgulho para mim.

— Obrigada — diz minha mãe, sem me encarar.

A essa altura, eu já deveria ter me acostumado com a agressividade com a qual ela se dirige a mim, mas ainda assim dói. Quase tanto quanto saber que Gracie foi a única pessoa a reparar que eu cheguei em casa depois de uma da manhã.

— O papai saiu para trabalhar cedo de novo? — pergunto, lançando um olhar firme em sua direção quando para na porta, com o cabelo desgrehado, a maquiagem de ontem borrada. — Às vezes, tenho a impressão de que ele se mudou e não se deu ao trabalho de avisar.

Minha recompensa é ver a expressão arrasada que minha mãe não consegue disfarçar; notar seus olhos vermelhos se encherem de lágrimas e sua boca se contrair de sofrimento. Se tem algo bom que posso dizer sobre minha mãe é que, pelo menos, ela se recusa a deixar que Gracie perceba sua infelicidade e seu ódio. Pelo menos quando está sóbria.

— Vamos, meu bem — diz para Gracie. — Vamos calçar os sapatos.

Espero Gracie estar longe o suficiente antes de abrir a boca.

— Ela foi dormir de uniforme ontem à noite.

— Eu sei. Ela quis dormir assim, e pensei que não faria mal, afinal, ela é apenas uma criança.

— Mãe, você sabe que isso não é verdade. Não pode continuar fingindo que está tudo bem, não é justo com ela.

— E por que você acha que não está tudo bem? — pergunta ela com os olhos arregalados de raiva.

— Porque você apagou no sofá antes da hora do jantar da Gracie — respondo. — Não tem nada bem, mãe, as coisas estão... — Não consigo pensar em um jeito de terminar a frase.

Ela bate a porta.

— Você não acha que a minha vida já é difícil demais tendo que manter esta casa funcionando enquanto seu pai anda por aí com as vagabundas dele e só para em casa para lavar as roupas, e ainda tentando proteger a Gracie de toda essa loucura abominável... — Ela gesticula na *minha* direção. *Eu* sou a loucura abominável. — Sem você, *você*, me acusando de ser uma péssima mãe? Queira ou não, *meu bem*, eu sou a única mãe que você tem. E, enquanto viver debaixo do meu teto, é bom mostrar algum respeito.

Seu indicador está na minha cara, como uma arma carregada de ódio.

Por talvez um milésimo de segundo, penso em baixar a guarda e segurar sua mão, dizer: mãe, por favor, eu te amo e sinto sua falta, e morro de preocupação com você e com o que anda fazendo consigo mesma, e me sinto só e com medo e preciso de você. Por favor, me deixa ajudar. Por favor, me ajuda. Porque é isso que quero falar, era esse o final da frase que não consegui concluir. Mas, em vez disso, o sangue esquenta e a fúria toma conta de mim. Não sinto amor por ela, sinto ódio.

— Não acho que você possa chamar este teto de seu quando tudo que faz aqui é torrar o dinheiro do meu pai em bebida, e não dá a mínima pra gente — digo, abrindo caminho com o cotovelo. — Você está um nojo e fedendo. Todo mundo sabe que você bebe, todos na nossa rua, todos na minha escola, todos na escola da Gracie, e não é à toa que meu pai não quer nem chegar perto de você. Vou levar a Gracie pra escola hoje. Pelo amor de Deus, toma um banho e vê se não vai buscar sua filha exalando álcool pelos poros.

Corro escada abaixo, pego minha mochila e a da Gracie e levo minha irmã para a rua, batendo a porta ao sair. De algum jeito, sei que no alto da escada, atrás da porta trancada do banheiro, minha mãe está chorando.

E me sinto uma merda, mas isso também é graças a ela.

Leo



Cadê você?

Red



Chegando

Leo



Atrasou por quê?

Red



Saí ontem. As coisas ficaram interessantes

Leo



Saiu pra onde? Com quem? Não esconde o jogo

Red



Camden. Conheci alguém. Quer ver a foto?

Clique para ver



Leo



Porra! Gata!

Red



Né? Mas essa não é a parte interessante. Precisamos conversar

Leo



O que houve?

Red



Por aqui, não. Ao vivo

Leo



Como assim? Por quê?

Red



Porque sim. Você tá bem?

Leo



Sei lá. O Aaron já começou tudo de novo. Vai dar merda

Red



Como?

Leo



Sei lá, mas ele quer me envolver

Red



Ele não pode te obrigar

Leo



Talvez ele não precise

Red



Estou com uma coisa sua

Leo



O quê?

— OI, LEO.

Ele está no início da fila do almoço. Furar fila é motivo de briga, mas eu preciso falar com ele sobre o celular que encontrei. Sobre DarkM00n. Preciso saber se ele está escondendo alguma coisa a respeito de Naomi. Ash me disse para não falar com ninguém, caso não dê em nada, mas preciso saber.

— Leo, você vai ao ensaio?

— Aham, chego lá em dez minutos — diz ele, apontando a cabeça para Kasha; popular, voluptuosa e assustadora pra cacete. — Estou um pouco ocupado agora, Red.

Mas não tenho tempo para esperar Leo dar o bote em sua próxima conquista, ainda mais quando sei que Kasha não é quem ele quer de verdade.

— Leo, preciso falar com você. É importante. Sêrio.

— Merda. — Leo se vira para a garota e chega mais perto. — Falo com você depois, tá bom, gatinha?

Kasha dá um sorrisinho afetado.

— Sêrio, Red. Eu estava quase lá.

— Isso é mais importante.

— O que foi?

Espero a gente chegar ao prédio principal, em um canto do lado de fora reservado para a galera que quer se pegar ou fumar, ou as duas coisas.

Tiro o Nokia do bolso e mostro a ele.

— Merda — diz, balançando a cabeça.

— Para que você está usando isso, Leo? É estranho alguém da sua idade andando por aí com um tijolão desse. E por que tem o telefone da Nai na agenda? Estava rolando alguma coisa entre vocês dois? Você sabia onde ela estava esse tempo todo?

— O quê? Porra, Red, claro que não! — Leo balança a cabeça. — Não sei nem do que você está falando. Acha que eu estava escondendo a Nai e não falei nada? Acha que eu seria capaz de uma coisa dessa?

A expressão de mágoa no rosto dele me pega de surpresa. Nunca tinha me dado conta de que Leo se importava com o que eu pensava dele. É um choque ver que, mesmo que por um segundo, ele é tão inseguro quanto todo mundo.

— Não. — Dou de ombros. — Quer saber a verdade? Não sei o que pensar. Tudo está tão estranho e sem sentido. Achei que eu conhecesse a Nai, mas não fazia ideia de que ela queria fugir, nem sabia de nada que estivesse acontecendo na vida dela que poderia ter causado isso...

Hesito. Ainda não consigo contar tudo que sei sobre a música da Nai no Toonify para ele.

— E a Rose está distante e estranha, como se estivesse tentando me afastar...

— Não é só com você, comigo também — diz Leo.

A expressão magoada reaparece, e de repente entendo por que do nada ele se interessou pela Kasha. É uma tentativa de esquecer a garota por quem está secretamente apaixonado. Sei como é.

— Tem algo acontecendo com a Rose. E você está andando por aí com um celular velho com o número da Nai gravado na agenda. Então, foi mal, você é meu amigo, mas neste momento tudo é possível.

— Está bem — admite Leo, sentando-se em um muro baixo de tijolos que cerca o que deveria ser o

jardim em memória da garota que se matou alguns anos atrás, mas que está sempre tomado pelo mato. — Acho que consigo entender. Também entendo o que você falou sobre a Rose. Mas esse celular, eu nem me lembrava dele. Aaron pediu que eu comprasse quando ele estava preso. Às vezes ele conseguia arranjar um celular por lá e a gente se falava. Às vezes eu botava coisas dentro, coisas que ele precisava para sobreviver na cadeia.

— Está querendo dizer que contrabandeava coisas? — Arregalo os olhos.

— O clima é pesado lá dentro, o contrabando é necessário para ganhar respeito.

— Contrabando tipo... drogas?

Leo não responde, e não consigo acreditar que não fazia ideia de que era isso que ele estava fazendo. Talvez ele tenha razão, talvez estejamos apenas fingindo que somos todos amigos. Amigos de verdade sabem tudo uns sobre os outros.

— Porra, Leo, se você tivesse sido pego...

— Eu não tinha nem dezesseis anos, não teria dado em nada.

Não tem como eu dizer que sinto vontade de vomitar só de pensar nele fazendo algo tão perigoso, então nem tento.

— Isso ainda não explica por que você tinha o número da Nai.

— Porque na primeira noite em que a gente foi procurar por ela, antes de saber que o celular dela tinha sumido e estava desligado, achei que... achei que ela talvez atendesse uma ligação de um número desconhecido. Então, liguei. Mas caiu direto na caixa postal. Tentei algumas vezes. Pensei em esperar alguns dias e ligar de novo, aí salvei o número, mas logo depois a gente descobriu que o aparelho dela tinha sumido, então nem tentei mais. Foi isso.

Tudo que ele diz faz sentido, mas ainda assim Leo é um dos meus amigos mais próximos e tinha um celular secreto. Não me parece certo.

— Pode me devolver? — pergunta ele, e entrego o aparelho.

— Se o Aaron saiu, por que precisa do telefone?

— Porque tocar numa bandinha de escola não é a vida real, cara. É coisa de moleque. E eu preciso começar a levar os bagulhos a sério. — Ele esfrega as mãos no cabelo perfeitamente raspado. — O Aaron precisa de mim e, às vezes, ele precisa que eu não me exponha muito. Enfim, vou jogar esse celular fora agora e vou comprar outro. Olha, a gente teve um ano bom com a banda, talvez o melhor da minha vida, e eu com certeza vou tocar no show beneficente, mas alguma hora preciso cair na real. Isso não é a minha vida e não posso continuar fingindo. Quando alguém feito eu consegue ter uma carreira de guitarrista? Não vai rolar, Red. É simples assim.

— Isso é merda que o Aaron colocou na sua cabeça. Não deixa seu irmão determinar quem você vai ser.

Pelo olhar de Leo, eu sei que se fosse qualquer outra pessoa falando isso já teria levado um soco.

— Só estou dizendo para não jogar fora o que você tem de bom. Você é um músico incrível, Leo. De verdade. Não desperdice o seu talento.

— Porra, Red, eu já nem sei mais. Aquele cara que ele machucou andou pegando o território do Aaron enquanto ele estava preso. E agora a gente precisa dar um jeito nisso, quebrar a cara dele, e tem que ser ainda pior do que na primeira vez, saca? Senão, meu irmão vai perder a credibilidade e ninguém mais vai comprar com ele. E ele quer que eu vá junto quando rolar.

— Ainda pior do que da primeira vez? Ele quase matou o cara da primeira vez, então... — Me dou conta do que ele está tentando dizer. — Puta que pariu, Leo, não! Você não pode se meter nisso.

Leo balança a cabeça.

— Você fala como se fosse fácil, como se fosse preto no branco, mas as coisas não são assim, Red. Não mesmo. Eu não quero me envolver com essas merdas, mas ele é meu irmão, entende? E ele toma conta de mim, e não conheço muitas outras pessoas que façam isso.

— Eu faço isso. A Rose, a Naomi... o sr. Smith... a sua mãe, Leo! Por favor, não faz nada idiota...
— Não sou burro, porra — resmunga ele. — Estou resolvendo.
— Bem, antes de você tomar uma decisão, posso contar uma coisa?
— Pode, não vou conseguir mesmo nada com a Kasha agora.

— É ela. — Leo olha para mim. — É a Naomi quem está cantando. Então, a Naomi é esse tal de DarkM00n?

— Sim, ou esse DarkM00n estava junto quando ela sumiu. Ninguém mais sabia da música, e o nome... E as tatuagens... Posso estar enlouquecendo, mas acho que estou vendo um padrão. Acho que algum momento depois que a Nai fugiu, ela foi... sequestrada, presa, sei lá. Mantida em algum lugar contra a vontade, de onde não podia sair, nem ligar para pedir ajuda.

— Cara, faz sentido.

— Eu sei, mas a música, a letra... Ela parece estar chorando.

— Depois de ouvir várias vezes, dá para imaginar qualquer coisa. — Leo não está convencido. — Ela fugiu com um cara, não queria ser encontrada e inventou um novo usuário, é isso. Talvez tenha dado errado, talvez tenha ficado bêbada e caído no rio, talvez ela... Talvez tenha pulado. De qualquer jeito, ainda é mais provável do que a sua história. Tipo, se ela tinha acesso à internet, por que não disse para a gente ir atrás dela?

— Porque se tinha mesmo alguém a mantendo prisioneira, é provável que essa pessoa também estivesse de olho nela, e Naomi não queria ser pega. É muito fácil espionar o histórico de navegação de alguém. O iPad da Gracie está linkado ao telefone da minha mãe, que tem controle sobre tudo que minha irmã faz. E meu pai instalou um aplicativo que rastreia cada toque na tela. Se alguém estava observando a Nai, para ter certeza de que ela não fugiria nem pediria ajuda, bem, então claro que ela tentaria chamar nossa atenção sem ser pega.

Tenho dificuldade de conseguir traduzir minha intuição para frases que façam sentido.

— Se Naomi não queria ser encontrada, por que replicou as playlists? Por que fez questão de que tivesse uma ligação entre ela e DarkM00n quando alguém procurasse? Pensando por esse lado, acho que parece loucura minha.

— Não sei... — Leo já perdeu o interesse.

Atrás dele, vejo uma borboleta entrando e saindo do mato, sem pousar por mais do que um segundo, e é assim que minha cabeça se sente, como se a resposta estivesse ali, mas eu não conseguisse achar o lugar certo.

E, então, algo me vem à cabeça, prende minha atenção.

— Você se lembra da Carly Shields? A garota para quem fizeram esse jardim?

Leo olha para trás.

— Aham, acho que não ia me esquecer da garota que se jogou na frente de um ônibus. Ela era do mesmo ano que meu irmão, os dois até saíram por um tempo. Ele ficou diferente quando estava com ela. O que a Carly tem a ver com isso?

— E se... — Pego meu celular e abro o site da escola.

Todo ano, há um tempo, os formandos fazem um vídeo, dublando alguma música, e postam no YouTube e no site da escola. Procuro o de três anos atrás, depois quatro e encontro.

— Não acredito, é ela — digo, assistindo ao grupo de garotas desfilando pelo corredor ao som de Beyoncé.

O cabelo está diferente, curto e escuro, ela está de óculos e não tem tatuagens nos braços, mas é ela,

tenho certeza.

— Carly? — Leo olha a imagem mais de perto. — Essa não é a Carly.

— Não. É a Danni Heaven.

— Quem? — Ele se vira para mim.

— A garota que eu conheci em Camden. Ela tinha uma tatuagem parecida com a da Nai e surtou quando eu falei isso. Leo, ela estudou na nossa escola! E a Carly Shields era uma garota inteligente, popular, campeã de natação e harpista profissional. Tudo estava indo bem e, de repente, ela decidiu se jogar na frente de um ônibus, por quê? Por que ela faria algo tão doido?

— Não. — Leo balança a cabeça. — Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Fugir não era algo inesperado para a Nai.

— Antes podia não ser, mas depois da banda, era, sim. Talvez seja uma intuição errada, mas essas três garotas estudaram na mesma escola. Uma delas morreu e duas têm a mesma tatuagem. Tem algo de estranho nisso, Leo, eu sei.

— Do que vocês estão falando? — Ashira aparece do nada.

— Não é da sua conta — reage Leo, antes de ver meu olhar. — Olha, foi mal, tá? Red está falando merda de novo.

— Vocês falaram da Carly Shields — diz Ashira. — A garota que se jogou na frente de um ônibus. O que isso tem a ver com a Naomi?

Será que ela estava escondida ouvindo a nossa conversa? Que garota intensa. Gostei.

— Não é nada. Eu só estava me lembrando da Carly e pensando... E se ela estivesse envolvida com alguém e essa pessoa a levou a fazer aquilo?

— Tipo um serial killer? — pergunta Ash, absolutamente séria.

— Não, sei lá, mas tem alguma coisa nessa história. Algo grande e... invisível.

— Tipo os Illuminati?

— Os o quê? — Fico sem reação. — O que você descobriu sobre DarkM00n?

— Nada. Bem, descobri que a conta é uma subconta ligada a outro e-mail, que está protegido. Não consigo acessar. Mas com certeza é a Naomi cantando. Com certeza.

Ela olha para o chão e parece que todos nós sentimos a mesma coisa ao mesmo tempo. Aquilo era real, não era um jogo, nem um filme. Era real. Merda.

— Danni Heaven também estudou na Thames Comprehensive.

— Quem é essa tal de Danni Heaven? — pergunta Ash.

— Uma garota que eu conheci. Achei que não era nada, que era minha cabeça inventando coisas, mas ela tem uma tatuagem parecida com a da Nai. A gente tem que contar para a polícia — digo.

— Nem fodendo — acrescenta Leo, prestativo. — Vocês estão se prendendo a coincidências. Se falarem sobre isso com qualquer pessoa vão pagar de malucos. É melhor deixar pra lá e se concentrar na melhora da Nai. E no show.

Olho para Ash, que balança a cabeça muito discretamente para mim.

— Pode ser — digo. — Talvez você tenha razão. Talvez seja coisa da minha cabeça.

— Vocês vão passar no hospital hoje? — Ash olha para nós dois. — Por favor.

— Aham, a gente vai com certeza — respondo por mim e pelo Leo, sem pensar.

— Obrigada. Hum, Red? — Ela se afasta alguns passos, e Leo revira os olhos. Dando de ombros, eu a sigo e fico ali, enquanto ela sussurra no meu ouvido: — Carly Shields. Danni Heaven. Vou ver o que consigo descobrir. Eu acredito em você. Até mais.

Eu a observo indo embora e me pergunto se ter credibilidade com a garota mais louca de Londres é bom ou ruim.

— Não sei se consigo ir hoje à noite. — Leo chega atrás de mim. — Aaron quer que eu fique disponível.

— Leo, você não pode fazer o que ele quer. Não pode estragar sua vida por causa dele.

— Ele é meu irmão — diz Leo, determinado.

— Tá bom, então — respondo, subitamente de saco cheio. — A vida é sua, pelo menos o que sobrou dela.

— Vai se foder.

Mostro o dedo do meio para ele e volto para o colégio, gritando:

— Ei, pergunta pro Aaron sobre a Carly Shields?

— Não — responde ele. — Ele gostava dela, nunca superou o que aconteceu. Não vou abrir essa ferida. Se quiser insistir nessa teoria da conspiração, pode fazer por conta própria.

Ele tem razão, é uma teoria da conspiração louca, não faz o menor sentido. Mas, ainda assim... não consigo deixar pra lá e fingir que tudo continua normal, que está tudo bem. Não tem nada bem.

Volto para a aula e me dou conta de que não vi a Rose o dia inteiro.

E, porra, estou com muita saudade.



Kasha



Hoje às 15h36

Ei Kasha viu a Rose hoje?

Visualizado às 15h37

Hoje às 15h37

Não.

Hoje às 15h38

Alguém sabe o q tá
rolando c ela?

Visualizado às 15h38

Hoje às 15h39

Não, ninguém viu ela



Hoje às 15h40

Bem, se souber de
alguma coisa, avisa, tá?

Entregue

20

QUANDO A PORTA do elevador se abre e o forte cheiro da ala hospitalar invade minhas narinas, dou de cara com Max e Jackie, ambos chorando.

— O que houve? Ela não... né?

— Não. — Jackie tenta sorrir, mas chora de soluçar. — Não, meu bem. Ela só não está melhorando na velocidade que gostaríamos. Não é bom que fique tanto tempo em coma e... É coisa demais para processar. Desculpe, não quero que se preocupe. Vai ficar tudo bem, prometo.

Ela volta a chorar e me abraça, e ficamos assim por muito tempo.

— Ash não quer ir para casa e deixar Nai sozinha. Pode ficar de olho nela?

— Com certeza.

Eu diria qualquer coisa para fazer com que ela se sentisse melhor, mas essa era uma promessa fácil.

Jackie beija minha testa e, em vez de recuar, aproveito o gesto por um instante. Um abraço de mãe, que saudade.

Finalmente me afasto, me esforçando para abrir o sorriso mais tranquilizador possível enquanto eles entram no elevador. Ashira está na frente do quarto da Nai, com a cabeça apoiada na janela.

— Oi — digo, parando ao lado dela.

— Oi — responde Ash.

Ficamos ali, lado a lado, olhando para aquela garota bonita e cheia de vida que conhecemos tão bem, presa naquele quadro de animação suspensa, e não consigo pensar em nada decente para dizer. Então decido fazer outra coisa, algo que por algum motivo me parece certo. Estendo a mão e seguro a dela. Ashira não se mexe, não diz nada. Só aperta meus dedos brevemente.

Em seguida respira fundo, solta só minha mão e se vira para mim.

— Então, Carly Shields não tinha tatuagem, pelo menos não antes de morrer, e esse foi o máximo que consegui. Tipo, eu posso dar um jeito de acessar o resultado da autópsia, se você quiser muito, mas me parece um pouco errado.

— É, um pouco. Mas como você descobriu as outras coisas?

— No arquivo do jornal da escola. Ela participou de um campeonato de natação no dia anterior ao suicídio e venceu. Também tocou harpa no concerto da escola naquela mesma noite. Quer dizer, ela até podia ter uma tatuagem em algum lugar que o maiô cobrisse, mas tanto a tatuagem da Naomi quanto a da Danni são no pulso... Você acha que a gente pode tentar encontrar a Danni e perguntar algumas coisas?

Ela me entrega a cópia de uma página recortada de um jornal local antigo, e fico sem ar. A foto mostra meu pai, quando fazia parte do conselho da escola, botando uma medalha no pescoço da Carly, de maiô. A qualidade não é boa, está um pouco granulada, e ele tinha bem mais cabelo, mas com certeza é meu pai. Fico olhando para ele ao lado da garota que agora está morta e sinto um calafrio descer pela nuca. Que merda de coincidência.

— Algo me diz que ela não vai querer conversar.

Não conto para Ash que o homem na foto é meu pai, porque vê-lo ali me parece um segredo que ainda não tenho vontade de compartilhar.

— Mas posso tentar. Vou pedir para segui-la no Instagram e mandar uma mensagem direta.

— Tá bom. Você vai entrar para ficar um pouquinho com a Nai? — A voz de Ashira parece sem

energia; ela não sabe mais onde procurar pela irmã, que está bem ali. — Vou pegar uma Coca, quer?

Faço que sim e me preparo para abrir a porta.

Toda vez que vejo a Nai, ela parece um pouco melhor. Ainda tem um tampão em um dos olhos, mas a pele ao redor está menos inchada e coagulada. Se eu semicerrar os olhos e tentar ignorar os tubos e os curativos, quase parece que ela está dormindo.

— Ouvi a sua música — digo. — É muito boa, Nai, a sua versão é bem melhor do que a minha. Queria saber quando você gravou, quando criou essa conta estranha e por quê. Não pode acordar e dizer pra gente o que aconteceu com você? Que tal? Que tal você acordar e contar tudo pra gente, e assim tudo pode voltar ao normal? Como era antes. Desde que você foi embora, as coisas parecem estar desmoronando. O Leo voltou a se envolver com Aaron, e a Rose... Ela está... Nem sei dizer. Está em outro lugar. Se você acordar agora, pode tocar no show com a gente na semana que vem, afinal, vai ser no dia do seu aniversário. Anda, Nai, acorda e fala comigo.

Os aparelhos continuam zumbindo e apitando, e ela ainda está respirando, e tudo permanece igualzinho, é óbvio que sim, porra. Ela está sedada. Seguro a mão dela e fico feliz ao ver que enfim os hematomas no pulso sumiram, ao contrário da tatuagem. Levanto o braço dela para conseguir ver o desenho direito. É estranhamente bonito, tão detalhado que seria preciso horas e horas de trabalho e suportar um bocado de dor, para uma garota que não gostava de tatuagens. Quem sabe eu levo uma foto no estúdio de tatuagem, como Ash sugeriu. Não custa nada. Pego meu celular e tiro algumas fotos, mas todas as vezes a minha sombra, formada pelas fortes luzes fluorescentes no teto, incide sobre o desenho, ofuscando todos os detalhes. Mudo a câmera para o modo frontal e viro o pulso dela delicadamente, desvio da luz e tiro a foto.

Putá merda. É tão claro e óbvio. De repente, está bem na minha cara.

— O que foi? — Ash entra no quarto e vê minha expressão.

— Aqui, olha.

Entrego meu celular a ela.

— O que você está vendo, Ash?

— Meu Deus... — Ela encara a foto e depois se vira para mim. — Vejo números, um monte de números. Números e letras, barras e pontos, um em cima do outro, mas dá para entender. Acho que talvez seja um código, Red. Quer dizer, pode ser, pode ser qualquer coisa... inclusive um código. — Ela me olha outra vez. — Tenho fotos da tatuagem no meu celular, só preciso revertê-las e... Red, isso é muito importante.

— Acha mesmo?

— Preciso ir pra casa. Se isso for um código, preciso tentar achar um jeito de decifrá-lo. Isso pode ser a resposta.

Seus olhos estão injetados, como se ela estivesse com febre.

— Ash, calma aí. Devem ter, sei lá, uns cem caracteres diferentes nessa tatuagem, talvez mais. Pode ser *completamente* aleatório. Algo que mais ninguém além dela entende. Mesmo que se trate de um código, existe um bilhão de combinações diferentes para o que está ali, seria impossível decifrar.

— Bem, preciso tentar.

Ash me dispensa e sai, mas eu a sigo até o elevador, bloqueando o painel dos botões. Ela me lança um olhar realmente assustador. Ash não é o tipo de garota que gosta de receber ordens.

— Ash, eu me preocupo com você — digo, e por algum motivo aquilo acalma um pouco a intensidade em seus olhos.

— É?

— Fico com medo de que você... E eu... De que a gente esteja meio que enlouquecendo. Tentando achar pistas que nem o Salsicha e o Scooby quando, na verdade, não tem nada acontecendo.

— Sou o Salsicha ou o Scooby nesse cenário? Porque sempre me identifiquei mais com a Velma.

Abro um sorriso. Gosto do seu senso de humor; ela é engraçada mesmo em momentos tão sérios.

— De qualquer maneira, não quero que vá para casa e fique trancada no quarto, surtando para tentar entender um monte de coisas que não fazem sentido. Sei que agora parece impossível, é impossível, mas a Nai vai acordar, e, quando isso acontecer, você vai precisar voltar a ter a própria vida também.

— Talvez — concorda ela. — E obrigada por se preocupar comigo... É legal da sua parte. Mas preciso fazer isso. Não acho que os números sejam aleatórios. Acho que existe um padrão, tem que existir, porque se ninguém consegue ler aquilo, qual é o sentido de fazer a tatuagem com tantos detalhes? Aquilo significa alguma coisa para alguém. Posso testar o código num programa que tenho em casa, que me ajuda a descobrir senhas. Você fica com ela?

— Talvez eu possa ajudar, não?

— Duvido muito — retruca ela, me tirando do caminho e entrando no elevador.

Quando ela vai embora, me sinto diferente. Não sei se é de uma forma boa ou ruim, então prefiro não pensar no assunto.

Olho para minha amiga, alheia a tudo que acabou de acontecer.

— Bem — digo. — Pedi para você falar... e você fez isso.

21

ESTÁ TARDE QUANDO saio do hospital, e continuo esperando notícias da Ash a qualquer momento, embora imagine que, seja lá o que ela esteja fazendo, deva demorar bastante. É difícil não ficar pensando nela escondida atrás daquele véu de cabelo preto, buscando algum sentido, e sinto uma pontada de culpa. Sou eu que vejo todas as conexões, que alimento a necessidade dela de descobrir uma verdade que talvez não exista. Sou eu que olho uma foto velha do meu pai no jornal e me pergunto se ele está envolvido. E cada um dos meus medos secretos parecem tão possíveis.

Então vou andando para casa, e a cidade é a mesma, as pessoas passando direto por mim como se eu não existisse, como sempre, e a teia de pensamentos na minha cabeça parece um pesadelo que só é ofuscado pela luz do dia. Paro por um instante na ponte e inalo o calor e a fumaça dos carros enquanto observo as luzes dos postes ao longo do Tâmis brilhar no escuro como planetas recém-chegados a nosso sistema solar.

Está na hora de tomar jeito, Red, pelo seu bem e pelo da Ash. Pela Nai e até mesmo pela Rose, que parece ter se desligado do mundo, sem deixar ninguém saber se ela está bem enquanto faz sabe-se lá o quê, com sabe-se lá quem. O problema da Rose é que ela é muito mais frágil do que parece, e às vezes, só às vezes, acho que ela na verdade se esforça para ser magoada.

Você tá bem?

Mando a mensagem e espero, mas os minutos se passam e não há sinal de resposta. Pelo menos ela vai saber que estou pensando nela, já é alguma coisa. Amanhã vou procurá-la, me certificar de que está bem, porque ela precisa saber que não importa o que aconteça, não importa o que ela faça ou diga, sempre vou estar do lado dela.

Isso é inevitável quando a gente fica tão apaixonado quanto eu estou.

Abro a porta de casa e encontro minha mãe sentada à mesa. Percebo na hora que ela andou chorando. Fico imóvel no hall por um instante, sem me mexer, sem saber o que fazer.

Ela me vê e sorri.

— Quer uma xícara de chá?

— É... aham, valeu — respondo, embora eu esteja com calor e querendo a Coca-Cola que eu sei que tem na geladeira. Eu me sento em uma das cadeiras, largando a mochila aos meus pés. — O que houve?

Minha mãe coloca uma caneca na minha frente e se senta.

— Cadê a Gracie? — pergunto.

— Lanchando na casa de uma amiga — diz ela, pousando as mãos no tampo da mesa.

Pela primeira vez, noto que estão machucadas e secas. A pele branca está descascando nos dedos e no dorso das mãos. As unhas, roídas até o sabugo, destroçadas e vermelhas. As mãos da minha mãe me fazem sentir pena dela.

— Eu queria agradecer — diz, com cuidado, escolhendo cada palavra. — Por hoje de manhã. Por ter

ajudado a Gracie a acordar e se arrumar. Fui babaca com você, deveria ter agradecido.

— Tudo bem. — Eu a observo com desconfiança. Ela está com olheiras e os olhos inchados. — Não me importo em ajudar.

— Olha, meu amor, sei que as coisas não andam bem há muito tempo. E sei que estão piorando. Você percebe. Vê que seu pai mal vem pra casa, e que eu... — Ela hesita. — Sei que não sou perfeita, e acho que acabo descontando em você.

Ela me olha, e, por um segundo, me lembro de quando eu era criança e me sentava no seu colo, e ela me envolvia com os braços enquanto sussurrava histórias com o rosto enfiado no meu cabelo.

— Tudo bem — repito, querendo muito que seja verdade. Quero que tudo fique bem com ela. — As coisas estão difíceis, e você tem lidado com tudo sozinha. Mas eu estou aqui.

— Não é à toa que tudo tem sido tão difícil para você. Com a Naomi e... Não sei, tudo. Você realmente não teve nenhum apoio. Seu pai... Bem, ele nunca foi muito presente, e eu dou muito mais atenção para Gracie do que para você, e isso não é justo. Não demonstro quanto eu me importo com você, quanto te amo. Estou sendo uma péssima mãe.

Eu me recosto na cadeira e, de todas as coisas que achei que fosse sentir, é o alívio que toma conta do meu corpo e me dá vontade de chorar. Alívio por saber que minha mãe não me odeia, no fim das contas.

— Por isso combinei um lanche para a Gracie, assim a gente pode conversar de verdade. Esclarecer algumas coisas, botar tudo de volta no lugar. O que acha?

— Acho ótimo, mãe.

Mas, quando me aproximo para abraçá-la, ela recua.

— Se realmente quer me ajudar... — Ela desvia o olhar outra vez, recolhe as mãos. — Eu me preocupo com você, meu amor, com o caminho que parece estar seguindo. Eu vejo você, seu cabelo, esses brincos e como a banda tem tomado grande parte do seu tempo, então penso na coitada da sua amiga Naomi e no que aconteceu com ela, e só... Entendo que você sinta que fui negligente, que deixei você de lado. Não posso culpar você, né? Mas está na hora de parar. Hora de voltar ao normal, por favor. Por favor. Você está me envergonhando com toda essa loucura, e eu já tenho coisas demais com que me preocupar.

Normal. A palavra me corta ao meio, deixando uma ferida aberta.

— Eu sou normal — respondo calmamente. — Esse é o meu normal, mãe, você não entende? Não estou tentando magoar ninguém, só estou sendo eu.

— Não. — Minha mãe balança a cabeça sem parar. — Não, eu não entendo. E você precisa ver que essas coisas não vão fazer você feliz, meu amor. Não vão fazer com que aceitem você, nem que chegue a lugar algum. Porque vai passar a vida toda à margem, chamando atenção pelos motivos errados. Você pode achar que estou dizendo isso porque te odeio, mas não é verdade. Estou dizendo isso porque te amo e não quero que sua vida seja cheia de sofrimento. Por favor, Red, por favor. Esse lápis de olho, o esmalte preto. É uma fantasia, e é errado. Parece alguém que levaria uma arma para a escola e sairia atirando em todo mundo. *Por favor*, Red, por favor, me escuta, e tira esse piercing do nariz, todos esses brincos. — Ela franze o nariz. — Por favor, volte ao normal. Talvez esse seja o seu único talento, mas *para de tentar chamar atenção*.

— Mãe — digo, com muito cuidado. — Se eu quisesse chamar atenção, você saberia das minhas tatuagens. Das três.

— Suas o quê? — Ela fica boquiaberta.

— Se o meu talento fosse chamar atenção, você teria notado que eu costumava levar comida para o quarto e comer sem parar até engordar tanto que mal conseguia andar sem ficar ofegante, isso aos *dez anos*. Mas você não notou, e também não percebeu quando depois parei de comer e passei a ficar todos os finais de semana na cama porque sentia um cansaço e uma depressão tão fortes que não conseguia levantar. Não reparou, porque tudo sempre gira em torno de você.

— Três tatuagens? — É tudo que ela consegue dizer.

— Você quer que eu seja normal, não é? Mas, se eu fizer isso... — digo, saltando da cadeira de repente, minha boca falando antes mesmo que o pensamento se formasse na mente. — Se eu pudesse fazer isso, como lidaria com a bêbada da minha mãe, com a mulher que enoja tanto o meu pai que ele não aguenta nem ficar na mesma casa que ela? Que desmaia no sofá sem dar comida para a filha de sete anos? Porque, se isso é ser *normal*, não quero ser normal nem fodendo.

Subo a escada correndo, passo pelo quarto da Gracie e entro no meu. Ligo o som no máximo, tiro os abafadores da bateria, pego as baquetas e toco até meus braços doerem, minha cabeça girar, até os vizinhos esmurram a parede. Não paro, deixando que a música me domine, sem pensar em nada além do ritmo das caixas, dos chimbais, do surdo e de uma série de síncopes, e então, quando todos os meus nervos pulsam no ritmo certo, quando cada célula se agita ao som das batidas, paro e desligo a música. Ela nem sequer apareceu para gritar comigo.

Gracie deve estar em casa. Ouço minha mãe dando banho nela, cantando “Cinco patinhos” enquanto ela brinca com as bolhas. Está no modo mãe perfeita. Assim que entra no quarto da minha irmã para ler para ela antes de dormir, desço para fazer uma torrada. Parece que minha mãe ainda está sóbria ao se sentar na cama da Gracie, banhada pela luz rosada. Sua voz parece normal, e ela não vira as páginas com pressa, desesperada para acabar a história, descer e desfrutar da companhia da TV e da bebida. Mas aí vejo um copo alto, com um líquido transparente, gasoso, esperando por ela no corrimão da escada. Pelo menos ela se obrigou a esperar até a Gracie dormir. Acho que já é alguma coisa.

Estou esperando a torrada ficar pronta quando a porta dos fundos se abre e meu pai entra. Camisa amarrotada, barba por fazer. Ele parece gordo e cansado.

— Oiê — diz ele.

— Apareceu em casa?

— Não precisa fingir surpresa, eu moro aqui.

— Foi o que ouvi dizer.

— Está tudo bem? E na escola, estudando muito? Alguma notícia da Naomi?

— Pai. — Pego o pão que salta da torradeira, me lembrando da foto dele com Carly Shields de maiô.

— Se você passasse um minuto em casa, saberia disso tudo.

— Olha, sei que tenho ficado muito tempo fora. Mas faço isso por você e pela Gracie. E pela sua mãe. Garantindo um teto sobre a cabeça de vocês, pagando por todas as coisas que vocês querem.

— A mamãe sente saudade. Ela fica chateada. A gente sabe que tem outra pessoa na jogada, pai.

— Não tem — insiste ele. — É o trabalho.

— Tá bom. Tanto faz. Sinceramente, pai, não me importo se você trabalha ou se trepa com ela, estou pouco me fodendo.

Meu pai fica sem reação, piscando, o rosto tenso, e sei que quer gritar comigo, mas em vez de gritar, ele se senta, e isso me diz tudo que eu precisava saber.

— Bem, estou em casa agora. Vou subir e dar um oi para a Gracie, e aí que tal a gente pedir comida chinesa, hein, nós três? Você pode comer o que quiser, não vou dar pitaco na quantidade.

— Estou comendo torrada.

Ele parece decepcionado e aliviado ao mesmo tempo.

Decido arriscar.

— Pai, você faz parte do conselho da escola há muito tempo, né? Quando eu ainda nem estudava lá. Por quê?

— Quer mesmo saber? — pergunta ele, franzindo a testa. — Eles criaram uma iniciativa para atrair novos negócios e incentivar os políticos locais a se envolverem na estratégia de desenvolvimento da escola. Chamaram de iniciativa de escopo geral.

— Ah, entendi. — Sorrio, como se achasse interessante. — Você gosta?

— Aham — responde ele, relaxado.

É raro eu perguntar sobre a vida dele, e ele fica feliz, o que me faz me sentir mal pela pergunta seguinte.

— Você se lembra da Carly Shields?

Ele ajeita levemente a postura.

— Acho que não.

Insisto um pouco mais.

— Carly foi a garota que se jogou na frente de um ônibus de dois andares. Ela se matou bem na porta da escola.

— Ah, sim, claro. — Ele empurra os óculos no nariz. — Uma tragédia terrível, ela estava passando por um monte de problemas, mas não falou nada para ninguém. Muito triste.

— Você entregou a medalha do campeonato de natação para ela pouco antes de ela morrer.

— Sério? — Ele se levanta. — Bem, não me lembro disso. Estou exausto, cansado demais para comer. Acho que vou dormir.

Não são nem oito da noite.

O mesmo calafrio que senti na nuca agora adentra minhas veias. Ele se lembrou da Carly, então por que não quer falar sobre o assunto?

— Pai — chamo, fazendo com que ele pare no vão da porta. — Olha, as coisas andam muito ruins por aqui. Eu me preocupo com a Gracie. Passa a noite em casa hoje, por favor. Fica com a mamãe, por favor. Não deixa a gente na mão.

Ele me olha como se não entendesse direito o que estou falando. Tento mais uma vez.

— Você é o adulto aqui, pai. Você. Não é justo que fique fugindo, fazendo sei lá o quê, e deixando eu e uma criança de sete anos por conta própria, lidando com a bagunça que você deixa para trás. Você é o homem da casa, assuma a porra da responsabilidade.

— Olha, presta atenção...

— Ah, quer saber, foda-se.

— Volta aqui agora, Red! — grita ele quando chego ao topo da escada, bem na hora em que minha mãe sai do quarto da Gracie.

— Ele veio buscar roupa limpa — aviso a ela.

A casa está silenciosa. Paro no corredor e escuto. Meu pai está em casa, posso ouvi-lo roncando no quarto de hóspedes. Lentamente, desço a escada até a sala, onde acho seu laptop no sofá. Prendendo a respiração, abro o computador. Preciso de uma senha para desbloquear, mas não sei qual é. O que será que Ash faria? Penso no meu pai e nas coisas com as quais ele se importa e chuto. O aniversário da Gracie é no dia nove de maio, então digito Gracie09. Acerto de primeira.

Mas meu sorriso congela quando a área de trabalho aparece na tela. Porque a primeira coisa que vejo é a foto de uma garota mais ou menos da minha idade, talvez um pouco mais nova. Uma garota que eu não conheço e que não sabe que estava sendo fotografada. Ela é bonita, risonha, tem braços compridos e finos e uma mochila da Hello Kitty. Clico na foto e dou zoom; ela tem uma covinha. Não parece haver nada ligado a essa foto, nenhum documento, nenhum nome. Apenas uma garota jovem e bonita, sendo observada de longe.

Ele tem muitas pastas na área de trabalho, e abro cada uma delas. Estou morrendo de cansaço, meus olhos estão ardendo, mas continuo procurando, torcendo para não encontrar nada. Então encontro. É uma pasta cheia de arquivos criptografados. Tento a senha principal de novo, mas não funciona. Faço três ou

quatro tentativas, sem sucesso. Fico encarando os arquivos, que não têm nomes, apenas uma série de números — impossível adivinhar o que existe dentro delas. Mas tenho minhas suspeitas.

O jeito como ele olhava para as pernas da Rose.

O fato de que ele estava ajudando a Naomi a se inscrever na bolsa Duke of Edinburgh pouco antes de ela desaparecer.

A medalha que ele botou na Carly enquanto ela estava de maiô.

O cheiro de outras mulheres constantemente no ar.

Não quero acreditar que aquelas pastas tenham outras fotos de garotas. Garotas como essa. Garotas que eu conheço.

Não quero pensar nisso, mas preciso. Preciso saber.

Rose



Táí?

Rose



Red?

Rose



Red?

Red



Tô. Dormindo. Cara, tá tarde/cedo. Blz?

Rose



Eu sei, mas desculpa

Red



O q?

Rose



Fui uma escrota com você, nem sei pq

Red



Td bem

Rose



Não. Não tá.

Red



Sério, só fico feliz q vc tá bem. Vc tá bem?

Rose



Yeeeeesss. Somos BFFs

Red



Rose



Você foi ver a Nai hoje?

Red



Aham

Rose



Não sei por que não consigo ir lá. Não sei..

Rose



...

Rose



...

Red



O que foi? Aconteceu alguma coisa? Fala comigo.

Rose



Nada. Tá tudo bem. Tudo certo

Rose



A gente se fala amanhã?

Red



Blz

Rose



Continua arrasando, vc é foda

Red



Então a gente se vê amanhã?

Rose



YeeeeSSS! ❤️❤️❤️ Filme e comida trash na minha casa?

Red



Fechou

Rose



❤️❤️❤️

ACORDO COM UMA mensagem da Ash.

Vou matar aula, passei a noite acordada. Nenhum progresso, preciso de mais tempo. Te vejo no hospital.

Ok, preciso ver você, respondo, e espero. Preciso pedir uma coisa.

Ela está ocupada demais para me perguntar o que é. Vejo as reticências subindo e descendo por um tempo, mas depois desaparecem. Ontem, a noite foi sombria e conturbada, mas hoje o sol nasceu e nada do que vi ou li parece mais tão ruim ou perigoso. Impressionante como me sinto melhor, e tem um motivo. Rose.

Não consigo explicar a sensação de ver aquelas palavras e emojis preenchendo a tela do meu celular mais uma vez, depois de vinte e quatro horas de um silêncio destruidor. Antes de meu aparelho vibrar embaixo do travesseiro, eu nem estava dormindo de verdade, só de olho fechado, com a cabeça a mil no escuro. E, então, Rose apareceu e ficou tudo bem.

O céu está limpo, o dia está quente e adoro ver Londres à beira do rio, a London Eye em destaque contra o céu azul, o contraste dos prédios antigos e novos lado a lado, como se tivessem brotado da terra ao mesmo tempo, e não ao longo de séculos. Eu amo este lugar onde pessoas diferentes de todos os cantos do mundo chegam para ser quem quiserem, sem dar a mínima para o que os outros pensam. Eu amo esta cidade porque aqui ninguém se sente deslocado.

Por alguns minutos, tudo parece bem. Como era antes de desmoronar.

Leo está esperando por mim ao lado de Rose na esquina perto do metrô. Ela está encostada em um poste, olhando para o celular, e ele está virado para a direção oposta. Juntos, mas não muito.

— Ei — digo quando chego, de repente com vergonha, como ficava no começo da banda.

— E aí — diz Leo, mas Rose continua séria até o último instante, e me pergunto se ela imagina que meu rosto está corado e que mal consigo encará-la.

— A banda está reunida de novo. — Rose sorri quando finalmente tira os olhos do celular. — Olha, foi mal pelo perdido que eu dei nos últimos dias. Coisa de mulher, sabe? Mas agora voltei com tudo, tá? De verdade. Quero mandar bem pela Nai e não vou decepcionar. Amo vocês.

Eu e o Leo nos entreolhamos, mas é ele quem dá de ombros.

— Todo mundo dá mole às vezes — diz. — Ando estressado com umas merdas aí também.

— Eu sei. — Rose toca no braço dele. — Foi mal por ter deixado vocês na mão. Vou compensar, prometo. Vocês me perdoam?

Tem algo rolando entre eles, mas finjo não notar. Por que fizeram questão que eu testemunhasse isso? Podiam ter conversado antes de eu chegar.

— Red vai lá em casa hoje — diz Rose. — A gente vai ver filme, comer pipoca, essas merdas. Quer ir?

Leo olha para mim de relance, e dou de ombros discretamente. Por dentro, estou torcendo para que ele diga que não pode. Quero ela só para mim por algumas horas. Se eu tiver um tempinho só com ela, vai ficar tudo bem.

— Não posso. O Aaron precisa de mim.

— Para quê? — pergunta Rose, franzindo as sobrancelhas.

— Para fazer volume — responde Leo, dando de ombros, como se não fosse nada de mais.

— Volume? — Rose se vira para mim.

— Ele vai confrontar um cara com quem tem uma treta aí e precisa de uma galera para fazer volume e intimidar. Ele diz que sou o braço direito dele. — Leo ergue o queixo, orgulhoso.

— Leo, sério, não entra nessa. Você não tem nada a ver com os problemas do seu irmão — digo. — O cara está solto há cinco minutos e já está arrumando problema. Talvez essa seja a onda do Aaron, mas não precisa ser a sua.

— Escuta esse conselho, Leo — insiste Rose, de forma surpreendentemente gentil. — Por favor.

— Por que está tão preocupada com isso? — pergunta Leo a ela, mas não está irritado.

É uma pergunta honesta, que busca uma resposta muito específica.

Rose olha para mim e vejo que ficou meio hesitante. Leo não vai conseguir a resposta que deseja, e o pior de tudo é que parte de mim fica feliz com isso.

— Porque você é meu amigo, seu idiota. Além do mais, se for pego fazendo alguma coisa que não devia logo antes do show, estamos fodidos, né?

Leo revira os olhos, como se não estivesse nem aí, mas sei que está, sim. Porque eu me sinto exatamente do mesmo jeito. Sei que se Rose correspondesse ao sentimento, ele faria qualquer coisa por ela.

— Você perguntou sobre a Carly para o Aaron? — indago.

— Não, cara, ele não anda num momento bom para nostalgias, tá ligado?

— Quem é Carly? — pergunta Rose.

— A Carly do jardim memorial — digo.

— Ah, essa Carly. — Rose suspira. — Achei que estavam falando de uma *garota*. Por que estamos falando da Carly?

— Red conheceu uma garota em Camden — acrescenta Leo, convenientemente mudando de assunto, e Rose fica chocada.

— Como assim? O que aconteceu?! Red? De repente começou a transar?

— Não — respondo, com firmeza, com um ligeiro prazer de ver que a notícia, embora exagerada, causou certo desconforto nela. Preciso falar com Aaron, mesmo que ele seja a última pessoa que quero ver na minha frente. — Olha, Leo, posso voltar com você depois da escola? Para conversar com o Aaron. Depois vou para a casa da Rose. Quando você tiver que sair para fazer volume ou sei lá o quê.

Leo me olha de cima a baixo.

— Não sei, Red, você e o Aaron não são muito... compatíveis, e as coisas estão um pouco tensas agora, sabe? Com essa coisa do volume.

— Caramba, só quero conversar, não me casar com ele. E, quem sabe, se eu estiver por perto, você vai ter um pretexto para não se envolver nas merdas do Aaron.

— Depois não reclama — responde Leo, dando de ombros e sorrindo ao mesmo tempo.

Soa um pouco ameaçador.

— Ótimo plano — sussurra Rose, enquanto Leo atravessa a rua correndo para alcançar um amigo. Acabamos de virar na Dolphin Square, nos misturando com o fluxo intenso de alunos. — Agora pode ficar de olho para ter certeza de que ele não está se metendo em uma grande merda.

E, quando Rose diminui o passo para ouvir a fofoca rolando entre Kasha e as garotas, Leo para e espera por mim.

— Que bom que você vai fazer alguma coisa com ela — diz ele. — Pode ficar de olho para que ela não se meta em confusão. Tenta descobrir com quem ela está saindo escondido.

— Escondido de quem?

— De nós, trouxe — responde ele.

O conjunto habitacional do Leo está sempre animado, vinte e quatro horas por dia. A essa hora, as crianças pequenas acabaram de voltar da escola e ficam brincando no gramado, por entre as árvores, rindo e gritando. As crianças um pouco maiores andam de bicicleta e skate em um percurso de obstáculos improvisado, descendo uma escada de concreto, testando a fúria dos velhinhos sentados no banco curtindo o clima quente de setembro. Das janelas abertas é possível ouvir música tocando, e roupas balançam no varal nas sacadas dos prédios, tão altos que quase alcançam o céu.

O apartamento do Leo fica no oitavo andar de um bloco comprido, com uma varanda que se estende na frente de todos os apartamentos e com vista para o gramado lá embaixo.

O elevador é barulhento, se move devagar e cheira a maconha.

— Então, já decidiu se vai ser mesmo capanga do Aaron? — pergunto, casualmente.

Ele veio até aqui falando sobre as merdas de sempre, ensaio, futebol, garotas, música e, então, quando chegamos ao condomínio, ficou calado de repente, não abriu mais a boca.

— Não é nada disso, e você sabe — diz ele.

— É o quê, então?

— As pessoas respeitam o Aaron, Red. Por quem ele é e pelo que fez.

Consigo me controlar por um andar.

— Por vender drogas e deixar pessoas à beira da morte?

— Aquele babaca sabia dos riscos. Ele não foi atrás de um civil qualquer. As ruas estão em guerra, cara.

Quero rir, mas não tenho certeza de como ele pode reagir. Além disso, Leo não está errado. No último ano, houve um caso de esfaqueamento por semana em Londres. Tivemos uma assembleia sobre isso na escola. Estão levantando fundos para botarem detectores de metais na entrada principal, o que me parece idiota, porque existem outras maneiras de entrar e sair do prédio.

— Você é um civil — respondo, enfim. — É guitarrista, e é muito bom. Não vale a pena, vale? Se envolver com essas merdas?

Leo me lança um olhar intenso e sério quando o elevador para.

— Red, você simplesmente não sabe nada da minha vida. Você nem me conhece de verdade.

— Red! — A mãe do Leo fica muito feliz ao me ver. — Vai ficar para o jantar?

Sou aquela amizade clichê, todas as mães ficam contentes ao me ver porque sou uma boa companhia; se estão comigo, seus filhos não estão entrando numa guerra de gangues numa quarta à noite.

— Valeu, sra. Crawford, mas não posso.

A alegria some do seu rosto, e vejo a preocupação que estava escondida. Leo não faz ideia de como é sortudo por ter uma mãe que se importa com ele.

— Diga, como vai a Naomi? Liguei para a Jackie, mas ela não atendeu, e não a culpo, não consigo nem imaginar o que ela está passando.

— Continua na mesma, por enquanto — digo.

Ela me abraça sem aviso, sussurrando no meu ouvido:

— Que bom ver você, faz tanto tempo que não aparece. Fique de olho no meu garoto, hein? Estou preocupada com ele. — Ela me solta. — Bem, fico feliz de ver você.

Assinto, com uma promessa silenciosa de que farei o possível, mas e se o Leo estiver certo? Talvez eu não o conheça mesmo.

Aaron está largado no canto, uma das pernas sobre o braço da poltrona, jogando videogame. Na tela, muitos gângsteres de computação gráfica caem sob a mira de sua metralhadora.

— Aê! Porra! — grita ele para o Leo. — Vem cá, mano, olha eu matando esses filhos da...

— Oi — digo.

Aaron me olha de soslaio.

— Que porra é essa? — diz ele, olhando para mim. — Ai, merda, morri!

— Meu nome é Red. O Leo é meu amigo.

— Red toca na banda comigo — acrescenta Leo, como se não quisesse admitir que somos amigos.

— Ah, é — diz Aaron, me analisando. — Seu visual é demais... Red.

— Valeu — digo, e ele abre um sorriso irônico. Não era um elogio. — Então, como vai? — Tento puxar papo.

— Vou melhorar muito se você parar de falar comigo — diz ele, largando o videogame ao perder mais uma vida. — Cara, dá para tirar essa coisa de perto de mim, por favor?

Levo um segundo para perceber que a “coisa” sou eu.

— Se importa se eu perguntar sobre quando você estudava na Thames Comprehensive? — Não era para ter saído de um jeito tão nerd, mas saiu.

A questão é que, mesmo que eu tentasse parecer barra-pesada, daria uma de idiota.

— Bem, eu tentei não passar muito tempo lá, tá ligado?

Aaron ri, e Leo olha para o chão.

— Você se lembra da Carly Shields?

Ele se volta para mim, inclinando a cabeça.

— Aham, ela era legal. Era doce de verdade. A gente teve um lance rápido. É, foi triste.

A delicadeza na voz dele me surpreende, assim como o sorriso no seu rosto.

— Aaron! — chama a mãe do Leo da cozinha.

— Que foi, porra? — responde Aaron, gritando. — Não para de encher o saco.

— Olha, deixa pra lá. Leo, você vai comigo até a casa da Rose?

— Aham, talvez...

Leo começa a se levantar, mas Aaron interrompe:

— Fiquei arrasado quando ela se matou, fiquei muito mal. Ela era gente boa, sabe? Me fez feliz por um tempo. Aí, me deu um pé na bunda, do nada, e começou a ficar muito estranha.

— Estranha? — Tento não demonstrar muito interesse.

— Ela pirou, tipo, alguns dias antes. Eu lembro bem. Mudou completamente.

— Sério? Como?

— Me procurou e perguntou se eu conhecia alguém que podia matar uma pessoa para ela. Disse que tinha dinheiro.

— Oi? — pergunta Leo.

— Está me chamando de mentiroso? — Aaron o desafia. — Falei: “Não, tá doida?” Mas pensando agora, eu devia ter aceitado o dinheiro, afinal ela não durou tempo suficiente para cobrar o serviço.

Ela se mudou. Estava assustada. Queria ver alguém morto...

— Entendi. Pelo visto ela surtou, então — digo. — Bom, vamos, Leo?

Ele se levanta do sofá, mas Aaron o detém.

— Não, Leo. Você não vai a lugar nenhum, cara. A gente tem planos.

— Mas você não precisa de mim, né? — Leo anda de um lado para outro, inquieto.

— Não importa se preciso ou não, você é meu irmão e vai comigo.

— Tá bom. — Leo senta. — Tranquilo.

— Manda mensagem mais tarde — digo.

— Beleza.

Por um instante, me pergunto se deveria ficar, se minha presença ajudaria. A última coisa que quero é deixar que o Leo siga por um caminho sem volta se eu puder impedir.

— Eu posso...

— Aberração, sua presença não é necessária — diz Aaron para mim. — Está me deprimindo, cara.

— Leo? — Ele evita o meu olhar. — Vamos fazer assim, eu ligo para a Rose e digo para ela vir pra cá, aí fazemos alguma coisa juntos, nós três, pode ser?

— Red. — Leo olha para mim como se estivesse me dando um aviso, me dizendo que, se eu ficar ali, as coisas não vão terminar bem. — Você tem que ir embora.

Mas, ainda assim, não me mexo. Não consigo. Então, Aaron salta da poltrona e fica cara a cara comigo.

— Meu irmão mandou você dar o fora, então é melhor obedecer antes que eu te mostre um jeito rápido de chegar lá embaixo.

Vejo a saliva acumulada no canto da boca dele, os vasos estourados nos olhos, e fico morrendo de medo.

— Até mais, Leo.

Ele olha para mim, mas não responde. Nem precisa: seus olhos dizem tudo.

A RUA DA Rose está silenciosa, todas as crianças seguramente abrigadas dentro de casa no ar-condicionado ou brincando em seus jardins murados. Carros que custam o dobro do que a maioria das pessoas ganha em um ano estão estacionados na calçada, lustrados e perfeitos, e se houvesse alguém na rua teria me olhado duas vezes só para se lembrar de falar de mim na próxima reunião da associação de moradores sobre segurança. A casa dela está tranquila, sem sinal do pai ou da Amanda.

Sinto uma pontada de culpa por não estar com Naomi, mas Ash disse que nem ela vai ao hospital hoje. Pelo jeito, passou a noite acordada tentando decifrar números que provavelmente não podem ser decifrados. Mas preciso estar aqui, porque, sabe, Rose é mais do que uma pessoa, ela é um lugar onde não preciso mais pensar, onde posso simplesmente ser eu por um tempo, e isso é um alívio. Eu não tinha percebido quanto meu corpo está esgotado, quanto quero apenas descansar um pouco.

A casa da Rose é o lugar perfeito para isso; um refúgio de ordem, protegido pelo dinheiro. Tem uma mulher que faz faxina para eles quatro vezes por semana, então nunca há pilha de roupas para lavar ou canecas sujas na pia. A casa está sempre cheirosa, com vasos de flores frescas no saguão, na sala e no andar de cima também.

Assim que eu chego, Rose desce com uma camiseta larga e leggings, de pés descalços e cabelo solto. Eu observo enquanto ela prepara sanduíches de bacon para nós, entregando o meu com uma Coca de garrafa de vidro e um canudo listrado.

— E aí, acha a situação do Leo preocupante?

— Um pouco, sim — digo. — Você não?

— Não tenho certeza. Ele tem um lado obscuro, sabe?

— Como assim? — Olho para ela.

— Tipo, às vezes ele não é o Leo que a gente conhece. Às vezes ele fica irritado.

— Com você? — A minha voz sai esganiçada, e ela nota.

— Não, claro que não. Ele come na minha mão. Mas reparo nisso de vez em quando. Ele se sente encurralado.

— Não sei. — Suspiro. — Meus pais me odeiam. Você odeia seus pais. É meio normal odiar a família, né?

Mas penso em como Leo parece mais do que irritado, como se estivesse triste e assustado. E o modo como ele agiu, como se tivesse que ser outra pessoa na presença do Aaron.

— Como vão as coisas em casa? — pergunta ela, com a boca cheia.

Dou de ombros.

— Diferente daqui — respondo.

— Aqui não é assim quando *eles* estão — diz Rose. — Sabe de uma coisa, acho que eles estão planejando ter um bebê. Ou isso ou ela já está grávida. Sempre que entro no cômodo, eles param de falar. A verdade é que eu nem me importo se eles tiverem um bebê, só me preocupo com a coitada da criança que vai crescer com esses babacas. Deveria existir uma lei, ou tipo um teste, que impedisse a pessoa de engravidar se ela não tivesse o intelecto necessário para criar um ser humano.

— Como é que é? — Dou risada.

— O que foi? — Rose também ri.

— Isso não parece coisa sua, parece que você andou lendo jornal ou algo do tipo.

— Está me chamando de burra?

Dou de ombros. Rose arranca a casca do pão e joga em mim, rindo, com um brilho no olhar. Essa é a Rose que eu conheço, relaxada, tranquila, sem fachada. Diferente daquela garota distante, distraída e má que vi outro dia.

— Rose, posso te perguntar uma coisa um pouco... nojenta?

— Rá, pode, manda.

Os olhos dela se iluminam.

— Meu pai... Ele nunca... Quer dizer, por acaso ele já tentou...

Rose fica balançando a cabeça, esperando que eu complete a frase.

— Você acha que o meu pai é um pervertido?

Rose ri.

— Com certeza.

— Merda. Sério? O que ele fez com você?

— Não, calma, Red! Não acho isso, não. Ele nunca fez nada comigo além de me tratar bem demais e ficar olhando para os meus peitos.

— Ai, meu Deus! — Cubro o rosto.

— Estou brincando, idiota. — Ela ri. — O seu pai é igual a todos os outros. Totalmente constrangedor, mas não é má pessoa. Tenho certeza.

— Tem mesmo?

Meu rosto deve estar transparecendo preocupação, porque ela agarra meu pescoço e me abraça.

— Para de falar besteira e se concentra no que importa. Vamos ver o filme aqui embaixo ou lá em cima?

Olho para a televisão imensa na parede da sala e penso em ficar só com a Rose, na cama de casal dela.

— Você quem sabe.

— Lá em cima. Muito mais reservado.

Ela sorri para mim, pegando um pacote de biscoito e mais duas Cocas.

— Não vai beber hoje? — pergunto.

— Eu consigo ficar vinte e quatro horas sem álcool — retruca. — Não sou a sua mãe.

Não sei como, mas quando ela fala isso, parece engraçado.

Antes de o filme começar, Rose apaga todas as luzes, menos o pisca-pisca em volta da cabeceira e umas velas aromáticas na prateleira em cima da cama. Eu me sento ao lado dela, dobrando um travesseiro para apoiar a nuca e mantendo um dos pés no chão. Quando minha avó ainda era viva, ela me contou que em Hollywood, antes que fossem permitidas cenas de sexo e nudez, havia uma regra: até casais de verdade que aparecessem em alguma cena deveriam sempre manter pelo menos um dos pés no chão, porque essa era a garantia de que não estavam fazendo sexo. Mas é totalmente possível transar com um dos pés no chão, basta querer; ou pelo menos foi o que a minha avó disse. Enfim, hoje me sinto mais à vontade seguindo essa regra, me mantendo sob controle, não dizendo nada que possa revelar o que estou sentindo: algo entre uma tortura horrorosa e uma felicidade delirante, tudo ao mesmo tempo.

— O seu favorito. — Rose mexe no iTunes e escolhe um filme. — *Clube dos cinco*.

— Sério? — Sorrio para ela. — Você nem gosta desse filme.

— Não é que eu não goste, só prefiro que meus filmes sejam datados depois do nascimento de Cristo,

mas você vive dizendo que é a obra-prima de todos os filmes de adolescente, então resolvi dar mais uma chance, porque estou me sentindo mal por ter sido babaca com você e acho que isso é o mínimo que posso fazer.

— Não tem problema — digo, tentando não transparecer quanto estou achando aquele momento perfeito.

— Então você está dizendo que eu fui babaca?

— Não, estou dizendo que não parecia você mesma por um instante. E eu me preocupo com você, sabe disso.

— Eu sei. — Rose me dá um abraço rápido. — Mas sabe de uma coisa? Estou bem. Estou ótima. Parece que finalmente comecei a entender quem eu sou. Estou me tornando uma mulher, Red.

Dou uma risada, fazendo a Coca sair pelo nariz. Ela bate com o travesseiro na minha cabeça, e penso que talvez, quem sabe, essa seja a primeira vez em muito tempo que me sinto realmente feliz. Se eu pudesse me agarrar àquele momento e impedir que o relógio avançasse, eu faria isso.

Assistimos ao filme, ou pelo menos assisto a cada frame passando enquanto tento processar o que estou sentindo, sem muito sucesso.

Molly Ringwald faz o truque do batom, Judd Nelson dá um soco no ar e, assim que os créditos começam a subir na tela, Rose agarra meu braço e me puxa para o meio da cama.

Ela realmente fez isso. Não estou imaginando. Fico olhando enquanto ela me puxa para perto, levanta meu braço e acomoda a cabeça no meu ombro.

Merda, o que isso quer dizer?

— Sabe de uma coisa, Red? Acho, de verdade, que você é a melhor pessoa que eu conheço.

— Ah, cala a boca — respondo, feliz por ela não poder ver o sorriso idiota que eu abri, olhando para o teto.

— Mas é verdade. — Ela inclina a cabeça para trás, e viro o pescoço para olhá-la. — Você nunca desiste de mim, nunca me decepciona. Não importa as merdas que eu faça ou diga, e isso é muito especial, você é muito especial para mim, sabe disso, não sabe?

Ela rola o corpo para baixo, apoiando o queixo no meu peito, e meu coração sai de compasso; sentir o peso dela em cima de mim deixa meu corpo elétrico, seu braço na minha barriga me deixa sem ar. Isso realmente está acontecendo, estou mesmo na cama da Rose e ela está mesmo quase toda deitada em cima de mim.

— Às vezes eu tenho medo de você não saber como é incrível — diz ela, com uma voz muito doce e suave.

É demais para mim, então mudo de posição, me viro de lado e faço o mesmo com ela, e ficamos frente a frente, a apenas alguns centímetros de distância, mas pelo menos assim eu consigo respirar. Assim pode ser que eu não morra.

— Não sou nada incrível — digo. — Sou apenas eu.

— Cala a boca. Você é inteligente, tem o melhor senso de humor, é gentil, leal, toca bateria melhor do que todo mundo no universo, dança como ninguém, e eu amo o jeito que o seu cabelo cai nos seus olhos e as camisas xadrez idiotas que você usa todos os dias e... Red, tem uma coisa que eu jurei não contar pra ninguém, mas não consigo esconder nada de você...

O tempo fica mais lento, então para. Vejo a luz refletida em seus olhos azul-escuros, a penugem nas bochechas macias e o jeito como o lábio superior se mexe quando ela fala, com a cicatriz clara do lado esquerdo da boca, e parece que tudo no universo, desde o início dos tempos, estava esperando por esse

único momento, lindo e perfeito.

E eu não preciso ouvir o que ela vai me dizer, porque já sei. Algo incrível aconteceu, e a Rose sente o mesmo que eu sinto por ela.

Ela também me ama!

Tudo parece tão perfeito quando estendo os braços, botando a mão na cintura dela, me aproximando e a beijando de maneira tão determinada. E, bem no momento em que isso acontece, consigo ver os olhos dela se arregalarem e os ombros ficarem tensos, sinto sua boca se afastando antes de encontrar a minha, mas ainda assim elas se encontram, e durante o mais fugaz dos segundos estou beijando a garota que eu amo e sei como é ser completamente feliz.

Então ela se afasta e, no seu lugar, sobra apenas ar gelado.

Quando percebo o que aconteceu, vejo Rose se levantar, me encarando com os olhos arregalados de pavor. O tempo começa a passar de novo e está totalmente acelerado.

— Porra, Red, que merda é essa? — exclama ela. — O que você está fazendo? Por que está... Eu não queria isso, por que você achou que eu quisesse isso? Logo você, tentando me forçar a...

— Não, eu não estava, eu não... Me desculpa... Eu achei...

Tudo acontece tão rápido que eu não consigo acompanhar, ainda estou no ritmo anterior, minha cabeça e meu corpo ainda tentando processar a expressão no rosto dela. Seja lá o que eu tenha pensado, errei. Entendi tudo muito, muito errado. Ai não, cacete, que merda, cacete, que merda.

— Desculpa. — Eu salto da cama. — Me desculpa, eu só pensei que... Senti... Achei que quisesse que eu beijasse você. Me desculpa, Rose, de verdade.

Nunca a vi tão chateada, com tanta raiva, com o rosto todo cheio de placas vermelhas e brancas.

— Puta que pariu, Red, eu achei que fosse sua melhor amiga! Que você fosse a única pessoa na minha vida que não estava tentando me comer. Confiei em você, me sentia segura com você. E... e... e...

— Você é minha melhor amiga. — Ando na direção dela. — Rose, por favor...

— NÃO! Não chega perto de mim.

Estou com medo de me mexer, de falar. Não faço ideia do que será de mim depois desse momento.

— Se você me considerasse sua melhor amiga, não teria feito isso, Red. Se isso fosse uma amizade de verdade, você saberia que...

— Saberia o quê?

Abaixo a cabeça, sabendo exatamente o que ela vai dizer antes mesmo que ela responda, porque ela é minha melhor amiga e eu a conheço melhor do que todo mundo e, mesmo assim, estraguei as coisas da pior maneira possível.

É por isso que sei o que ela vai dizer em seguida.

— Red, eu não sou igual a você. Eu não sou gay. Não gosto de garotas.

Dez meses atrás...

NOSSE PRIMEIRO SHOW foi foda. Estávamos tocando juntos havia apenas uns dois meses, mas a gente tinha um monte de músicas, o suficiente para formar um setlist — e quer saber? Nosso som era bom. Não parecíamos uma banda de escola, nem um monte de adolescentes. A gente mandava bem, arrasava.

Quando a gente tocava naquela época, os quatro, nenhuma nota saía errada. Parecia que estávamos destinados a nos encontrar e mudar a história da música para sempre com a radicalidade do nosso som. A gente estava animado pra cacete, isso sim.

Já éramos amigos, ríamos e brincávamos uns com os outros. Andávamos juntos, zoávamos. Eu fazia parte daquilo. Nunca tinha me sentido assim antes. Parte de algo tão bom.

Nai arranhou nosso primeiro show. Ela encheu o saco de um cara que tinha um espaço nos fundos de um pub até ele aceitar, mas avisou que não pagaria cachê. A gente nem ligou. A gente não ligaria nem se ninguém aparecesse. Só uma palavra importava: show. Nosso primeiro show de verdade.

O espaço estava vazio quando começamos a preparar os instrumentos. Não havia iluminação especial, apenas algumas lâmpadas penduradas no teto. Não fazia diferença, era nosso primeiro show. E, porra, a gente tocou muito. Não tinha ninguém na pista, mas nem reparamos. Apenas nos observávamos. Nossos olhares se encontrando, pés batendo no chão, corpos se balançando, lábios se mexendo. Eu nunca tinha transado, mas achava difícil que a experiência fosse melhor do que aquela, quatro pessoas conectadas de um jeito tão íntimo que sabem o ritmo do coração uma da outra.

Então, aos poucos, as pessoas começaram a migrar do bar. Na quinta música, uma plateia já se formara, e o calor aumentou tão depressa que umidade pingava do teto como gotas de chuva. Tocamos todas as nossas músicas, e depois todos os covers que conhecíamos, e no final o público estava na palma das nossas mãos, implorando para que continuássemos. Era a melhor droga do mundo.

Em determinado momento, o dono do lugar desligou o som, e o pub inteiro vaiou e gritou pedindo bis. Foi incrível. Do lado de fora, no corredor, bebi uma jarra de água de uma vez e vi a Rose sair do banheiro.

— Você foi foda — disse ela, me agarrando e me dando um selinho. — Porra, eu te amo, Red.

E eu fiquei ali, sem me mexer, por muito tempo depois que ela foi embora, tentando entender o que tinha acontecido. Meu coração estava acelerado por causa do show ou por causa do beijo dela? De qualquer maneira, a adrenalina estava deixando meu corpo trêmulo e agitado, e eu sabia que estava entregue. Estava entregue a ela. Eu iria passar o resto do meu futuro próximo a fim de uma garota que jamais sentiria o mesmo por mim.

Depois que todo mundo foi embora, estávamos guardando minha bateria na van do amigo da Rose quando o dono apareceu, acendendo um cigarro.

— Vocês podem tocar de novo — disse ele.

— Só se você pagar — respondeu Naomi.

— Cinquenta libras — resmungou ele.

Nos sentimos milionários.

NÃO ME LEMBRO do que aconteceu depois que a Rose disse que não gostava de garotas, me recordo apenas da expressão no rosto dela e não sei o que era aquilo, mas era o oposto de amor. Lembro que fui embora da casa dela, mas não de ter calçado os sapatos, nem de pegar minhas coisas. Eu me lembro do frio da noite no meu rosto quente e, enquanto eu corria pelas ruas, das solas dos meus tênis mal fazendo barulho. Não me lembro de chegar em casa, nem de mais nada até estar aqui, de frente para o espelho.

Olho para meu reflexo, para aquela pessoa de braços fortes, embora não musculosos, de barriga definida embaixo da camisa larga que esconde também meus seios pequenos.

E tem a outra pessoa, a garota sempre atrás de mim, a garota infeliz, a garota que eu poderia ter sido. Aquela que me segue por toda parte, meu fantasma particular.

Pela primeira vez, olho no fundo dos olhos dela. Tem o cabelo comprido, que alisa todos os dias, e usa uma quantidade de batom adequada para a sua idade, cor de pêssego, porque combina com seu tom de pele. Ela se encaixa, é uma daquelas garotas queridas por todos porque não são bonitas demais, nem muito espalhafatosas; é a amiga perfeita, estuda bastante e sempre faz o dever de casa. É uma aluna mediana, que vive uma vida mediana e finge que fica animada se atrai a atenção de algum garoto. E, talvez, com aqueles vestidinhos acinturados que a mãe compra para ela e aquelas botinhas de cano baixo, não demore a arrumar um namorado, porque é bonita, tem traços delicados, cabelo ruivo e grandes olhos verdes. Por fora, é tudo que qualquer garota de dezesseis anos deveria ser.

E a mãe dela morre de orgulho.

Mas por dentro, lá no fundo, aquela garota quer chorar o tempo todo. Por dentro, ela está gritando e não consegue se livrar. Por dentro, se sente perdida e sozinha, cansada, muito cansada de fingir, não sabe se vai conseguir manter o coração batendo de tanto que dói fingir ser algo que ela não é.

Então, parei de olhar no espelho enquanto reconstruía meu exterior de acordo com meu interior.

Mas agora me obrigo a ver.

Eu me obrigo a ver quem *eu* sou, as laterais da cabeça raspadas, a explosão da franja caída nos olhos. O rosto angular e os belos olhos verdes.

Agora, me olho no espelho e vejo a mim mesma, e minha aparência está em sintonia com o que eu sou lá no fundo.

Não vejo ninguém estranho, nem gay, nem hétero. Muito menos uma menina que quer ser um menino.

Vejo apenas a mim mesma. Eu sou assim, e não me encaixo em nenhuma categoria, além da que criei para mim mesma, e por que isso faria diferença para as outras pessoas? Eu só quero ser eu mesma.

Penso na Rose, na expressão dela.

Sinto a mágoa daquela garota que eu conhecia tão bem.

Eu me deixei apaixonar pela Rose e isso foi uma merda. Mas, pior ainda, demonstrei o sentimento na hora errada. Ela ia me contar algo importante e eu roubei aquele momento para mim. Eu a decepcionei quando ela precisava de uma amiga, não de uma namorada.

O que foi que eu fiz?

Merda. Merda. Merda.

O que foi que eu fiz?

E, então, olho no fundo dos meus próprios olhos e me sinto melhor. Me sinto melhor ali, comigo

mesma, com compaixão no olhar.

Tudo o que fiz foi demonstrar meus sentimentos.

Demonstrei amor, paixão e desejo.

Mas foi só, e isso não é errado. Não tem nada de errado em ser quem a gente é de verdade. E, por um instante, sinto a ansiedade deixando meu corpo e paro de olhar para mim mesma no espelho e olho a cidade pela janela do quarto, as luzes de milhões de vidas piscando no horizonte.

Não tenho motivo para me desesperar, porque fui corajosa, ou porque arrisquei tudo em nome da sinceridade. Em vez disso, me sinto livre, porque hoje quebrei mais uma barreira que me impedia de ser eu mesma, atravessei mais uma ponte em direção à vida que desejo. E, pelo menos por enquanto, estou me sentindo bem por tê-la atravessado, mesmo que ela tenha se destruído depois da minha passagem.

Estou orgulhosa.

Quando chego ao hospital, Ash está lá, sentada, e no instante que a vejo me sinto melhor. É como se vê-la fosse a única coisa que me impedisse de perder o controle.

— Você não vai para casa nunca? — pergunto, tentando fazer tudo parecer normal. Ela se apoia em mim, e sinto o calor da sua pele. — Ash, pode me fazer um favor?

Ela me olha, sonolenta.

— O quê? — pergunta ela.

— Pode hackear o computador do meu pai?

— Aham, é só me dizer o e-mail dele.

— Acho incrível que você nem pergunte o motivo.

— Deve ter um bom motivo. — Ash boceja. — Porque eu só uso os meus poderes para o bem. Mas não vou fazer isso agora, tá? Preciso fechar os olhos por um minuto.

Sinto o peso da cabeça dela no meu ombro, e sua respiração se acalma.

— Ash, acho que fodi a minha vida toda.

Ela responde com um ronco.



Vídeo

Postado 1h atrás.



Ontem à noite descobri que @RedBatera é uma mentirosa perversa. Achei que fosse minha amiga, mas ela só queria me pegar. Esse tempo todo, ela só queria tirar uma casquinha.

87 curtidas

49 comentários

Kasha: Puta merda! Que nojo!

Gigi: Meu Deus, sempre achei que ela ficava me olhando

Kasha: Vc tá bem, Rose? Deve estar traumatizada, cara!

Parminder: Relaxa, vou dar um jeito naquela vaca

Maz: Quer que eu mate essa piranha?

Kasha: Vou sacanear tanto ela

Gigi: Ela vai ter o que merece

Katy: Que piranha!

[Clique para ver mais comentários](#)

ACORDO CEDO, ANTES do amanhecer, depois de uma hora de sono na minha cama. Ainda está escuro, mas ouço barulhos lá embaixo. Assim que abro os olhos, sinto que já despertei completamente, o coração acelerado, o corpo inteiro inquieto, então pulo da cama e verifico o celular. Está cheio de notificações. Mais do que consigo acompanhar. Entro no Instagram dela e tem um vídeo. De Rose chorando. Com raiva e chateada.

Assisto ao vídeo.

Deixo o celular cair no chão.

Por quê?

Por que ela faria isso? Isso... não é do feitio da Rose.

Eu errei, mas não fiz o que ela disse, fiz? Não fiz. Sei que não, então por que ela está agindo desse jeito?

Ela tem o direito de ficar puta comigo, claro. Descontar em mim, tudo bem. Mas me marcar em um post que todos os nossos amigos vão ver? Todas as pessoas que me achavam idiota antes da banda... Agora elas têm um motivo para me tratar mal de novo.

O que eu faço?

Vou para a escola, finjo que nada aconteceu, sabendo que todo mundo está só esperando me ver para ficar espiando, cochichando ou coisa pior?

Toda aquela sensação de liberdade e orgulho de ontem à noite, que foi dormir comigo, sumiu.

Sempre achei que Rose fosse minha amiga, que se importasse de verdade comigo.

Que não me visse como um saco de carne e osso que ela carrega para todos os lados, mas como eu sou de verdade, uma pessoa com sentimentos. O que aconteceu ontem à noite, no entanto, deve ter sido bem pior do que imaginei. Porque sei que a magoei e a deixei irritada. Mas se agi, por um segundo que seja, como aqueles escrotos que a machucaram e a destruíram... Meu Deus, e se *eu* for como eles?

— Amy? — Gracie só usa meu nome verdadeiro quando minha mãe pede que ela me chame para alguma coisa. — Amy?

Não respondo, só fico ali na cama. Sem saber o que fazer.

— Red?

— Entra, pequena — chamo, e ela entra, de pijama do Scooby Doo, esfregando os olhos de sono.

— O que foi?

— A mamãe disse que você precisa me levar para a escola porque ela está passando mal. Mas não tem leite para o cereal, e não sei o que tomar no café da manhã.

— Entendi. Tudo bem, já vou. Vê se tem pão para a gente.

Só quero que fique tudo bem. Quero que tudo que aconteceu ontem, o post que está aparecendo na timeline de todo mundo, desapareça, e que tudo volte a ser como antes.

Mas não sei como fazer isso.

É quase impossível me distanciar do medo e da ansiedade que querem invadir todo o meu corpo, mas eu me forço, me visto e calço o tênis. Antes de descer, paro na porta do quarto da minha mãe. Ela está virada para a janela, com as costas curvadas e tensas.

— Quer chá? — pergunto.

Ela se vira para mim, gemendo. O rosto está magro, triste. Com certeza está na merda.

— Por favor.

A voz dela está rouca e seca, o quarto fede a mijó, e me pergunto se ela fez xixi na cama. Espero. Eu queria... Eu queria poder desabafar com ela, mas não posso. Então, me concentro no que posso resolver no momento. A minha irmã.

— Vou buscar a Gracie também, tá? Posso sair da aula dez minutos antes para chegar a tempo.

— Obrigada. — Minha mãe consegue produzir algo semelhante a um sorriso, mas por muito pouco.

Ela se vira de costas para mim, cobrindo a cabeça com o cobertor.

Gracie está falando, mas não presto atenção, nem preciso. Preciso apenas segurar sua mão, sentir seu toque no braço enquanto ela salta e pula, e me concentrar muito para não pensar no que me aguarda na escola. Posso simplesmente não ir, posso deixar Gracie na escola e voltar para Camden, mas, se eu não for, não saberei a gravidade da situação. Não vou saber se a Rose está bem.

Gracie precisa puxar minha mão para que eu perceba que chegamos no portão da escola dela.

— Você vem me buscar? — pergunta, e faço que sim com a cabeça.

— Até mais!

Fico olhando minha irmãzinha correr para a aula, o parquinho se esvaziar e os pais irem embora.

E não há nada que eu possa fazer, a não ser dar meia-volta e encarar o que está por vir.

Ash: Que porra é essa, Red? A escola inteira chamar você de estupradora?

Red: Merda. Você viu o Instagram dela?

Ash: Odeio Instagram

Red: Vai lá ver

Ash: Merda. Tipo, claro que você não fez isso...

Red: Tem alguma outra coisa acontecendo. A Rose não é assim...

Ash: Ou talvez você não conheça Rose tão bem quanto pensa...

Red: Eu conheço a Rose. De verdade. E... não sei explicar, mas ela não é assim...

Ash: Olha, relaxa, tá tudo bem

Red: Como pode estar tudo bem?

Ash: Está com vontade de desaparecer e depois se jogar de uma ponte?

Red: Ok, entendi. Teve sorte com a tatuagem?

Ash: Não, só que quanto mais olho para aquilo, mais acho que é mesmo um código. Preciso de ajuda. Então, vou falar com umas pessoas

Red: Que pessoas?

Ash: Pessoas. Gente da deep web. Quanto menos você souber, melhor

Red: Porra, Ash, você não é nenhum Edward Snowden, sabia?

Ash: Quem?

TODO MUNDO ESTÁ nas salas enquanto eu caminho silenciosamente pelos corredores, torcendo para que a vibração e os alertas de notificação constantes no meu bolso parem em algum momento. É como na vez em que Tally Lawson mandou uma foto dos peitos para Clarke Hanson e ele tirou print e enviou para a escola toda. Algumas pessoas a chamaram de piranha e outras o chamaram de babaca, e ele com certeza era mesmo, mas ambos foram suspensos por duas semanas depois que a polícia alertou Tally sobre os perigos de mandar nudes.

Então, quando a notícia do desaparecimento da Naomi se espalhou, ninguém mais se importou com os peitos da Tally.

Todo mundo me odeia, e aquela antiga insegurança que eu sentia volta para me assombrar, como se a minha stalker fantasma tivesse incorporado em mim de novo, preenchendo tudo com a dor e a ansiedade que ela carregava dentro do peito.

Talvez eu *seja* mentirosa. Nunca fui sincera com a Rose em relação aos meus sentimentos por ela.

Talvez eu *não* seja quem eu pensava.

Talvez eu *seja mesmo* um monstro.

Entro na aula de música e me sento na fileira da frente. Consigo sentir as pessoas falando merda sobre mim pelas costas, sinto tudo vibrando no meu bolso. Pego meu celular e rapidamente suspendo minhas contas nas redes sociais.

— Red, o que está fazendo? — chama o sr. Smith, me pegando de surpresa. — Me dá esse celular!

Ele não espera que eu entregue o aparelho, só arranca da minha mesa e o joga na gaveta.

— Pode vir pegar quando o sinal tocar — diz ele.

Mas não faz diferença se estou ou não com meu celular. Ainda consigo ouvi-lo vibrando na gaveta e ver as telas se acendendo à minha volta, um enxame de palavras virtuais surgindo e voando pelo ar, cada uma delas com um ferrão afiado.

O sinal toca, mas continuo na cadeira, tentando deixar claro que consigo ouvir cada um dos insultos sussurrados que voam na minha direção enquanto todos saem da sala.

Quando não tem mais ninguém, vou até o sr. Smith.

— Olha, desculpa por gritar com você — diz ele, parecendo agitado e cansado. Sei como ele se sente.

— Essa turma me deixa irritado às vezes. Mas a culpa não é sua, você não mereceu aquilo.

— Tudo bem.

— O que houve? — pergunta ele, tirando o celular da gaveta, mas segurando o aparelho enquanto espera pela minha resposta.

— Nada — respondo, dando de ombros e olhando para a porta.

Não quero que ele seja legal comigo; se ele for, acho que vou chorar.

Ele se levanta da cadeira, dá a volta na mesa e para do meu lado.

— Ei.

Sinto o peso da mão dele no meu ombro, me confortando, e ele fita meus olhos.

— Se o pessoal estiver te perturbando, fala comigo, está bem? Não quero ninguém guardando nada para si. Nada é tão grave assim, Red. Pode falar comigo, ok?

— Obrigada, sr. Smith.

Eu me pergunto por um instante se realmente poderia contar para ele que, na segunda vez que beijo uma garota, estraguei tudo com a minha melhor amiga. E observo seus olhos verdes acima de mim e decido que a resposta é não.

— Estou aqui para o que precisar — conclui ele. — Você é uma garota incrível, Red.
O que é engraçado, porque me sinto péssima.

— Nojenta de merda — diz Kasha quando passo por ela. — O que foi, está tentando olhar para os meus peitos, sapatão?

Mantenho a cabeça abaixada, pela primeira vez sentindo arrependimento por não ter mais todo aquele cabelo que deixei no chão do barbeiro. Não tenho mais como me esconder.

— Já ouviu falar de consentimento? — pergunta Parminder ao passar por mim. — Estupradora sem pau.

Eu paro, lembrando que cortei o cabelo porque não queria ser o tipo de pessoa que esconde quem realmente é por trás de uma cortina.

— Não foi isso que aconteceu — retruco, me virando para trás.

Mas agora Parminder e Kasha não estão sozinhas, tem mais seis ou sete pessoas do nosso ano com elas, de braços cruzados e nariz em pé.

— Olha, não sei por que a Rose fez isso — começo, e percebo que saiu errado. Tento mais uma vez. — Eu só... cometi um engano, só isso. Entendi errado. Não sei por que ela reagiu assim..

— Ah, claro, a culpa é sempre da vítima. — Kasha dá dois passos na minha direção, e eu recuo a mesma distância. — Daqui a pouco vai dizer que ela estava pedindo para isso acontecer.

— Puta que pariu, não aconteceu nada, quase nada!

Sinto a minha garganta fechar e sei que, se eu abrir a boca mais uma vez, vou começar a chorar. Se eu for embora, vai parecer que não me importo; se eu ficar, vai ser patético.

— Vai todo mundo se foder. — Leo aparece ao meu lado. — Anda, porra, vão fofocar em outro lugar.

— Então você está do lado dela? — Tasha ergue uma das sobrelanceiras. — Acha certo o que ela fez com a Rose?

— Não, não estou do lado de ninguém, porque não existe merda de lado nenhum, sua ridícula. Agora sai da minha frente, porra.

Kasha e Leo se encaram de pertinho por um instante, então ela estala a língua, com desdém, e dá meia-volta, enquanto Parminder e as outras a seguem.

— Que merda foi essa? — Leo balança a cabeça para mim.

— Eu... não sei. Achei que... Parecia que...

Ele bota a mão no meu ombro e me guia pelo corredor na direção da sala de música, e não sei se ele está me protegendo ou me levando até algum lugar escondido para me encher de porrada, mas pelo menos ninguém se mete com o Leo, ninguém o impede, nem diz nada. Só ficam olhando enquanto a gente passa.

— Que merda foi essa, Red? — pergunta Leo mais uma vez, batendo a porta ao entrarmos. — O que você fez?

— Eu não... Eu... eu só tentei beijar a Rose.

— Porra, como assim?

Leo me olha sem acreditar, como se eu fosse imbecil, e a verdade é que ele deve ter razão.

— Eu sei, Leo. Eu sei, tá bom? Sei o que parece. Eu entendi errado, me deixei levar e achei que ela estava dizendo uma coisa que significava outra, tudo durou um segundo, ela me disse para ir embora e eu fui. Tentei beijar uma garota e ela me rejeitou. Vai me dizer que isso nunca aconteceu com você, sem que

essa merda toda acontecesse?

— Mas a Rose não é qualquer garota, Red. — Leo me dá um leve soco no ombro, e preciso me equilibrar para não cair para trás. — Ela não é uma mulher que você conheceu num bar. É a Rose. Rose. Porra, você acha que eu nunca tive vontade de dizer a ela o que eu sinto, que nunca tive vontade de tentar beijar a Rose? Mas não faço isso. Porque é a Rose. E ela não precisa que a gente goste dela desse jeito. Nosso papel era ser mais do que isso. Ela precisa que a gente seja amigo dela. Por que você acha que nunca tentei beijar a Rose, por mais que eu quisesse?

A voz dele fica mais suave diante da confissão, e ele baixa a cabeça. Está irritado comigo, e com razão.

— Cara — diz ele, balançando a cabeça.

— Mas é esse o problema, né? Eu não sou um cara.

— Cara — diz Leo mais uma vez. — Red, ninguém se importa se você é uma garota. Ninguém se importa se você é gay. Não tem nada a ver com isso.

Eu me sento na plataforma onde a bateria está montada, passando a mão na cabeça e sentindo um embrulho no estômago, como se tudo estivesse fora de lugar, misturado e confuso.

— Meu Deus, Leo, o que eu faço?

— Procura a Rose. — Leo se senta ao meu lado. — Encara a situação e resolve essa merda. Mas, antes de fazer isso, Red, você precisa se encontrar. Tem que descobrir quem você é. Você anda por aí como se soubesse, se veste como se soubesse, mas na verdade está interpretando um personagem, com esse cabelo e essas roupas. Está se escondendo, escondendo o que você quer. Vive uma vida neutra, mas o neutro não existe. Não pode andar por aí torcendo para que ninguém repare na sua existência, porque, se fizer isso, as pessoas sempre vão se assustar quando você for você mesma.

— Ah, não fode, Leo — rebato, porque ele me machucou com a verdade. — Não preciso da sua explicação condescendente e equivocada sobre minha sexualidade. Como pode saber como é ser gay ou qualquer coisa assim? A sua vida é fácil, você é um cara hétero que toca guitarra e é mais alto do que todas as garotas. Não tem nada com que se preocupar.

— Sério? — Ele me encara. — Já reparou de onde eu venho?

— Não me importa de onde as pessoas são, qual é a cor da pele delas, quanto dinheiro elas têm, se gostam de homens ou mulheres, ou... ou... qualquer uma dessas merdas. Por que as pessoas não podem simplesmente ser pessoas?

— Porque as pessoas são babacas — responde Leo. — E o mundo em teoria está melhorando, ficando mais justo, mas ainda não é assim. Nem vai ser tão cedo. Então, a única coisa que a gente pode fazer é cuidar de si mesmo, Red. E só.

Nenhum dos dois fala nada por um instante. Acho que sentimos que qualquer passo em falso pode significar a perda de mais um amigo, a última coisa que queremos.

— Então — diz Leo, a voz calma de novo —, você falou com ela desde o que aconteceu?

— Não, ela está na escola?

— Não sei, não vi a Rose hoje de manhã.

Aff, parece que destruí o mundo ao meu redor e vou precisar recomeçar do zero.

— Acha que ela vai aparecer no ensaio?

— Acha mesmo que a gente ainda vai fazer esse show? Isso tudo era pela Naomi, e agora... Por que você tinha que beijar a Rose? A vocalista da sua banda! Decidimos desde o início que a gente não podia se envolver desse jeito. É assim que as bandas terminam!

— Entendi, então se a Rose chegasse agora e dissesse “Leo, quer sair comigo?”, você recusaria, é isso?

— É... não sei. É.

A porta abre e depois fecha com força, e lá está ela. Rose. As mãos na cintura, o cabelo preso, zero

maquiagem, jeans e camiseta. E está bem puta.

— Eu ou Red — diz Rose, olhando para o Leo, mas apontando para mim, espumando de raiva.

— Rose... Por favor, sério? — Ele balança a cabeça. — Red foi idiota, mas você sabe que ela não queria te chatear desse jeito. Vocês se conhecem, não é?

— Está me dizendo que o que ela fez comigo foi certo? — Os olhos da Rose parecem queimar, não só de raiva, mas de mágoa, e isso faz meu estômago se retorcer de angústia. — Achei que fosse minha amiga, e ela tenta me pegar? Seria a mesma coisa que... que você me agarrar, sabendo que somos apenas amigos. É bizarro, é errado.

Acho que Rose não sabe quanto suas palavras magoam o Leo, porque, embora eu perceba — ele tensionando o maxilar, suspirando —, ela não está prestando atenção. Só está interessada em brigar.

— Sério, a única coisa que Red fez foi se apaixonar por você e agir que nem uma idiota. — Leo se levanta. — Ela tentou te dar um beijo, foi meio babaca, com certeza, mas não merece ser exposta na internet desse jeito.

— Está insinuando que estou exagerando? — Rose dá um passo na direção dele, bufando.

Leo franze a testa, claramente esperando que ela recue, ou pelo menos que segure a onda. Ele olha para mim e depois para Rose.

— Foi *mesmo* só um beijo, não foi?

— Vai se foder — diz Rose. — Se eu não queria, que diferença faz se foi um beijo, uma apalpada ou um aperto de mão? Não se faz isso, não se agarra alguém daquele jeito, não é certo.

— Rose, por favor. Me desculpa, eu não queria chatear você desse jeito. Entendi tudo errado... mas eu realmente gosto de você e...

— Achei que você gostasse. — Rose me encara, e o olhar de fúria e mágoa faz meu sangue gelar. — Achei que você gostasse de mim, mas é igual ao resto, me pegando como se eu fosse um pedaço de carne. Eu confiei em você.

— Eu te amo! — As palavras explodem da minha boca. — Eu te amo, não por achar que você é “um pedaço de carne”, mas porque é engraçada, inteligente, talentosa e fofa, porque se importa comigo, e, às vezes, parece que é a única. E ontem eu deixei esses sentimentos tomarem conta de mim. Eu errei, devia ter guardado para mim. Eu errei, Rose. Se você fosse minha amiga, entenderia.

Rose me olha por um longo e tenso momento.

— Se *você* fosse *minha* amiga, saberia por que jamais vou poder perdoar o que fez. O show está cancelado.

— Rose...

Leo chama por ela, mas quando Rose abre a porta, dá de cara com o sr. Smith. Ela fica paralisada, encarando-o, os ombros se mexendo a cada respiração, e não sei dizer se ela vai gritar com ele ou cair no choro. Ela não faz nenhuma das duas coisas, só fica ali parada.

— Aonde você pensa que vai? — pergunta ele, segurando o braço dela. — Pessoal, a gente precisa conversar.

Acho que a Rose vai empurrá-lo para longe, mas não. Em vez disso, dá um passo para o lado e o deixa entrar na sala, apoiando-se na porta fechada.

— Olha — diz o sr. Smith —, nós, professores, não somos imunes às fofocas que circulam pela escola. Está tudo bem entre vocês?

Ele olha para mim e depois para a Rose.

— Já pedi desculpas — explico. — Foi um erro.

— Que bom. — O sr. Smith assente. — Olha, Red, acho que o que está acontecendo com você agora é totalmente lamentável...

Rose faz um barulho de desdém e balança a cabeça.

— E quanto ao que aconteceu comigo, *professor*? — interrompe ela. — Acha que foi certo?

— Rose, segura a onda no drama por um instante, por favor. — O sr. Smith lança um olhar para ela e, surpreendentemente, Rose se acalma, baixando a cabeça com as bochechas vermelhas.

— Drama? Ela tentou me estuprar. Isso está certo? — Rose dá um passo na direção dele.

— Claro que não. — O sr. Smith olha para mim e eu quero morrer no mesmo instante. — Algo assim nunca está certo, Rose. Mas havia malícia, irritação ou raiva quando a Red cometeu esse grande erro? Você a afastou e ela não tentou de novo, tentou?

— Não. — Rose dá de ombros, a raiva se dissipando. — Não, acho que não.

— Olha, bandas de colégio terminam toda hora porque os alunos brigam, ou se envolvem e depois brigam. — O sr. Smith encara cada um de nós. — É entediante, previsível, e ninguém se importa com essas merdas porque nenhum de vocês vai viver de música mesmo. Em alguns anos, acabou a escola, e você vai viver do dinheiro do seu pai — diz para Rose, então se vira para mim. — Você vai para a faculdade e vai arranjar uma namorada legal, e você... — Ele se volta para Leo. — Bem, com sorte, você não vai seguir os passos do seu irmão.

Leo fecha a cara.

— Isso é o que eu *poderia* dizer — continua o sr. Smith. — É o que eu diria se vocês fossem iguais a qualquer outra banda com a qual já trabalhei. Mas vocês são bons de verdade, sabem tocar, compor, cantar e talvez consigam chegar a algum lugar com isso. Se conseguirem ficar juntos. Se conseguirem continuar tocando apesar desse... desentendimento. No mínimo, achei que vocês quisessem fazer isso pela Naomi. Ou acham que tudo bem decepcionar a família dela, a mãe e o pai que têm estado tão ansiosos para o show, para verem quanto a filha deles importa para as pessoas e alimentarem um pouquinho de esperança de que alguma coisa boa sairá de algo tão horrível?

Rose afunda em uma cadeira, enfiando a cabeça nas mãos.

Leo se vira de costas, encarando a janela.

Só eu não desvio a atenção do sr. Smith.

— Eu quero tocar no show — digo. — Eu vou.

— Leo?

— Aham. — Ele assente. — Eu topo.

— Rose?

Ela não se mexe por um instante, então afasta o cabelo do rosto.

— Tudo bem — concorda, enfim. — Pela Nai. Depois disso... não sei.

— Obrigado — diz o sr. Smith. — Rose, dá uma acalmada nessa história sobre Red, tá? Bota pra fora o que precisar e segura a onda no drama. É a última coisa de que a escola precisa agora.

Rose suspira, fazendo bico.

— Sério? — Smith lança um olhar severo para ela. — Você é melhor do que isso, Rose. Pelo menos achei que fosse. Não é dessas que fazem bullying com os outros.

Por um instante, acho que vai contestá-lo, mas ela para e dá de ombros.

— Tá bom. Mas só estou fazendo isso pela Nai e pelo show.

— Ok, então melhor comecem o ensaio — conclui o sr. Smith, abrindo a porta e passando pela pequena multidão que se formou no corredor para espiar.

— O show acabou — anuncia Rose para eles com desprezo. — Saiam da porra da minha frente.

— Até eu? — A voz do Leckraj surge no meio dos rostos.

— Não, claro que você não, porra... Entra aqui, seu idiota.

Pego as baquetas e me sento na bateria.

Leo pega o setlist.

— Acho que a gente precisa praticar “Você me usou”... É a música que o Leckraj conhece menos.

— Tá, vamos acabar logo com isso. — Rose ajeita o pedestal do microfone.

— Rose — chamo. — Obrigada por não ter ido embora.

— Vai se foder — responde ela, sem olhar para mim. — Isso não muda nada.

Playlist “Vai se foder” de Red

- “Psychosocial” — Slipknot
- “Please Don’t Go” — The Violent Femmes
- “Ride a White Swan” — T-Rex
- “Girls Like Girls” — Hayley Kiyoko
- “Make Me Wanna Die” — The Pretty Reckless
- “Death of a Bachelor” — Panic! At the Disco
- “Smells Like Teen Spirit” — Nirvana
- “Heathens” — Twenty One Pilots

ASSIM QUE O ensaio terminou, fugi da escola e fui para o hospital. A última coisa de que preciso são mais duas horas daquela merda.

Ash está sentada na frente do quarto da Naomi, com fones de ouvido e o laptop aberto.

Dentro do quarto, vejo Jackie e Max sentados à beira da cama. Ela segura a mão da Nai, ele segura a mão da Jackie, e ambos estão em silêncio, vendo o peito da filha subir e descer a cada respiração.

Eu me sento ao lado da Ash e toco seu ombro. Ela tira os fones e se vira para mim, seu cabelo normalmente liso meio bagunçado e embaraçado.

— Alguma novidade? — pergunto.

— Eles vão começar a reduzir a dosagem da medicação na semana que vem — explica. — Disseram que o cérebro desinchou, não há mais hemorragia e todos os outros ferimentos estão sarando, então agora só resta ver o que acontece quando ela acordar. Se vai conseguir respirar por conta própria... se ainda vai conseguir falar, enxergar. Esse tipo de coisa.

— Porra. Que merda.

Ainda parece impossível, mesmo depois de tudo que aconteceu nos últimos dias, mesmo depois de me sentar à beira da cama dela, que isso tudo seja real. Não consigo processar a ideia de que ela talvez acorde com sequelas, ou nem acorde.

— De certa maneira... — Ash ergue os olhos do laptop. — De certa maneira, eu quase acharia melhor se ela ficasse desse jeito para sempre, pelo menos assim ainda há esperança.

— Que deprê — digo.

— É assim mesmo que eu estou me sentindo.

Ash suspira, e faço o mesmo em solidariedade. Na verdade, minha única vontade é entrar no quarto, me sentar ao lado da Naomi e ficar um pouco com ela, mas não quero me intrometer na vigília silenciosa que está acontecendo lá dentro. Eu me pergunto se ela sonha, ou se sente o toque da mãe. Será que sabe que eles estão ali? Espero que sim, porque ficar sozinha dentro da própria cabeça com todos aqueles segredos deve ser muito solitário e assustador.

— Seu pai caiu no e-mail de phishing que mandei hoje de manhã — diz Ash, e isso enfia mais um pensamento deprimente na minha cabeça. — Gente velha é tão trouxa.

— Você olhou o computador dele?

Ela assente.

— Aham, olhei tudo. Sabia que tem fotos de você bebê lá? Cara, você era um bebê muito feio, tipo, todo vermelho.

— Ash, não vem me zoar, por favor, hoje não.

Ela dá um sorrisinho.

— Red, seu pai é um cara legal. Tipo, melhor do que a média. Tirando todas as mulheres com quem ele trai a sua mãe, ele é basicamente um sujeito excelente.

— Sério? — O sangue sobe para o meu rosto, e sinto as bochechas quentes de alívio. — Mas quem era aquela garota?

— Ele trabalha com uma ONG local que tenta arrumar casas para famílias que ficaram sem lar por causa de violência doméstica. A foto daquela garota foi tirada pelo pai, que descobriu onde ela estava e

mandou para ameaçar a mãe dela. Por isso as pastas são numeradas. Ele não usa nomes por segurança. Você precisa avisar a ele para atualizar o antivírus e fazer com ele um tutorial básico sobre não clicar em links de e-mails suspeitos.

— Meu pai é um cara legal — repito.

— Ele não é perfeito, mas não é do mal.

— Que bom, porque você imagina como seria constrangedor? — digo, e sorrimos uma para a outra em um breve momento de afeto.

Se existe alguma coisa boa nisso tudo tem sido a oportunidade de conhecer um pouco melhor a Ash, de passar mais tempo com ela. Ver o humor que ela normalmente esconde tão bem.

— Faz horas que estou olhando para essa tatuagem. — Ash volta a atenção para a tela do computador.

— Consegui separar oito camadas de números, pontuações e letras... Está vendo?

— Como? — pergunto, espichando o pescoço. — Quer dizer, como você decide qual número faz parte de qual camada?

— Porque mesmo que pareça uma zona, existe *sim* um padrão. — O sorrisinho aparece outra vez. — Falei pra você que teria. A minha teoria é que cada número ou letra toca diretamente alguma parte de outro número e letra dentro da sua camada. Pelo menos, estou torcendo para que seja isso. Se não for... então sei lá que porra é essa.

Ash me mostra os oito semicírculos que ela destacou do desenho original.

— Aí agora estou procurando um padrão que faça sentido, algo que me permita decifrar o código, mas não tenho a chave. Não tenho como saber por onde começar. Tentei o máximo de combinações que consegui e não fiz nenhum avanço, e existe um bilhão de possibilidades. Perguntei para um grupo de ativistas que eu conheço e eles ficaram, tipo, que merda é essa? Estou empacada no mesmo lugar, sem ideia do que fazer, e talvez esteja tentando decifrar algo que nem existe, sabe?

Ela me olha e dou de ombros, porque não entendo nada daquilo. Agora, se ela precisasse de mim para chatear e afastar uma das pessoas com quem mais me importo no mundo, isso eu saberia fazer.

Passo os olhos pelas imagens, uma de cada vez. Parecem aqueles testes irritantes de alguns sites que exigem que você prove que não é um robô. Quanto mais você olha, menos entende.

— Tipo, eles ao menos estão em ordem? — pergunto. — Da esquerda para a direita?

Ash dá de ombros.

— Menor ideia.

— Porque esse terceiro círculo parece que poderia ser... Não, devo estar viajando.

— O quê? — Ash me olha. — Vai, fala, nenhuma ideia é idiota. Pelo menos, não muito.

— Bem, aquilo ali pode ser um endereço de internet, não acha? Um ponto e as letras C O M. Talvez signifique ponto com?

Ash observa o círculo.

— Puta merda — diz ela.

— Olha, é você quem entende dessas coisas de tecnologia, estou apenas dando uma ideia... Me sinto idiota por falar qualquer coisa.

— Não, quer dizer, em alguns tipos de malware existe uma chave que desliga tudo, certo? Um site com um nome grande e aleatório pra cacete que, se estiver no ar, desliga o vírus. Mas um site com um nome grande e aleatório pra cacete seria um ótimo jeito de esconder algo muito bizarro. Algo que uma pessoa só poderia saber que existe se conhecesse a combinação certa de letras e números que forma um endereço. Mas mesmo os sites com os maiores e mais ridículos nomes precisam terminar com ponto alguma coisa. Red, acho que você está certa!

— Sério? — Olho para ela.

— Eu poderia beijar você agora! — diz, e dessa vez abre um sorriso enorme, alegre e incrível, e por um instante maluco tenho vontade de dizer: tá bom, vamos lá.

Mas então me lembro do que aconteceu da última vez que beijei uma garota, e ela se dá conta do que falou, e seu sorriso congela em uma careta. É tudo muito constrangedor.

— Ou talvez não. — Ash olha para a tela e se levanta. — É possível que seja isso e ainda exista uma porrada de combinações para tentar, mas... já é um começo. Você não é tão idiota quanto parece nas selfies armazenadas no seu celular e que você nunca posta.

— Ótimo — digo, feliz de estarmos de volta ao normal.

— Red! — Jackie e Max surgem do quarto da Nai. — Ash contou que eles vão tentar acordá-la? Na segunda-feira! No dia do show. Não vai ser incrível se ela acordar e a gente puder contar tudo sobre o show para ela?

— Vai mesmo — digo. — Vocês se importam se eu entrar e ficar um pouco com ela?

— Não, entre, por favor. — Max sorri para mim. — Você é uma boa amiga, Red. A melhor de todas.

Entro, me sento ao lado da Nai e fico falando muito sobre os velhos tempos. Quando tudo parecia bem.

A noite anterior à fuga da Naomi...

A GENTE SÓ queria dançar.

Era o final do ano letivo, fazia calor e tínhamos a noite livre. Nada para fazer, nenhum lugar para ir, nenhuma obrigação, nenhum papel a cumprir além de ser nós mesmos, e a sensação era tão boa que a gente queria sair, ficar louco e dançar.

Até mesmo a Nai, que nunca tinha muita vontade de sair, não gostava de multidão e nem que as pessoas olhassem para ela, estava animada. Usava um vestido amarelo e sandálias trançadas, e a Rose prendera umas margaridas no cabelo dela. Saímos, tomamos dois comprimidos cada um e caminhamos pela margem do rio, passando pelo Palácio de Westminster, atravessando a Trafalgar Square e seguindo em direção ao Soho. Podíamos ter pegado um ônibus, levaríamos a metade do tempo para chegar, mas para que ficar preso no calor com um monte de desconhecidos quando a gente podia ficar livre, sentindo a brisa do rio, o céu azul e o cheiro do verão na cidade em meio ao asfalto quente e aos canos de descarga? Caminhamos, conversamos e rimos, e a cada passo o mundo à nossa volta ficava um pouco mais brilhante e claro, coberto de dourado. O sentimento de felicidade crescia no meu peito, expandindo-se até chegar às pontas dos dedos das mãos e dos pés, como uma bolha de felicidade preenchida por um arco-íris.

Não me pergunte como conseguíamos nos safar das coisas que fazíamos, ou ir aos lugares aos quais íamos, porque eu não sei, mas era a verdade.

Entrávamos e saíamos de bares e pubs, comprando bebida, Rose com o cartão de crédito do pai, pagando todas as contas. Destemidos e imortais, fazíamos revezamento para ver quem tinha coragem de chegar no bar e conseguir vodca e cerveja para os três e Red Bull para mim. Eu não bebia, mas sentia os efeitos do álcool por tabela, rindo muito alto, abraçando meus amigos e dizendo a eles quanto os amava. Fizemos muito isso naquela noite, as declarações de amor escapando das nossas bocas entre uma frase e outra.

Na Wardour Street existem algumas entradas escondidas que levam a um bar subterrâneo. Era um bar ilegal no passado, mas agora o Soho é basicamente um ímã para turistas, então quase não existe mais nada obscuro de fato. Outra rodada de comprimidos e fomos para lá, seguindo o som da música que ecoava pela rua. O bar estava cheio, ficamos lado a lado com todo tipo de gente possível, negro, moreno e branco, gay e hétero, e ninguém ligava para ninguém, a gente só queria saber da música, entrando cada vez mais na batida, guiados pelo baixo. Pele contra pele, quadris, bundas, meu corpo, o corpo dele, o dela, todos em uma única massa suada ambulante de felicidade. O dia escureceu enquanto a gente dançava, e foi preciso que a Rose ficasse entediada e nos arrastasse de volta à rua para que a gente fosse embora. Acho que, se eu pudesse, teria ficado até o amanhecer; eu gostava de me perder em todos aqueles corpos.

Desviamos pela multidão até a Soho Square, onde mendigos fediam a cerveja e mijo, homens beijavam outros homens nos bancos, e nos jogamos na grama. Leo tirou um baseado do bolso de trás, um pouco amassado mas ainda inteiro. Não sei se isso aconteceu ou se é só a minha lembrança, mas enquanto eu estava ali na grama, senti como se a lua estivesse muito próxima, quase ao meu alcance, como se eu pudesse saltar da superfície da Terra e aterrisar lá quase sem nenhum esforço, se quisesse.

— É muito estranho que o nosso ano letivo acabe em julho — disse Nai. — Não parece um final, e

sim um começo.

— Que bom, porque não quero que a gente acabe nunca — respondeu Rose. — Somos as melhores coisas do mundo.

— Nem eu — acrescentei. — Nós quatro, para sempre.

— É — concordou Leo. — Eles vão escrever sobre essa época da nossa vida, quando a gente ainda não era famoso, na *NME*. A gente não vai acabar nunca, nem pensar. A gente, não.

O fato de que Naomi não tinha comentado nada, só ficado deitada na grama com seu vestido amarelo, observando a lua com um sorriso de orelha a orelha, não me pareceu nada de mais na hora. Era apenas a Nai sendo ela mesma.

Mas no dia seguinte ela sumiu, e tudo começou a desmoronar.

E é só nesse momento, me lembrando desse dia, que noto que aquela foi a maneira dela de dizer tchau.

ESTOU QUASE CHEGANDO em casa, a mente viajando na música e nas lembranças, quando me dou conta de que ia buscar a Gracie na escola. A aula dela acabou há mais de quarenta minutos. Merda. Tiro o celular do bolso enquanto dou meia-volta e saio correndo.

Ligo para a minha mãe, mas ela não atende, então tento correr e ao mesmo tempo procurar no Google o telefone da escola. Cai na caixa postal.

— Alô? — grito, correndo, ofegante. — Oi, estou indo buscar a Gracie, mas me atrasei e...

Meu celular apita com uma chamada em espera, e paro.

— Cadê você? — pergunta ela, assim que atendo.

— Tive um dia ruim — respondo, desejando muito que eu pudesse pedir um abraço à minha mãe. — Fui visitar a Naomi depois e... Desculpa, esqueci.

— Ligaram da escola — diz a minha mãe, a voz dura como pedra. — A Gracie estava aos prantos. Ainda bem que a sra. Peterson mora no final da rua e a trouxe para casa, mas ela continua chorando. É bom você chegar para tentar explicar a sua irmã por que se esqueceu dela.

Ela desliga o telefone.

Merda.

Minha mãe abre a porta quando apareço na calçada.

— Achei que você se importasse ao menos com a Gracie — diz ela.

— Eu me importo, sou a única pessoa que se importa. Eu só tive um dia muito merda. Cadê ela?

— Um dia merda não justifica esquecer a sua irmã de sete anos sozinha no parquinho.

— Mas vodca justifica, né? — retruco, e ela agarra meu braço com tanta força que chega a machucar.

— Estou ficando de saco cheio de você, Amy. Está esquecendo que é uma criança e que eu sou a adulta aqui.

— A adulta que estava de ressaca demais para buscar a própria filha — digo, me soltando e subindo a escada correndo.

— Volta aqui! — grita minha mãe.

Gracie está deitada no chão com suas bonecas e os pés com meias brancas balançando para cima.

— Desculpa, garotinha.

Ela se vira para mim e sorri.

— Eu chorei — diz ela. — Saiu meleca e tudo. Ganhei um biscoito.

— Sou uma péssima primogênita — falo, me sentando no chão ao lado dela.

— Não é, nada. Agora sou a única da escola que já voltou pra casa no carro da professora. O que é uma primogênita?

— A filha mais velha.

— Ah, você é a primogênita! — Gracie me dá um abraço apertado.

— Então você não me odeia que nem todo mundo? — pergunto a ela, com a voz embargada.

Estou cansada de ser forte, segurar o choro agora é pedir demais de mim.

— Não — diz Gracie. — Quem odeia você?

— Você não odeia — respondo —, e é a única pessoa que importa.

Ouço a campainha na hora em que Gracie salta nos meus braços.

— Quer brincar de chá da tarde?

— Não — respondo.

— Problema seu, você está me devendo — diz ela, alegremente. — Eu sou a rainha e você é a princesa.

Mal comecei a tomar a minha xícara de chá imaginário, quando minha mãe começa a gritar lá de baixo, a voz cada vez mais alta conforme ela vem subindo correndo, furiosa, até o quarto da Gracie.

— Como pôde fazer isso? COMO PÔDE?

Ela fica ali no vão da porta, sacudindo um pedaço de papel na minha direção.

— Como pôde? — repete. — Sei que você não tem vergonha na cara, mas nem com a sua família você se preocupa?

— Do que você está falando?

Olho para o papel. Acho que reconheço, mas não sei de onde.

— Minha nossa senhora, Amy. Já não basta sair por aí assim... — Ela gesticula. — Mas agarrar suas amigas? Que nojo.

Com cuidado, retiro a tiara de princesa que tinha colocado para entrar na brincadeira e me levanto.

— Já retorno, majestade — digo, fazendo uma reverência para Gracie, que nos observa de olhos arregalados.

Fecho a porta do quarto.

— O que é isso? — pergunto, baixinho.

— Já é ruim o bastante você ser... ser anormal — alfineta ela. — Mas isso aqui? O pai dela é advogado, você sabe disso, não sabe?

Ela amassa e joga o papel em mim, que cai aos meus pés. Calmamente, eu o pego do chão.

Sua filha tentou estuprar Rose Carter...

— Você está usando drogas? — pergunta ela.

— Mãe, não foi nada disso — digo, tentando manter a voz firme, embora eu sinta meu corpo tremendo. — Ela está mentindo.

— Está dizendo que não fez isso com a Rose, então?

Dói quando ela agarra meu pulso e me arrasta para o seu quarto, o cheiro de bafo podre e roupas sujas fazendo o fundo da minha garganta arder. Eu me esforço para manter o rosto impassível.

— Não, claro que não. Sou sua filha, não me conhece nem um pouco?

— Precisa parar com isso, Amy. Essa idiotice, essa fase. Você não é um garoto. Não é uma... *lésbica* ou o que quer que pense. Está querendo chamar atenção, e isso é desespero. É *patético*!

Ela cospe aquelas palavras como se fossem veneno, e só de ter falado aquilo ela me fere mais do que imaginei ser possível. Solto meu braço e me afasto, abrindo a janela e inalando o ar do final da tarde.

— Não me chama de Amy. Eu não sou a Amy, e sim, eu beijei a Rose — digo, sem olhar para ela. — Mas ela não queria, então nada aconteceu e fui embora. Tentei beijá-la porque estou apaixonada por ela, e dói muito, estou sofrendo, chateada e perdida porque ela não me quer. Sofrendo, chateada e perdida porque, por algum motivo, ela quer me punir por gostar dela. Sofrendo, chateada e perdida porque, se fosse sobre um garoto fazendo isso comigo, se fosse sobre um garoto que eu tivesse tentado beijar, eu poderia falar com você, e você teria sido gentil comigo. Mas, na verdade, você acha que sou repulsiva apenas porque sou eu mesma. E só o que eu quero, mãe, é me sentir bem sendo quem eu sou e amar quem

meu coração escolher. Não quero magoar nem causar repulsa em ninguém. Eu só quero ser eu mesma.

— Não. — Minha mãe balança a cabeça. — Você não é assim. Isso é nojento, *você* é nojenta. Sua pervertida! Qual é o seu problema?

— Qual é o *seu* problema? — Não consigo mais guardar toda a raiva e tristeza para mim, e as palavras saem com força. — Quem é capaz de odiar a própria filha?

— Você não é minha filha — diz ela, amargamente. — Não mais. Não reconheço você.

— Para! — Gracie abre a porta, com a cara emburrada. — Para de falar assim com ela.

Por um instante, não sei se ela está falando comigo ou com minha mãe, mas é para mim que Gracie corre, abraçando minha cintura.

— Vai lá para baixo, meu bem. — Minha mãe tenta sorrir para ela e parece uma máscara de terror. — Vai ver TV.

— Não — retruca Gracie. — Não, não vou deixar a Red aqui. Por que você odeia ela? Eu amo a Red. E odeio você!

— Tira as mãos dela! — grita minha mãe, puxando a Gracie para longe de mim e fazendo-a cair no chão.

Gracie grita e chora, mas quando vou pegá-la, minha mãe bloqueia o caminho.

— Mas que merda você acha que está fazendo? — Fico cara a cara com ela, tomada pelo ódio. Sou magra e baixa, mas somos da mesma altura e tenho o dobro de músculos. — Qual é o seu problema? Olha o que você está dizendo para mim, o jeito como está tratando a Gracie. Quando foi que você parou de se importar com qualquer coisa que não fosse você mesma e quando vai tomar o seu próximo drinque? Sabe sobre o que os vizinhos fofocam? Não é sobre mim, a sua filha sapatão. É sobre você.

O golpe vem do nada, e não é um tapa. É o punho fechado que me atinge, fazendo meu rosto explodir de dor. Minha cabeça vai para trás com um estalo e o quarto fica embaçado. Finco os pés no chão, aguento firme para meus joelhos não cederem e grudo os punhos cerrados às minhas pernas, determinada a não tocar o lugar em que ela me bateu, lambendo o sangue dos lábios.

— Red! — grita Gracie, e minha mãe sai do caminho quando eu me abaixo para abraçar minha irmã.

— Está tudo bem — digo. — Estou bem e você?

Gracie afunda o rosto quente e molhado no meu pescoço e eu a levo para longe da minha mãe, olhando sempre para a frente, entro no meu quarto e fecho a porta. Ligo para o meu pai.

— Red? — Ele atende imediatamente, e quase choro de felicidade.

— Pai, a gente precisa que você venha para casa. Agora.

— Mas, meu bem, ainda tenho algumas...

— Pai, é minha mãe, ela enlouqueceu. A Gracie está com medo dela e... é grave. A gente precisa de você aqui, agora. Somos suas filhas e precisamos de você. — Hesito. — A Gracie precisa de você.

— Ok. — Quando ele diz isso, sem retrucar ou protestar, as lágrimas escorrem, rápidas e quentes.

Eu enxugo o rosto o mais rápido possível.

— Quanto tempo você leva para chegar?

— Depende do trânsito, então...

— Vem rápido — digo, desligando.

Fico trancada no quarto com a Gracie e sirvo chá imaginário, depois bolo imaginário e admiro sua tiara e seus sapatos brilhantes de plástico, até que ouço um carro estacionando na frente de casa, depois a porta abrindo e fechando. Ouço a voz da minha mãe e em seguida a do meu pai, e enfim ele abre a porta do quarto, e Gracie corre para seus braços.

— Está tudo bem, meu amor — diz ele. — Estou aqui.

Eu me levanto, tento passar direto por ele, mas meu pai me para, virando meu rosto para ver o hematoma que começa a se formar.

— Ela fez isso...?

Faço que sim.

— Red. — Ele tenta me abraçar também, mas me desvencilho dele, incapaz de aceitar o carinho do homem que deixou a situação chegar a esse ponto. Fico satisfeita em saber que Gracie está segura. — Aonde você vai?

— Para a rua — digo, olhando para ele. — Por aí.

Não sei se é o inchaço e o hematoma no meu rosto ou a expressão nos meus olhos, mas ele apenas assente e me deixa passar.

No andar de baixo, minha mãe está chorando no sofá com o rosto enfiado em uma almofada. Quando olho para ela, sinto ódio, muito ódio. Pela primeira vez na vida, sinto tanto ódio da minha mãe que meu sangue ferve. Eu queria conseguir ir até lá e arrancar o cabelo dela. Preciso sair daqui antes que faça isso.

Escapando da bolsa dela, pendurada no cabideiro ao lado da porta, está o gargalo da já familiar garrafa de vodka pela metade, a diversão da noite. Sem pensar, pego a garrafa e saio, batendo a porta o mais forte possível.

O parque está vazio, ainda bem. E entro embaixo do escorrega, tocando de levinho a boca inchada, assim que consigo me esconder ali. Qualquer movimento dói, subindo pelos meus dentes e ao redor dos olhos.

Sinto dor no corpo inteiro, como se cada pedaço de mim tivesse sido ferido, por dentro e por fora. Eu só quero que isso passe.

Giro a tampa da garrafa, levo-a aos lábios e dou um gole.

Tem um gosto nojento, como remédio diluído, e faz o corte na boca e a gengiva arderem. Engulo contra a minha vontade, e meu estômago se revira em protesto. Mesmo assim, bebo mais e mais. E mais. Um gole após o outro. Do lado de fora do meu abrigo de metal, entalhado com nomes de crianças e desenhos de paus enormes, começa a chover, jatos diagonais de água que deixam o ambiente ao redor do escorrega mais escuro. Ainda assim, continuo bebendo. Aos poucos, minha língua se acostuma com o gosto e a dor no meu rosto passa. Bebo um pouco mais e a dor no meu peito e na minha barriga desaparece, quase fora de alcance, como se nada no universo, vivo ou morto, tivesse a ver comigo.

O calor irradia da minha barriga para todas as partes do corpo e, mesmo com as bochechas e as pontas dos dedos geladas, não sinto frio. Quando o mundo começa a girar, sigo o movimento e me deito no chão de concreto. Consigo me ouvir rindo e aquilo parece muito distante, como se eu olhasse de fora para aquela garota com a metade da cabeça raspada e a cara inchada, deitada ali, rindo muito. Quando apoio a cabeça no chão e a bebida acaba, eu me vejo fazendo aquilo. Ao virar o último gole da garrafa na boca, derramando tudo no rosto, na bochecha e nos lábios feridos, me vejo deitada ali, como se de algum jeito eu não estivesse mais no meu corpo. Vejo as lágrimas, transparentes como vodka, escorrendo para as orelhas. Eu me vejo chorando sem parar, o corpo tremendo, o peito contraído como um punho fechado e, muito longe, ouço o soluçar, sendo arrancado de mim um a um, mas não sinto nada, o que é bom, muito bom. Olho para cima, para a espécie de cobertura que o escorregador me proporciona, destruído, imundo com teias de aranhas, chicletes mascados e alguma outra coisa. Algo estranho que não deveria estar ali, mas não consigo identificar o que é. Tudo começa a girar, e não sei se estou em pé ou se continuo na mesma posição. Não me importa, não sinto medo. Quero apenas fechar os olhos e deixar o mundo se mover atrás das minhas pálpebras. Então, não sinto mais nada.

SINTO ALGUM TIPO de força revirar meu estômago e me acordar, então me sento de repente, morrendo de dor, bem a tempo de desviar o vômito de mim mesma.

Fico de joelhos com dificuldade, e minha cabeça se move com alguns segundos de atraso. Vomito mais uma vez, me curvando e formando uma poça de líquido transparente na terra.

— Porra. Merda. Cacete.

Sei que estou dizendo isso em voz alta, mas não soa como a minha voz, está grossa e rouca. Merda. Está muito escuro, e estou congelando. Eu abraço meu corpo tentando aquecer um pouco os ossos doloridos, mas não adianta. Tudo dói, meu rosto lateja, minha cabeça pesa, e, para piorar, acho que o efeito do álcool ainda não passou, porque quando tento me levantar o mundo me dá uma rasteira.

Meu Deus. Saio de debaixo do escorrega e me forço a ficar de pé, segurando a barra de metal enferrujada, e inspiro o ar gelado. Então vejo que não sou mais a única pessoa ali. Tem alguém no balanço, vestindo uma roupa escura. Talvez eu não tivesse notado se não fosse pelo rangido da corrente velha quando o balanço vai para a frente e para trás. Capuz por cima do boné, ombros curvados. Eu deveria sentir uma pontada de medo, um alerta de perigo ao ver aquela pessoa. Porque ninguém da minha idade vem aqui a esta hora para brincar no balanço.

Mas não sinto medo. Então é para isso que a vodca serve.

Ela acaba com todas as suas emoções e deixa você destemido. Fedendo e dolorido, mas ainda assim destemido. Por um brevíssimo segundo, quase sinto pena da minha mãe; se ela precisa disso para sobreviver, é porque deve passar o tempo todo apavorada.

Eu me sento ao lado da pessoa e me sinto uma imbecil, porque o balanço livre é para bebês e só consigo meio que me apoiar no assento. É constrangedor e desconfortável, mas não posso mudar de lugar agora. Se eu fizer isso, vou parecer ainda mais idiota. A pessoa não se mexe, está com o rosto escondido, perdido na escuridão do capuz, mas não vejo nenhuma arma, só dedos pálidos, finos e familiares segurando a corrente. Então lembro que já vi aquele anel de margarida antes. É da Naomi, ela estava usando pouco antes de desaparecer.

— Naomi? — sussurro. — Será que ela morreu? Será que esse é o fantasma dela?

Volto a olhar para o escorrega, checando se por acaso meu corpo ainda está lá, mas não, estou aqui e essa é ela, com seus dedos longos tão familiares.

— Nai?

— Ai, sua imbecil.

Ashira se vira para mim, fazendo uma careta de nojo ao me ver.

— Meu Deus, o que aconteceu com você? Não é à toa que acha que eu sou o fantasma da minha irmã, bêbada desse jeito. E, para sua informação, ela não está morta. Por enquanto.

— O que você está fazendo aqui? É perigoso!

— É mesmo, pelo menos quando você está aqui. Eu vim para pensar — explica Ash. — Não consigo pensar em casa, nem no hospital, e ainda estou tentando desvendar a tatuagem.

— O quê?

Acho que estou alguns passos fora da realidade e não entendo nada que ela diz.

— Sei por que você encheu a cara — diz Ashira diante do meu silêncio. — Não toquei no assunto no

hospital porque, hum, você parecia estar lidando bem com a situação. Mas agora... Enfim, ficaram espalhando essa merda o dia todo. Primeiro falaram que você deu um beijo nela, depois que pegou nos peitos dela, depois que enfiou a mão dentro da calça dela. E, a melhor história de todas, do último post que eu li, era que você fez um pau de mentira e botou ele pra fora em cima da cama.

— Meu Deus. — Com o choque, meu corpo inteiro parece ficar sóbrio. — Fiz um pau com o quê? Uns rolos de papel higiênico e uma embalagem de detergente? Pelo amor de Deus, sou uma garota que gosta de garotas, por que iria querer chegar perto de um pau?

Ash ri.

— Esse tipo de gente nunca entende essas merdas.

— Droga, nunca mais vou poder voltar pra escola. Nunca.

— Vai, sim.

Ash mantém os olhos no horizonte entre os blocos de prédios, onde as luzes das coberturas caras e os guindastes construindo outras iguais brilham alto no céu.

— Imagina como seria se a sua irmã desaparecesse e talvez tentasse se matar, aí sim vai entender o tipo de merda que as pessoas falam e vai saber que pode, sim, voltar pra escola. Tentar pegar a Rose Carter não é nada de mais. Além disso, todo mundo já pegou ela, porra.

— Nem todo mundo. Cacete, agora estou me sentindo ainda mais babaca.

— Achei que você tivesse dito que não gostava de cacetes.

Ela ri, e eu também.

— Isso é o pior de tudo. — Ash olha para mim, e consigo ver o sofrimento dela. — Não consigo seguir em frente, Red, não consigo achar uma saída. Pelo menos não até descobrir o que aconteceu.

— Olha, hoje é sexta-feira, talvez ela acorde na segunda e conte pra gente o que houve. Talvez seja melhor, mais coerente, esperar que a Nai acorde. Porque ela vai acordar daqui a dois dias.

Ash fica em silêncio por muito tempo, e as correntes do balanço param de ranger com o fim do impulso.

— Ou talvez não.

— Calma aí...

Algo volta à minha memória conforme minha mente fica sóbria. Um flash de alguma coisa no lugar errado. Eu me levanto do balanço e me viro, olhando na direção do escorrega.

— O que foi? — Ash franze a testa.

— Não tenho certeza de que foi real, mas...

Aciono a lanterna do celular e volto para o escorrega, tomando cuidado para não pisar no meu vômito de alguns minutos antes.

— Cacete, que nojo — diz Ash ao me seguir. — E pensar que eu queria beijar você.

— Calma aí. Como é que é?

Ela falou isso ou eu imaginei?

— O que foi?

Ela me encara, e, enquanto tento entender o que acabou de acontecer, me recordo de algo.

— Ai, meu Deus, acabei de lembrar...

Agacho por baixo da curva do escorrega e procuro ao redor. A gente senta muito naquele lugar para conversar e ficar de bobeira, mas nunca olhou para cima, nunca nem pensou em fazer isso. Eu nunca teria olhado se não fosse pela minha incapacidade de ficar de pé naquele momento.

Aponto o feixe de luz para a fenda do brinquedo e vejo uma coisa, presa com uma fita adesiva na junção entre a escada e o escorrega.

— Ai, meu Deus — sussurro.

Aranhas e insetos sobem pelo meu braço quando tiro aquilo dali e observo o objeto sob a luz da lanterna.

— O que foi? — pergunta Ash.

Então ela vê o que estou segurando, e sua expressão muda.

— É o celular da Naomi. O celular! Ela deve ter escondido ele aqui!

Nós nos entreolhamos no escuro.

— Isso muda tudo.

Não quero encarar nem meu pai nem minha mãe, então guio a Ash pelo beco que dá na porta dos fundos. Com sorte, eles vão estar na sala, acabando com a vida um do outro.

— Tira o sapato — sussurro para ela antes de entrarmos. — E tenta não fazer barulho.

— Essa é a sua casa? — pergunta Ashira, arregalando os olhos quando faço “shh”. — Que drama.

A porta fica emperrada, como se alguma coisa estivesse presa embaixo dela, mas só depois de forçá-la vejo que era a bolsa da minha mãe; está de cabeça para baixo, moedas espalhadas pelo chão, o batom aberto em um canto, as chaves em outro. A bolsa está vazia e embolada perto do rodapé, como se tivesse sido jogada.

— Acho que ela ficou bem puta por eu ter roubado a vodca — sussurro enquanto a gente passa pela cozinha.

A porta da sala está entreaberta. Minha mãe dorme no sofá e não há sinal do meu pai. Não é possível que ele tenha saído de novo.

Aponto com a cabeça para o andar de cima, e Ash me segue pela escada apenas de meia. A porta do quarto da Gracie está aberta e a luz noturna, acesa, o que é um sinal claro de que ela estava chateada quando foi dormir; minha mãe só permite que a porta fique aberta quando ela está com medo de alguma coisa. Estou prestes a entrar no quarto quando vejo meu pai deitado no chão ao lado da cama, com os olhos fechados e o celular no peito.

Por um instante, me lembro da época em que ele dormia ao lado da minha cama quando eu tinha medo de dormir sozinha, e sinto algo estalando dentro de mim, felicidade e tristeza misturadas em um único momento de perda. Houve uma época em que tudo naquela casa era acolhedor, seguro e bom. Fico feliz que a Gracie tenha ido dormir se sentindo daquele jeito hoje. Queria poder sentir o mesmo.

Ash dá uma olhada no meu quarto, a bateria montada no canto, as roupas no chão, e se senta na cama, encarando o celular.

— Você acha que a Nai deixou ele lá? — pergunto.

— Sim — responde ela. — Acho, sim. Acho inclusive que a Nai deixou ele lá e pensou que vocês já teriam achado mil anos atrás.

— Mas por quê? — Eu me sento no chão, apoiando as costas na porta fechada do quarto. — Se você estivesse fugindo, por que faria isso?

— Porque ela tinha dúvidas sobre o que estava fazendo, o que quer que fosse. Não o bastante para não seguir em frente, mas o suficiente para preferir deixar rastros. Só que a gente não encontrou porra nenhuma, né? Quer dizer, só quando já era tarde demais!

— Não sei dizer quantas vezes me sentei debaixo daquele escorrega desde que ela sumiu — digo, encarando o aparelho. — Será que ainda funciona?

Ash aperta o botão central. Está desligado.

— Posso tentar carregar, mas ele não estava dentro de uma sacola nem nada. O escorrega protege bem da chuva, mas não é à prova d'água. Antes de ligar na tomada, vou desmontar e deixar secar no meio do arroz.

— Será que a gente...

— Não, a gente não vai chamar a porra da polícia!

Eu a deixei irritada.

— Para uma rebelde, você é uma grande fã daqueles filhos da puta. Só que eles não estão nem aí, Red. Você precisa se lembrar disso.

— Eu... é... talvez.

— A Nai deixou pistas, criou uma trilha para chegarmos até ela. — Ash olha para o aparelho desligado enquanto fala. — As playlists, a música que gravou e fez upload depois de ir embora. O celular, a conta do Instagram, DarkM00n. Ela devia ter um celular novo onde estava, um iPad ou algo do tipo, qualquer coisa que a mantivesse ocupada enquanto estava presa. Vai ver no começo ela até ficou animada, como se fosse um presente caro.

— Ah, é, a conta do Instagram — respondo, na hora. — Tinha me esquecido disso. Mas já olhei e...

Pego meu celular e busco o perfil.

— Não tem nada. Só uns desenhos e umas fotos sem graça de Londres. Praticamente sempre a mesma foto.

— Deixa eu ver.

Ash toma o celular da minha mão e passa pelas imagens lentamente.

— É verdade. Tudo a mesma coisa. O mesmo ângulo, a mesma vista em todas as fotos, apenas em horas diferentes do dia... Ai, porra, Red. A gente é muito imbecil.

— Por quê?

Dou uma olhada nas fotos.

— Porque ela estava tentando mostrar pra gente onde estava. O lugar onde prenderam ela só tinha uma vista, e era essa. Mas a gente não percebeu a tempo de impedir que a machucassem.

Ash continua irritada e animada ao mesmo tempo.

— Ela devia ter acesso à internet, mas estava sendo controlada e monitorada por alguém. Só pode ser isso.

— Cacete — digo.

Os olhos da Ash brilham ao me encarar.

— Tudo se encaixa.

— Talvez, *talvez* se encaixe, Ash...

— Vou levar o celular pra casa e vou continuar trabalhando no código. Deve haver outras pistas. Mais respostas que nos ajudem a decifrar a tatuagem.

— Ash. — Eu a faço parar a caminho da porta. — E se a gente decepcionou a Nai por não encontrar o celular antes?

— Não posso pensar assim — responde ela de maneira brusca. — Nem você. E, escuta — seu tom amolece —, aqueles merdas do colégio já já vão estar ocupados com a próxima fofoca, mas se isso não acontecer, se eles continuarem no seu pé, estou de olho em você... e em todas as senhas deles, ok?

— Tá — respondo. — Valeu, Ash.

Ela franze a testa quando vê meu rosto sob a luz forte do quarto e se aproxima, tocando com as pontas dos dedos a minha bochecha, logo abaixo do lugar que mais dói.

— Merda — diz ela. — Sinto muito por isso ter acontecido com você, Red. Sei que ela é sua mãe, mas, se você quiser, talvez eu consiga enquadrá-la em alguma fraude, deixá-la longe por uns meses. É mais barato que uma reabilitação.

Isso é tão típico da Ash e tão estranhamente fofo que desta vez sou eu quem sorrio, apesar de isso fazer o machucado abrir e doer.

— Não sei se já estamos no estágio de trancafiar a minha mãe, mas é bom saber que você está do meu lado.

— Por enquanto.

Ela me abraça forte, e ficamos assim por um instante. Sinto as coxas dela contra as minhas, a lombar dela na palma da minha mão, e algo dentro de mim borbulha de um jeito completamente inesperado. Quando nos afastamos, sinto que meu rosto está quente, e torço para que os hematomas escondam qualquer sinal de rubor.

Eu a levo até lá embaixo, e ela bate a porta ao sair. Assim que vai embora, sinto sua falta.

Quando volto para o meu quarto, meu pai está esperando no corredor.

Ele estende a mão para tocar o meu rosto, mas eu recuo.

— Está doendo, só isso — digo.

— Quem estava no seu quarto?

— Ashira, irmã da Naomi. Ela é minha amiga.

Ele assente.

— Olha, meu bem. Eu sinto muito mesmo. Me desculpe por não estar tão presente. Eu não fazia ideia de que a situação estava ruim assim.

Eu apenas olho para ele, que suspira.

— Sei o que parece. Eu entendo. Tenho noção de que decepcionei todas vocês.

Sinalizando com a cabeça para a porta aberta do quarto da Gracie, faço com que ele me siga até o meu quarto.

— Pai, essa situação precisa mudar. A gente não pode continuar assim.

— Eu sei — diz ele. — Ela bateu mesmo em você.

— Sim, bateu.

Ainda que o ódio que senti mais cedo não esteja nem perto de ter passado, tenho vontade de inventar desculpas para ela, de encontrar um motivo compreensível para o que ela fez, mas mesmo querendo muito, não faço isso. Não posso esconder a gravidade da situação. Eu amo minha mãe, mas não posso ajudá-la agora.

Afinal, eu ainda sou só uma adolescente.

— Não sei o que dizer... — Meu pai balança a cabeça. — A Gracie não parava de chorar, e sua mãe se recusou a falar comigo. O que eu fiz com vocês?

— Não se faz de vítima, pai. Ela bebe. Porque sente saudade. Ela se odeia por não ser o suficiente para você. Ela sabe que você tem uma amante, mais de uma. É bem óbvio. E não é só isso... — Preciso me esforçar para continuar. — Ela também me odeia. Porque ela odeia quem eu sou, pai. Sente nojo de mim. Aconteceu um negócio recentemente, e ela... Ela me olha como se eu fosse o cocô do cavalo do bandido. E, preciso admitir, isso me magoa pra cacete. Porque, alguma hora, o que eu sinto por ela vai desaparecer de vez. Só vou conseguir odiá-la também.

Finalmente, deixo que ele me abrace, pressionando o lado dolorido do meu rosto na camisa dele, e choro, porque estou triste, porque senti tanta saudade dele e, mais do que tudo, porque senti saudade de como ele me passava uma sensação de segurança, algo que não sinto há muito tempo.

— Sinto saudade de você, pai — digo.

E não me refiro apenas a ele, mas à imagem que eu tinha na minha cabeça antes de perceber que ele é uma pessoa como qualquer outra.

— Também sinto saudade de você — responde meu pai.

Ficamos assim por um ou dois minutos e, quando nos afastamos, sinto que voltei a saber quem ele é, de um jeito novo. De um jeito que talvez eu consiga passar a gostar, um dia.

Volto ao meu quarto, e minha cabeça está doendo pra cacete, mas não consigo dormir, não depois de ter

achado o celular. Por isso pego o caderno da Nai e releio todas as letras de música escritas ali. São canções de amor, de desejo, como quiser chamar, mas nada em nenhuma delas me dá dicas sobre a pessoa de quem Nai estava falando. Então vejo, preso entre as páginas, um pedacinho de uma embalagem de cigarro rasgado. E me lembro de todas as outras coisas que a Nai guardava ali dentro. Presumi que fosse lixo e sacudi tudo pelo chão. Nem mesmo dei uma olhada.

Ainda bem que minha mãe nunca entra no meu quarto. De joelhos, examino o carpete, recolhendo tudo o que encontro pelo caminho e jogando de volta na cama. Quando tenho certeza de que não sobrou nada, organizo todos os objetos.

Pedaços de letras de músicas.

Um ingresso para o Hampton Court.

Mais palavras escritas no verso de ingressos rasgados de cinema para o tipo exato de filme romântico que ela odiava.

Um rótulo de cerveja.

Uma embalagem vazia de confeitos de chocolate.

Analizando o material, percebo que não são apenas ideias que ela anotou, mas lembranças. Momentos que fazem parte de uma história. A história de quem quer que seja o objeto das músicas da Naomi.

Finalmente, encontro o resto da embalagem de cigarro, da qual o pedaço que ainda estava preso no caderno tinha sido arrancado, e assim eu sei pelo menos uma coisa sobre a pessoa com quem a Naomi estava saindo, porque ela não fuma.

Quando viro o papel, descubro outra coisa também.

Tem um bilhete escrito à mão no verso, e a letra não é dela.

“Você pertence a mim agora. Lembre-se disso: não importa o que acontecer, você é minha.”

Tiro uma foto e envio para Ash.

“É ele”, diz a mensagem de volta. “Esse é o filho da mãe que sequestrou a Nai.”

E começo a achar que talvez ela tenha razão.

Foi ele quem escreveu aquilo.

Mas quem é ele?

AMANHECE, MAS ESTÁ escuro embaixo do travesseiro, e se eu pressioná-lo no ouvido o silêncio é quase total, exceto pelos sons dentro da minha cabeça. O problema é que quando faço isso a dor latejante no meu rosto se transforma em uma pontada que parece irradiar para o corpo inteiro. E não é só a dor de ter apanhado, é tudo. Existem tantas coisas fora do lugar e erradas que parece quase impossível imaginar que a vida um dia vai ser normal de novo. Para. Abre os olhos e sente o coração bater, sente a dor no seu rosto e lembra que *você está viva*.

Tem uma saída para essa confusão e vou encontrá-la, não apenas por mim, mas pela Naomi. Porque, mesmo que eu não descubra o que aconteceu, sei que aquilo quase a matou, e mesmo que no início ela talvez achasse que queria, sei que estava apavorada.

Preciso da Rose, quero conversar com ela, pedir ajuda. Preciso consertar nossa relação, mostrar que nossa amizade significa muito para mim, que importa mais do que meus sentimentos românticos por ela.

Mas, quando destravo a tela do celular, ela não está lá, em nenhum dos lugares de sempre, a alguns segundos de distância de qualquer mensagem. Entro de perfil em perfil e não consigo encontrá-la. Por um instante penso: fodeu, ela saiu de todas as redes sociais por minha causa. Então percebo o óbvio: ela me bloqueou. Em tudo.

Aquilo dói mais do que um tapa ou um soco. Sinto como se um muro invisível tivesse sido erguido ao meu redor. Estou frustrada e confusa. Rose sempre esteve ali, sempre contei com a presença dela, odeio esse abismo entre nós.

Eu me sento na cama, usando meu polegar para encontrar o número da Rose.

Nunca ligo. Não gosto de falar ao telefone com meus amigos nem com ninguém, se puder evitar. Seleciono o nome dela na tela, aguardo um século para completar a ligação, como sempre, e mais outro século para começar a chamar. Achei que fosse cair na caixa postal, mas me surpreendo ao ouvir o silêncio do outro lado, o som da presença muda dela ali.

— Rose?

— Oi. — Uma resposta curta. Não consigo interpretar nada a partir daquilo.

Não tenho nenhum emoji para dar uma ajudinha, apenas uma única palavra, curta e indecifrável. Apenas o silêncio que se segue à voz dela.

— Está tudo bem com você?

— Aham. — Outra resposta curta.

Mas ela continua ali. Não desligou, pelo menos ainda não.

Respire fundo e pense. Não diga uma palavra errada.

— Olha, me desculpa pelo que aconteceu. Fiz papel de babaca. Nunca quis me apaixonar por você, e com certeza nunca tive a intenção de me declarar. Foi... Foi pura idiotice. Mas não acho que eu seja idiota por gostar de você desse jeito. Você é incrível, é a pessoa mais incrível que eu conheço. E sinto o que sinto porque conheço você. Não por causa da sua aparência, nem nada disso. Mas porque você é você.

O silêncio continua. Respire fundo, tente mais uma vez.

— Acho que sei por que está tão irritada comigo, e entendo por que me bloqueou em tudo, mas... Bem, espero que um dia você mude de ideia, porque sinto a sua falta, e não do jeito que você está pensando.

Sinto falta da minha melhor amiga... Mais do que tudo, preciso da minha melhor amiga.

— Então, a gente vai ensaiar no palco amanhã, né?

— Aham. Mas...

— Aquele post que eu fiz... Foi muito escroto, e estou com raiva de mim mesma. Já tentei consertar.

Acho que vai ficar tudo bem na escola. — Ela hesita, e eu prendo a respiração. — Mas sinceramente, Red, achei que a gente se entendia. E agora sei que não. Estou me sentindo estranha, como se não fôssemos honestas uma com a outra, como se tudo que você fez ou disse não foi por ser minha amiga, mas porque é a fim de mim.

— Você não precisa se sentir assim porque... — começo a dizer, mas ela me interrompe.

— Preciso, sim. Os seus sentimentos importam. Você deveria querer que eles fossem levados em consideração. E eu... Eu só preciso de um tempo entre nós. Um tempo do que a gente era. Não te odeio, tá bom? De jeito nenhum. Só preciso de um tempo. Tem... umas coisas rolando. Algo importante acontecendo, e acho que talvez fosse melhor se não passássemos tanto tempo juntas. Vou fazer o show, mas depois vou sair da banda.

— Mas...

— A gente se vê amanhã no ensaio.

— Rose, por favor, a gente não pode conversar um pouco mais sobre isso?

— Não se mete na minha vida, tá? Estou precisando de espaço.

— Mas...

Ela desliga, e nem sequer consigo contar sobre o celular da Nai.

Desabo de volta na cama, sem ter a menor ideia do que fazer em seguida. Lá fora, as nuvens engolem qualquer sinal de azul no céu, e quase parece que estamos no inverno. Um dia inteiro livre para dormir é uma tortura para mim.

Então, quando meu celular toca, quase caio da cama tentando alcançá-lo, torcendo para que seja a Rose, para que ela tenha mudado de ideia, para que a gente possa rir de todo esse drama e deixar a história para trás. Mas não é ela.

— Red, preciso de ajuda.

É o Leo.

Eu me sento, de repente ansiosa e inquieta, porque ele odeia falar ao telefone ainda mais do que eu. E, pior ainda, toda aquela sua raiva e malícia sumiram. Agora ouço apenas medo na sua voz.

— O que houve?

— Red, acho que me fodi — sussurra ele, e mal posso ouvi-lo. De alguma maneira, entendo na mesma hora que algo muito sério aconteceu. — Eu me meti numa merda e agora não sei como sair.

— O quê, como assim? O que está acontecendo?

— Espera, espera um minuto.

Do outro lado da linha ouço um ruído e uma porta batendo, passos.

— Tive que sair rapidinho. Não posso falar aqui. Que merda, Red, estou muito fodido. Não sei o que fazer.

— O que foi, Leo?

— O Aaron. O cara da treta, o que teoricamente fez meu irmão de otário, o culpado por ele ter sido preso. O Aaron passou a noite com os caras aqui em casa. Passaram a noite acordados, tomando umas merdas pesadas, a música tão alta que dava para ouvir do outro lado do prédio. Minha mãe tentou expulsar todo mundo, e o Aaron a trancou no quarto. Tentei abrir a porta e ele... ele ficou muito irritado, Red. Ele e os amigos passaram a noite botando pilha um no outro, se preparando para fazerem merda. E agora... Agora chegou a hora, Red. Eles descobriram onde o cara está e vão até lá, e meu irmão está dizendo que eu tenho que ir com ele, que preciso ser homem. Eu não sei o que fazer.

— Leo, o quê? O que eles vão fazer?

— Eu vi uma arma.

Assim que ouço aquela palavra, minha boca fica seca e o medo percorre minhas veias a mil por hora.

— Ele vai *atirar* em alguém? — Desta vez, sou eu quem sussurra.

— Ele quer que eu vá junto, Red. Se eu não for, não sei o que ele vai fazer. Ele não deixou minha mãe sair do quarto até agora. Pegou o dinheiro dela, o celular. Eu ouvi ela chorando a noite inteira e não posso nem chegar perto para conversar. Aaron não dormiu nada, está doidão, paranoico e irritado. Não sei o que vai fazer.

— Desliga. Liga para a polícia agora, conta o que está acontecendo.

— Não posso, eu não deduro os outros. Ele não pode nem sonhar que liguei para você. E, mesmo assim, não sei onde vai ser, nem quando. Só sei que preciso ir com ele.

— Leo, você não pode ir. Isso não tem nada a ver com você. Não vai!

— Não sei mais o que fazer... — Nunca ouvi a voz do Leo falhar como agora. — Estou com medo dele, Red. Estou com medo do que ele vai fazer.

— Vai embora agora. Continua andando e vem me encontrar. A gente pode falar com o meu pai e pedir ajuda.

Ouçó um grito ao longe.

— Ele está me chamando. Chegou a hora. Preciso ir.

— Leo, espera... Não vai! — grito, e a ligação cai.

Fico olhando para o celular, sem reação. Foi isso mesmo? Meu melhor amigo, que acabou de desligar, vai ser cúmplice de um assassinato?

OS SEGUNDOS SE passam, e fico lembrando aquela conversa na minha cabeça até que ela se concretize e se torne real. É real pra cacete, e não posso deixar isso acontecer com Leo, não posso. Mas também não posso impedi-lo. Preciso dar um jeito de encontrá-lo e arrastá-lo para longe do Aaron antes que seja tarde demais.

Mas como? Por onde posso começar a procurar? Visto uma calça jeans e uma camiseta de qualquer jeito e penso outra vez em recorrer aos meus pais, mas de que adiantaria? Como eles poderiam me ajudar, se não conseguem nem cuidar de si mesmos? Então eu me lembro do aplicativo “Find My Friends” que tenho no celular. Instalamos aquilo de brincadeira, mas acabou perdendo a graça, porque sempre sabíamos onde cada um estava. Agora bem que seria útil.

Abro o aplicativo e encontro o Leo, um pequeno ponto pulsante. Ainda está em casa. Calço os tênis com pressa, visto o moletom de capuz e enfio as chaves no bolso, correndo para o conjunto habitacional dele, sem tirar os olhos do celular, querendo chegar o mais perto possível antes que aquele ponto comece a se mexer.

Estou na metade do caminho quando isso acontece.

Diminuo o ritmo da corrida e mantenho os olhos na tela, tentando descobrir aonde ele está indo, pegando atalhos e desvios para tentar interceptá-lo, porém, por mais rápido que eu corra, ele continua fora do meu alcance.

Então meu celular toca de novo.

Porra. É a Ash.

Rejeito a ligação, mas ela tenta outra vez e, de algum jeito, sei que ela vai continuar tentando, então atendo no viva-voz e continuo seguindo o ponto.

— Cadê você? — pergunta ela, sem se dar ao trabalho de dizer “oi”.

— Não tenho muita certeza — respondo, olhando ao redor. — Estou tentando achar o Leo. Ash, ele está correndo perigo. É grave, então não posso falar agora.

— Que tipo de perigo? — Ela parece irritada, não preocupada.

— Perigo de verdade. Preciso alcançar ele antes que algo ruim aconteça.

— Tipo, ruim de verdade ou ruim estilo drama adolescente? Porque eu tenho uma coisa para contar. Uma coisa importante pra cacete.

— Estou falando de algo muito grave. O irmão do Leo arranhou uma arma, e acho que vai usá-la.

— Puta merda — diz ela. — Ok, onde você está?

— Não sei muito bem. — Pego a esquerda em uma rua e vejo que Leo está duas ruas paralelas à minha frente, a mais ou menos dez minutos de distância. — Indo na direção do metrô de Brixton, acho.

— Ok, estou indo. Rastreio o seu celular quando chegar perto.

— Você não está na minha lista do “Find My Friends” — digo.

— Não preciso disso.

Escolho não pensar naquilo e me concentrar no problema real.

— Ash, talvez não seja seguro.

— Por isso mesmo não vou deixar você sozinha — responde ela. — Naomi vive enchendo o saco sobre como amigos são importantes. Ela não está aqui para salvar você, então acho que tenho que fazer

isso.

Como uma nerd de dezoito anos vai impedir uma gangue de homens armados, isso eu não sei, mas também não tenho tempo para me preocupar com essas coisas agora.

Mais uma curva à esquerda, outra à direita, então paro abruptamente e dou um passo para trás, entro em uma loja. Vejo um grupo de caras — mais ou menos dez — parados sob um dos arcos da ponte férrea, rindo e conversando. As pessoas que passam atravessam a rua ou baixam a cabeça ao vê-los. Examino a multidão, procurando pelo Leo, então o encontro. Está distante do grupo, de cabeça baixa, chutando o asfalto com a ponta do tênis, como uma criancinha.

Preciso de um plano. Não tenho nenhuma ideia além de vir até aqui. Portanto...

Eis o que vou fazer. Vou me aproximar como quem não quer nada e dizer: “Oi, Leo, que coincidência encontrar você aqui, quer fazer alguma coisa?” Então nós podemos ir embora como se nada tivesse acontecido, e o que quer que role depois não vai ter nada a ver com ele.

Respiro fundo, relaxo os ombros e passo a mão no cabelo. Mantenha a discrição, Red; aja tranquilamente, Red; seja normal, Red.

Leo me vê chegando e começa a fazer que não com a cabeça, sinalizando discretamente para que eu dê meia-volta, mas sigo em frente, na minha, sendo indiferente, como se não tivesse notado os mais de dez caras enormes amontoados perto da ponte.

Até eu quase estar em cima deles.

— Ih, fala aí, Leo — digo, tentando demonstrar surpresa e indiferença. — Ah, oi, pessoal.

(“Ah, oi, pessoal”? Não poderia ter saído mais forçado nem se eu quisesse.)

Olho para o restante do grupo ao redor, todos mais velhos, maiores e mais assustadores do que eu e, o pior de tudo, todos me encarando de repente, como se eu fosse um inseto minúsculo e ruivo que eles poderiam esmagar com um único golpe.

— Puta que pariu.

Aaron agarra Leo pelo braço e o arrasta para longe do grupo. Vou atrás deles, firme na minha determinação de seguir o Leo.

— Você disse pra essa coisa o que a gente ia fazer?

Ele meio que rosna e, quando chego perto, entendo por que Leo está tão preocupado. Aaron está fora de si. Completamente trincado, dá para ver em seu rosto, todo retorcido. Há saliva nos cantos da boca e as pupilas estão enormes e pretas, cobrindo quase totalmente a íris. Quase igual a um zumbi. Um zumbi muito puto.

— Quê? Não! — digo, me fazendo de idiota. — O que vocês vão fazer? Pô, tem uma festa rolando ou algo assim? Leo, você não me contou que ia pra uma festa, que sacanagem, cara. Onde é? Posso ir? Ah, é, aliás, não sou uma coisa, sou uma garota.

Minha teoria é: se eu for bem irritante, chata e difícil, talvez Aaron deixe o Leo ir embora só para se livrar de mim.

Mas o meu plano não funciona.

— Escuta aqui, *Coisa*.

Ele chega o rosto bem perto do meu, perto o suficiente para que eu veja o pequeno círculo colorido em volta das suas pupilas dilatadas, perceba o suor brotando dos poros e sinta seu bafo podre. Perto o suficiente para fazer meu coração acelerar e eu desejar estar em qualquer lugar que não ali.

— Agora que você está aqui, não vai a lugar nenhum. Vai ficar comigo até isso acabar e, depois, se abrir a boca pra qualquer pessoa, vou apresentar você para a minha amiga.

Aaron parece tanto um vilão de novela mexicana que eu teria vontade de rir se ele ao menos precisasse se esforçar para revelar o peso e o formato da arma enfiada na calça de moletom. Aquele pedaço de metal torna tudo muito real.

Faço que sim.

— Agora, vê se não atrapalha, porra.

Ele se vira na direção do grupo, e Leo me puxa mais para o centro da passagem, o mais longe possível deles, balançando a cabeça.

— Que porra é essa que você inventou? — pergunta ele, irritado. — Falei pra você não vir. Agora nós dois estamos fodidos, Red.

— Você não falou isso, na verdade, e estou tentando te ajudar. Claro que preciso te ajudar. O que está rolando? O que eles estão esperando? Porque não estão sendo exatamente discretos, né...

— Está vendo aquele bar de sinuca ali?

Leo aponta com a cabeça para o outro lado da rua e vejo o que parece um boteco pé-sujo, com um letreiro que é um triângulo de sinuca cheio de bolas dentro.

— Eles estão esperando o cara sair dali. Depois... Depois eu não sei, Red. Olha, quando a coisa começar, vai embora, tá? Só corre na direção contrária.

— Vem comigo — imploro.

— Não posso. Aaron vai me matar.

Quando ele diz aquilo, não parece exagero.

Aaron recebe uma mensagem de texto e, de repente, o grupo inteiro fica em alerta, ligado no que pode acontecer em seguida, como uma matilha prestes a atacar uma presa.

— Então tá, é agora. — Aaron olha de relance para o grupo. — Atenção, galera.

Ninguém presta muita atenção ao som das sirenes misturado ao barulho ambiente da cidade até elas estarem muito próximas, logo do outro lado da rua. Vejo os carros abrindo caminho para... caminhões de bombeiros. Dois. Eles param na frente do bar e uma equipe de bombeiros sai correndo para dentro do lugar.

— Mas que... porra é essa? — Aaron suspira e balança a cabeça. — Caralho, como assim? Parece mentira!

A tensão e a agressividade que une o grupo se dispersa aos poucos enquanto eles continuam parados ali, vendo as pessoas saírem do bar em bandos, percebendo que o que tinham planejado não vai acontecer mais.

— Quer saber, que se foda. — Aaron se vira para nós. — Que se foda essa porra toda. Quem tem bagulho?

— Eu — responde alguém.

— Bora ficar doidão, então — diz Aaron e, como se nada tivesse acontecido, sai andando, com os outros caras em sua cola.

A única coisa que me importa é a direção para onde ele segue: para longe de nós.

Depois de três ou quatro segundos, respiro fundo.

— O que acabou de acontecer?

Eu olho para o Leo.

— Tipo, quais eram as chances de isso acontecer logo agora? — pergunta Leo.

— Bem altas, quando alguém que você conhece liga para a emergência pra salvar sua pele — diz Ash, aparecendo do nosso lado.

— Você fez isso? — Dou uma risada, sentindo um grande alívio. — Ash, você é um gênio! Acabou de derrotar um bando de gângsteres armados.

— Pois é... — Ela dá de ombros. — Alguém precisa cuidar de vocês... A Nai vai precisar dos amigos quando acordar. E, de qualquer maneira, não foi tão difícil assim. Depois que a gente desligou, peguei o metrô até Brixton, achei vocês e, quando saquei a situação, chamei a cavalaria. Sem sacanagem, Leo, seu irmão e o grupo de imbecis dele têm a sutileza de uma explosão nuclear. Não chamei a polícia porque seria coisa de fofoqueiro, então liguei para os bombeiros. Primeiro dei uma conferida nos radares deles para ver se não havia nenhum incêndio grande na região, ou então teria que pensar em outra coisa. Talvez

uma ameaça de bomba.

Eu e Leo olhamos para ela, o cabelo comprido em uma trança perfeita, a jaqueta jeans parecendo nova demais abotoada até em cima. Ela parece a Mulher-Maravilha em uma fase adolescente esquisita.

É bizarro, mas sinto como se tivesse me drogado, com vontade de explodir de rir ou sair correndo. Do nada, me sinto invencível, forte, e isso é burro pra cacete. Se esse é o resultado de enfrentar o perigo e sobreviver, a evolução precisa se explicar. Sou uma adolescente idiota que se meteu numa situação de merda, e me sinto fantástica. Isso não pode estar certo.

— Preciso ir para casa e ver minha mãe — avisa Leo. — E depois a gente tem que dar o fora de lá, porque o Aaron está fora de controle.

— Boa, vamos fazer isso, eu vou junto. Mas, antes, espera um minuto. Para tudo. Preciso contar uma coisa pra vocês dois. É importante.

— O que foi? — pergunto.

Sua expressão não revela muito, mas se tem uma coisa que eu sei sobre Ash é que ela não faz drama à toa.

— Hoje de manhã desvendei uma das combinações que estavam no código da tatuagem.

— Está dizendo que encontrou um site?

— Aham. — Ash assente, o rosto pálido. — Na dark web. Não foi muito difícil entrar depois que descobri o endereço, acho que a maioria das pessoas simplesmente não procura. É um... é um site no qual homens postam sobre crianças. Sobre crianças que eles seduzem e estupram. A tatuagem... é um símbolo secreto e se encaixa em outro desenho, uma meia-lua que vira um círculo, um triângulo que vira diamante. A outra metade fica tatuada no “dono” da garota, mas em tinta branca, assim apenas ele sabe que o símbolo está ali. É um selo de escravidão. Alguém tatuou a porra de um selo de escravidão na minha irmã.

— Meu Deus.

Leo se vira e soca a parede. Fecho os olhos, tentando afastar as imagens de algumas das coisas pelas quais a Naomi deve ter passado.

— Ai, meu Deus, não... Ai, não.

O rosto da Ash está contorcido de dor, mas ela ainda não terminou.

— Às vezes, quando as fotos da garota são muito populares e têm muita demanda, eles a convencem a fugir com um deles. O cara diz que ama a garota, isola ela dos amigos e da família e diz que precisam fugir para ficarem juntos, então... Então o cara prende a garota e avisa os outros caras do site quando e onde vão poder fazer as coisas com ela.

— Vou matar alguém — diz Leo. — Alguém vai morrer.

— Não consigo nem imaginar...

Olho para Leo, que passa os braços ao meu redor, meio que me abraçando.

— Achei a história da Nai — continua Ash, com a voz de um jeito automático, feito a de um robô, como se precisasse se forçar para pronunciar aquelas palavras pré-programadas. — Tem tudo o que aconteceu entre ela e o homem que a seduziu, o nome dele no site é MrM00n. Fotos... vídeos... todos os detalhes, tudo. E tem fotos de outras vinte garotas, só dele. Uma delas era Carly Shields e, sim... Danni. Quando eles se cansam de uma garota, às vezes deixam ela ir embora. Fazem ameaças, a deixam com medo e vergonha para que não diga nada, acho. Eles dão dicas no site de como manter uma garota calada. Tinha outros nomes lá... Pesquisei todos e descobri que elas morreram, cometeram suicídio, sofreram acidentes, ou só estavam listadas como desaparecidas. Mas tem uma garota nova. O projeto mais recente dele, que ainda está na fase da sedução. Até onde ela sabe, ainda é só um romance, nada mais. Ainda não chegou a esse ponto.

— Quem é? — pergunto, mas já sei a resposta.

— É a Rose — diz ela.

AGORA ESTAMOS NA casa do Leo. Assim que a Ashira contou o que tinha descoberto, começou a chover, gotas geladas que nos deixaram ensopados. Quando Aaron e seus amigos se dispersaram, nós três ficamos parados, presos em um mar de dúvidas, a água praticamente entrando pelos poros. Quando você descobre algo tão devastador quanto aquilo, o que pode fazer em seguida? Como viver o segundo seguinte, e o próximo, sem perder toda a noção do mundo ao redor?

Naquele instante, na chuva, não sabíamos. Agora, de volta ao apartamento do Leo, continuamos sem saber. Só conseguimos reagir, e a primeira coisa em que Leo pensou foi na mãe, ainda trancada no quarto. Fizemos o que estava ao nosso alcance: viemos ajudá-la.

Pareceu que levamos uma eternidade para chegar, e a última parte da viagem — a subida no velho elevador barulhento — foi a mais longa de todas. Meu coração batia enlouquecidamente enquanto nos aproximávamos da porta do apartamento. Temia o pior; não, na verdade, esperava o pior. A sensação de que alguém acabou de arrancar o último véu que protegia minha infância me sufocava. Era um mundo onde o sol brilhava e o céu era sempre azul, e agora restou apenas uma névoa de cinzas e poeira, e a noção de que coisas ruins acontecem, não somente com os outros, mas com pessoas que conhecemos, com quem amamos. Com a gente.

É assustador.

A porta do apartamento surge na nossa frente, aberta. O Aaron devia estar doido demais para se preocupar em fechá-la quando saiu. Por um instante, fica escancarada para o corredor por uma corrente de ar passageira, e então se fecha com um estrondo bem na nossa cara.

Leo abre a porta e entra, examinando o corredor. O apartamento está escuro e muito silencioso, embora alguém tenha deixado a TV ligada na sala. Pelo menos o Aaron não está aqui.

— Mãe? Mãe?

— Leo? — responde ela imediatamente, batendo à porta do quarto, e ele corre até lá.

— Espera aí!

Ela começa a chorar do outro lado da porta, enquanto Leo, nervoso, mexe no cadeado, fazendo algumas tentativas, embora a chave esteja na tranca e seja necessária apenas uma volta para abrir. Mas mesmo as coisas fáceis parecem difíceis para mãos trêmulas.

Quando abre a porta, Leo é abraçado pela mãe.

— Eu estava ficando maluca! — diz ela, ofegante. — Onde você estava? O que você fez? O que *ele* fez?

— Nada, mãe. — Leo tenta acalmá-la. — Nada. Era só conversa fiada. Ele estava se exibindo, não aconteceu nada. Está tudo bem, de verdade.

— Ele não quis me ouvir, e quando me recusei a calar a boca, como ele mandou, seu irmão me bateu e me trancou aqui. Fiquei tão assustada. — Ela olha para Leo, segurando o rosto dele. — O Aaron não pode continuar morando aqui, Leo. Ele é meu filho, e prometi amá-lo desde o dia em que nasceu, mas não posso cumprir minha palavra se tenho medo do que ele pode fazer comigo e com você. Não podemos ficar aqui enquanto ele estiver solto. Sei que ele é seu irmão, mas...

— Eu sei, mãe. A gente precisa sair daqui. Arruma suas coisas e vai passar uns dias na casa da tia Chloe, tá?

— Você também. Preciso que venha comigo, Leo. Pelo menos preciso saber que vai estar em algum lugar seguro.

— Vou ficar na casa da Red. — Leo olha para mim, e eu concordo. — A gente tem ensaio da banda amanhã, né? Então vou ficar lá. E, daqui a alguns dias, a gente vê o que faz. Talvez a gente consiga conversar com o Aaron, afastá-lo dessas pessoas e das drogas. Porque você se lembra, né, mãe, de como ele era? De como ele ajudou depois que o papai morreu, e de quando ele passava horas fazendo aeromodelismo... Lembra disso?

— Lembro.

— Deve ter um jeito de trazer meu irmão de volta — diz Leo. — De fazer com que ele volte a ser o cara de antes, de quando eu era pequeno. Só precisamos descobrir como. Vai fazer as malas, mãe, e liga para a tia Chloe, avisa que está a caminho.

— Você é um menino de ouro, Leo — diz ela, dando um beijo no rosto do filho. — Vai ficar bem com a Red? — Ela olha para mim, depois para a Ashira. — Vai ficar em segurança?

— Ele vai ficar bem — diz Ash. — A gente promete.

E, por algum motivo, isso acalma a mãe dele.

— Porra. — Leo bota as mãos na cabeça assim que ela volta para o quarto, e todos desabamos juntos, pensando: “E agora?” — O que está acontecendo?

— Dessa vez, Ash, a única solução possível é procurar a polícia. Eles precisam saber o que você descobriu. Você tem provas, eles vão acreditar.

— Não — responde ela.

Pela primeira vez desde que nos encontrou debaixo dos arcos, vejo quanto essa descoberta a destruiu, levou grande parte da Ash, sugou quase todas as suas cores, deixando apenas uma garota quase monocromática.

— Se eu conseguir ligar o celular da Nai, talvez a gente consiga descobrir quem é o MrM00n. Eu quero colocar as mãos nele. *Eu*. Quero que esse cara e todos os outros... canalhas saibam que fui eu que acabei com eles.

— Ashira, você não pode matar o cara...

— Não, não quero matar ninguém, não sou violenta. Consigo fazer coisa melhor — retruca ela. — Muito. Melhor. Vou arruinar a vida dele, e depois me certificar de que ele tenha que encarar o que fez pelo resto dos dias.

— Acho que estou pronta — diz a mãe do Leo.

Neste exato momento, Aaron chuta a porta do apartamento.

Se ele parecia bizarro antes, agora está cem vezes pior. Gosto de pensar que sou moderna e urbana, que a vida em Londres me preparou para o mundo real, mas nunca vi alguém tão drogado antes, como se seu rosto tivesse sido esmagado por um soco, concentrando todo o sangue naquela região.

— Não deixei você destrancar a porta do quarto. — Aaron agarra Leo pelo capuz, chegando bem perto da cara dele.

É agora que devo interferir, penso, que devo mandar Aaron largar meu amigo. Mas não faço nada. Quando me dou conta, estou me esquivando da fúria dele, sentindo que a situação é realmente perigosa. O ar em torno do Aaron fede a bebida, cigarro e mais alguma coisa. Já lidei com pessoas irritadas, magoadas, bêbadas e completamente drogadas. Mas, olhando para ele, vejo todas essas coisas, misturadas em um turbilhão, e algo a mais, algo apavorante. Só quero sair correndo dali.

Mas não tem saída.

— Você não pode prender nossa mãe. — Leo se esforça para parecer tranquilo, estufando o peito e se soltando do irmão.

Eu só quero gritar que ele pare, que não fale com o irmão, não se mexa, nem respire, para que nada ative essa bomba-relógio que está prestes a explodir.

— Aaron, não — diz a mãe do Leo, com a voz muito fraca e assustada.

— Ela é nossa mãe, não um animal, cara.

— Está tudo bem, filho. Deixa isso pra lá.

— Tá me dando ordem? — Aaron fecha os punhos, pronto para o ataque. — TÁ ME DANDO ORDEM?

Tudo acontece tão depressa que, quando me dou conta, Leo está caído de costas aos pés do irmão, o rosto ensanguentado, e demoro um tempo para entender o que aconteceu, como uma montagem tosca de um filme de terror. Essa não sou eu, essa pessoa paralisada de medo, que não tenta ajudar o amigo, não sou eu. Quero correr até lá, me jogar na frente do Leo, mas não consigo. Não consigo me mexer. Mal consigo respirar.

— Vou te dizer uma parada, *irmão*. — Aaron tira a arma da calça e aponta para a cabeça do Leo, encostando a ponta do cano na testa dele. — Estou cansado de gente me dizendo o que posso e o que não posso fazer. Estou ficando de saco cheio de idiotas que nem você não me respeitarem. *Você* tem que me respeitar, sacou? *Ela* tem que me respeitar. Vocês dois fazem o que eu mando, porque eu controlo vocês. Controlo essas aberrações, controlo essa porra dessa cidade inteira, e se eu quiser queimar essa porra toda com vocês junto, eu queimo. Você acha que eu não faria isso? Eu faria. Eu queimaria essa porra toda.

— Ai, por favor, que tédio — diz Ashira.

Ouçõ a voz dela, sei que ela está ali, mas não consigo tirar os olhos do cano da arma enquanto Aaron a desvia da testa do Leo e procura por Ash, mirando diretamente para o peito dela.

— Quer morrer, piranha? Quem é você, sua merdinha?

— Às vezes quero morrer, sim. — Ashira dá um passo na direção da arma a cada palavra. — Às vezes, acho que cair no limbo talvez seja o caminho mais fácil. Mas sabe de uma coisa? Você é tão sortudo de ter uma família que se importa, de ter um irmão que está tentando cuidar de você. Se a minha irmã mais nova estivesse aqui, se ela estivesse viva e bem, e eu tivesse oportunidade de agir de forma diferente, como você tem, a última merda que eu faria seria tentar intimidar e assustar a minha irmã com a porra de uma arma, *seu imbecil*.

Ela dá mais um passo para a frente e meus joelhos cedem, eu caio no chão, como se meu corpo estivesse desaparecendo, e só meus olhos permanecem paralisados pelo medo.

— Ash. — Tento sussurrar seu nome, mas não sai nada.

— Você deve ser um homem muito medroso — insinua Ashira e, mesmo com uma arma apontada para a sua cara, a voz é gentil e doce. — Só pode ser. Tem que estar muito apavorado e muito sozinho para que o conceito de respeito seja mais importante do que seu amor pela família, do que o amor do seu irmão. Acho que te entendo. Sei como é ser fodido da cabeça. Eu também sou. Mas você ainda tem escolha, viver ou morrer. Matar ou cuidar. Então, se precisa puxar o gatilho para se sentir um homem de verdade, vai em frente. Vai voltar para a prisão, dessa vez para sempre, e quem sabe lá seja o único lugar onde você vai se sentir alguém. Então, estoura meus miolos, deixa eles escorrerem pela parede, se vai fazer você se sentir melhor. Eu realmente não estou nem aí.

Apesar de tudo que achei que tinha descoberto sobre a Ashira desde aquele dia em que a encontrei monitorando câmeras de trânsito, na verdade nunca a conheci até este exato segundo, quando de repente vejo o enorme e vasto oceano de tristeza que ela precisa atravessar sozinha todos os dias. Tão exposta, tão verdadeira, que consegue olhar na cara de um homem quase totalmente fora de si — com uma arma na mão — e sentir uma espécie de conexão, ou até mesmo de esperança.

Aaron não se mexe por um, dois, três, quatro, cinco, seis segundos. No décimo, ainda com a arma apontada para a gente, ele vai embora do apartamento, batendo a porta ao sair.



DarkM00n Trancada

Não há nada aqui além de sujeira, nada além de escuridão,
Animais nas sombras
Querem me devorar.
Não há nada aqui além de feridas, nada além de dor,
Palavras frias e cruéis,
Tantas palavras frias e cruéis...

Você disse que sempre haveria sol,
Você disse que sempre estaria aqui,
Você me fez acreditar na esperança
E depois me trancou.
Você me trancou.

Você me disse para sorrir,
Mesmo quando sentisse gosto de sangue.
Eles querem ver meus dentes.
Era uma demonstração de amor, quando você me machucou,
Não havia amor, só dor.
Você disse que eu era um banquete só seu
Me mordeu mais e mais...

Você disse que sempre haveria sol,
Você disse que sempre estaria aqui,
Você me fez acreditar na esperança
E depois me trancou.
Você me trancou.

O SOL ESTÁ tão alto que passa pelas frestas na cortina e me acorda. Devagar, muito devagar, abro os olhos, sentindo as pálpebras se desgrudarem. Meu celular informa que é quase meio-dia, então por que meu corpo está tão pesado de sono? E dolorido, como se eu tivesse apanhado. Quando noto um som de respiração vindo do chão, todos os momentos do dia anterior voltam à mente em um fluxo bizarro e caótico. Rolo para o lado e vejo Leo, ainda apagado no saco de dormir, de olhos fechados, parecendo uma criancinha. Encostada na parede, Ashira está sentada com as pernas esticadas à frente, com um vinco profundo na testa enquanto encara fixamente a tela do laptop. A última coisa da qual me lembro de ontem é Ashira sentada desse mesmo jeito quando deitei para dormir. Talvez ela tenha ficado a noite inteira assim.

A gente não precisava ter passado a noite junto. Leo poderia ter ido com a coitada da mãe aos prantos para a casa da tia, e Ashira poderia ter ido para casa ficar com os pais. Mas, quando o momento chegou, nenhum de nós queria se despedir. Parecia mais seguro ficarmos juntos, só isso. Não conversamos sobre o que Aaron fez, não falamos sobre o que Ashira fez. A gente só queria ficar junto. E o lugar mais fácil para fazer isso, e o que mais precisasse ser feito, era a minha casa.

Mesmo assim, sentimos a presença dos ausentes. Naomi, que teria surtado ao ver a irmã mais velha no meu quarto, e a Rose. Mais de vinte e quatro horas haviam se passado sem que eu fizesse ideia do que estava rolando com ela, e isso era tão estranho e diferente que a sensação era de que ela tinha ido para a lua.

Observo o peito do Leo se mover com a respiração e me pergunto o que a Rose deve estar fazendo nesse momento. Em praticamente qualquer dia do último ano, eu teria a noção exata, segundos depois de acordar. Mas hoje ela não está aqui. Tanta coisa aconteceu, tanta coisa que importaria tanto para ela quanto para a gente. Ela não está aqui e... talvez esteja com ele. Ele pode estar se aproveitando da Rose neste instante, e só de pensar nisso me dá vontade de morrer. Ash disse que a coisa ainda não chegou a esse ponto, mas está obcecada em acabar com a vida desses caras por conta própria. E se ela estiver errada?

O celular do Leo está no chão ao lado dele, uma ponta aparecendo por debaixo do saco de dormir. Ergo os olhos para Ashira e vejo que ela ainda encara fixamente a tela do laptop, então Leo rola para o outro lado, ficando de costas para mim. Hesito por um instante antes de pegar o celular no chão. Não sei o código para desbloquear a tela, mas vejo as notificações. Não me surpreendo ao ver cinco mensagens da Rose. Não consigo ler todo o conteúdo, apenas o começo.

Ei, seu bosta, o que você tava fazendo ontem? Tá tudo bem? Eu tava...

Leo, cadê você? Eu realmente preciso conversar sobre uma parada...

Não sei muito bem como estou me sentindo sobre hoje. Realmente não sei como...

Só queria que você me respondesse, o que foi que eu te fiz?

Leo, PQP! Tá tudo bem? Cadê você?

— A senha deve ser o aniversário dele — sussurra Ashira, e largo o celular, empurrando-o de volta

para onde estava.

Quando ergo os olhos, ela está me observando, com um sorrisinho torto.

— Se quiser mexer no celular dele.

— Não quero mexer no celular dele — respondo. — Achei que fosse o meu, estou meio sonolenta ainda.

— Rose postou em todas as redes sociais dela dizendo para deixarem você em paz e que está tudo bem entre vocês.

— Ah, é? — Eu me sento, mais animada. — Ela parece bem? Ela não parece tipo... tipo... sabe?

— Não que eu tenha notado — diz Ash. — Esse cara sabe se proteger, não consigo descobrir a identidade dele. Vamos torcer para o celular da Nai ligar hoje e eu descobrir alguma coisa.

— Ash... E se a gente estiver botando a Rose em perigo por não ir à polícia?

— Não estamos. Ele postou no site ontem, disse que eles ainda estão só se beijando e andando de mãos dadas, que ele quer provar que se importa com ela. Disse que em uma semana ela vai estar comendo na mão dele. E aí vai trepar com ela. Postou um vídeo e tudo.

— Meu Deus.

Tampo a boca, sentindo bile subir pela garganta. Aquilo é real, está acontecendo, mas a sensação é de estar presa nos últimos quinze minutos de um filme de terror que se repete sem parar.

— Ai, meu Deus, Ash...

— Olha, não se preocupa.

Ela abre um sorriso por um momento tão breve que quase não consigo notar, mas, ainda assim, ajuda um pouco, de alguma maneira.

— Eu vou pegar esse cara até lá.

— O que você está fazendo, afinal? Não dormiu nem um pouco?

— Não tem a menor chance de eu dormir direito até terminar isso — diz ela, me olhando. — Mas, sim, descansei um pouquinho, não quero pirar. Só preciso me manter focada nisso o tempo todo para rastrear esse cara. Quero a conta do e-mail, a nuvem, o histórico da internet, tudo.

— Isso é ilegal, você sabe.

— Claro. — Ashira levanta o queixo. — Está com medo de quebrar a lei?

A pergunta é um desafio, dá para ver nos seus olhos escuros, e sei que a minha resposta vai afetar a opinião dela sobre mim.

— Não — digo, com muita cautela e clareza. — Mas tenho medo de que você seja descoberta e ele se safar.

A boca da Ashira forma um sorriso perigoso.

— Isso não vai acontecer, Red — responde ela, me tranquilizando. — Você... você é incrível na bateria e não questiona isso, apenas sabe que é boa. Então, eu sou assim com essa merda aqui. Isso é o que sei fazer bem.

— Eu sei. — Retribuo o sorriso. — Só estou dizendo que, se procurarmos a polícia hoje e contarmos tudo, eles vão botar gente para cuidar disso e vão pegá-lo. Não precisa ser a gente. Não precisa ser você.

— Precisa — responde Ashira. — Precisa ser eu.

— Ser você o quê? — pergunta Leo, esfregando os olhos e se sentando.

— Precisa ser eu quem vai pegar esse cara. Quero que eu seja a pessoa a fazer com que ele se sinta preso e assustado, sem nenhum controle sobre a própria vida, sem a chance de escapar. Quero vingança. E meu plano significa que não podemos falhar. Mas preciso de vocês dois comigo para fazer isso dar certo. Se não toparem, se não conseguirem guardar segredo, seja lá qual for, por alguns dias, não vai funcionar. Mas, se confiarem em mim e me deixarem fazer meu trabalho, assim que eu descobrir quem ele é, a gente pode obrigar essa canalha a pagar pelo que fez. E com juro. Só que, para isso, não podem contar nada para Rose.

— Está de sacanagem? — Leo balança a cabeça. — Não podemos usar a Rose como isca.

— A gente não vai fazer isso, vamos apenas nos certificar de que o cara não vai tentar fechar nenhuma brecha que talvez nos ajude. Se ele ficar assustado, é isso o que vai fazer, ou então vai fugir e voltar com outro nome, e aí quantas outras garotas serão vítimas? É muito importante que ele não saiba que estamos chegando perto. — Ashira fecha o laptop para mostrar que está falando sério. — Eu entendo que vocês queiram contar, de verdade. Também quero falar com o meu pai e a Jackie e contar tudo. Mas não podemos, ainda não. Não podemos correr o risco de ele descobrir algo sobre nós antes de sabermos tudo sobre ele.

— Mas a gente não pode simplesmente contar pra Rose e explicar por que ela não pode falar nada?

— Não. — Ash semicerra os olhos. — Olha, quando você acha que está apaixonado por alguém que pede para manter a relação em segredo porque o mundo não aprovaria, você passa a esperar que as pessoas digam algo ruim sobre esse alguém, espera que tentem separá-los. Se fosse você e a Rose, e alguém dissesse que não pode mais vê-la, o que você faria?

— Mas eu odeio mentir para ela. Porque em algum momento ela vai saber que mentimos, e aí vamos fazer o quê? E se tivermos oportunidade de salvá-la de algo terrível agora e não fizermos nada?

— Ela nem está falando direito com você, então talvez nem note a diferença.

— Ela está falando comigo. — Leo ergue o celular e mostra que recebeu mais uma mensagem da Rose. — O que eu respondo?

— Conta o que aconteceu ontem. Só não fala que eu estou aqui, nem o que descobri, ok?

Leo assente e desbloqueia a tela. Posso ver o canto da sua boca formar um sorriso enquanto ele lê as mensagens, e me jogo de volta na cama.

Nada parece normal.

Nada parece seguro.

Tudo parece meio estranho, como um quebra-cabeça que foi montado errado.

Não sei por que isso me surpreende.

Afinal, essa é a minha vida.

Rose: Cadê você, cara?

Leo: O negócio ficou feio com o Aaron ontem. Red me salvou. Foi por pouco, mas tô bem e acho que talvez o Aaron tenha ido embora

Rose: Cacete. Você tá bem?

Leo: N sei ainda. Foi bem pesado. Por onde você anda?

Rose: Por aí, você sabe

Leo: Rose... eu tô preocupado com você

Rose: também tô preocupada com você

Leo: A gente se vê no ensaio

Rose: Até daqui a pouco. Preciso ir, ganhei café da manhã na cama!

A ESCOLA É sempre um lugar estranho fora do horário das aulas, quando não tem ninguém por perto, e no domingo parece especialmente bizarra, como se estivesse alerta e acordada, esperando pela vida e energia que voltarão a entrar pelas portas na manhã do dia seguinte.

Mesmo assim, talvez esse seja o único momento em que gosto de ficar aqui, quando sinto que não deveria estar.

Gosto de como os corredores parecem escuros e vazios, as salas silenciosas e cheias de sombras. Quando não há outras pessoas, é possível ouvir os sons secretos que ninguém nunca nota quando o lugar está repleto de vida. Os rangidos e chiados dos sapatos no piso, o eco que reverbera nas paredes quando fechamos uma porta, o sussurro do sistema de aquecimento antigo, ou, pelo menos, é o que acho que seja.

Alguma coisa torna esse lugar especial quando está vazio. Ele deixa de ser um local de trabalho, onde horas chatas pra cacete da sua vida são desperdiçadas, e começa a se tornar um set de filmagem.

Mas hoje, não. Não faço ideia de como vou sobreviver às próximas duas horas.

Respiro fundo em frente às portas duplas do auditório do colégio e me lembro do que Ashira disse.

“Se concordarem com o plano, precisam segui-lo até o fim. Precisam agir normalmente perto da Rose, ok? Não importa o que aconteça. Vai ser difícil, mas vai valer a pena.”

Se fosse só difícil, seria moleza.

Rose já está lá dentro, no palco e diante do microfone, passando cada faixa enquanto o sr. Smith e os alunos da turma de teatro ajustam a iluminação. Estão na galeria, uma espécie de camarote que percorre toda a parede dos fundos, onde fica localizada a mesa de som, vídeo e luz. Desço pelo corredor central, delimitado pelas cadeiras dispostas ali para o show. Estou na metade do caminho quando as luzes se apagam. Rose me vê, e na mesma hora seu sorriso vacila e desaparece. Ela coloca o microfone no pedestal e sai do palco.

— Red, vem aqui um segundo — chama o sr. Smith.

Olho para ele, que acena. Faço o mesmo, dando meia-volta para encontrá-lo lá em cima. Passa pela minha cabeça que eu poderia contar tudo para *ele*, que, talvez, se eu contasse, ele tiraria toda essa preocupação dos nossos ombros e ficaria tudo bem. O que quero é deixar outra pessoa encarregada disso, porque não quero mais ser responsável. Quero ir para casa, deitar na minha cama e ficar lá até que tudo tenha acabado.

— Vem ver o palco daqui de cima, está ótimo — diz o professor, sorrindo, quando chego à galeria.

Ele tem razão. Consegui convencer uma loja que aluga equipamentos audiovisuais a nos emprestar um monte de coisas, e o palco ficou incrível. O sistema de iluminação parece totalmente profissional, tem um telão quase do tamanho do palco instalado logo atrás da minha bateria e telas menores espalhadas pelo auditório. O plano é fazer um evento em muitas plataformas, com vídeos e fotos da Naomi quando criança, escolhidos cuidadosamente pelos pais dela e entregues a nós em um pendrive. As palavras dela, as letras das músicas, tudo isso combinado ao nosso som. Deveria ser a maneira perfeita de não deixar a

garota desaparecida ser esquecida. Mas, agora, acho que vai ser tipo uma missa, uma prece para que nossa amada amiga reabra os olhos.

— Está incrível — digo para o sr. Smith. — Eu estava com a cabeça tão focada na banda que meio que me esqueci dessa parte, mas ficou ótimo. Obrigada, professor.

O sr. Smith abre um sorriso.

— Por mais que eu fosse gostar de levar todo o crédito, quem fez essa mágica acontecer foi Emily e a equipe dela.

A mesma garota que não foi escolhida para integrar nossa banda sorri com orgulho. Sei que pareço idiota no instante em que noto a presença dela ali, sentada atrás da mesa de luz. Aquilo me pega de surpresa.

— Você é a responsável por tudo isso?

— Não precisa ficar tão surpresa. — Ela sorri para mim.

— Não... eu não quis... Só achei que tivesse sido a turma de teatro.

— Eu sou a turma de teatro. Bem, parte dela. Perguntei ao sr. Smith se podia ajudar para melhorar meu histórico e também só porque queria...

— Incrível.

Eu me viro para o palco, me perguntando se ela está me dando mole.

— E vai dar para assistir ao show em todas as telas do auditório?

— Aham, mais do que isso — responde ela. — Vamos ficar revezando entre a transmissão ao vivo do show e os vídeos e fotos da Naomi. Vai ser um festival de chororô... Ai, merda, foi mal. Quis dizer que vai ser realmente emocionante. Aliás, como ela está?

— Nada novo, por enquanto, mas está tudo... está incrível — digo, tranquilizando-a. — De verdade. Então, como sabe que nada vai dar errado na noite do show?

— Bem, ninguém além de mim vai mexer nessas coisas entre hoje e amanhã. Vou participar do ensaio de vocês agora e fazer a programação para que saia tudo perfeito.

— Posso tirar uma foto sua? — pergunto, e Emily abre um sorriso de orelha a orelha. — Pro nosso Tumblr?

— Claro.

— Chega para o lado, assim eu incluo toda a mesa.

Ela me obedece, embora esteja se inclinando um pouco para o centro da foto e sorrindo para mim enquanto ajusto o foco da câmera.

— Detesto interromper, mas Leo e Leckraj já estão no palco — avisa o sr. Smith, me dando um susto.

Por um segundo, eu tinha realmente esquecido que ele estava ali.

— É melhor você ir lá para passar o som, né?

— Claro. Até mais, Emily.

— Até mais, Red! — grita ela.

Enquanto desço correndo a escada, me dou conta de que o sr. Smith está logo atrás de mim.

— Red?

— Sim, professor. — Paro e me viro na curva da escada.

— Não pude deixar de reparar no seu rosto... Espero que não tenha sido um aluno que fez isso, por causa daquele vídeo que a Rose postou, foi?

— Ah, não. — Toco minha bochecha com um dedo. — Não, isso foi... Bem, foi a minha irmãzinha. Ela pulou em cima de mim, perdi o equilíbrio e caí de cara na quina da mesa de centro. Nada de mais.

Nem imagino de onde tirei essa história, ela simplesmente aparece na minha cabeça e eu a conto com facilidade, porque, mesmo depois de tudo o que ela fez, ainda quero proteger minha mãe, nossa casa e minha irmã dos olhos cruéis do mundo, até mesmo do sr. Smith.

— Se está dizendo...

Ele sorri, mas não desvia o olhar dos meus hematomas, e sei que está ponderando se acredita ou não em mim.

— E como está a situação da Naomi? Alguma novidade?

— Eles vão acordá-la amanhã — digo, sentindo uma onda de ansiedade. — Ou é o que esperam, pelo menos. É o dia do aniversário dela, então... Só espero que ela fique bem. Seria ótimo se a gente descobrisse que a Nai estava acordada bem na hora do show, né? Seria muito especial.

— Com certeza. Acho que vou passar para uma visita esta noite, ver como estão os pais dela e confirmar tudo para amanhã. — Ele desce um degrau na minha direção. — Só queria checar antes de a gente começar o ensaio: como você está? Quer dizer, sei que você e a Rose eram muito próximas, essa briga deve ter sido difícil. Se precisar de alguém para conversar ou desabafar, pode sempre contar comigo.

— Obrigada, sr. Smith.

Por um instante, quase deixo tudo escapar, então me lembro da Ash, da expressão determinada no seu rosto, e sei que preciso confiar nela. Na verdade, não é isso, eu não preciso. Eu quero.

— Está tudo certo — digo.

— Imagina, Red. — Ele sorri para mim. — Disponha.

Alguns segundos depois, subo no palco e assumo meu lugar na bateria.

— Tranquilo? — pergunta Leo para mim.

— Aham, vamos começar logo — respondo, fazendo que sim.

Sinalizo com a cabeça para Leckraj, que toca um riff por alguns compassos para que eu entre e comece a me aquecer. Rose está parada diante do microfone, bem na minha frente, a cabeça baixa enquanto lê o setlist, batendo o pé no ritmo do bumbo. Ver aquilo é o suficiente para me animar enquanto entro no ritmo, sincronizando meu corpo com a batida.

Ainda teremos muitos minutos longos e chatos de passagem de som, ajustando os volumes, regulando a comunicação entre o som das caixas e o retorno no meu ouvido, mas, enquanto repito aqueles movimentos, sou tomada pela animação e pela ansiedade para começar o set de verdade. Na verdade, mal posso esperar, porque nesse instante tudo o que eu quero é arrebentar a bateria até sangrar.

— Cara, você estava demais — diz Leo logo depois da última música.

Amo o jeito como seus olhos brilham e seu enorme sorriso, e como, apenas por um instante, tudo o que aconteceu é apagado e substituído pelo que existia antes. Rose chega ao lado dele, sorrindo, enganchando o braço no pescoço de Leo, e lhe dá um beijo no rosto.

— Nossa, isso foi demais, a gente foi demais, não é?

Ela olha para mim, e por um segundo seu rosto se enche de alegria, então ela se lembra de que não sabe mais o que pensar sobre mim e desvia o olhar.

— E você mandou muito bem também, Leckraj. Acertou em cheio.

Leckraj, que já está ajoelhado guardando suas coisas, sorri.

— Valeu — diz ele. — Meu pai vem me buscar, então vou esperar lá fora. Até amanhã.

Nós três o observamos ir embora, depois caímos na gargalhada.

— O cara é frio. — Rose ri. — Nada abala o garoto.

— Ele dá conta do recado, com certeza. — Leo sorri para mim. — Isso foi ótimo, gente. Foi realmente

incrível ensaiar com as minhas melhores amigas, tocar o set inteiro sem fazer nenhuma merda ou errar uma nota. Muito bom. Eu sei que rolou uma parada entre vocês, foi estranho, mas... a gente continua sendo a gente, né? Somos mais fortes do que isso.

Rose sorri.

— Foi bom mesmo, muito bom — diz ela, ainda meio sorrindo. — Mas preciso ir, tenho um negócio...

— Ah, achei que a gente pudesse fazer alguma coisa, comer uma pizza antes da minha maratona até o outro lado da cidade para visitar minha mãe na casa da minha tia.

— Não rola, tenho um negócio — responde ela, dando de ombros.

— Que negócio? — pergunto, então me dou conta de que sou a pessoa mais errada possível fazendo a pior pergunta possível no momento mais inoportuno possível.

O sorriso incerto dela some.

— Zero por cento da sua conta. Vejo vocês amanhã.

— Espera! — grita Leo, correndo atrás dela.

Desvio o olhar, mas consigo ouvir perfeitamente o que estão dizendo.

— Olha, Rose, você não precisa me dizer com quem está saindo, mas tenho que dizer uma coisa pra você.

— O que foi? — Rose suspira.

— Você é a garota mais incrível que já conheci — começa Leo. — Nunca tive coragem de admitir, mas agora estou vendo que estou prestes a perder você e preciso dizer, caso não haja outra chance. Você é mais do que uma amiga para mim. Se acabar mudando de ideia em relação a esse cara, só preciso que você saiba disso. Preciso que saiba que eu trataria você direito. Eu cuidaria de você.

Virando-me com cuidado para que eles não percebam, vejo Rose e Leo se encarando por muito tempo e ela estendendo a mão para o rosto dele. Assisto enquanto a Rose fica na ponta dos pés e beija o rosto do Leo, depois vai embora, acenando antes de desaparecer porta afora.

— Por que agora? — pergunto. — Por que dizer tudo isso agora?

Eu esperava ser tomada por ciúmes e mágoa, mas o que senti enquanto ouvia sua confissão foi... admiração. Aquilo exigiu coragem.

— Porque é verdade — admite Leo. — Porque, se fazer papel de bobo significar alguma mísera chance de ela parar e pensar duas vezes sobre ficar com aquele psicopata, vai ter valido a pena. Quer dizer, se ela me rejeitar, a minha vida meio que acabou. Mas se isso servir para deixá-la em segurança por mais cinco minutos, então, quem se importa?

O CHEIRO INESPERADO de comida me paralisa na porta de casa. Sigo o rastro e sou levada de volta à infância. Tem alguma coisa no anoitecer, no amarelo das luzes atrás das cortinas fechadas e no cheiro da carne assada do nosso jantar tradicional de domingo que não me faz sentir nem triste nem feliz, e sim um tanto perdida ao recordar como era nossa rotina em família. Quando a casa tinha sempre esse cheiro, familiar e acolhedor.

— Você chegou! — Meu pai abre a porta da cozinha e vejo que a mesa está posta com quatro lugares, sal e pimenta no centro ao lado de um frasco enorme de ketchup, porque a Gracie não come nada sem ketchup. — Quis deixar o jantar pronto para quando você chegasse, porque a gente mal se viu ontem.

— Ótimo — digo, pendurando a jaqueta no corrimão.

Claro, nada está ótimo; estou pensando no meu cansaço e na dor no rosto e em quanto quero falar com a Ash para saber o que ela descobriu — se é que descobriu alguma coisa — e em verificar com Leo se Aaron sumiu mesmo, e no inferno servido com batatas assadas que vai ser esse jantar.

— Red! — Gracie desce correndo a escada e salta nos meus braços com tanta força que cambaleio.

— Garotinha! — Beijo sua bochecha com um gosto levemente doce. — Pelo jeito, você teve um bom dia. Comeu algodão-doce?

Gracie fica de boca aberta.

— Aham, como você sabe? A gente foi no zoológico! — Ela parece tão surpresa quanto eu com a notícia.

Olho para o meu pai, que dá de ombros discretamente. Esse crédito tenho que dar para a minha família: ninguém consegue ir do modo “apocalipse” para “estamos fingindo que está tudo bem” como nós.

— Vai acordar sua mãe do cochilo, Gracie — diz ele, e minha irmãzinha corre escada acima com o mesmo entusiasmo com que desceu.

— Um passeio ao zoológico, pai? — Eu o sigo até a cozinha, e ele começa a desossar um frango.

— Olha, só estou tentando fazer as coisas voltarem a ser como antes, para a Gracie. Para a sua mãe, para todo mundo. Por isso fiz o jantar. É um gesto legal, não acha? Como nos velhos tempos.

— Mas os tempos são outros, não é mesmo? — Eu mal tinha pensado no fermento nas últimas horas, mas de repente sinto o rosto latejando ao me lembrar de como aquilo aconteceu. — Fingir que somos uma família perfeita não vai fazer a mamãe parar de me odiar, nem largar a bebida. Ou apagar o fato de que você tem uma namorada, não é mesmo?

— Eu sei disso. — Meu pai se vira para mim, de repente, baixando o tom de voz. — Mas a gente precisa começar por algum lugar. Me dá uma chance, meu bem. Estou me esforçando.

— Tá bom. Quer ajuda?

— Pode servir um pouco de água para nós?

Enquanto pego os quatro copos no armário, minha mãe entra, conduzida pela Gracie.

— A Red chegou! — diz Gracie, quando minha mãe não olha para mim.

Ela se senta na mesa, assim como Gracie, que dá um tapinha na cadeira ao lado para que eu me sente.

— Como foi o ensaio? — pergunta minha mãe.

Ela continua sem olhar para mim, mas pelo menos seu tom não é frio nem distante. Eu só quero que

tudo fique bem entre nós, que seja como quando ela era minha mamãe e eu era sua garotinha. Não quero me esforçar para perdoá-la, nem que ela precise me perdoar por ser quem eu sou. Só quero que nós possamos ser quem somos, quero tanto que dói, bem mais do que meu rosto.

— Foi bom — digo. — Muito bom.

— Perguntei para sua mãe se tínhamos ingresso, e ela disse que não, então falei que vamos ter que comprar na hora, não é mesmo, Gracie? Precisamos ver a Red tocando o terror, não é?

Ao lado do fogão, meu pai estende o braço com a luva de cozinha e finge tocar guitarra de um jeito constrangedor.

— Vocês vão? — Eu não tinha percebido até aquele momento quanto me doía partir do princípio de que eles não iam.

— Com certeza! — responde meu pai. — A gente não perderia por nada, não é, meu amor?

— Claro que não — diz minha mãe e, desta vez, ela me encara, e quando ela olha para a ferida, eu desvio o olhar.

Meu pai traz os pratos lotados de comida saindo do forno.

— Que banquete — comenta minha mãe.

Ela não parece sincera.

Gracie fala por nós todos durante o jantar, dando um relato detalhado da visita ao zoológico. A comida é gostosa, quentinha e caseira; eu nem tinha percebido que estava com saudades de comer legumes. A janela da cozinha fica embaçada e por um instante me sinto acolhida, segura em casa. Por um instante quase esqueci que tudo está um caos.

Quase, se não fosse pela minha mãe, que mal toca na comida e parece inquieta e ansiosa, sempre de olho na porta.

— Já volto — diz ela, assim que meu pai retira os pratos.

— Tem pudim — grita ele —, com calda!

— Já volto! — repete ela, dessa vez do alto da escada.

— Está tudo bem agora, Red — diz Gracie, tocando meu rosto de repente. — Está tudo bem.

Olho para meu pai, que desvia o olhar.

— Claro que sim, garotinha — digo. — Claro que sim. Tudo sempre vai ficar bem enquanto eu estiver por perto.

Minha mãe não desceu para a sobremesa, e agora estou sentada no chão ao lado da cama de Gracie, a cabeça apoiada no seu segundo urso de pelúcia favorito, esperando ela dormir, sua mãozinha segurando a minha, apertando forte, caso eu esteja pensando em deixá-la sozinha.

Na verdade, não quero ir a lugar algum. A adrenalina que tem me mantido acordada deve estar passando, deixando meus músculos trêmulos e os ossos doloridos. Nos últimos dias, vivenciei todas as emoções possíveis, e só Deus sabe o que vai acontecer amanhã. Então, por enquanto, seguro a mão da minha irmã e quero apenas descansar, fechar os olhos e parar de pensar, sentir, me importar por um tempinho.

— Ela está dormindo? — O sussurro da minha mãe me assusta.

— Sim. — Eu me ajeito, me empertigando, acomodando a mão de Gracie sob a coberta.

— Vai dormir na sua cama, meu amor, você parece exausta.

Ela me chamou de meu amor, parece uma tentativa de trégua.

Eu me levanto com esforço, as luzes fortes do corredor ofuscam minha visão. Minha mãe fica parada, e percebo que quer me dizer alguma coisa. Então, espero.

— Eu sinto muito mesmo — diz ela, enfim. — O que eu fiz com você é imperdoável.

— Está tudo bem. Não tem importância.

— Tem, sim, meu amor. — Ela dá um passo na minha direção. — Sou sua mãe, eu nunca deveria ter levantado a mão para você, deveria proteger você, mas eu... eu não estava no meu estado normal.

— Tudo bem. — Não é muito, mas basta. É um bom começo, o melhor que posso pedir ou desejar, e quero dormir com essas palavras reverberando nos ouvidos. — Boa noite, mãe.

— Mas acho que talvez tenha um lado bom — acrescenta ela, e odeio perceber quanta esperança a voz dela carrega. — Quer dizer, seu pai está em casa. Está em casa, e as coisas já estão bem melhores. Eu não sabia o que faria ele voltar, mas... Bem, agora ele está de volta.

Meu quarto está a alguns passos de distância, oferecendo minha cama e descanso por algumas horas. E, meu Deus, nunca quis tanto isso. Mas não posso simplesmente concordar e dizer, aham, tudo está no caminho certo. Não posso.

— Mãe, você sabe que nada está resolvido, não sabe? — digo, sentindo que precisava.

Não posso dizer tudo bem quando não tem nada bem.

— Não, eu sei que não vai melhorar de uma hora para a outra, mas já é um começo.

— Não é um começo — retruco, da forma mais gentil possível. — O papai está em casa e isso é bom, é ótimo, mas não é a solução. O papai nos ama... mas não pode nos salvar, ele não tem como fazer isso. Achei que talvez ele pudesse, mas não. Ele não voltou de vez, não voltou porque quer estar aqui; voltou porque nos ama muito e se sente culpado por ter nos abandonado e feito tudo desmoronar. Mas o papai não vai mudar o fato de que você não consegue fazer uma refeição sem fugir para tomar um gole, ou de que eu sou lésbica e você me odeia por isso.

Eu me preparo, esperando que ela exploda, grite e me acuse, atire coisas e talvez bata em mim de novo, mas ela não faz nada disso. Só fica imóvel por um tempo, e então balança a cabeça.

— Eu sei — diz ela. — Mas não tenho forças para isso agora, Red.

Pela primeira vez na vida minha mãe me chama pelo nome que escolhi para mim mesma, e talvez isso seja a coisa mais amorosa e mais carinhosa que ela já fez por mim.

— Eu sei.

Bem devagar, com muito cuidado, eu a abraço. Ela repousa o queixo no meu ombro, e sinto os últimos momentos da minha infância se esvaindo, como fotos antigas sendo levadas pelo vento. Minha mãe parece pequena, magra e baixa, e mais parecida comigo do que eu jamais havia imaginado. Esse tempo todo, eu estava crescendo, e ela, envelhecendo. Por algum motivo, somente aqui, agora, à luz branca deste corredor, nos encontramos no meio do caminho.

— Sei que você está se sentindo fraca — digo. — Mas acho que eu tenho forças, mãe. Acho que sou muito, muito forte. Bem mais forte do que você imagina. Posso ajudar você.

Os braços dela me apertam, fecho os olhos e vejo a luz do sol e histórias de ninar e beijos no joelho machucado.

— A gente vai ajudar uma a outra — diz ela. — Mas você está errada em relação a uma coisa, Red. Eu não te odeio, filha. Eu te amo, mais do que tudo. E temo por você, pelo que vai ter que enfrentar em um mundo que nem sempre vai te aceitar como você é. Tenho medo, e deixei que isso parecesse ódio, talvez porque odeio a mim mesma. Mas não você, nunca você. Eu te amo, minha garotinha.

E, para mim, aquilo é o suficiente, mais do que suficiente. Pela primeira vez em muito tempo, quando deito na cama, me sinto em um lar.

E, então, Ash me liga.

— Acessei o celular da Nai — diz ela.

— E?

— Tudo que a gente precisava saber estava no WhatsApp. Se não tivéssemos encontrado o telefone dela, ia demorar muito mais para descobrir quem é o cara. Se ela realmente tivesse jogado o celular fora,

ele estaria seguro, mas ela não fez isso. Ela devia ter alguma suspeita, alguma coisinha fez com que ela escondesse o aparelho em um lugar que achou que você descobriria. Porque agora a gente sabe quem ele é.

— QUEM É?

Prendo a respiração. Na fração de segundo antes da resposta da Ash, minha cabeça cria um milhão de cenários diferentes, um milhão de respostas e desfechos, e nenhuma das alternativas envolve aquela que se torna completamente óbvia no instante em que ela fala.

— É o sr. Smith, Red. É o filho da puta do sr. Smith.

— Não pode ser — sussurro. — Não, Ash... Não pode ser. Porque... Não pode ser, você está enganada.

— Sinto muito, Red, de verdade, mas quando vi as mensagens do WhatsApp ficou claro com quem ela estava falando. Ele menciona sair mais cedo da escola, fala de como ela estava na aula. Mas eu confirmei, entrei em todas as contas menos seguras dele e descobri os caminhos que me levaram à verdade. Ele achou que tinha apagado os rastros. A porta de entrada foi uma página tosca do Facebook, mas, depois disso, vieram outros níveis. Grupos secretos do Facebook, em que os membros postam fotos de garotas e conversam sobre o que gostariam de fazer com elas. Fóruns. Salas de bate-papo. Segui o rastro deixado por ele, até o nível mais profundo de todos, até o porão da dark web, onde encontrei seu pseudônimo: MrM00n. É ele, não dá pra negar. É ele.

Não consigo falar, parece que um soco muito forte na barriga me tirou o ar. Não pode ser ele, não quero que seja ele, porque isso significa... que todas as coisas gentis que ele já disse para mim sobre a Nai, a Rose e o Leo, cada palavra, tudo que ele já fez, o show, a banda; tudo que um dia significou algo para mim no último ano não passou de uma mentira.

Ash continua falando e tudo só piora. Posso sentir a instabilidade na sua voz, o medo e o ódio, e queria que ela não tivesse me ligado. Queria estar com ela agora, porque se estivesse, eu a abraçaria forte e torceria para que ela retribuísse.

— Eu sei como ela foi parar no rio, Red. Ele escreveu tudo naquele site nojento, tirando onda. A Nai tentou fugir, tentou voltar para casa, e ele a espancou. Tanto que achou que ela tinha morrido. Foi ele quem a jogou no rio. Ele a manteve em um prédio antigo a menos de um quilômetro de casa. Todas aquelas semanas, ela foi prisioneira dele.

— Ai, meu Deus. — Já não estou certa se falei em voz alta, e minha mente fica tomada pelas imagens do que a Nai teve que aguentar. Não, não consigo nem imaginar. — Não, Ash. Não. Tem certeza?

— Tenho certeza, tenho todas as provas, e vou entregar tudo para a polícia, como você disse para eu fazer. Mas, antes, tenho um plano que vai destruí-lo para sempre, e vai deixar você chocada. A gente vai fazer o seguinte...

Meu cérebro, paralisado pelo choque, é reativado por uma onda de medo.

— Ash, espera. Ele disse que ia visitar a Naomi hoje à noite. E... ele sabe que estão planejando acordá-la amanhã.

— Como ele sabe? — pergunta Ash.

— Porque eu contei.

— Merda, tenho que ir.

— Encontro você lá — digo.

Boto o tênis e pego o vale-transporte. Saio de casa correndo e os últimos sinais de sono desaparecem

do meu corpo enquanto sigo em direção ao metrô.

Matt: Está quase na hora de ficarmos juntos de verdade. Animada?

Naomi: Sim, estou... Eu só queria... Eu tenho mesmo que sair de casa? Meus pais e Ash vão ficar muito preocupados, e eu já aprontei tanto com eles. Não podemos continuar assim?

Matt: Olha, se você não me ama, é só dizer, tá bem? Não me faz pensar que você gosta de mim do mesmo jeito que eu gosto de você, se não for verdade

Naomi: Eu te amo, de verdade, mais do que tudo, mas... você vai ficar em casa e continuar o seu trabalho. E se a gente fugisse juntos? A gente pode pegar a balsa para a França...

Matt: Ai eu seria pego, e provavelmente iria para a prisão. Em alguns anos, não vai fazer diferença se as pessoas souberem que a gente se ama, mas agora... ninguém entenderia. Eles não saberiam o que existe entre a gente, não saberiam o que a gente sabe.

Naomi: Acho que você tem razão...



Matt: Olha, tudo isso, tudo que eu fiz, o apartamento que achei, o aluguel que vou pagar, tudo isso é porque quero muito você toda para mim, o tempo todo. Se não quiser isso, vamos terminar tudo agora. E, na próxima vez que a gente se encontrar, vou tentar fingir que você não é a única coisa que importa na minha vida

Naomi: Não... por favor, não, não faz isso. Matt, eu te amo

Matt: Eu também te amo. Me encontra no lugar que eu falei e não se esquece de jogar o celular fora

A GENTE NÃO sabe há quanto tempo ele está ali, sentado ao lado dela, olhando para ela. Ou por que as enfermeiras o deixaram entrar; ele não está na lista. Mas esse é o sr. Smith, charmoso e bem articulado. Bonito e gentil. Quando ele olha alguém nos olhos, parece que realmente se importa com essa pessoa e com os problemas dela. É o tipo de homem que todo mundo admira. Em quem todo mundo confia. Um monstro da pior espécie.

E eu confiei nele, mais do que no meu próprio pai. Nunca quis machucar ninguém até hoje. E agora eu quero acabar com ele.

— Vamos confrontá-lo — rosno. — Vamos entrar e dizer que sabemos quem ele é.

— Não! — Ash pega minha mão, apertando-a. — Vamos agir como se não soubéssemos de nada.

— Por quê? — Olho para ela, confusa. — Quero matá-lo. Tudo o que ele fez com as pessoas que eu amo, comigo. contei para ele coisas sobre minha vida, Ash. Achei que ele se importava. Eu *preciso* acabar com ele.

Ash põe as mãos nos meus ombros e me faz encará-la, e isso me tranquiliza um pouco, me estabiliza.

— Eu sei que é difícil, mas preciso de tempo. Tempo para conseguir reunir todas as provas contra ele. Além disso, ele está ao lado dos aparelhos que estão mantendo minha irmã viva.

Ficamos ali, com os pés encostados, olho no olho, suas mãos acalmando meu coração, até que nossa respiração se acalme e minhas pernas parem de tremer, e finalmente, sem que eu precise dizer uma palavra a ela, sei que estou pronta para encará-lo.

— Oi, professor — digo, ao entrar.

— Nossa, vocês chegaram tarde hoje.

Ele solta a mão da Naomi, e sinto ânsia de vômito.

— É, o horário de visita já acabou, né? — comenta Ash. — Estou surpresa que as enfermeiras ainda não tenham expulsado o senhor.

— A enfermeira da noite foi muito compreensiva.

Chegamos perto da Nai e me pergunto o que deve estar se passando por trás de seus olhos fechados. Uma dose menor de sedativos, isso a gente sabe. E se ela puder ouvir a voz dele? E se ela puder sentir o toque dele, sem conseguir se mexer, nem gritar?

— Está tudo bem, Naomi — digo, pegando sua mão. — Eu e Ash estamos aqui. Vamos cuidar de você.

— De onde vocês vieram? — Uma enfermeira com a aparência cansada balança a cabeça para nós. — Vamos saindo. A Naomi tem um dia importante pela frente e precisa descansar.

— É, vamos nessa, professor. — Forço um sorriso. — A gente também tem um grande dia amanhã. É o dia do show!

— Não vou embora. — Ash balança a cabeça. — Sou irmã dela. E sei que os parentes podem ficar aqui no colchão. E quem sabe... Bem, a gente não sabe o que vai acontecer amanhã, não é mesmo? Então quero passar a noite com ela. Por favor. Não vou atrapalhar, só não quero que ela fique sozinha.

A enfermeira franze os lábios.

— Vou ter que ligar para os seus pais para saber se eles permitem.

— Eles vão permitir — diz Ash.

— Muito bem. — Ela olha para mim e para o sr. Smith. — Mas vocês dois, já para fora.

— Quer uma carona? — pergunta o sr. Smith, quando saímos do hospital.

Olho no fundo de seus olhos gentis e desejo arrancá-los.

— Vou a pé.

— Tem certeza? — Ele sorri de um jeito doce. Um sorriso no qual confiei por muito tempo. — É mais seguro se for comigo.

— Tenho certeza. Sou bem mais forte do que pareço, professor. É melhor não se meter comigo.

Ele entra no carro rindo. Não faz ideia de como estou falando sério.

ESPERO POR LEO na estação Vauxhall, já que ele precisou trocar de linha algumas vezes até chegar ali, vindo da casa da tia. As pessoas passam aos montes pela entrada, abrindo caminho apenas o suficiente para desviarem de mim, como uma corrente de água ao redor de uma pedra.

Chegou o dia para o qual ensaiei por tantas semanas. Essa era a única coisa que fazia sentido na minha vida: o show, o evento beneficente. A sensação de estar fazendo o que podia por Nai. E foi ideia do sr. Smith. Durante todo esse tempo que passou dizendo que a gente podia fazer a diferença, que a gente podia ajudar Naomi a ser encontrada, ele a mantivera como prisioneira.

Isso exige um nível de maldade muito louco.

Também tem outra coisa especial no dia de hoje. O motivo pelo qual escolhemos marcar o show em uma segunda-feira de setembro, mesmo que praticamente qualquer outro dia da semana fosse melhor.

Hoje é aniversário da Naomi.

Tem uma coisa que fazemos no aniversário de cada um da banda e chamamos de A Edição: de zoeira, compilamos fotos nossas do último ano e montamos uma colagem, usando emojis e stickers. O resultado é uma coisa boba, infantil e divertida. Hoje de manhã, quando eu acordei e ainda estava escuro, a notificação do aniversário dela apareceu na tela do celular.

Não tinha mais como continuar dormindo, não com um dia tão pesado pela frente. Talvez eu nunca mais durma.

Então, fiz uma edição para Naomi. Dei uma olhada nas minhas fotos antigas, desde os meses seguintes ao seu último aniversário. Algumas delas, muitas, eu não via fazia meses. Sequências da Naomi zoando no parque, quando a gente fez nosso primeiro cosplay. Fotos idiotas tiradas na escola, no cinema, em todos os lugares aos quais íamos juntas, sem pensar que aqueles locais e momentos tinham importância. Havia pelo menos uma foto dela, de nós duas, ou de todos nós juntos por dia, até a véspera do desaparecimento dela.

Portanto, fiz uma edição e postei de qualquer forma, como eu teria feito se ela estivesse aqui. E, somente quando parei em frente à estação de metrô para esperar o Leo, olhei meu Instagram com atenção e percebi que Rose havia me adicionado de volta em todas as redes sociais — o nome dela, a curtida, estava bem ali, embaixo da foto. E fiquei feliz, porque hoje, mais do que qualquer outro dia, a gente precisa uma da outra. Eu só desejava não saber da força obscura que paira em cima dela. Neste exato momento, ela deve estar se sentindo tão feliz, tão especial, tão amada. E tudo isso está prestes a ser arrancado dela.

— E aí? — diz Leo, sendo empurrado para fora da estação de metrô com um monte de gente.

— Oi.

Começamos a caminhar lado a lado.

— Gostei da Edição que você fez pra Nai.

— Ah, valeu. Eu estava pensando na última vez que a gente a viu, se poderíamos ter feito alguma coisa, qualquer coisa...

— Não — interrompe Leo. — Já repassei cada detalhe um milhão de vezes. Não tinha nada que pudéssemos fazer. Ela não queria que a gente soubesse, Red. Acho que vamos ter que simplesmente aceitar isso. Porque, se ela quisesse, a gente saberia. De alguma maneira. Mas sabe de uma coisa? Hoje,

eu, você e Ash vamos acabar com aquele filho da puta.

— Ninguém faz ideia de que a merda vai ser jogada no ventilador hoje, então sabe o que a gente deveria fazer? — digo ao chegarmos à escola.

— O quê? — pergunta Rose, fechando a porta do carro do pai e se juntando a nós.

E, ao mesmo tempo que fico feliz em vê-la, também sinto meu estômago se revirar de nervosismo. Quero poder impedir o que está acontecendo com ela imediatamente, neste segundo. Mas não posso; estou fazendo o que Ash quer, todos nós estamos. E, em breve, pagaremos o preço por isso.

— A gente deveria comemorar o aniversário dela — diz Leo, que também parece incapaz de encarar Rose. — Não importa o que aconteça quando tentarem acordar a Nai, ela merece uma festa.

Rose toca o rosto dele com a ponta dos dedos, os olhos estão cheios de lágrimas.

— Sim — diz ela, se virando para mim e enganchando o braço no meu. — Eu amei a Edição, Red.

Quando chegamos perto do prédio da escola, vejo Ash e a chamo, mas ela balança a cabeça e sai andando, apressada, escolhendo não olhar para nenhum de nós ao passar.

— Ash, tá tudo bem? — pergunta Rose, mas ela não para.

— É um dia difícil para ela — digo, seguindo-a com o olhar enquanto ela desaparece escola adentro.

Alguns segundos depois, meu celular vibra. Eu o pego do bolso, caminhando lentamente para a primeira aula; é uma mensagem da Ash.

Preciso ver você e o Leo. No auditório, terceiro tempo, matem aula. Não tragam a Rose.

É fácil escapar da aula de educação física, só preciso dizer que estou com problemas femininos, e o sr. Grimes me libera sem nem pensar duas vezes. Digo que vou à enfermaria pedir paracetamol, mas é claro que sigo para o auditório. Ele deveria estar trancado para manter os curiosos do lado de fora e os equipamentos emprestados em segurança, preparados para o evento da noite. Eu não tinha certeza de como Ash entraria lá, então deduzi que, de algum jeito, ela conseguiria hackear remotamente a mesa de mixagem e os computadores que fariam as transmissões, mas, quando ela vê o Leo e eu nos aproximando de direções opostas, faz um sinal com a cabeça para que a sigamos, e obedecemos, seguindo para a recepção. A secretária da escola está ao telefone, virada para a janela. Ash aproveita a oportunidade, corre na direção da porta que leva à escada da galeria, tira uma chave do bolso e a destranca. Ela some lá dentro, então reabre uma fresta na porta, sinalizando para entrarmos. Esperamos. A sra. Minchen desliga o telefone e volta a prestar atenção na tela do computador. Os segundos se passam lentamente — daqui a pouco, o sinal do quarto tempo vai tocar, e a gente não vai mais estar dispensado de uma aula, e sim desaparecido.

Então a sra. Minchen se levanta e segue para os fundos, em direção ao banheiro. Eu e Leo saímos correndo, passamos pela porta e disparamos escada acima. Quando chegamos, Ashira está sentada com uma lanterna entre os dentes, mexendo no laptop ligado à mesa de mixagem. Sinto uma pontada de arrependimento, me lembrando de como Emily sorria ao me mostrar a mesa ontem, de como estava orgulhosa do seu trabalho. Eu já havia me sentido mal na noite anterior, quando enviei as fotos para Ash, e os sentimentos voltaram agora. Eu gosto da Emily, ela sempre sorri e nunca se importa com o que os outros pensam. É uma pena que todo o seu esforço vá ser jogado fora e ela não faça a menor ideia da razão, e vá continuar não fazendo até o momento em que se sentar a essa mesa na hora do show. Espero que ela entenda. Espero que compreenda por que estamos fazendo isso.

Ash ergue os olhos quando nos vê e tira a lanterna da boca.

— Pra que você precisa da gente? — pergunto, sussurrando.

O auditório é grande e está vazio, mas parece errado falar em um tom normal.

— Eu consegui — responde Ash. — Entrei totalmente no mundo dele ontem. Tive acesso a tudo, absolutamente tudo, cada um dos seus segredos nojentos. E tem algumas coisas que preciso contar para vocês. Coisas pesadas.

— Ok.

Eu me sento em uma das cadeiras de plástico deixadas ali.

— Como eu tinha dito, Carly Shields foi uma das primeiras vítimas do sr. Smith — começa ela. —

Encontrei fotos, vídeos, e-mails. E também teve a Danni. Danielle Heaven é o nome verdadeiro dela.

— Meu Deus.

— Olha — diz Ash. — Sei melhor do que ninguém como vocês devem estar se sentindo, mas estamos muito perto agora. Falta pouquíssimo para pegarmos ele, pela Naomi, Carly, Rose e por todas as outras garotas. Segurem a onda, falta bem pouco.

Olho para Leo e vejo como seu queixo está tenso.

— Vai ser muito difícil não matar ele de porrada...

— Preciso saber. — A voz dela está firme, e o rosto, completamente concentrado. — Estão dispostos a fazer isso?

Leo olha para mim e responde:

— Pra caralho.

— Vai em frente — digo.

Por um segundo ficamos em silêncio, porque todos nós sabemos que não existe mais como voltar atrás.

ACHO QUE VOU ficar bem quando chego na aula de música, mas assim que eu a vejo parada ao lado dele, falando baixinho, toda a minha certeza vai embora e não me importo com nada que não seja me meter entre os dois.

— Oi. — Minha voz sai esganiçada, completamente fria, e me esforço muito para conseguir um tom mais leve, menos óbvio, mas é impossível. — Professor, eu estava pensando se eu e a Rose não podíamos ser dispensadas da aula, pra gente passar o set mais uma vez.

— Achei que vocês iam descansar hoje para estarem bem-dispostos à noite. — O sr. Smith franze a testa. — Não querem acabar com o clima, certo? Além do mais, estamos na semana de provas, Red. É melhor você assistir a essa aula.

— É, claro, a gente não precisa ensaiar mais.

Rose fecha a cara para mim, e a trégua entre nós é tão frágil, tão leve, que não quero estragar, mas quero menos ainda deixar que ele continue encostando esse dedo sujo nela.

— Para falar a verdade, Rose, o dia hoje está me deixando estranha. O aniversário da Nai, o show, os médicos tentando acordá-la. Acho que preciso de um tempo, você pode vir comigo? Por favor.

Ela desvia o olhar de mim para o sr. Smith, e dá para notar a ansiedade em seu rosto.

— Posso? — pergunta ela.

E não é o tom de uma aluna pedindo permissão a um professor, é um pedido muito mais íntimo. A mudança na linguagem corporal dele é minúscula, quase imperceptível, mas eu reparo. Um gesto de posse que demonstra sua dificuldade em permitir que ela me acompanhe e, de repente, entendo o porquê. Para ele, eu não sou apenas uma adolescente complicada, eu sou uma rival.

— Claro — diz ele, mas não sorri. — É um dia difícil para as duas. Podem conversar, mas voltem em dez minutos, ok?

Encontro a saída mais próxima e respiro fundo o ar gelado.

— Red, olha só, estou feliz que as coisas entre a gente tenham voltado ao normal e sei que combinamos de conversar sobre a Nai hoje, mas aquilo foi um pouco... exagerado.

— Eu só... Só quero que você fique em segurança — digo, sem pensar, porque não consigo me controlar e, claro, aquilo não faz o menor sentido para ela.

Ela fecha a cara, parecendo desconfortável, e dá um passo para trás.

— Red, dá um tempo, tá? Sei que você está chateada, todo mundo está chateado hoje. Vai ser difícil, mas eu *estou* em segurança, para dizer a verdade, estou muito feliz, mais feliz do que nunca. Acho que encontrei alguém que realmente me entende, me enxerga como sou de verdade. Que realmente se importa *comigo*, sabe? Eu sei que você gosta de mim e, bem, em parte fico muito lisonjeada com isso, mas a verdade, Red, é que a gente nunca vai ter esse tipo de relacionamento. Então, se não consegue aceitar isso e ficar feliz por mim... acho melhor a gente se afastar.

Cada palavra que ela diz me mata aos poucos, como mordidas arrancando pedaços de mim para depois cuspir fora. Não me incomodo com a rejeição, essa parte eu aguento, me preparei para isso. É a esperança nos olhos dela, o sorriso. Ela acredita nesse amor, tanto que está pronta para retribuir, para acolher e lutar por ele. Essa parte eu não aguento. Mas preciso disfarçar, tenho que esconder tudo aquilo. Por mais algumas horas, preciso esconder aquilo. Uma única palavra errada e ele terá vencido.

— Eu sei. Entendo isso. Só quero que a gente volte a ser o que era antes, Rose. O restante quero deixar pra lá. Não era de verdade, eu me deixei levar por um momento. Um momento de estupidez. Mas perdi uma das minhas melhores amigas, e você também. Não vamos fazer isso de novo, está bem?

— Tá bom. — Ela hesita por um instante e então me abraça. — Está com uma cara péssima, amiga — diz ela. — Mas vai dar tudo certo. A gente vai arrasar hoje à noite, e eu sei que parece que vamos passar o resto da vida presos nessa armadilha, mas sabe de uma coisa? Vai passar tão rápido, e as provas finais que se danem, existem tantas outras coisas mais importantes, como viagens e aventuras. E fugir para o outro lado do mundo e explorar a Amazônia!

— Explorar a Amazônia? — Forço um sorriso. — Você esqueceu que não consegue nem chegar perto de um besouro?

— Porque eles são do mal — responde Rose, muito seriamente, e não consigo não sorrir. — Então, podemos voltar para a aula?

— Acho que sim.

O olhar que ela e o sr. Smith trocam quando voltamos para a sala passa despercebido por todo mundo, menos por mim.

O AUDITÓRIO JÁ está tomado pelo som de conversas e risadas, mas a plateia ainda nem começou a chegar; é apenas a equipe de iluminação junto com Emily, assim como alguns professores que foram nos desejar boa sorte. O nervosismo revira meu estômago, deixa minha boca seca. Não consegui comer nada desde o café da manhã. Se fosse só um show, eu estaria sentindo nervosismo, mas também empolgação, ânimo, ansiedade para começar logo. Mas não é só um show. Talvez seja o acontecimento mais importante de toda a minha vida.

É estranho saber antes de quase todo mundo que, a cada minuto que se passa, estamos mais perto de algo terrível, algo que mudará tudo. Só espero que Ash, Leo e eu tenhamos feito tudo certo. Espero que seja um desastre para ele, não para a gente.

— Tudo bem? — Emily surge ao meu lado.

— Acho que sim. E você?

— Aham, o trabalho pesado já está pronto, na verdade. Agora só preciso dar play e torcer.

O sorriso dela é fofo, a voz, gentil. Gosto de olhar para ela.

— Red — prossegue ela. — Olha, eu andei pensando e...

Antes que ela possa continuar, meu celular toca e, quando vejo o número, sei que preciso atender.

— Desculpa — interrompo, balançando o aparelho na cara dela que nem uma imbecil. — Foi mal, preciso muito atender.

— Sério? A plateia vai começar a chegar em quatro minutos! — grita Emily enquanto me afasto.

— Pode deixar — respondo.

Mas, na verdade, já estou ouvindo a pessoa do outro lado da linha.

— Ok — digo. — Tudo certo.

Ficamos atrás da cortina, escutando o auditório ser tomado por vozes. Somos apenas nós três, porque Leckraj está tendo um caso sério de nervosismo pré-show e continua no banheiro. Tem uma fenda mínima na cortina e, de vez em quando, a gente se reveza para espiar. Vejo meus pais e a Gracie, e torço para que meu pai tenha o bom senso de tirá-la dali quando tudo começar. Ash está presente, mas seus pais não. Eles continuam ao lado da Nai. Esperando que ela desperte do coma.

Quando vejo Ash ocupando o lugar que reservei para ela na primeira fileira, tento estudar seu rosto, procurando por algum sinal de como anda o progresso da Nai, mas não vejo nada. Nada mesmo.

— Já volto — digo.

— Red, aonde você vai? — chama Rose enquanto me afasto.

Desço do palco, me agachando na frente da Ash e perguntando:

— Como ela está?

Quando ela ergue os olhos, eles estão cheios de lágrimas. Ela não diz nada, apenas balança a cabeça uma vez.

— Você precisa ficar? — Seguro as mãos dela. — Pode ir embora, não precisa ficar aqui e assistir.

— Preciso, sim — sussurra ela. — Preciso. Já está tudo programado, mas ainda tenho que estar aqui para controlar o sistema pelo celular e impedir que alguém tente tirar tudo da tomada. De qualquer jeito, quero ver o momento em que ele se dá mal. Preciso ver isso. Por ela. Eu estou bem. Daqui a algumas horas, vou me permitir sofrer, mas até lá, estou bem.

— Querida!

Meu pai me vê e gesticula para que eu me aproxime. Aperto as mãos da Ash, olho para a cortina atrás de mim e corro até onde minha família está sentada.

— Preciso entrar — aviso. — Mas olha, pai, grande parte do show não é muito apropriada para a Gracie. Palavrões e outras coisas, papo sobre morte e depressão. A primeira música é muito boa, mas depois acho que é melhor levá-la para casa. Logo depois da primeira música.

— Você não quer que a gente veja você tocando?

— Claro — afirmo —, mas não quero deixar a Gracie impressionada. A mamãe pode ficar, não é, mãe?

Minha mãe parece pálida e sem energia, segurando a bolsa com muita firmeza, mas um leve brilho se acende em seus olhos quando lhe peço que fique, e ela sorri.

— Sim, eu fico.

— Não quero ir para casa — resmunga Gracie.

— Red! — grita Leo atrás da cortina. — Anda logo!

— Olha — digo para minha irmã. — Quando isso tudo acabar, eu e você podemos formar nossa própria banda, tá bom?

— Posso ser a cantora? — exige Gracie.

— Com certeza.

— Papai, eu vou ser cantora!

Enquanto corro de volta para o palco, olho de relance para Ashira, que balança a cabeça.

Chegou.

A.

Hora.

O som explode nos alto-falantes. Fecho os olhos e deixo meu corpo entrar no ritmo da música. Cada pedaço de mim, cada átomo se conecta ao som, vibrando no tom perfeito. Leo incendeia a melodia com sua guitarra, Rose coloca todo o coração na voz e Leckraj marca o compasso embaixo daquilo tudo, dando a liga. Mas no meu coração, na minha mente, não é ele quem escuto ou até mesmo vejo quando fecho os olhos. É Nai. Parada ao lado da minha bateria, virada para mim, como sempre fez, com o ombro erguido enquanto direciona toda a energia para a música, a cabeça pontuando cada batida. Durante três minutos incríveis, ela está de volta ao palco, melhor do que nunca, como se assombrasse a música escrita por ela, reivindicando-a, e são três minutos de pura magia. Sei que não sou a única, sei que os outros também sentem o mesmo, posso ver em seus sorrisos, no jeito como se mexem, no volume e na potência da voz da Rose e, de repente, entendo: o único jeito de lidar com toda essa merda é arrebatando na bateria.

Os pratos soam, o bumbo vibra, e a música chega ao fim. A plateia está de pé. Rose se vira e abre um enorme sorriso para mim enquanto o sr. Smith atravessa o palco e ela se afasta do microfone.

— Um início especial para uma noite especial — diz ele para a plateia. — E que honra é estar aqui hoje para homenagear essa jovem tão notável.

Uma foto da Naomi aparece na enorme tela às nossas costas, e nos viramos para olhar.

— Tive o prazer de assistir ao crescimento da Naomi — continua ele. — De observá-la se transformar em uma moça incrível. Ficou claro para todos nós que ela estava passando por um momento difícil e sentia que não podia recorrer a ninguém. E é por isso que estamos fazendo esse show hoje, para a Naomi, para lhe mostrar quantas pessoas a amam e também para todos os jovens que se sentem do mesmo jeito. Porque queremos que eles saibam que não estão sozinhos.

Encontro o olhar do Lekraj e sinalizo para que ele se aproxime.

— Não começa a próxima música, tá? A gente planejou uma surpresa. Avisa pra Rose.

Leckraj dá de ombros, vai até Rose e sussurra em seu ouvido. Ela se vira para mim, confusa. Eu me levanto da bateria, caminho até a frente do palco e encaro o sr. Smith. Ele me vê olhando, observando, e hesita por um instante antes de voltar ao discurso. Uma mentira nojenta após a outra. Leo deixa a guitarra no apoio e vai até o lado oposto do palco, também encarando o professor. Após um instante, o sr. Smith para de falar e dá um risinho sem graça.

— Tenho a impressão de que eles estão tentando me dizer alguma coisa.

— Estamos — diz Leo. — Essa noite, não vamos apenas homenagear a Naomi, mas também queremos entender o que aconteceu com nossa amiga, e o que podemos fazer para impedir que outros adolescentes como ela, como nós, passem pela mesma coisa. E a gente sabe que o senhor se considerava um mentor para ela. Um mentor muito dedicado. Por isso, fizemos um vídeo especial, só para o senhor.

Olho para Ashira, que aperta o play no celular.

Naomi aparece rindo, correndo em um dia ensolarado. Há neve no chão, e ela sorri, olhando para a câmera e mandando beijos. O cabelo solto, os olhos brilhando. Há um momento de disputa, uma confusão, o chão, o céu, um rosto fora de foco, então fica claro que a Nai está segurando o celular, virando a câmera para quem filmava antes. A plateia arfa de surpresa ao ver o sr. Smith.

— Fala que me ama, fala! — Naomi ri. — Vai, diz logo! Quero ouvir você dizendo que me ama mais uma vez.

— Eu te amo — diz o sr. Smith, olhando para a câmera. — Agora me devolve o celular, vai!

A imagem muda para um quarto, bem iluminado por luzes fluorescentes, e Naomi está sentada em uma cama desconhecida, os ombros curvados, os braços em volta do próprio corpo, tentando se esconder. Ela está chorando. Dessa vez, é ele quem fala.

— Diz que me ama. — Sua voz é robótica, sem emoção. — Vai. Diz que me ama.

A plateia exclama, grita, enquanto o sr. Smith encara o telão, hipnotizado, assistindo à própria vida sendo exposta para o mundo. Fotos, dezenas delas, preenchem a tela rapidamente, uma atrás da outra, rostos e corpos de garotas pixelados. Prints dos grupos secretos, com os comentários dele destacados.

“Olha só essa, está madurinha.”

Sua caixa de e-mail surge na tela, as salas de chat, o arquivo de imagens. Está tudo ali: fotos dele abraçado a garotas, garotas que parecem assustadas, garotas que parecem perdidas, garotas que eu conheço. Mas nenhuma imagem da Rose, foi isso o que combinamos. Ninguém precisa saber sobre a Rose.

Enquanto as imagens continuam passando, a plateia fica em silêncio, assistindo. Alguns tapam a boca, outros choram. Alguns se levantam, tentando compreender o que está acontecendo.

Então olho para Rose, assimilando tudo, entendendo o que aquilo significa. Vejo minha amiga percebendo quem é o sr. Smith e qual era o propósito das suas promessas. Eu a vejo se dando conta de que estava à beira de se perder para sempre, logo quando achava que tinha se encontrado. Ela desvia o olhar da tela para o professor, e a dor no rosto dela é indescritível. Balançando a cabeça, ela dá meia-volta e sai correndo. Tento ir atrás, mas Smith bloqueia meu caminho.

— Quem está fazendo isso?

O sr. Smith finalmente reage quando Rose começa a arrancar os cabos, tenta desligar a energia, apagando o telão bem na hora em que as mensagens de WhatsApp entre ele e Naomi aparecem na tela.

— O que está acontecendo?! Por que vocês estão fazendo isso?! — grita ele.

O vídeo continua passando na parede ao fundo, então uma luz vinda da galeria é direcionada para as imagens. Sei que é a Emily, para que não percam nada.

— Não sei quem está fazendo isso, mas é mentira! É tudo mentira.

De repente, ele parece patético, o rosto vermelho, a voz esganiçada. Mas isso não chega nem perto do que ele fez com aquelas garotas.

Assim que o vídeo acaba, as portas dos fundos se abrem e eu a vejo. A policial que conheci no parque, Wiggins. Ela fica parada ali, e eu faço um sinal para Ashira, que se levanta e lhe entrega um pacote. Quando chega à porta, Ash se vira para mim e sorri.

Depois vai embora.

O auditório fica completamente silencioso, como se uma onda de choque tomasse conta do ambiente.

— Matthew Smith? — A policial Wiggins e dois colegas descem pelo corredor. — Gostaríamos de fazer algumas perguntas ao senhor na delegacia, ok?

Smith me encara, e enfim vejo. Era exatamente o que eu queria ver. O terror e a confusão, o pânico e o pavor, a certeza de que sua vida acabou. E, bem nesse momento, ele se vira e sai em disparada na direção da coxia.

Eu e Leo não decidimos correr atrás dele, isso apenas acontece. Sinto meu amigo ao meu lado enquanto nós dois descemos aos saltos a velha escada de madeira que leva a um labirinto de corredores. Nós o avistamos fazendo uma curva e saímos derrapando atrás dele, mais rápidos e mais em forma, e o alcançamos assim que ele se joga por uma saída de incêndio, tropeçando e caindo de costas na escuridão do lado de fora. Ele levanta as mãos para proteger o rosto ao ver Leo acima dele, mas Leo não parte para cima, só fica parado, olhando.

— Acho que você vai ser muito popular na cadeia — diz Leo. — Tenho alguns contatos lá dentro, então vou me certificar de que saibam o motivo da sua prisão.

Smith começa a chorar quando a equipe policial vira a esquina e o agarra antes que ele consiga se levantar.

— É um engano! — grita Smith enquanto o policial o ergue e o leva até a traseira da viatura. — É tudo um engano, aquele não sou eu, não sei como isso aconteceu. Alguém quer se vingar, estão me incriminando. Esses garotos claramente me odeiam. Posso ligar para casa? O que está acontecendo?

Depois que ele finalmente é colocado dentro do carro, a policial Wiggins vem falar comigo.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto a ela, sem emoção.

— Eu já vinha de qualquer maneira, porque meu filho gosta muito da sua banda, mas então recebi uma pista e um monte de informações bem incriminatórias. Nós vamos recolher todos os computadores dele e confiscar como prova.

— Quem deu a pista? — pergunto.

Wiggins abre um leve sorriso.

— Não faço ideia, mas, se fizesse, eu diria a essa pessoa que esse filho da puta vai pagar pelo que fez. E eu mesma vou garantir isso.

— Onde você acha que ela está? — pergunta Leo enquanto observamos o carro da polícia ir embora.

— Não sei, ela estava chateada, você acha que...?

— Vamos.

Começamos a correr, primeiro a um trote leve, mas, conforme nos aproximamos do destino, nossos pés aumentam o ritmo e estamos quase voando, os dois ao resgate da nossa amiga, determinados a mantê-

la em segurança.

Paramos apenas quando a avistamos, sentada no topo do escorrega.

Claro que ela foi para lá, o lugar onde sempre ficamos. É o lugar mais seguro que conhecemos, mesmo no escuro, mesmo hoje.

Troco um olhar com Leo e nos aproximamos dela, juntos. Ele sobe os degraus atrás dela, e eu me sento na base do brinquedo.

— Quando vocês descobriram? — pergunta Rose.

— Ontem — respondo.

— Nós dois descobrimos ontem — confirma Leo.

— E nenhum dos dois me contou? Cacete, pelo amor de Deus, por que vocês não falaram nada? Por que me deixaram fazer papel de idiota, parada ali na frente de todas aquelas pessoas, assistindo a tudo aquilo, aquelas coisas horríveis. Naomi...

— Porque... porque a gente sabia que tinha uma chance de pegá-lo e...

— Vocês acharam que eu ia avisar a ele?

Consigo ver apenas o branco dos seus olhos enquanto ela me encara. O restante do seu corpo é formado por uma mistura de sombras pretas e alaranjadas, projetadas pelas luzes dos postes.

— Rose, você disse que estava apaixonada, que era especial. E diferente. Se eu tivesse contado hoje, naquela hora, depois da aula de música, você teria acreditado em mim? Teria ficado do meu lado? Da lésbica carente que pagou de idiota por sua causa? Ou teria corrido até ele e falado que eu tinha enlouquecido de vez? E acreditado em seja lá o que ele dissesse e dado uma chance de ele ir para casa e eliminar qualquer vestígio de todas aquelas coisas doentias para sempre? Eu queria contar para você, de verdade, nós dois queríamos. Mas isso era... era mais importante. A gente precisava que você entendesse o tipo de homem que ele realmente é antes de falar qualquer coisa. Você precisava ver por conta própria.

Rose não diz nada, apenas se encolhe no alto do escorrega, abraçando as pernas junto ao peito. Vejo Leo se aproximar, e ela se inclina para os braços dele, chorando até soluçar. Fico ali por um tempo, sob o luar e as luzes dos aviões que cruzam o céu, e ouço o som do trânsito até o choro da Rose ir diminuindo aos poucos, quase silenciando.

Em dado momento, eu me levanto e digo:

— Vou pra casa. Estou muito cansada. E Rose... sinto muito. De verdade. Sei que você está sofrendo, porque eu também estou. Estou triste e magoada. Todos nós estamos.

Assim que me aproximo do portão do parque, ouço passos atrás de mim e sinto quando ela me alcança e me abraça.

— Obrigada — diz. — Obrigada. Estou magoada e me sentindo uma idiota, mas pelo menos é só isso. Sou muito sortuda, e preciso agradecer a você por isso, a todos vocês. Obrigada.

Eu a abraço forte e, ao fazer isso, é como se uma névoa se dissipasse diante dos meus olhos. Porque continuo achando que ela é a pessoa mais incrível e maravilhosa que já conheci, mais forte do que jamais poderia imaginar. E tudo aquilo que eu sentia por ela e achei que fosse amor... Bem, era amor, porque eu a amo. Ela é minha melhor amiga, mas não estou apaixonada por ela. Acho que nunca estive.

E precisei me apaixonar de verdade por outra pessoa para me dar conta do meu erro idiota.

— A gente se vê amanhã, amiga — digo.

— Valeu, parceira — responde ela.

Meu celular toca, e atendo a chamada no viva-voz.

— Ash?

Nós três ficamos ali, esperando.

— É a Nai — diz ela, com a voz embargada pelo choro. — É a Nai. Ela acordou. Está um pouco zonza, mas... mas vai ficar bem.

MINHA MÃE ESTÁ me esperando quando entro em casa.

— Procurei você por toda parte, estava tão preocupada. O que aconteceu? Me conta tudo, desde o começo.

Eu me sento à mesa da cozinha, e ela prepara um chocolate quente e uma torrada. Quando serve a comida na minha frente e se senta, começo a falar. Não sei muito bem de onde vêm aquelas palavras, mas vêm de algum lugar profundo dentro de mim, e, agora que comecei, não consigo mais parar. Cada momento por que passei sozinha transborda da minha boca como uma cascata. Tudo sobre Naomi, Rose, sobre mim e quem eu sou de verdade. Sobre como desejo ser aquela outra garota para minha mãe, aquela garota no reflexo do espelho, de cabelo comprido e vestido bonito, e como eu seria daquele jeito agora, se pudesse. Mas simplesmente não consigo, porque ela faz tão parte de mim quanto a lua. Falo, choro e conto o que aconteceu com Naomi e como ela deve ter se sentido triste, assustada e sozinha, porque foi isso que Smith fez com ela. Ele mentiu para minha amiga por tanto tempo, e tão bem, que ela não viu que podia conversar com os amigos ou a irmã ou os pais, para saber que ficaria tudo bem. E, enquanto conto tudo isso para minha mãe, ela passa um dos braços pelo meu ombro, e depois meu pai desce, se senta ao meu lado e faz o mesmo.

Em certo momento, as palavras acabam, pelo menos por um tempo. Já usei todas e, enfim, me calo.

— Você foi tão corajosa.

As mãos grandes do meu pai cobrem as minhas.

— Lidou com tudo isso sozinha — diz minha mãe. — A gente decepcionou você.

Balanço a cabeça, porque não quero que eles se sintam mal. Quero apenas que entendam quem eu fui e quem sou agora. E que me deixem ser quem eu quero.

— Você é incrível, Red — diz ela, me puxando para mais perto. — Tão mais forte, tão mais corajosa do que eu jamais imaginei. E é minha filha. Tenho tanto orgulho de você e de tudo pelo que você luta. Quando resolvi ter filhos, nunca achei que eles fossem ser exemplos para mim, mas você é.

Olho para ela.

— Sério? — sussurro.

Ela assente.

— Seu pai vai ficar aqui enquanto eu estiver me tratando. Pesquisamos sobre como eu poderia procurar ajuda, e aonde eu devo ir para ficar boa. Não vai ser rápido, nem fácil. Mas toda vez que eu sentir vontade de desistir ou me entregar, vou pensar em você. — Ela afasta a franja dos meus olhos. — Na minha filha linda, incrível e maravilhosa.

— Achei que você me odiava por ser gay.

— Não odeio você, jamais odiaria. Às vezes, eu odeio o mundo, e odeio bastante a mim mesma. Mas nunca você, nem a Gracie. E prometo que não vou decepcionar você de novo.

— Eu também prometo — completa meu pai.

Olho de um para outro e, pela primeira em muito tempo, acho que talvez eu me sinta normal.

Porque essa garota ruiva e de cabelo maluco, que toca bateria e sonha em se apaixonar pela mulher perfeita... ela é bem normal para mim.

Porque, sabe, é você quem decide o que é normal.

ESTÁ MUITO CEDO, e não preciso ir à aula hoje, ninguém precisa, porque a escola está fechada, cheia de policiais. Nada disso importa enquanto nós três seguimos para o hospital, determinados a passar o maior tempo possível com ela.

Nai está apoiada na cama, e a TV, ligada, mas ela não presta atenção no programa. Está olhando para Jackie, e Jackie está olhando para ela, mãe e filha se entreolhando enquanto a luz rosada do amanhecer banha tudo em volta, tornando aquela cena a coisa mais bonita e mais feliz que já vi.

As bandagens foram retiradas e agora posso ver um traço diagonal de pontos cruzando seu rosto.

Max acena para nós, e, lentamente, entramos no quarto.

— E aí, garota? — Rose fala primeiro.

— A garganta está um pouco seca — diz Naomi —, uma cerveja cairia bem agora.

Jackie sorri e chora ao mesmo tempo, e formamos um círculo ao redor dela. Estou sorrindo feito idiota, sem ter a menor ideia do que dizer.

— A gente vai ficar lá fora um pouquinho — avisa Jackie, olhando para Max, que assente. — Mas só um pouquinho, porque ela precisa descansar, ainda tem uma longa recuperação pela frente.

— Está bem — digo, tomando o lugar de Jackie. — Estou muito feliz por você estar aqui com a gente.

— Eu também... — Ela se vira para Rose e depois para Leo. — Os médicos não queriam que minha mãe me contasse o que vocês fizeram, acharam que eu ficaria chateada, ou alguma merda assim... mas minha mãe sabia que eu ia querer saber. Ela sabia quanto seria importante para mim, acho...

É impossível imaginar o que está se passando na cabeça dela, mas seus olhos estão cheios de lágrimas e sofrimento.

— Não posso falar sobre o que aconteceu, não quero pensar nisso, por enquanto. Talvez nunca. E sei que os próximos meses vão ser difíceis, mas vai ficar tudo bem, com minha mãe e meu pai e vocês ao meu lado, se ainda quiserem ser meus amigos.

— Claro que sim — digo.

— Claro, porra — acrescenta Rose.

— Como se existisse opção. — Leo sorri para ela.

— Que bom. — Naomi recosta no travesseiro. — Agora, podem me deixar em paz, não aguento mais a cara de vocês.

— A gente volta mais tarde. — Dou um beijo de leve na cabeça dela.

— Vamos trazer DVDs — sugere Rose.

— E chocolate — acrescenta Leo.

E, quando chegamos na porta, ouvimos Naomi dizer:

— Gente...

Viramos para olhá-la.

— Eu amo vocês pra caralho.

Vejo Ash no corredor, dormindo esparramada em três cadeiras, e paro.

— Querem tomar café? — pergunta Rose. — Não estou muito a fim de ficar sozinha. Eu pago, peguei o cartão da Amanda antes de sair de casa.

— Aham, claro. Vão na frente, já já alcanço vocês, tá? — digo.

Rose e Leo se entreolham, como se soubessem de algo que eu não sei. Mas estão errados. Dessa vez, eu sei.

— Oi, Ash. — Cutuco o ombro dela e levo um susto quando ela arregala os olhos de repente. — Ah, achei que estivesse dormindo.

— Eu só fechei os olhos. Ainda não consigo dormir, estou muito pilhada.

Ela se senta e eu ocupo o lugar em frente.

— Vai ser difícil — diz ela. — Voltar à vida normal. Quase impossível, depois de tudo que a gente fez junto.

— Eu queria falar sobre isso. Olha, vou contar algo que talvez deixe você bolada, e vou entender se isso acontecer. Acho que já estou acostumada com essa reação, e não vai mudar em nada nossa amizade, porque vou ignorar meus sentimentos e fingir que não existem, mas o negócio é que... o que eu queria dizer era...

— Red. — Ash se senta no banco ao meu lado.

— Oi? — digo, me preparando para o pior.

— Sabe o que você deveria fazer? — pergunta ela, com um leve sorriso nos lábios.

— O quê? — sussurro.

— Devia calar a boca e me dar um beijo.

Seis meses depois...

A MANHÃ ESTÁ muito fria e a geada reluz ao longo de toda a ponte, os flocos fazendo-a brilhar. Nossa respiração se condensa no ar enquanto caminhamos, nós seis, enfiando as mãos embaixo dos braços para aquecê-las.

Diminuo o passo e observo Ashira puxar Naomi pelo braço, guiando-a lentamente pela ponte.

Foram longos seis meses de recuperação para o corpo, o coração e a mente, uma recuperação que está longe de acabar. Uma cicatriz atravessa seu rosto; segundo os cirurgiões, a marca poderá ser removida um dia, mas Naomi diz que ainda não está pronta para isso, diz que é parte dela. Assim como a tatuagem de semicírculo no braço, que será parte essencial do julgamento do sr. Smith, quando ele enfim acontecer. A polícia disse que podem documentá-la e que a Naomi pode removê-la ou cobri-la com outro desenho, mas ela não quis. Queria manter a tatuagem até ter certeza de que o sr. Smith e todos os outros homens com quem ele teve contato fossem condenados.

Vimos aqui hoje, à ponte onde a encontraram, para agradecer à oportunidade que o destino nos deu, aquela centelha de sorte em meio à escuridão que salvou sua vida e a trouxe de volta para nós. Nossa crença em nós mesmos.

Sorrio enquanto as irmãs dão um passo à frente segurando um monte de gérberas cor de abóbora, elas se debruçam no muro e, em meio à escuridão, soltam as flores, que são levadas aos poucos pela água, uma após a outra. Em seguida, é a vez de Leo, com suas margaridas brancas, de mãos dadas com Rose.

Juntos, retiram as pétalas das flores e as deixam cair. Algumas voam, carregadas pelo vento na direção do sol de inverno, antes de caírem como confetes. Rose abraça a cintura de Leo e ele dá um beijo na cabeça dela, retribuindo o abraço apertado.

Rose nunca mencionou o que Leo disse para ela naquela época, antes de tudo chegar ao fim. Nunca voltaram a tocar no assunto, mas há algo diferente entre os dois. Uma promessa que diz que, quando chegar a hora, vai acontecer.

Leckraj é o próximo, com uma única rosa vermelha, e ele lança um olhar demorado e amoroso para Naomi ao largar a flor. Houve um momento estranho quando a Nai voltou aos ensaios e ele já estava lá, pontual como sempre, quando pensei que teríamos que dispensá-lo. Mas, antes que alguém dissesse qualquer coisa, ele tocou um acorde em um teclado que havia montado no canto. “Já falei para vocês que também toco teclado?”

Minha vez.

Pego as minhas íris, dou um passo à frente e jogo as três longas flores no rio.

— Pelo passado, pelo agora, pelo futuro.

Sorrio para Naomi, que estende a mão para mim, me puxando para um abraço.

Quando ela finalmente me solta, Ash está me esperando.

Ela também estende a mão para mim, e eu a seguro, me lançando nos seus braços enquanto nos beijamos no ar gelado da manhã, o calor dos nossos corpos criando uma espécie de verão só nosso.

— Então — diz Leo, com o braço em volta de Rose, e olhamos o horizonte da cidade diante de nós.

— O que a gente faz agora?

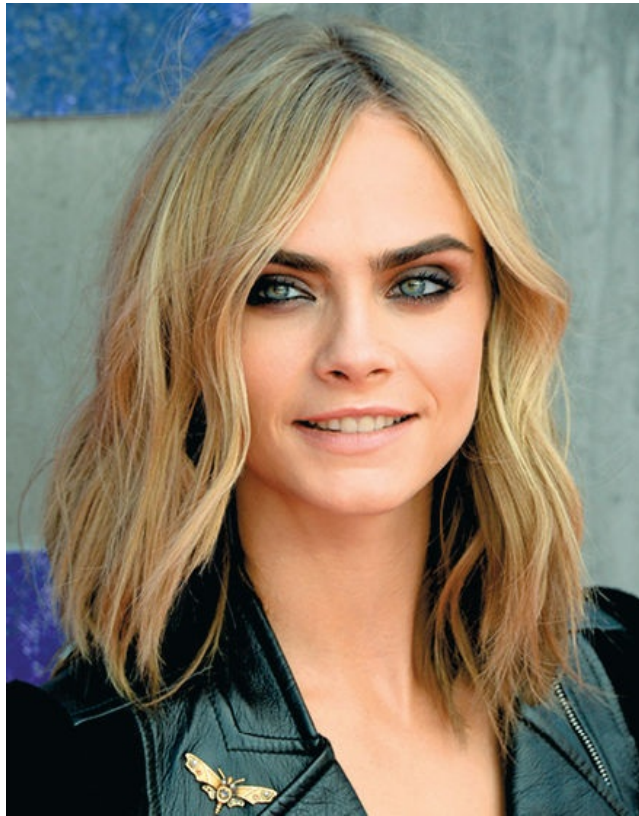
Olho para meus amigos e sorrio.

— O que a gente quiser.

Agradecimentos

MUITAS PESSOAS PARTICIPARAM da produção de *Jogo de espelhos*, e agradeço do fundo do coração à maravilhosa Rowan Coleman, que transformou o processo de escrita deste livro em uma experiência incrível. Um agradecimento especial para o pessoal da Orion: Anna Valentine, Sam Eades, Marleigh Price, Lynsey Sutherland, Elaine Egan, Lauren Woosey, Loulou Clarke, Lucie Stericker e Claire Keep. Na HarperCollins americana, agradeço a Lisa Sharkey, Jonathan Burnham, Mary Gaule, Alieza Schivmer, Anna Montague, Doug Jones e Amanda Pelletier. Obrigada a minha equipe da WME: Sharon Jackson, Joe Izzi, Matilda Forbes Watson, Mel Berger e Laura Bonner. E agradeço a minha grande amiga Storm Athill, pela capa maravilhosa.

Sobre as autoras



© Anthony Harvey/Getty Images

CARA DELEVINGNE nasceu em Londres e alcançou grande sucesso em 2009, sendo hoje uma das mulheres mais influentes de sua geração. Foi escolhida duas vezes Modelo do Ano pelo British Fashion Awards, em 2012 e 2014. Ainda em 2012, iniciou sua carreira como atriz, no filme *Anna Karenina*, e desde então estrelou diversas produções, como *Cidades de Papel*, *Esquadrão Suicida* e *Valerian e a Cidade dos Mil Planetas*. *Jogo de espelhos* é seu romance de estreia.

Instagram: [@caradelevingne](https://www.instagram.com/caradelevingne)

Twitter: [@caradelevingne](https://twitter.com/caradelevingne)

Facebook: [@CaraDelevingneOfficialPage](https://www.facebook.com/CaraDelevingneOfficialPage)



© Carolyn Mendelsohn

Jogo de espelhos foi escrito em colaboração com ROWAN COLEMAN, autora best-seller com mais de dez livros publicados. Rowan mora em Hertfordshire com o marido, cinco filhos e dois cachorros. Ela se divide entre escrever e cuidar da família.

www.rowancoleman.co.uk

Facebook: [@rowancoleman](https://www.facebook.com/rowancoleman)

Twitter: [@rowancoleman](https://twitter.com/rowancoleman)

Leia também



Apenas uma garota
Meredith Russo



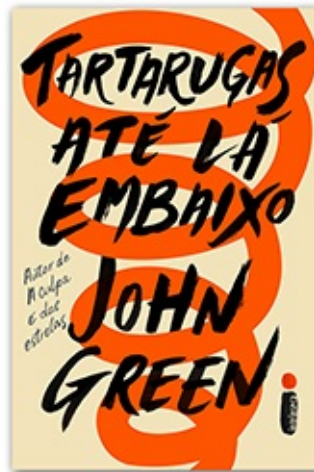
Antes que eu vá
Lauren Oliver



Fãs do impossível
Kate Scelsa



Temporada de accidentes
Moira Fowley-Doyle



Tartarugas até lá embaixo
John Green